



**MESTRADO ASSOCIADO UFMG/UNIMONTES EM
SOCIEDADE, AMBIENTE E TERRITÓRIO.**



AFLUÊNCIA DO SABER
Etnoconhecimento de migrantes rurais como estratégia para a educação
ambiental

SIMONE REBOUÇAS MARTINS

Montes Claros
Novembro de 2018

SIMONE REBOUÇAS MARTINS

AFLUÊNCIA DO SABER
Etnoconhecimento de migrantes rurais como estratégia para educação ambiental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Sociedade, Ambiente e Território da Universidade Federal de Minas e Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Território.

Área de concentração: Sociedade, Ambiente e Território.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Flávia Maria Galizoni

Montes Claros
Novembro de 2018

Martins, Simone Rebouças.

M379a
2021

Afluência do saber: etnoconhecimento de migrantes rurais como estratégia para a educação ambiental / Simone Rebouças Martins. Montes Claros, 2018.
262 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Área de concentração em Sociedade, Ambiente e Território. Universidade Federal de Minas Gerais / Instituto de Ciências Agrárias.

Orientador(a): Flávia Maria Galizoni

Banca examinadora: Ana Paula Glinfskoi Thé, Heloisa Soares de Moura Costa, Juliana Sena Calixto, Flávia Maria Galizoni.

Inclui referências.

1. Agricultura urbana. 2. Educação ambiental. 3. Etnociência. I. Galizoni, Flávia Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Agrárias. III. Título.

CDU: 316

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos 27 dias do mês de novembro de 2018, às 09:30 horas, sob a presidência da Professora Flávia Maria Galizoni, D. Sc. (Orientadora/ICA-UFMG), e com a participação dos Professores Ana Paula Glinfiskoi Thé, D. Sc. (Unimontes), Heloisa Soares de Moura Costa, D. Sc. (UFMG), e Juliana Sena Calixto, D. Sc. (IFSudeste-MG), reuniu-se a banca para defesa de dissertação de **SIMONE REBOUÇAS MARTINS**, estudante do Curso de Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território, que apresentou a dissertação intitulada: "Afluência do Soter-
stocombecimento de migrantes rurais como estraté-
gia para a educação ambiental."

A estudante foi considerada (aprovada/reprovada) aprovada, com as seguintes recomendações: incorporar as sugestões da banca.

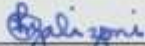
E, para constar, eu, Professora Flávia Maria Galizoni, presidente da banca, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada, será assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Obs.1) A estudante somente receberá o título após cumprir as exigências do regulamento do Curso de Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território, conforme apresentado a seguir:

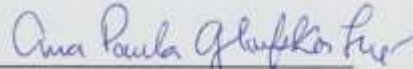
Art. 83 – Para dar andamento ao processo de efetivação do grau obtido, o candidato deverá, após a aprovação de sua Dissertação e a realização das modificações propostas pela banca examinadora, encaminhar à secretaria do colegiado do curso, com a anuência do orientador, 3 (três) exemplares da dissertação e 2 (dois) CD, no prazo de 60 (sessenta) dias.

Obs.2) A estudante deverá apresentar junto com a versão final da dissertação, comprovante de submissão de um periódico com Qualis/Capes na área Planejamento Urbano e Regional/Demografia.

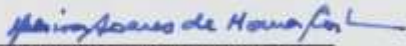
Montes Claros, 27 de novembro de 2018.



Flávia Maria Galizoni
Orientadora



Ana Paula Glinfiskoi Thé
Membro



Heloisa Soares de Moura Costa
Membro



Juliana Sena Calixto
Membro

DEDICATÓRIA

Dedico

À minha amada filha Nina Tereza

“...Promete cuidar bem dos seus cachinhos

E sempre me abraçar quando eu chegar

Promete sorrir sempre com os olhinhos

E cantar cantigas na sala de estar...”

(Promete, Ana Vilela)

*Aos agricultores (as) urbanas,
Pelas histórias incríveis, força e coragem.
Por fazerem dos seus quintais, morada da resistência e do amor.
Por mostrar outras formas possíveis de conviver com os recursos naturais no meio
urbano.*

“Meu quintal é maior do que o mundo”

(Manoel de Barros).

AGRADECIMENTOS

Mais uma fase se encerra, certamente são muitas as pessoas que tenho a agradecer. Talvez possa esquecer-me de citar alguém, mas de antemão, saibam que, todos e todas que caminharam comigo durante essa trajetória foram essenciais para a conclusão desse trabalho.

Primeiro agradeço as forças divinas e espirituais, por terem me sustentado, sendo conforto nas horas apertadas e me concedido coragem para seguir sempre que cambaleava.

À minha filha Nina, que mesmo, tão pequenina foi a minha maior incentivadora. Ela que sempre conversou comigo pelo olhar e sabia exatamente, a maneira de me sustentar. Foram tantas às vezes, em que a caminhada parecia pesada, mas você, com seu jeitinho sereno me passou a leveza necessária. Você foi conforto e, por isso, cheguei a esse momento. A sua existência, filha, é algo que não se explica nesse plano. Do nosso amor, só a gente sabe.

Ao meu amigo e companheiro Wald, pela força, apoio, incentivo e inúmeras contribuições no meu trabalho. Obrigada pela paciência, pelo carinho e atenção comigo e nossa filha. Não importa o quão longo seja o caminho, o importante é ter boas companhias no trajeto, estamos juntos e temos muitas trilhas a percorrer.

Ao meu pai Domingos, a sua alegria em viver me contagia a mais de mil quilômetros de distância. A minha mãe Benedita pelo amor, preocupação e ensinamentos. A tia Tereza (minha segunda mãe), por ser uma entusiasta pelos estudos e desde sempre, me incentivar. A vocês três, toda a minha admiração e gratidão pelos valores, amor e carinho ao longo da minha vida.

À minha irmã Sida, por ser essa pessoinha do coração mais lindo que conheço. A distância física não é nada, perto da nossa sintonia de almas.

Às minhas sobrinhas Diana e Thaina, por transformar o trajeto entre Minas e Bahia em caminho da roça e estarem sempre presentes, para me ajudar nos cuidados com a pequena Nina.

Às agricultoras: Ana, Ila, Lourdes, Francisca, Rosa, Nita, Arabela, Júlia e ao Sr. João, por me receberem em suas casas, mostrar os seus quintais e passar exaustiva horas me ensinando sobre a variedade de plantas que produzem. Apesar de ser filha de

agricultores e, desde sempre ter trabalhado com essa temática, confesso que no início tive receio, pois, nunca havia lidado com a agricultura urbana, mas vocês, de forma tão entusiasmada, me apresentaram a esse mundo.

Também agradeço por me concederem um tempinho e, de forma tão emocionante me contar as suas histórias de vida. Que histórias! Emocionei-me junto com vocês. Ouvir as suas histórias, também fez com que, eu revisitasse as minhas memórias e um filme sobre a vida dos meus pais e até, certa medida, da minha vida passasse pela minha cabeça. Esse trabalho é de vocês, foi feito com muito cuidado e carinho.

À orientadora Flávia Galizoni, não só pela orientação tão presente, mas também pelas magnificas aulas, que contribuíram imensamente com o meu processo de retorno à universidade, depois de dez anos longe da academia. Agradeço também, por me acalmar e mostrar que tudo daria certo, diante do meu desespero com a gravidez durante esse processo. Obrigada por ser tão humana solidária e disponível para ajudar, as suas correções, contribuições, conselhos e incentivos foram essências durante essa caminhada.

Aos professores (as), diretoras das Escolas Estaduais: Nereide de Carvalho; Francisco Lopes da Sila e Helena Prates, pelas entrevistas concedidas e apoio na aplicação dos questionários aos estudantes. Agradeço também aos estudantes pela colaboração, respondendo as atividades com tanto carinho.

Aos meus colegas do PPJ – Flavinha, Arida, Aninha, Emília, Yara, Erick, Lucas, Júlia, Henrique, Alex, Sirlene, Ana Jack, Géssica e Viviane pelos momentos de descontração e por ouvir falar do meu trabalho, das angustias e conquistas. Vocês são demais!

Em especial agradeço ao colega Henrique pelas melhores transcrições do planeta, obrigada! Sem a sua ajuda tenho certeza que o processo seria um pouco mais longo. À Júlia pelas transcrições e contribuição nas classificações das espécies de plantas.

Ao querido Alex pelo “Ser de luz” que és, sempre disposto a ajudar. Obrigada pelas contribuições com as tabulações e planilhas. Grata!

Aos meus colegas de turma, muito obrigada! Por estarem sempre presentes e por serem apoio constante uns dos outros. Em especial agradeço a minha amiga Amanda pelos risos e companheirismo, inclusive na gravidez. Muita luz para você e o Luiz Antônio.

Aos docentes do mestrado, pela qualidade das aulas e pelo comprometimento com o curso, não medindo esforços em proporcionar o melhor que podem. Obrigada pela acessibilidade e disponibilidade de vocês.

Ao professor Eduardo Ribeiro pela constante contribuição, seja na vida profissional ou, na minha formação acadêmica.

Aos funcionários da UFMG/ Unimontes.

Agradeço também aos órgãos financiadores dessa pesquisa, a Capes pela concessão de bolsas de estudo e ao CNPq através do Projeto Sítio de Saluzinho.

Para finalizar, agradeço por eu não ter desistido de sonhar. Venho de uma família humilde. Meus pais, apesar de mal saberem escrever o nome, são pessoas ricas de amor, bondade e alegria. Mesmo com todos os percalços da vida, estudar sempre foi à prioridade de vocês para a minha vida. Onde nasci, na zona rural do interior da Bahia, a dificuldade era grande, para chegar até a escola eu andava quase duas horas, debaixo de sol, ou chuva. Então, concluir o ensino médio, não era algo fácil e para quem o conseguia, era um sonho realizado. Mas eu sempre fui inquieta, graduei em biologia, estudando a noite e trabalhando durante o dia. Fazer um mestrado, *stritum senso*, em umas das melhores universidades do país, nunca passou pela minha cabeça. Não porque eu me sentisse incapaz, mas diante da realidade vivida e, com a necessidade, desde antes da formação, de trabalhar para me sustentar, não sobrava tempo para os estudos.

Agora estou eu, alcançando um sonho, que a falta de tempo não me permitiu sonhar, mas que certamente me torna mais realizada e esperançosa. Esperançosa! Que nunca nos falte à esperança. Mesmo em tempos nebulosos, é preciso acreditar!

*“Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.*

(Pra não dizer que não falei das flores – Geraldo Vandré).

EPÍGRAFE

*O correr da vida
embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
(Guimarães Rosa)*

AFLUÊNCIA DO SABER

Etnoconhecimento de migrantes rurais como estratégia para a educação ambiental.

RESUMO

Na região Norte de Minas Gerais, a partir da década de 1960/70 houve um maciço processo de expropriação de terras, fator que consolidou a chamada revolução verde e a criação extensiva de gados. Saluzinho, um agricultor de Varzelândia se tornou símbolo de resistência, pois lutou contra os fazendeiros que queriam tomar as suas terras, foi torturado, preso e infelizmente morreu sem ter os direitos reconhecidos. O caso de Saluzinho é fundamental nesse estudo, pois reúne vários elementos abordados nessa dissertação. Em consequência dos processos de tomada de terras e, em busca de melhores condições de vida, milhares de agricultores migraram para os centros urbanos. A população urbana do município de Montes Claros, por exemplo, quintuplicou de tamanho, em comparação ao número de habitantes que havia na década de 1960. Alguns desses migrantes rurais, detentores de um vasto conhecimento tradicional, se tornaram “docentes camponeses” no Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar (Sítio de Saluzinho) e, uma ou duas vezes por semana, ministram oficinas, sobre o rural e o urbano, recursos naturais, cultura. Tendo em vista compreender as relações, entre os saberes tradicionais nas áreas urbanas, o escopo central dessa dissertação foi analisar os circuitos de produção e reprodução do etnoconhecimentos de nove agricultores urbanos (migrantes) alocados no Sítio de Saluzinho. Os dados dessa pesquisa foram coletados de abril de 2017 a maio de 2018, com a utilização dos métodos de pesquisa: histórias de vida; questionários semiestruturados; observação participante e mapeamentos dos quintais urbanos. Posteriormente esses dados foram tabulados e analisados qualitativamente. Os resultados indicaram que esses agricultores (as), a partir de um repertório de saberes de origem rural, criam e recriam o conhecimento sobre a natureza na área urbana, de maneira que transformam os seus quintais em laboratórios vivos, reproduzem réplicas de “mini sistemas rurais”, experimentam técnicas, sementes, solos e os mais variados tipos de manejos. Os quintais urbanos, além de servir como local de convivência, de trocas simbólicas ou materiais, também contribuem para a segurança alimentar e nutricional das famílias. A vivência propiciada pelo Sítio de Saluzinho aos estudantes, muitos com pouco, ou nenhum conhecimento do mundo rural constituem-se, como elemento importante de compreensão e articulação entre meio natural e social. Acredita-se que o etnoconhecimento desses (as) agricultores (as) reúne uma série de características, que nos permite considera-lo como um instrumento, estratégico para educação humano-social.

Palavras-chave: agricultura urbana, educação ambiental, etnoconhecimento, Sítio de Saluzinho.

AFLUENCE OF KNOWLEDGE

Ethnoconference of rural migrants as an Environmental Education strategy.

ABSTRACT

There was a massive process of land expropriation, from the 1960s onwards, at northern region of Minas Gerais and this consolidated the so-called green revolution and the creation of extensive livestock. Saluzinho, a farmer from Varzelândia, became a symbol of resistance because he fought against farmers who wanted to take their land. He was tortured, imprisoned and, unfortunately, died without having his rights recognized. The case of Saluzinho is fundamental in this study, since it brings together several elements addressed in this dissertation. As a result of land ownership processes, thousands of farmers migrated to urban centers searching for better living conditions. The urban population of the municipality of Montes Claros, for example, increased fivefold in relation to the number of inhabitants in the 1960s. Some of these rural migrants, with a vast traditional knowledge, became "peasant teachers" at "Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar (Sítio de Saluzinho)" and once or twice a week, they give workshops about rural and urban areas, natural resources and culture. In order to understand the relationships between traditional knowledge in urban areas, the central scope of this dissertation was to analyze how circling ethno-knowledge of nine urban (migrant) farmers located in the "Sítio de Saluzinho". Data from this research were collected from April 2017 to May 2018, using the following research methods: life histories; semi-structured questionnaires; participant observation and urban backyard mappings were later tabulated and analyzed qualitatively. The results indicated that these farmers, from a repertoire of rural knowledge, create and recreate the knowledge about nature in the urban area, so that they transform their backyards into living laboratories, reproduce replicas of rural mini-systems, experiment techniques, seedlings, soils, and the most varied types of management with the plantation. Urban backyards, besides serving as a place of coexistence, symbolic or material exchanges, also contribute to the security food and nutritional of families. The experience offered by the "Sítio de Saluzinho" to students, many with little or no knowledge of the "rural world", constitutes an important element of understanding and articulation between natural and social environment. It is believed that the ethno-knowledge of these farmers brings together a series of characteristics that allow us to consider it as an instrument, strategic for human-social education.

Keywords: urban agriculture, environmental education, ethno-cognition, Saluzinho Site.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AU – Agricultura Urbana

AUP - Agricultura Periurbana

CONSEA- Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

DOPS - Departamento de Ordem Política e Social.

FAO- Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

GEFEN – Grupo de Estudos em Frutíferas Exóticas e Nativas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

ICA - Instituto de Ciências Agrárias

PANC - Planta Alimentícia Não Convencional

PET – Programa de Educação Tutorial

PPJ - Núcleo de Pesquisa e Apoio à Agricultura Familiar Justino Orbes

SAN- Segurança Alimentar e Nutricional

S.S - Sítio de Saluzinho

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01:** Município de Montes Claros com localização e área do S.S.
- Figura 03:** Salustiano G. Ferreira – Saluzinho.
- Figura 04:** Agricultora Ana.
- Figura 05:** Agricultora Arabela.
- Figura 06:** Agricultora Carmelita
- Figura 07:** Agricultora Francisca
- Figura 08:** Agricultor João
- Figura 09:** Agricultora Júlia
- Figura10:** Agricultora Maria de Lourdes
- Figura 11:** Agricultora Ila
- Figura12:** Agricultora Rosalina
- Figura 13:** Agricultora dona Rosalina cuidando das plantas no seu quintal.
- Figura 14:** Morango - *Fragaria vesca*
- Figura 15:** Cacau - *Theobroma cacao*
- Figura 16:** Mertiolate – *Jatropha multifida* L.
- Figura 17:** Canteiro de 2m² feito por Dona Ila.
- Figura 18:** Canteiro com plantação de tomate no quintal de Arabela.
- Figura 19:** Canteiro que fez com troncos de árvores.
- Figuras 20, 21, 22 e 23:** Produção em bacias, tonéis e caixa d'água.
- Figuras 24 e 25:** Diferentes estratificações nos quintais pesquisados.
- Figuras 26, 27 e 28:** Diversidade de plantas encontradas nos quintais estudados.
- Figura 29:** Boldo Chinês – (*Plectranthus ornatos*) no quintal de dona Rosa.
- Figura 30:** Dália (*Dahlia sp.*) no quintal de dona Ila.
- Figura 31:** Arruda (*Ruta graveolens* L.) no quintal de dona Francisca.

Figura 32: Mexerica (*Citrus reticulata*) no quintal de dona Ila.

Figura 33: Oropronobis (*Pereskia aculeata*)

Figura 34: Dente de Leão (*Taraxacum officinale*)

Figura 35: Taioba (*Xanthosoma taioba*)

Figura 36: Cara-moela *Dioscorea bulbifera* L

Figura 37: Beldroega (*Portulaca oleracea* L.)

Figura 38: Língua de vaca (*Rumex obtusifolius* L)

Figura 39: Daniel e Manuel, filhos de Saluzinho em visita ao campus da UFMG em Montes Claros.

Figura 40: Imagem aérea com a localização do Sítio de Saluzinho, situando as três escolas pesquisadas e os bairros de moradia dos agricultores (as) urbanos (as).

Figura 41: Recepção dos estudantes no Sítio

Figura 42: Apresentação dos participantes

Figuras 43 e 44: Tipo de quiosque (casinha) onde são realizadas as oficinas.

Figuras 45 e 46: Lanche servido aos estudantes no S.S.

Figura 47: Avaliação das atividades

Figura 48: Foto para encerramento das no Sítio oficinas

Figura 49: Dona Ana durante a oficina sobre plantas do cerrado, mostrando a semente de jatobá aos estudantes.

Figura 50: Arabela durante oficina de paçoca, mostrando o pé de mandioca aos estudantes.

Figura 51: Dona Francisca durante a oficina de plantas de uso medicinal.

Figura 52: Sr. João mostrando o processo de produção de uma viola durante a oficina de produção de instrumentos.

Figura 53: Júlia durante oficina de brincadeiras, ensinado criança a pular corda.

Figura 54: Dona Lourdes durante oficina de urucum, ensinando as crianças a colorir com folhas, flores e corante.

Figura 55: Dona Ila durante oficina de lavoura, ensinando sobre espaçamento para plantio.

Figura 56: Dona Rosa, na oficina de mandioca, mostrando como tirar a goma.

Figura 58: A opinião sobre o lanche por uma estudante do 5º ano da Escola Estadual Francisco Lopes.

Figura 59: Estudante do 4º ano da Escola Estadual Helena Prates e sua opinião sobre a oficina de produção de paçoca.

Figura 60: Estudante do 1º ano da Escola Estadual Francisco Lopes, mostrando a representação do que ela mais gostou na visita ao Sítio de Saluzinho.

Figura 61: Modelo de avaliação realizada por uma estudante do 2º ano da Escola Nereide de Carvalho.

Figuras 62 e 63: Percepção do Sítio de Saluzinho das turmas 1º e 3º ano da E. E Francisco Sá / 2016.

Figuras 64 e 65: Avaliação do Sítio feita por estudantes do 3º ano e 4º da E.E. Dom João Pimenta.

Figuras 66 e 67: Avaliação de uma estudante do 5º ano da E.E Helena Prates.

Figura 68: Acadêmicos realizando oficinas para os estudantes das escolas públicas.

Figura 69: Localização das escolas que visitaram o Sítio de Saluzinho desde 2014.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Forma de aquisição das mudas e sementes produzidas pelas agricultoras urbanas.

Gráfico 02: Estratificações nos quintais dos agricultores (as)

Gráfico 03: Principais partes coletadas pelos agricultores (as) urbanizados (as).

Gráfico 04: As famílias vegetais mais expressivas nos quintais urbanos.

Gráfico 05: Formas de uso das plantas

Gráfico 06: Principais indicações terapêuticas.

Gráfico 07 e 08: Avaliação entre os conhecimentos dos estudantes a respeito dos temas abordados nas oficinas.

Gráfico 09: Atividades que mais despertaram o interesse dos estudantes dos 4º e 5º anos.

Gráfico 10: Atividades que mais despertaram o interesse dos estudantes do 1º ao 3º anos.

Gráfico 11: Assuntos que as crianças do 4º e 5º anos não conheciam e aprenderam no Sítio de Saluzinho.

Gráfico 12: Avaliação dos estudantes do 4º e 5º anos sobre espaço, recepção e merenda do Sítio de Saluzinho.

Gráfico 13: Notas atribuídas ao Sítio por estudantes do 1º ao 3º ano.

Gráfico 14: Atividades que os estudantes de 1º ao 5º mais se interessaram de 2014 a 2016.

Gráfico 15: Número de estudantes por ano que visitaram o Sítio de Saluzinho entre 2014 e 2018.

Gráfico 16: Número de oficinas realizadas no Sítio de Saluzinho entre 2014 e 2018.

Gráfico 17: Diversidade de temas apresentadas nas oficinas por ano no Sítio.

Gráfico 18: Os macros temas das oficinas apresentadas ao longo da atuação do Sítio de Saluzinho.

Gráfico 19: Reuniões e atividades de formações realizadas para a equipe e monitoras (o) do Sítio e com as escolas públicas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Características das famílias dos agricultores (as) desse estudo.

Tabela 02: Tamanho do terreno dos agricultores (as) e localização dos quintais produtivos.

Tabela 03: Densidade absoluta em cada quintal.

Tabela 04: Tabela comparativa entre os valores nutricionais da alface e dente de leão.

Tabela 05: Atividades desenvolvidas no Sítio e disciplinas relacionadas.

Tabela 06: Escolas que visitaram o Sítio de 2014 a 2018.

Tabela 07: Distribuição das escolas atendidas no Sítio de Saluzinho por polos urbanos de Montes Claros.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Polos urbanos de Montes Claros, os seus respectivos bairros.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	8
EPÍGRAFE	11
RESUMO	12
ABSTRACT	13
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	14
I- INTRODUÇÃO	25
Dos trajetos às trajetórias.....	25
II- DAS INDAGAÇÕES AOS OBJETIVOS.	27
III- ABORDAGEM METODOLÓGICA	28
3.1- Área de estudo.....	29
3.2 - As escolhas dos métodos	30
3.3 - Estrutura da dissertação	31
CAPÍTULO I	32
De migrante oprimido a camponês destemido: Saluzinho e a tomadas de terras no Norte de Minas Gerais.....	32
1.1 Quem foi Saluzino?	33
1.1.1 Saluzinho pelas lembranças dos filhos Daniel e Manuel.....	33
1.2- A tomada de terras no Norte de Minas.	39
CAPÍTULO II	42
Migrantes rurais e as trajetórias de vida: “O caminho se faz no caminhar”.	42
1- APRESENTAÇÃO	43
1.1- Mobilidade rural-urbano	43
1.2- Rural e Urbano: da dicotomia e complementariedade.....	45
1.3- Migrações e manutenção do “ser” camponês.....	47
2- HISTÓRIAS DE VIDA	50
2.1- Uma palavra sobre o método.	50
2.2- A aplicação do método	52
3- MIGRANTES RURAIS URBANIZADAS EM MONTES CLAROS	53
3.1- As lembranças da vida e as histórias reveladas.....	53
Ana Maria Teixeira.....	54
Arabela Veloso de Oliveira	59
Carmelita Soares Nobre	63

Francisca Maria da Silva	66
João Francisco Gomes	69
Júlia Aparecida Amaro Rocha Vieira	75
Maria de Lourdes Rodrigues Santos	78
Maria Serila Gonçalves Paz	83
Rosalina Soares Fonseca	88
3.2- As histórias de vida e a conservação dos saberes no ambiente urbano	90
3.2.1- Aprendizados com os familiares	93
3.2.2- Visitas ao local de origem	94
3.2.3- Criação de rede sociotécnica.	96
3.2.4 - Aprendizados com os quintais urbanos	99
4- REFLEXÕES	101
CAPÍTULO III.....	102
Quintais urbanos - “Os laboratórios vivos”	102
“Elas” – As mulheres, a força, a fé e a persistência.	103
1- CONTEXTUALIZAÇÃO	105
1.1- Os quintais no desenvolvimento da agricultura urbana	105
1.2- Relação população e natureza nas cidades	107
2- AS ANDANÇAS PELOS QUINTAIS	108
2.1- Os caminhos.....	109
2.2 – A caminhada.....	110
3- OS ETNO-QUINTAIS	111
3.1- Lócus de experimentações e ressignificação dos saberes tradicionais.	111
4- ORGANIZAÇÃO DOS QUINTAIS URBANOS.....	116
4.1- Manejo do solo.....	116
4.1.1 - Terra Preta	118
4.2 - Manejo das plantas	119
4.3- Dificuldades para produção	123
4.4 - Destino da produção	124
4.5 “O espaço produzido”	125
4.5.1 - Produção em canteiros e vasos.	126
4.5.2 – Sistemas Agroflorestais (SAFs).	129
4.5.3- Aquisição de terrenos para plantios	131

4.5.4- Agroextrativismo urbano.....	132
5- ANÁLISE DOS QUINTAIS PRODUTIVOS.....	134
5.1- Variedade, diversidade e densidade de espécies	134
5.2- Usos das plantas	137
5.2.1 - Plantas de uso medicinal	138
5.2.2- Plantas ornamentais	141
5.2.3- Plantas de usos diversos	143
5.2.4 – Plantas alimentares	145
5.3- Agricultura urbana e a soberania alimentar	151
6- REFLEXÕES	153
CAPÍTULO IV	155
PROGRAMA SÍTIO DE SALUZINHO.....	155
Etnoconhecimento e a interface com a educação ambiental.....	155
1- APRESENTAÇÃO	156
1.1- A semântica do termo “tradicionalis”.....	156
1.2- Etnoconhecimento de agricultores (as) urbanizados (as).....	158
1.3- As especificidades entre os saberes científicos e o etnoconhecimento.....	159
1.4- As trocas imateriais e a produção de conhecimentos.....	162
1.5- O Programa Sítio de Saluzinho – Conhecimento, cultura e educação ambiental.....	164
2- METODOLOGIA.....	166
2.1- Coleta dos dados.....	166
2.2- A apreciação das informações	169
3- O SÍTIO DE SALUZINHO EM AÇÃO.....	170
3.1- Organização das atividades.....	170
3.2- Realização das oficinas.....	171
4- O SÍTIO DE SALUZINHO E SEUS ATORES.	173
4.1- O Sítio de Saluzinho pelas agricultoras (o) monitoras (o).....	173
4.1.1- Monitora Ana.....	173
4.1.2- Monitora Arabela	175
4.1.3 - Monitora Francisca	176
4.1.4- Monitor João.....	177
4.1.5- Monitora Júlia.....	178
4.1.6- Monitora Maria de Lourdes.....	179

4.1.7 – Monitora Maria Serila	180
4.1.8 – Monitora Rosalina	181
4.2 – O Sítio de Saluzinho pelo olhar dos professores (as)	183
4.3- O Sítio de Saluzinho na perspectiva dos estudantes de 1º ao 5º ano.....	186
4.3.1- Análise dos questionários (2017–2018).....	186
4.3.2- Análise do material documental (2014 -2016)	194
4.4- O Sítio de Saluzinho na visão dos estudantes universitários	197
5- O SÍTIO DE SALUZINHO EM NÚMEROS.....	201
5.1 – Outras atividades do Sítio de Saluzinho	206
6- REFLEXÕES	207
IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214
VI- APÊNDICES	228
VII- ANEXO	264

I- INTRODUÇÃO

Dos trajetos às trajetórias

A partir da década de 1960, consolidou-se na região Norte de Minas Gerais¹ uma estrutura fundiária altamente concentradora. A “Revolução Verde” fomentada pelo crédito rural subsidiado apoiou o uso em larga escala de máquinas, sementes industrializadas, fertilizantes, agrotóxicos e conduziu a modernização conservadora da agricultura. Essa modernização beneficiou os grandes produtores que, apoiados no aparato do Estado marginalizaram camponeses. Ocorreram processos maciços de expropriação de terra e, conseqüentemente de acesso a recursos naturais, que impulsionaram o deslocamento de milhares agricultores.

Nessa leva de expropriados, tem-se o caso emblemático do Saluzinho. Um camponês, símbolo da resistência comunitária a esse processo. Saluzinho lutou contra os fazendeiros que queriam tomar as terras de sua família, foi perseguido por jagunços, se escondeu em uma gruta durante cinco dias quando passou fome, sede e sofreu ataques constantes dos policiais. Rendeu-se e foi preso, aprisionaram seus sonhos e furtaram-lhe o convívio com a família, e o direito às suas terras. Saluzinho foi solto, contudo a perseguição pelos fazendeiros e pela ditadura militar não deram tréguas, Saluzinho foi preso novamente e passou vários anos na prisão. Ao ser liberado e, mais uma vez sem terras, passou a ter uma vida seminômade, onde morou em diversas localidades da região. Sem ter o seu direito ao acesso a terra respeitado, morreu em 1990 com 73 anos.²

A saga de Saluzinho ganhou relevância e ficou conhecida por todo Norte de Minas Gerais, como um marco importante da resistência camponesa, portanto, nesse estudo é peça essencial, pois conjuga três elementos centrais tratados nessa dissertação: migrações rurais – urbanas; conhecimento local tradicional; e dá nome ao local onde acontece boa parte dessa pesquisa, o Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar/ Sítio de Saluzinho programa institucional da UFMG.

Nas décadas 60/70 vários migrantes rurais, de localidades do município de Montes Claros e municípios vizinhos saíram dos seus locais de origem e ocuparam áreas urbanas na cidade de Montes Claros. As ocupações do espaço foram

¹ Relaciona-se a mesorregião formada pela união de 89 municípios, agrupados em sete microrregiões

² Ver História de Saluzinho no Capítulo I dessa dissertação.

orientadas, tendo em vista principalmente, a manutenção das relações com os parentes e amigos, que já viviam na cidade e com proximidades às áreas de origem.³

Essa mobilidade populacional do campo para a cidade fez com que, a década de 1970 se caracterizasse como um divisor de águas dos fluxos migratórios no Norte de Minas. Dados dos censos demográficos demonstram que, houve a inversão no número de habitantes entre rural e urbano, de modo que, a população urbana do município de Montes, por exemplo, quintuplicou de tamanho.⁴

No Brasil, as migrações se constituíram como características fundamentais para o desenvolvimento econômico e cultural. A mobilidade populacional, independente dos fluxos serem de uma cidade para outra, ou do campo para cidade, acompanhou a passagem de uma sociedade agrária para urbana-industrial. Muitas vezes, o processo de migração rural-urbana foi e ainda são interpretados, como ruptura dos modos de vida e dos conhecimentos locais, dando a impressão de que, ao migrar para as cidades, os agricultores perdem os vínculos com o rural, com as comunidades de origem e com princípios culturais.

Vários estudos mostraram que as migrações rurais - urbanas ocorre, acessando redes de conhecimento, pertencimento e inserção que funcionam em fluxo de duas direções. E nesse sentido, ganha relevo compreender como esses migrantes rurais elaboram saberes sobre a natureza na cidade.

Agricultores migrantes trouxeram para as cidades experiências e conhecimentos próprios, formados em suas comunidades de origem e, muitas vezes, esses conhecimentos - um jeito diferenciado de lidar com os recursos naturais e, manejar o pouco espaço que possuem, para cultivar foi base para a inserção e permanência no meio urbano.

O rápido crescimento da população, a migração do campo para a cidade, as persistentes dificuldades econômicas e as lembranças da roça foram condições prévias para fomentar o início de produção de alimentos nas cidades. Por isso, muitos desses migrantes rurais, ao se instalarem em Montes Claros, começaram a reinventar modos de vida, tendo como uma das bases, os conhecimentos trazidos

³ Constatação encontrada nos estudos de Brito (2010) e Ribeiro (2012).

⁴ Ver capítulo I – Mobilidade Rural- Urbana: O caso de Montes Claros e Dados Censos demográficos de 1980, 1991 e 2010.

de suas comunidades de origem. Dessa maneira, desenvolvem a chamada agricultura urbana, seja por meio do cultivo nos seus próprios quintais, em chácaras emprestadas, ou mesmo, em terrenos baldios.

Esses migrantes rurais, agora agricultores (as) urbanizados (as)⁵ utilizam-se principalmente dos seus conhecimentos tradicionais⁶, que são constantemente atualizados na cidade, para a produção de alimentos. De maneira, a manejar em pequenas áreas do cultivo, escolhendo as técnicas mais apropriadas. A agricultura urbana praticada por esses (as) agricultores (as) desenvolve um papel importante na criação de redes sociais, na manutenção das relações com o rural, serve para reavivar as lembranças, reinventar o presente e também favorece a garantia da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

Além de utilizar-se do conhecimento tradicional, como base para a inserção na cidade e promover a agricultura urbana, alguns desses migrantes rurais, se tornaram “monitores docentes”⁷ no Programa de Extensão - Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar / Sítio de Saluzinho. Um Projeto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde por meio da valorização do etnoconhecimento, os agricultores (as) urbanos (as) ministram oficinas semanais, para escolas de ensino fundamental de Montes Claros, com foco nas relações entre populações e natureza na cidade.

II- DAS INDAGAÇÕES AOS OBJETIVOS.

As questões norteadoras da pesquisa que fundamentaram essa dissertação foram:

- a) Como esses agricultores (as), migrantes rurais constroem suas relações com a natureza? Criam e ou mantêm os laços urbano-rural?
- b) Como o conhecimento desses agricultores (as) sobre a natureza é "instrumentalizado" no ambiente urbano?
- c) Em quais momentos acessam a rede de conhecimento tradicional?

⁵ Devido a origem desses migrantes, todos (as) de áreas rurais, optaram-se por designá-los (as) com o adjetivo urbanizado.

⁶ O conhecimento tradicional foi definido por Carlos Diegues (2000), como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração. Agricultores urbanos, a partir do conjunto de conhecimentos próprios, elaboram o que se pode denominar de “etnoconhecimentos” sobre o ambiente urbano, que podem ser considerados importantes na compreensão sobre a ideia de natureza e sua interface na reflexão sobre constituição do rural e urbano em municípios de destino de migrantes.

⁷ Denominação dada aos agricultores (as) urbanos (as) que ministram oficinas semanais no Sítio de Saluzinho. Conceito criado por Eduardo Ribeiro para designar aos agricultores (as) urbanos (as) que ministram oficinas sobre saberes rurais no Sítio de Saluzinho.

- d) Como o etnoconhecimento dos (as) agricultores (as) urbanizados (as) pode ser considerado uma estratégia de educação ambiental, cultural e social?

Compreender as abordagens, a cerca do conhecimento tradicional de populações oriundas das áreas rurais podem apoiar novos direcionamentos que, levem em consideração, o saber popular e suas maneiras de utilizar os recursos da natureza no espaço urbano. Considera-se importante entender como, os agricultores (as) urbanizados (as) utilizam os conhecimentos "tradicionais" no processo de ressignificação das concepções de rural e urbano, tendo em vista, desmitificar a ideia de que, a população rural quando migra para a cidade é colonizada culturalmente, deixando sua base de saber original e, entrando em outras formas de conhecimentos: urbanas e cidadinas.

A partir dessas questões teóricas e tendo como *lócus* o Sítio de Saluzinho fundamentou-se o objetivo dessa dissertação: analisar os circuitos de produção e reprodução dos conhecimentos tradicionais (etnoconhecimentos) de agricultores (as) urbanos (migrantes), alocados no Sítio de Saluzinho, percebendo:

- (i) a manifestação de formas de ruralidades no espaço urbano;
- (ii) as relações população-natureza na cidade ;
- (iii) o conhecimento tradicional na produção de alimentos nas áreas urbanas;
- (iv) o etnoconhecimento como instrumento de educação ambiental e social.

III- ABORDAGEM METODOLÓGICA

Investigar conhecimentos tradicionais que, uma população ou grupo social detém é um desafio enorme, expresso tanto na abrangência teórica exigida, quanto metodológica⁸. Assim, algumas escolhas foram necessárias.

Primeira, os sujeitos da pesquisa. Como recortar um grupo de agricultores urbanos a serem pesquisados?

Optou-se por realizar, a partir do estudo de caso⁹ com um grupo de nove agricultores(as) urbanos(as), docentes voluntários(as) no Programa Sítio de

⁸ Sobre esses desafios ver Cunha, 2009.

⁹ Sobre "estudo de caso", esses agricultores (as) foram identificados na pesquisa de Brito, 2011.

Saluzinho/UFMG. Assim, os sujeitos e área de pesquisa se entrelaçaram, tendo por base; a busca por entender a lógica produtiva da agricultura praticada por eles (as) e, como os conhecimentos desses (as) agricultores (as) eram praticados, construídos e renovados na convivência com a natureza na cidade e servindo-lhes de alicerce para um programa de educação socioambiental.

Outro fator que também contribuiu na escolha do tema foi o contato com Núcleo de Pesquisa e Apoio à Agricultura Familiar Justino Orbes (PPJ). Ao ingressar no mestrado, em 2016 comecei a fazer parte desse núcleo, onde pude conhecer o Sítio de Saluzinho e ajudar nas atividades desenvolvidas pelo Sítio. Durante uma conversa com a professora Flávia - orientadora dessa dissertação, e devido a minha ligação com as temáticas: agricultura e educação ambiental, mesmo antes da formação acadêmica é que surgiu a ideia de fazer a pesquisa com os agricultores (as) urbanos (as) alocados (as) no Sítio de Saluzinho.

3.1- Área de estudo

A pesquisa de dissertação foi realizada na cidade de Montes Claros, município situado no norte do estado de Minas Gerais, ocupa uma área de 3. 582,034 km² e tem população estimada, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, (2010) de 398.288 habitantes.

Especificamente, a maior parte da pesquisa foi desenvolvida no Sítio de Saluzinho. A área do Sítio é composta por um terreno de dois hectares, cedido pela Congregação do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, contando com sede própria com 100 metros quadrados, 5 quiosques para oficinas, cada uma com 30 metros quadrados e com um pequeno bosque de espécies nativas.

Figura 01 e 02: Município de Montes Claros com localização e área do S.S.

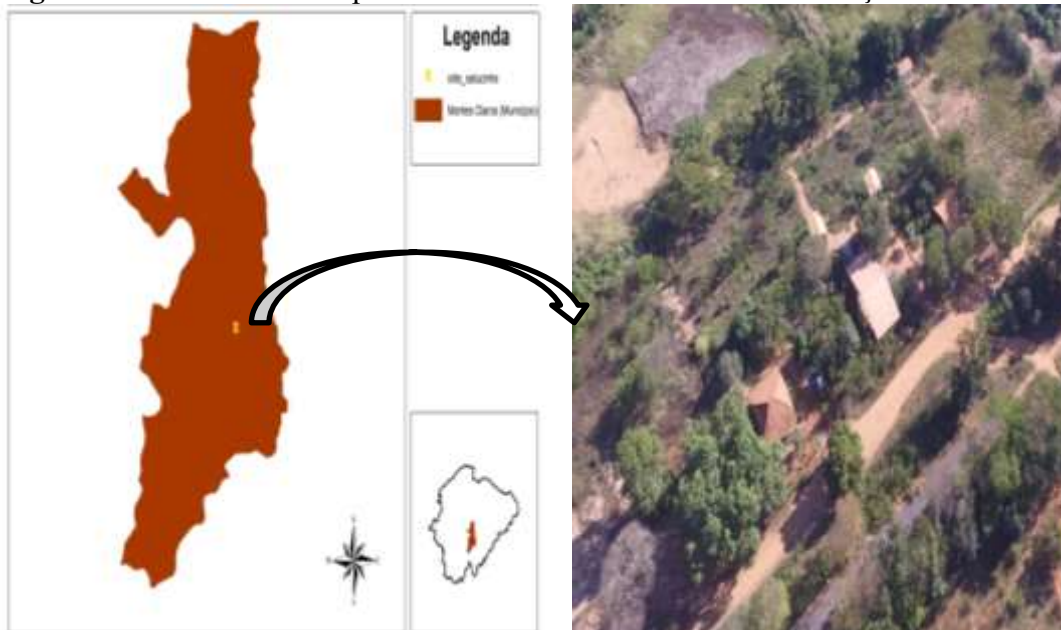


Imagem 01: Mapa de Montes Claros
(Fonte – Rebouças, 2018).

Imagem 02: Foto aérea do Sítio de Saluzinho.
(Fonte – Martins, 2017).

A pesquisa ocorreu no primeiro momento no Sítio de Saluzinho, por combinar dois aspectos intrínsecos e fundamentais, para o entendimento da relação entre populações e natureza na cidade: primeiro, o Sítio de Saluzinho conta com oito agricultoras e um agricultor, migrantes de origens rurais, que são monitores (as) nas oficinas semanais, ofertadas pelo Sítio aos estudantes de ensino fundamental da rede pública de Montes Claros; Segundo, esses (as) agricultores (as) reúnem uma série de conhecimentos práticos, tradicionais, que além de serem bases para a realização das oficinas, também norteiam concepções sobre a utilização de etnoconhecimento como ferramenta de educação ambiental em escolas.

A segunda etapa da pesquisa foi realizada nos quintais dos agricultores (as) urbanos (as).

A terceira fase da pesquisa ocorreu em três escolas públicas do ensino fundamental I da cidade de Montes Claros parceiras do Sítio de Saluzinho.

3.2 - As escolhas dos métodos

Em cada uma das etapas do estudo foi necessário articular técnicas de pesquisa ajustadas aos objetivos. Os métodos de pesquisa utilizados nesse trabalho estão descritos em cada capítulo, entretanto, cabe salientar que a revisão bibliográfica e

a busca por autores que dialogassem com o tema foram elementos constates, de modo, a obter o estado da arte sobre: a mobilidade populacional no eixo rural-urbano, principalmente na região Norte de Minas nas décadas de 60 /70; o breve panorama sobre a produção de alimentos nas cidades; a relação entre os agricultores (as) urbanos (as) e conhecimento tradicionais camponeses em áreas urbanas, e concepções sobre o rural-urbano, estão diluídos no decorrer dessa dissertação.

Importante frisar que, os dados foram analisados, primeiramente, apoiados em um embasamento teórico, mas minha formação em biologia, e atuação, desde 2007, com questões ligadas a educação ambiental, etnobiologia, agricultura familiar contribuíram para uma análise interdisciplinar e crítica, tanto na pesquisa, quanto na hora de tecer as discussões e considerações dessa dissertação.

3.3 - Estrutura da dissertação

Tendo em vista situar o leitor, inicialmente expôs-se a introdução ao tema, bem como: as questões norteadoras, os objetivos pretendidos, o lócus da pesquisa e a abordagem metodológica utilizada no trabalho.

Essa dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, utiliza-se a história de vida do Saluzinho para contextualizar a tomadas de terras na região Norte de Minas. A partir de algumas consequências desse processo, tais como: a mobilidade do campo para a cidade, a reprodução dos modos de vida camponesa no meio urbano é que são construídas as narrativas desse trabalho. De modo que, nos capítulos II, III e IV são apresentadas algumas fases da vida desses agricultores (as), migrantes rurais, urbanizados (as) na cidade de Montes Claros.

No capítulo II, apresenta a origem desses migrantes rurais até a inserção na cidade; no terceiro é abordado uma das etapas subsequente à chegada deles (as) à cidade, tendo a agricultura urbana, desenvolvida nos quintais, como importante instrumento no processo de ressignificação dos modos de vida no ambiente urbano; e no quarto capítulo, evidencia-se como esses agricultores (as), tornaram-se docentes no Programa Sítio de Saluzinho, favorecendo a interface entre o etnoconhecimento com a educação ambiental.

CAPÍTULO I

De migrante oprimido a camponês destemido: Saluzinho e a tomadas de terras no Norte de Minas Gerais

1.1 Quem foi Saluzino?

1.1.1 Saluzinho pelas lembranças dos filhos Daniel e Manuel¹⁰.

Salustiano Gomes Ferreira, o Saluzinho como era conhecido, nasceu em 1917 no município de Varzelândia, mas ainda na juventude, atraído pelas notícias que vinham do Sul sobre a abundância de terras, migrou para o Estado do Paraná em busca de melhores condições de vida. No Paraná constituiu família, casa, mas a perseguição por parte dos fazendeiros fez com que ele voltasse à Varzelândia e iniciasse a ocupação de terras naquela região. (Daniel Gomes Ferreira, 2018).



Figura 03: Salustiano G. Ferreira – Saluzinho
Fonte: Web (www.otempo.com.br).

Saluzinho quando chegou a Serra Azul, quase não tinha morador, ele começou a cultivar e depois de alguns anos, os fazendeiros começaram a perseguição. Os posseiros foram perseguidos com carabinas, os jagunços saiam à noite para atirar nos posseiros. Certa noite, Pedrão e Mané Teco foram ver, porque os jagunços estavam fazendo aquelas barbaridades, mas eles não falaram a serviço de quem, e por que estavam fazendo aquilo.

Passado um dia, Jerônimo que era gerente de Dr. Oswaldo “xingou”o Mané Teco de sem vergonha, disse que ele não valia nada e, deu umas cipoadas¹¹ nele, além disso, falou que só faltava pegar o Saluzinho.

Saluzinho ficou sabendo desse fato e foi no “patrimônio”¹², em Serra Azul e encontrou com esse Jeronimo e falou:

¹⁰ A história de Saluzinho, relatada nessa parte do trabalho foi fruto de uma entrevista de Daniel e Manoel - filhos de Saluzinho, em um evento realizado na UNIMONTES em 2018.

¹¹ Bater com cipó

¹² Cidade

- *“moço, você bateu no posseiro ali, no lavrador, você é um covarde mesmo, e falou que vai fazer comigo a mesma coisa, mas comigo o negócio é diferente, não é assim do jeito que você tá pensando não”.*

Daí o Jeronimo disse:

- *"você mexe com doutor Oswaldo, porque você quer, porque você sabe que ele tem testa de ferro",*

e Salu respondeu:

- *"se ele tem testa de ferro, tem marreta de aço para quebrar testa de ferro",*

E o Jerônimo:

- *“qualquer dia eu vou à sua casa levar uma farofa”;*

E Salu falou:

“é você pode levar a farofa que vai ter quatro xícaras de café lá te esperando”

Depois de algum tempo, chegaram uns quatro homens armados lá em casa, e chamou. Mãe estava acendendo um fogão para fazer o café e não saiu para ver o que era. Salu estava ligando um rádio, quando saiu fora e avistou os homens, que procuravam saber qual o caminho para ir à casa de Antônio Luís, pai falou que era mais para frente na estrada; aí eles perguntaram se tinha gado ou madeira pra vender, Salu falou que só tinha um garrotinho¹³, mas que não vendia.

Os homens passaram a cerca e perguntaram: "É você mesmo que é o Saluzinho?" e pai respondeu: *“sim, sou eu mesmo”*; esses homens deram dois tiros em Salu, só que errou. Nisso, Salu pegou a espingarda de dois canos que estava perto, deu um tiro nesse que atirou nele e, assim começou um tiroteio. Durante esse tiroteio um homem foi atingido e deixou o revólver cair no chão.

Quando Salu viu o revólver, ele falou: *"esse revólver é da policia"*, aí pegou o revólver e saiu na frente da casa, onde tinha um homem mais adiante, desamarrando o cavalo pra fugir, ele mirou o revólver nesse homem, atirou e o homem caiu lá. Nessa hora juntaram um bocado de gente, principalmente os posseiros, para tentar dar uma solução para o que tinha acontecido.

¹³ Para denominar novilho.

Esse derramamento de sangue, não deveria ter acontecido, se as autoridades olhassem com cuidado para os mais fracos, os menores da roça, mas não olharam e com isso, Salu sofreu demais por conta desse episódio.

Salu não queria sair de perto das suas terras e da sua família, mas com o ocorrido, as coisas não iam ficar boas para ele, foi onde, os posseiros tiveram a ideia dele ficar numa gruta que tinha perto, disse um posseiro: *vai começar o tempo de chuva, se você sair agora pode molhar demais.*

Minha mãe, diante disso foi aconselhada a ir para casa do velho Marçal, que era primo de Salu. Então, logo após o tiroteio, Salu foi para a gruta e nós saímos de casa, fomos para a casa do velho Marçal com a minha mãe, deixando tudo para trás galinha, porco, a rapadura, o roçado.

No outro dia, de tarde chegaram oito policiais armados de fuzil na casa de Marçal, e procuraram a espingarda dele, mas ele não tinha espingarda, esses policiais fizeram uma barbaridade com o velho; colocaram uma vara entre as pernas dele, amarraram as mãos, os pés, penduraram e foram embora para a cidade, só soltaram no dia seguinte.

Esses policiais também pegaram mãe e levaram na casa que a gente morava, lá eles bateram nas mãos e na barriga dela com uma madeira improvisada, um dos policiais perguntou se ela estava grávida e, se gostava de preto "*se gostar de preto, vou matar seu marido e ficar com você*", a deixaram amarrada de cabeça pra baixo, chicotearam, queimaram os seios dela, além de outras coisas mais, enfim, fizeram uma tremenda barbaridade. Um dos posseiros que estava presente nessa hora, não aguentou ver o tanto de tortura que estavam fazendo com minha mãe e falou o local onde Salu estava.

Depois de sofrer um bocado dessas torturas, minha mãe falou: "*amanhã eu vou sair desse lugar*", porque a gente tinha uns parente, irmãos de mãe que moravam em Olhos d'Água. No outro dia bem cedo, [*estou emocionado*], nós pegamos os meninos que eram menores nos ombros e saímos da casa do velho Marçal, rumo a casa dos parentes em Olhos D'Água.

Durante esse percurso, de Serra Azul até Varzelândia, a gente morria de medo de ser encontrado pelos militares e eles nos levar para a porta da gruta, onde Salu estava para judiar da gente. Com isso, andamos o mais rápido que pudemos, graças a Deus não encontramos carro, nem cavalo, nem nada.

Paramos um pouco na beira de uma serra para beber água, descansamos um pouco e seguimos.

Quando chegamos à casa da minha tia, já estava escurecendo e ela esperava no terreiro, foi aí que a gente pôde tomar um banho e comer. Porque, depois do tiroteio e de Salu ter ido para a gruta ficamos dois dias sem comer nada, pois os jagunços e os policiais comeram os nossos porcos, galinhas, nossa rapadura, até as nossas cabecinhas de gado eles pegaram. Era um sofrimento danado, nós ficamos sem nada mesmo.

Enquanto isso, os policiais tentavam tirar, (na verdade matar Salu). Eles tentaram entrar na gruta, disparavam tiros, bombas, colocavam fogo na gruta, fizeram de tudo para matar. Salu revidava com tiros da espingarda que ele levou com ele para dentro da gruta.

Passado alguns dias, já tinha muita gente na porta dessa gruta inclusive, repórter, jornalista de toda parte. O comandante geral da polícia começou a negociar para que Salu se entregasse, então garantiu a Salu que ninguém estava armado do lado de fora, e que tinha até um médico para cuidar dele, porque ele estava bem fraco, depois de passar cinco dias sem comer.

Salu saiu da gruta e foi levado para Montes Claros e exibido como o bandido mais perigoso do Norte de Minas [*isso dói demais*].

Passado uns dias, meus três irmãos mais velhos e mãe foram convocados a ir depor, em Montes Claros, ela deu até deu uma entrevista nessa época.

Depois de um tempo preso em Montes Claros, Salu foi transferido para a cadeia de São João da Ponte, ao chegar a prisão, já tinha mais 20 posseiros presos também, nisso Salu falou com as autoridades:

“eu quero que vocês façam uma coisa pra mim, é soltar esses posseiros, prisioneiros que estão aqui, porque eles não têm nada a ver, o assunto é comigo”

Passaram uns dias e os policia soltaram os posseiros e Salu continuou preso. Depois de algum tempo, mandaram ele para o DOPs¹⁴, em Belo Horizonte, onde ficou muito tempo.

Durante o tempo que pai estava preso, mãe veio a adoecer, ficou muito tempo doente, a gente tinha que cuidar dela também. Levava ela nas consultas em vários lugares e os médicos não descobriam o que ela tinha. O pessoal

¹⁴ Departamento de Ordem Política e Social

falava que estava com depressão, porque ficou traumatizada com toda tortura que passou. Ela sentia muitas dores, a situação de saúde dela se gravou e o irmão dela chamado Ernesto a levou para internar em Montes Claros e nós ficamos em Itacarambi mesmo. Depois de alguns dias, ela faleceu e nós nem ficamos sabendo [*estou emocionado de novo*], nem soubemos sequer, onde ela foi enterrada, só depois de quatro dias, que foi um homem em Itacarambi avisar que ela tinha falecido.

No DOPs, Salu conheceu muitos presos políticos, pessoas influentes, que conseguiram um advogado para ele. Esse advogado questionou a Justiça sobre a situação de Saluzinho, que já estava há mais de quatro anos preso e não tinham providenciado o julgamento dele, e solicitou a soltura dele por meio de um *habeas corpus*, que foi negado pelo Juiz, que era amigo do Dr. Oswaldo.

Esse advogado, então levou o caso para a autoridade superior. O desembargador mandou uma carta para o promotor, falando sobre esse fato, perguntando o porquê, a justiça não tinha olhado para os direitos de Saluzinho. Depois disso, em poucos dias Salu foi solto.

Salu estava solto e sem terras, não tinha restado nada, ele teve que recomeçar tudo de novo. Ele ficou morando em Itacarambi junto com a gente numa casinha que era dos nossos parentes. Moramos algum tempo nessa casinha, mas na cidade era difícil conseguir “o ganha pão”, por isso, depois de um tempo saímos de Itacarambi e fomos morar do outro lado, perto do projeto Jaíba. Moramos por dois anos, nessa época Salu saía para trabalhar cedo e eu ficava olhando meus irmãos que ainda eram pequenos.

Depois de um tempo, voltamos para Itacarambi e fomos morar numas posses de terras, lá começamos a se estabelecer, quando a gente já estava com nosso roçado pronto, o fazendeiro chamado Almerindo tomou essa posse.

A gente estava sem nada de novo, um amigo de Salu que tinha um sítio, perto da cidade de Itacarambi convidou Salu para morar nesse sítio, pai não queria, mas sem terra, essa foi a única solução que restava. Lá, a gente trabalhava, cortava madeira, tirava poste, cerca, fazia a nossa plantação, a gente já estava com um roçado grande de arroz, milho e feijão, até que certo dia teve uma briga, porque um fazendeiro colocou o gado para comer dentro da

roça, acabou com todo nosso trabalho e sustento. Durante essa briga, o jagunço do fazendeiro pegou um facão e veio para cima de Salu, que se defendeu dando um tiro que acertou braço dele.

Salu foi novamente preso, ficou um tempo em São João da Ponte e depois mandado para Januária, onde ficou por muitos anos abandonado pela justiça. Foi solto muitos anos depois, porque um advogado de outro camarada preso olhou por ele.

Depois que ele foi solto, moramos em vários lugares da região de Itacarambi, Januária e São João da Ponte, ficamos um tempo em Boqueirão, depois em Capim Vermelho, a gente vivia igual cigano, de um lugar pra outro atrás de terra para planta.

Salu ficou doente, o médico disse que ele não podia mais trabalhar em serviço pesado, com isso eu passei a cuidar dele, fiquei muito triste, pensava como que ele não pode mais trabalhar, se para mim, ele era um homem de uma resistência sem igual, um herói. Enfim, eu e meus irmãos era quem fazia os trabalhos mais pesados. Ele foi ficando cada dia mais fraco e faleceu em 1990. Morreu sem as coisas que ele sempre lutou pra ter, que era terra para plantar.

Saluzinho sozinho enfrentou a ditadura, e a gente sofreu na pele as consequências, fomos obrigados a conviver com toda aquela situação e tivemos que refugiar na mata, passando um bom tempo isolado, não ia à escola, nem tínhamos mais o conforto humilde da nossa casa.

Essa é uma parte da história de Saluzinho, uma história bastante difícil, mesmo depois de 50 anos dos acontecimentos, tem muitas coisas que a gente ainda está descobrindo. Nós na condição de filhos, afirmamos que ele foi uma vítima do sistema e, nós continuamos sendo vítima até hoje, principalmente o povo da roça, continuamos sendo massacrado até hoje.

Ficamos bem emocionados em falar a história dele, porque vivemos juntos e sabíamos. Saluzinho era um homem destemido, de uma coragem, que se juntar a família toda, não teria nem a metade da coragem dele, mas nosso pai era bastante consciente também, e afirmo, com toda certeza, ele não incentivava a violência, ele só queria era ter seu direito garantido, algo que nunca aconteceu.

Eu sempre costumo dizer: “Jesus Cristo, quando esteve aqui, em uma das pregações, ele falou para os fariseus que até as raposas têm seus covis, os pássaros tem seus ninhos e um filho do homem, não achou onde reclinar sua cabeça, Saluzinho foi mais um, em milhões, de milhões, que passou aqui e sofreu”.

Saluzinho ficou com a história dele, para ser seguida. Um trabalhador rural que possuía grande conhecimento sobre a vida, a agricultura, que lutou por suas terras na época da ditadura, foi preso, perdeu a esposa, o convívio com conosco e infelizmente morreu, lutando por seus direitos. A história dele não é um caso isolado, infelizmente! Muita gente no Brasil, o povo mais fraco, em geral, tanto faz se mora na roça, ou na cidade grande estão sofrendo todos os dias para se manter vivo. Não só a gente, o trabalhador rural, mas de um jeito ou de outro, todos que tentam sobreviver de suas terras, sofrem perseguição, Saluzinho só foi mais um.

1.2- A tomada de terras no Norte de Minas.

O trecho da vida do Saluzinho, relatada pelos seus filhos Daniel e Manuel, expressa parte das ações de expropriação de terras e de transformação que aconteceram no norte de Minas nas décadas de 60 e 70. Servindo de base para o entendimento de um processo executado, na maioria das vezes, por grandes fazendeiros, mas com o apoio massivo do aparato do Estado.

A população norte mineira havia sido caracterizada pelos naturalistas, Sant-Hilare (1974), Spix e Martius (1981), como uma população rural que coexistia com a natureza em um mesmo espaço físico, estabelecendo intensas relações com o ambiente. A alimentação era conseguida de diversas maneiras e lugares: dos campos, matas, caatingas, várzeas, etc. Em cada local encontrava-se a caça, ou o lugar específico para se fazer roça. A diversidade florística também era bem utilizada: o buriti, por exemplo, servia para fazer as coberturas das casas, os frutos para bebidas e petiscos.

Em 2007, o estudo de Ribeiro e Galizoni indicou que, as terras comuns eram extensas áreas de gerais usadas para solta do gado em períodos com pouca oferta de alimentos. Essas terras eram das comunidades de agricultores, usadas no coletivo, sem divisão para a exploração dos múltiplos recursos, que eram oferecidos pela natureza às famílias. Entretanto, no mesmo estudo, os autores

revelaram que a região Norte de Minas Gerais durante a década de 1960 até a década de 1980 passou por uma série de transformações na estrutura fundiária e produtiva.

A expansão do agronegócio, principalmente pela monocultura de eucalipto e a criação de gado de forma extensiva foram os principais responsáveis na mudança fundiária do Norte de Minas. Essas mudanças provocaram sérios impactos sobre a população camponesa da região.

Na análise de Ribeiro e Galizoni (2007):

*“Passados 30 anos, ainda se sente a perda da terra. Plantadas e colhidas tantas safras, atravessadas tantas crises, o campo privatizado continua a impedir a unificação da produção com a vida, que foram brutalmente separadas nos anos 1970. Mas falta muito ainda para conhecer as consequências desses acontecimentos. [...] esses sitiantes insistem em continuar pensando seus campos como referência cultural e, às vezes, escolhem lutar para tê-los de volta – como acontece no Norte e no Jequitinhonha”.*Ribeiro & Galizoni, 2007, p 127.

A Revolução Verde, por meio de um processo de modernização conservadora da agricultura teria sido uma das principais propulsoras das migrações em massas que ocorreram na região Norte de Minas nas décadas de 1960/70.

A ocupação desta região foi marcada pelo predomínio de uma pecuária extensiva, pela agricultura de autoconsumo e, de acordo com Batista (2010), pela modernização dos grandes projetos agropecuários incentivados pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Os poucos parques industriais instalados na região, sobretudo, a partir da década de 1960, sob os incentivos da SUDENE, concentraram-se nas sedes urbanas de alguns municípios, entre eles, destaca-se Montes Claros (cidade polo regional), liberando áreas para ocupação de grandes empreendimentos econômicos.

As terras, do Norte de Minas, de acordo com Dayrell (1998) passariam a servir ao modelo de desenvolvimento capitalista, principalmente para os projetos agropecuários e para as monocultivos empresariais de eucaliptos.

A apropriação de grandes áreas de terras pelas firmas na análise de Ribeiro et al (2012) fechou a fronteira agrícola do norte mineiro.

Daí em diante: "os camponeses que conservaram seus sítios assistiram, a cada geração, à emigração de novas levas de deserdados que tiveram que sair das suas terras" (Ribeiro et al, 2012. p 11).

Devido aos maciços processos de expropriação de terras, famílias inteiras de agricultores, ou parte delas tiveram que sair de suas terras. Muitos deles viram na mobilidade para as áreas urbanas, principalmente para Montes Claros uma alternativa para manutenção da vida.

Esse trabalho retrata partes das histórias de vida de nove migrantes rurais, que se deslocaram para Montes Claros nas décadas de 70 e 80, devido à redução de suas terras. Dentre as variadas famílias de que lidaram com esses processos, ou consequências deles, têm-se: Ana, Arabela, João, Júlia, Maria Sirila, Lourdes, Francisca e Carmelita. Esses são os atores desse trabalho e, nos próximos capítulos convido-lhes, a conhecer, a partir de suas histórias de vida, a maneira que estes encontraram para a ressignificação dos seus saberes, na manutenção e reprodução dos modos de vida camponesa, mesmo vivendo e partilhando de experiências citadinas.

CAPÍTULO II

Migrantes rurais e as trajetórias de vida: “O caminho se faz no caminhar”.

*Na terra afundo minhas mãos,
Teu gosto me vem num segundo
Onde mais sementes ventura e gratidão
Qualquer país, qualquer lugar,
Sou um cidadão do mundo
E onde ponho os olhos
Vejo a mão de Deus
Fecundando a terra
Derramando vida
Recriando nesse chão o véu
Que muitas noites, vi num céu.
Cravejado em brilhantes
Tantos os moinhos a vencer
Um Dom Quixote a renascer
Dos sonhos dos Imigrantes
Desbravei, esse dom, como saber...
Assim onde apontar o sol
Encontro meu novo destino
Trago em minhas veias
O sangue dos varões
Rasgando esse brado
Chegança e partida
E, enquanto houver uma canção.
Que fale do pó da estrada
Esse meu caminho
Nunca será em vão
Mais uma cidade
Onde nada havia
Desbravei, esse dom, como saber...*

(Sonho imigrante - Zé Alexandre)

1- APRESENTAÇÃO

Antes de adentrar as histórias de vida dos agricultores (as) protagonistas desse trabalho, cabe evidenciar que, inicialmente foi necessário contextualizar sobre: o processo de migração rural-urbana, apresentando como a estratégia da mobilidade populacional pode ser uma estratégia para a manutenção do “ser camponês”, bem como, expor as dicotomias e complementariedades entre o meio rural e o urbano.

1.1- Mobilidade rural-urbano

A mobilidade populacional, independente dos fluxos serem de uma cidade para outra ou do campo para cidade, acompanhou a passagem de uma sociedade agrária para urbana-industrial. Os processos migratórios no país não são recentes, ao contrário, se constituíram como características fundamentais para seu desenvolvimento econômico e cultural. A mobilidade espacial sempre esteve presente na vida de populações brasileiras, principalmente das populações rurais (Galizoni, 2000).

Para Martine (1977; 1994) as décadas de 1960/1970, no Brasil constituíram-se como um divisor de águas para os fluxos migratórios internos. A introdução de mudanças significativas na produção agrícola por meio da modernização conservadora da agricultura, as crescentes industrializações da economia brasileira impulsionaram um grande êxodo rural-urbano e, junto à acentuada concentração populacional nas cidades. Esse fenômeno originou decréscimo populacional para algumas áreas rurais e crescente urbanização em praticamente todas as regiões do país (Brito e Horta, 2002).

Martine (1994) apontou ainda que, nos anos 1960, a população urbana era menor que a rural, correspondia a aproximadamente 45% do total populacional brasileiro. Entretanto, em dez anos, ocorreu uma inversão: o número de habitantes urbanos passou a representar 56% do total da população. Estimativas indiretas mostraram que cerca de 53,0% da população rural em 1970 tinha emigrado para as cidades nos anos 60.

Os dados posteriores dos censos demográficos confirmaram essa contínua mobilidade do campo para a cidade: em 1991, a população urbana era 110.875.826

e a rural de 36.041.633; nos anos 2000 havia 137.669.439 brasileiros residindo na zona urbana; e em 2010 a população urbana era de 160.925.792 e rural de 29.830.007 (IBGE, 1991, 2000 e 2010).

A cidade de Montes Claros, localizada ao norte do estado de Minas Gerais, a partir da década de 1970, polarizou migrantes rurais, mas também de origem urbana dos municípios de seu entorno. Neste mesmo período, em função da inserção do município na área da SUDENE, a cidade também se tornou um polo atrativo no que diz respeito, as oportunidades de ocupação.

A polarização rural - urbana, para o município de Montes Claros, fica mais evidente ao se observar os Censos Populacionais dos últimos cinquenta anos: até a década de 1960 a maioria dos seus habitantes - 85.971 - residia em áreas rurais e, somente 46.502 moradores na área urbana. A partir dos anos 1970, assim como ocorreu em boa parte dos municípios do país, Montes Claros viveu um rápido crescimento populacional e houve a inversão no número de habitantes, de maneira que; a população urbana dobrou de tamanho, passando a ter 85.154 habitantes enquanto a zona rural 31.332 habitantes. Já os dados dos censos de 1991 e 2010 demonstraram que a população urbana do município praticamente quintuplicou, passando a 227.295 de habitantes na área urbana e 22.270 nas áreas rurais em 1991 344.427 pessoas habitam a área urbana e 17.488 na área rural¹⁵ em 2010. (IBGE, 1991, 2000 e 2010).

Os Censos Demográficos constataram que em algumas décadas o Brasil passou de um país de população predominantemente rural para majoritariamente urbano. Entretanto para Abramovay & Sachs (1996):

“a saída do meio rural não significou necessariamente para o migrante acesso às condições próprias da vida urbana: a desruralização nem sempre é sinônimo (...) de urbanização”.

(Abramovay & Sachs, 1996, p. 38)

Importante salientar que, os deslocamentos do campo para as cidades foram estreitamente relacionados às políticas agrícolas da década de 70. Estas, por meio da Revolução Verde, buscaram modernizar a agricultura através de pacotes tecnológicos implantados com incentivos governamentais; para tanto,

¹⁵ Dados do censo demográfico dos anos de 1980, 1991 e 2010.

expropriaram comunidades camponesas, alteraram relações de trabalho, acentuaram a concentração de terras e alimentaram o fluxo de migratórios.

Graziano da Silva (1993), diria que a modernização conservadora da agricultura foi excludente, pois não alterou a estrutura agrária, ao contrário, teve como uma das principais consequências, a acentuação da concentração terras e renda. Gerou um processo crescente de exclusão dos agricultores que, por várias circunstâncias, dispunham de menor acesso aos fatores de produção como terra, trabalho e capital.

A concentração de terra e renda dificultaram a reprodução socioeconômica dos pequenos produtores familiares. Para Delgado (2001), as alternativas disponíveis para agricultores que não se integraram às agroindústrias e decidiram permanecer no campo, se restringiram a tentar a sorte na fronteira agrícola, ou ficar na área de origem, intensificando a produção, ou ainda, complementar a renda em ocupações agrícolas e não agrícolas fora da unidade familiar.

1.2- Rural e Urbano: da dicotomia e complementariedade

Os espaços rurais no Brasil foram historicamente e profundamente marcados por uma dissociação entre a apropriação da terra e a função residencial. Para Wanderley (2000), isto se referiu, antes de qualquer coisa, à postura de grandes proprietários fundiários, cujo absenteísmo tendeu a se aprofundar e se ampliar com o passar do tempo. Neste sentido, a grande propriedade representou uma forma urbana de apropriação do meio rural - aprofundada depois da década de 1930.

A modernização da agricultura, segundo Wanderley (1996), não revolucionou a estrutura fundiária concentrada - como ocorreu em outras situações históricas - nem o domínio político que ela produz; concentração que permaneceu como um elemento estruturante do mundo rural: uma modernização da agricultura sob o comando dos "donos da terra". Esse processo foi, em grande parte, responsável por restringir o lugar social do campesinato na sociedade brasileira ao longo de sua história.

A dicotomia urbano-rural passou a ser mais expressiva, segundo Silva (1997), quando o urbano passou a ser identificado como "novo", como o progresso capitalista das fábricas, pois representavam as classes sociais, que

contribuíram para o aparecimento do capitalismo; já o rural era visto como o “velho” ou, sinônimo de atraso, por conservar a velha ordem social vigente e impedir o progresso das forças sociais.

Para Lefebvre (1999), as relações entre urbano e rural geraram formas criativas e dinâmicas de ocupação e uso da terra, o que trouxe como consequência, o campo se perdendo no seio da cidade, e esta, absorvendo-o. O processo de urbanização acelerado das grandes metrópoles brasileiras originou intensas transformações no espaço urbano e peri-urbano das cidades, expondo áreas antes predominantemente agrícolas ao impacto da urbanização (MACHADO 2008).

Mont-Mór (1994) indicou que, nesse processo, práticas rurais se superpunham à economia urbano-industrial em formação: economias domésticas de subsistência de fundo de quintal completando o orçamento familiar; grupos de parentesco e compadrio dominando relações e controles sociais; relações de produção pré-capitalistas coexistindo com relações (sub) assalariadas, marcando uma inserção particular na economia urbana.

Então, o campo e a cidade deveriam ser apreendidos então numa visão dialética tendo como foco; os modos de vida e valores que cada um desses âmbitos exprime (Weitzman, 2011). O processo de deslocamento envolve tanto os sentimentos vivenciados pelos migrantes e as conexões mantidas com o local de origem quanto à imagem sobre o lugar para onde se deslocam – espaços de existência que vão além de simples inscrição espacial.

Pinto e Yves (2009) entendem que, devido à multifuncionalidade desses espaços - rurais e urbanos - e por serem resultados do processo de "rurbanização"¹⁶ são interdependentes e complementares não existindo, nesse sentido, uma oposição pura entre o campo e a cidade.

A partir do século XXI, de acordo com Wanderley (2000), as diferenças entre campo e cidade tornaram-se menos evidenciadas, tendo em vista as mudanças no comportamento da sociedade, na infraestrutura e em avanços tecnológicos, que possibilitaram uma maior aproximação entre espaços rurais e espaços urbanos.

Segundo Rua (2006), o campo foi compreendido a partir da lógica de acumulação capitalista por meio da noção de terra-mercadoria que, graças ao

¹⁶ Termo utilizado para descrever as formas de alojamentos baseados no modelo “rural tradicional” que se desenvolvem nas periferias das cidades e dos centros urbanos. Ou seja, é um processo que resulta do crescimento urbano, onde coexistem de forma difusa as atividades econômicas urbanas e a atividade agrícola. (ver Cláudia Lobato, Simone Oliveira e Jorge Arroiteia 2015).

trabalho é capaz de gerar outras mercadorias. A essas condições foram incorporados novos papéis que se integraram um movimento de ressignificação do rural, em que, a natureza e as atratividades do campo, tornam-se mercadorias valiosas.

“Não se trata apenas da terra ou do trabalho a ela incorporado, trata-se de novos atributos, muitas vezes imateriais, em que valores ligados à natureza, à paisagem, à exploração do trabalho em áreas rurais, obrigam-nos a repensar a própria teoria da renda da terra”. (Rua, 2006. p 83).

Entende-se que as coletividades locais, assim constituídas com base na agricultura familiar regionalizada, não são isoladas, mas estão integradas aos espaços sociais mais amplos, sobretudo, através das complexas relações associadas ao mercado e à vida urbana. Para Abramovay:

“Quanto maior for o dinamismo e a diversificação das cidades, impulsionados pela interiorização do processo de crescimento econômico mais significativas serão também, as chances para que a população rural preencha um conjunto variado de funções para a sociedade e deixe de ser encarada como um 'reservatório de mão-de-obra sobrando. O desenvolvimento brasileiro, pela diversificação de seu sistema urbano, vai exigir uma nova dinâmica territorial, onde o papel das unidades familiares pode ser decisivo”. (Abramovay, 1998-1999, p 2).

Apesar das efervescências relacionadas às discussões, em torno dos conceitos sobre o que é rural ou urbano e, de alguns autores, ainda defenderem a ideia de que estes dois meios sejam distintos, atualmente, tal relação tem sido comumente mais abordada do ponto de vista da complementaridade, não mais da dicotomia. Conforme José Graziano da Silva (2001) *“O rural está profundamente ligado ao urbano que lhe é contíguo”*.

Nas cidades, a população reinventou seus hábitos e costumes, expressos em seu patrimônio cultural através da (re) criação de espaços e paisagem culturais. Segundo Oliveira (2013), fica claro o distanciamento da teoria dicotômica do rural/urbano, ou campo/cidade, uma vez que os espaços eram vistos, até então como polos opostos são concebidos então, como áreas integradas, mas com suas característica e particularidades.

1.3- Migrações e manutenção do “ser” camponês.

Migrar, de fato, pode ser condição para recriar a permanência camponesa.
(Woortmann. 1990, p.50).

No seu estudo “Migração, família e campesinato” Klass Woortmann (1990) apontou que a migração de camponeses, não é resultado apenas da consequência da inviabilidade de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução”. Para o autor, a migração é algo inerente à estratégia camponesa, vinculada a pouca disponibilidade de terras e à impossibilidade de fragmentação de terrenos diminutos via herança. Desse modo, em situações de escassez de terras, a migração possui papel fundamental para a manutenção do modo de vida camponês.¹⁷

As migrações, de acordo com Herédia et al (2012), não podem ser consideradas como reflexos de ações individuais, mas como parte de um processo que envolve uma rede, que se sustenta nas relações de parentesco, e que são mediadas por vínculos familiares, construídos por meio de convivência social. Esse processo sofre estímulos por parte da sociedade, quando a mesma fomenta fluxos migratórios, pois estimula a migração para algumas áreas e justificando essa mobilidade.

Galizoni *et al.* (2016), estudando as estratégias camponesas para lidar com a escassez de água no Jequitinhonha mineiro, retratou que:

"...apesar das restrições impostas pela privatização de chapadas, as famílias de agricultores reorganizaram internamente seu sistema de produção, ampliaram alternativas como a migração sazonal, intensificaram o uso familiar das terras nas grotas e recriaram o sistema de uso comum nas chapadas remanescentes". (Galizoni et al 2016; p.10).

De acordo com Brandão (2007), comunidades camponesas reinventam estratégias para se conservarem, transformando todo o necessário para, que o essencial de suas formas de vida não se perca. Um campesinato modernizado, em parte cativo, mas em parte ainda livre, diante do poder do agronegócio, não apenas sobrevive, mas se reproduz com sabedoria. Portanto, mesmo nos espaços mais aparentemente dominados pelo gigantismo, de que mudou as formas de vida comunitárias e tradicionais, de ocupação e produção em multi-espços partilhados de vida, labor e trabalho, não apenas resistem e sobrevivem, mas, em alguns cenários, elas proliferam, adaptam-se as novas culturas.

¹⁷Chaynov explicou que, em sociedades camponesas, as estratégias buscam equilibrar as necessidades de manutenção da família com o grau de penosidade do trabalho familiar assim, o camponês é quem regula os recursos disponíveis; O fator predominante para utilização ou não, dos recursos é o grau de satisfação e bem estar da família camponesa, mas principalmente.

Nas reflexões a cerca das migrações como estratégia camponesa, outra questão a ser alcançada, remete a ideia de que haja uma ruptura com os modos de vida do camponês, quando estes migram para as cidades. Para Chayanov (1974) e Woortmann (1990), nas culturas camponesas, não se "pensa a terra, sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família".

A população que migrou do rural para o urbano, de acordo com Wanderley (2000) encontrou os meios necessários para garantir um patamar mínimo de vida em relação aos costumes e modos de vida rurais. Para Weitzman (2011), as idas e vindas entre a roça e a cidade se perpetuam no tempo, estreitando essa trama de relações.

Ao longo dos tempos, os camponeses foram obrigados a se reinventar, e muitos viram nas migrações uma alternativa para reorganizar os seus modos de vida. Para Brandão (1981), a progressiva restrição de acesso a recursos imediatos de obtenção de alimentos familiares, é considerada pelo lavrador como uma das razões mais decisivas para a certeza, de que não *“compensa mais morar nas fazendas”*.

Em partes, esse fato explica a permanência entre eles de um conjunto de símbolos e valores que remetem a uma: “ordem moral ou lógica tradicional e, a possibilidade de o acesso a terra, se apresentar como uma alternativa para pobres do campo e da cidade que buscam assegurar a sua sobrevivência, mantendo a dignidade de trabalhador” (Woortmann, 1990).

Para Martins (1998);

... o reencontro com as descobertas das orientações fenomenológicas ganha novo e diferente sentido. Pois, é no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à história. (Martins, 1998- p. 6).

Para Batista et al (2016), migrar significa movimentar-se no espaço, é o sair (emigrar) e o chegar (imigrar) em algum lugar. Migra-se por diversos motivos: para trabalhar, estudar, viver melhor, mas migra-se também, para que outros possam ficar na terra.

Para Woortmann (1990), processos de expropriação dos camponeses não necessariamente representaram uma ruptura de sua identidade de agricultor. Boa

parte dos migrantes rurais mantém algum tipo de relação com o campo, seja ela mais próxima, ou mais distante, relação direta de trabalho, vínculos familiares, relação de origem ou de saudade.

A maioria dos migrantes que se deslocaram para áreas urbanas conservam alguns vínculos com o rural, assim podem conservar alguns aspectos de modos de vida, cultivos e práticas que mantinham no rural (Ribeiro, 2012). Um exemplo pode ser a manutenção de quintais com espécies antes cultivadas no rural, como frutíferas, feijão catador, andu (guandu), milho, abóbora, quiabo, além de diversas plantas medicinais.

A identidade desses migrantes rurais está em movimento e constante transformação. A interação com cultura do local de destino acontece em distintas fases, desde a chegada do imigrante, somando-se novas experiências de vida às suas e, a de seu grupo social. Segundo Brito (2002), a identidade não é monolítica, ao contrário, é relacional, assim, é possível para os migrantes articular e redescobrir novas identidades nos locais de destino.

2- HISTÓRIAS DE VIDA

2.1- Uma palavra sobre o método.

Nesse capítulo utilizou-se, principalmente, a técnica de *Histórias de Vida*, que, de acordo com Queiroz (1983), trata-se de uma das técnicas mais fascinantes e profundas para estudos na área de ciências sociais. Chizzotti (2008) definiam como relato retrospectivo das experiências de um indivíduo ou grupo, mas que, remetem a vivências coletivas. Para o autor, quando a técnica foca em grupos sociais, onde se devem buscar as convergências dos relatos sobre o mesmo acontecimento. Ainda, de acordo com Queiroz (1991), a história de vida se define como:

“o relato de um narrador sobre a sua existência através do tempo, na tentativa de reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.

(Queiroz, 1991 p.82).

Ecléa Bosi (1994) promoveu discussões substanciais sobre “histórias de vida” e a memória como objeto de análise. Para a autora é fundamental perceber, a relação entre o que “fica” e o que “não fica” nas memórias de indivíduos e seus

significados afetivos e sociais. É de suma importância pensar criticamente, pois, ao refletir experiências extraídas do passado, o sujeito deve considerar as interações que permeiam o ato da comunicação, cujo processo híbrido perpassa o passado e o presente para a construção do futuro.

A interação não esgota o alcance da comunicação. Caso contrário, nós nos comunicaríamos apenas com os contemporâneos o que seria uma grande perda. E há formas de comunicação insubstituíveis como a conversa espirituosa entre amigos [...]. Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época [...]. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo. (Bosi 2003, p. 19).

A memória não se enraíza somente às continuidades temporais, ela está arraigada nas lembranças, nas descontinuidades, nos traumas e em tantas outras manifestações. Pois, esta memória está ligada a um tempo vivo, que rompe com as cronologias lineares, que se abre para o passado e para o futuro; é o tempo onde os acontecimentos estão no âmbito do agora, no tempo dos acontecimentos e dos eventos. (Bergson, 1990).

Para Bosi (2003), os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna, não nos permite um enraizamento num dado espaço, ou numa comunidade, mas estes continuam sendo um direito humano fundamental.

O ser humano tem uma raiz por sua participação real numa coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. (Bosi 2003, p 75).

Ainda, de acordo com Bosi 2003, o desenraizamento é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios, da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças.

Existe uma memória que não é linear, mas atemporal, imemorial e descontínua. Para Bergson (1990), essa memória é sentida no interior das experiências vividas, no curso do tempo, como uma variedade indivisível e heterogênea, que a cada instante se altera, se alarga, se contrai, reconfigurando instantes já passados, criando expectativas para instantes futuros.

Para Toledo (2009), transmissão do conhecimento se dá por meio da língua e, até onde se sabe, não lança mão da escrita; quer dizer, é um conhecimento ágrafo. A memória é então o recurso mais importante da vida desses povos. Sendo um conhecimento que se transmite no espaço e no tempo pelas lembranças.

O grupo social representa mais do que o conjunto de oportunidades, a partir das quais se concretizam as ações individuais, ele é a matriz, na qual a individualidade se estrutura e na qual, se desenvolvem as ações significativas da pessoa, efetuadas no espírito de pertencer e de participar. (Bosi, 1994).

O histórico contínuo revela um formidável mecanismo de memorização, quer dizer, de representação, formação e manutenção de lembranças, que no fundo expressa certo “código de memória”. A revalidação desse processo se expressa, claro, na práxis, quer dizer, no êxito das práticas que permitem as lembranças sobreviver ao longo do tempo sem destruir ou deteriorar sua fonte original de recursos locais. (Toledo, 2008).

2.2- A aplicação do método

Os relatos sobre as histórias de vida dos agricultores (as) foram coletados através de entrevistas, com roteiros semi-orientados, que, de acordo com Queiroz, 1991 permite ao entrevistado (o) discorrer sobre a sua vida, com poucas ou quase nenhuma intervenção da pesquisadora. (Ver roteiro 01 no Apêndice- A).

No total foram realizadas 18 entrevistas, duas com cada agricultor (as). As entrevistas foram gravadas e totalizaram 22 horas e 46 minutos de gravações. Em seguida, foram transcritas e descritas, tomando por base o conceito de Queiroz (1991), onde cada história de vida, depoimento pessoal deve ser documentada, com base no valor da transmissão das informações, de modo, a conservar a maioria dos detalhes, não cabendo ao pesquisador interpretar ou analisar os depoimentos e sim descrever.

Todas as entrevistas ocorreram nas casas dos agricultores (as), o que permitiu conhecer parte dos seus familiares e vivenciar, mesmo, que brevemente o arranjo familiar de cada um. Bosi (1994) analisou que esse aspecto é de fundamental importância, visto que, frequentemente as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, no jardim, na escada ou na despedida no portão.

Queiroz, discorrendo sobre a complexidade da passagem do oral ao escrito (registro e transcrição da entrevista) descreveu a impossibilidade de se recuperar o vivido em todas suas nuances:

“o documento escrito, resultado destas duas fases, é uma pálida cópia da realidade, e é sobre esta pálida cópia que trabalha o pesquisador” (Queiroz, 1983, p. 85).

As três fases de utilização dessa técnica, a saber: gravação, transcrição e análise, demandaram, não apenas formação teórica e metodológica, mas também, sensibilidade, afetividade e respeito para com os entrevistados (as), condições necessárias para que pudesse penetrar o universo pesquisado e melhor compreendê-lo.

Partindo do pressuposto, de que, a memória dos indivíduos se constrói em seu relacionamento com: a família, a classe social, a escola, a igreja, a profissão, os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo, a técnica de histórias de vida possibilitou alcançar informações, a respeito das trajetórias de vida desses agricultores (as).

Nessa etapa foi possível ouvir relatos desses agricultores (as), desde suas vivências no local de origem, até chegada, até a chegada em Montes Claros. Além disso, pôde-se entender a lógica produtiva da agricultura praticada por eles (as), bem como norteou, a compreensão dos processos de construção e renovação dos conhecimentos tradicionais desses migrantes rurais, em meio ao espaço urbano.

3- MIGRANTES RURAIS URBANIZADAS EM MONTES CLAROS

A partir de agora serão apresentadas parte das histórias de vida dos nove migrantes rurais, agricultores (as) que se tornaram docentes camponeses no Sítio de Saluzinho, tendo em vista, o estudo dos seus conhecimentos tradicionais, a partir das lembranças presentes em suas memórias.

3.1- As lembranças da vida e as histórias reveladas.

Ana Maria Teixeira

70 anos - casada - mãe de seis filhos - avô de onze netos – agricultora - dona de casa
 Monitora no Sítio de Saluzinho desde 2015.



Eu nasci em um lugar chamado Vereda, na zona rural do município de Salinas. Vereda era fazenda era o proprietário era meu avô, Clemente Teixeira. Meu pai trabalhava em regime de meia¹⁸. Era um lugar deserto, a gente andava um quilômetro, dois quilômetros para encontrar gente morando... o primeiro vizinho era Severiano e Dona Rosa.

Minha mãe também nasceu nessa mesma fazenda. Aliás, nasci no mesmo lugar que ela nasceu. Já meu pai era do Mato Grosso do Sul, mas não sei se ele nasceu na cidade, ou na roça. Eu tenho 10 irmãos vivos; na verdade eram 14, mas quatro morreram enquanto ainda eram crianças. Mas nasceram todos vivos, um nascia aleijado depois morria de paralisia... Naquela época não tinha pré-natal, era muita luta, muito sofrimento.

Quando eu tinha 13 anos de idade, a minha família ficou desagregada, pois mataram meu avô por causa de brigas por terras na região. Então, na época, nós fomos morar em um povoado que chamava Curral de Dentro - agora já é cidade e está a coisa mais linda de se ver. Essa cidade situa-se em uma trempe¹⁹ - Salinas está de um lado, do outro lado tem Taiobeiras e no meio tem essa cidade.

Em Curral de Dentro moramos em casa de palha e barro conhecido na época como rancho de beira chão²⁰. A gente foi criado sofrido demais, demais mesmo. Mamãe era doméstica, lavava roupa pra fora e papai era lavrador, trabalhava na fazenda do meu tio Zé, plantava de meia também, o que colhia tinha que dividir.

Com 10 anos eu comecei a ajudar papai e mamãe na roça, ajudava muito! Comecei desde cedo, ajudava a plantar mandioca, feijão e também trabalhava nas

¹⁸ Modalidade de combinação para uso da terra, onde o o dono do terreno cede parte das terras para outro agricultor cultivar com seus próprios recursos e a produção é dividida meio a meio entre o dono do terreno e o lavrador.

¹⁹ Relativo à cidade se encontrar numa encruzilhada, entre outras duas cidades.

²⁰ Tipo de moradia com as paredes feitas de barro e telhados de palha.

casas dos fazendeiros lavando vasilhas pra ganhar comida, com isso nem estudei direito.

Na verdade, estudei até a terceira série só, mas não sei mais nada, porque eu tive meningite. Esqueci tudo, escrever eu até escrevo, mas pra ler é uma “benção²¹”. A escola até que era perto de casa, mas a dificuldade maior de ir a escola era porque eu tinha que trabalhar muito. Ah! Eu gostava muito de matemática, vixe! Como eu gostava de matemática, era muito boa! Fazia qualquer conta de cabeça, mas tive que parar de estudar pra ajudar a minha mãe, porque ela adoeceu e não aguentava...

Eu era bem magrinha, mas mesmo assim trabalhava na casa do pessoal pra ganhar comida e levar para os meus irmãos mais novos, por isso não deu certo continuar estudando. Mas pensando bem, meus pais não sabiam nem assinar o nome, então foi uma vitória eu e meus irmãos aprender. Dos meus irmãos, os que estudaram mais estudaram foram até a 5ª série, outros só até a 3ª série mesmo.

Mesmo com todo sofrimento que passamos, eu sinto saudades dessa época. A gente não tinha tempo para brincar, nem mesmo na escola. Na hora do recreio, por exemplo, as professoras me davam pão e eu levava de merenda para os meus irmãos pequenos que estavam em casa. Do meu irmão mais novo eu que tomei conta, desde os sete meses de vida, eu tinha 10 anos na época, além desse, eu praticamente ajudei a criar todos os meus irmãos.

Tenho muitas lembranças boas da minha infância. Lembro-me das bonecas de pano que minha mamãe fazia pra nós. No geral, a gente não tinha tempo de brincar às vezes só nos dias de domingo que a gente dava uma “brincadinha²²”, mas era muito difícil sobrar tempo. Quase não brinquei, não tive tempo; quando sobrava um tempinho brincava com meus irmãos mesmo e às vezes com as vizinhas.

Quando eu estava com uns 15 anos comecei a ir para umas fazendas dos meus tios, para trabalhar e ajudar a minha mãe, pois ela era muito doente e papai também ficou doente, uma carroça passou em cima dele, então foi uma época muito difícil para nós.

Com 22 anos saí de Curral de Dentro, era meados dos anos 70, casei no dia 09 de fevereiro de 1970, meu esposo também é de Curral de Dentro, mas ele veio cedo para Montes Claros para trabalhar. Depois que casamos, nós ficamos lá uns seis

²¹ Utilizado de maneira oposita, para falar que não saber ler.

²² Para definir o pouco tempo que tinha para brincar.

meses e viemos embora para Montes Claros. Saímos de Curral de Dentro por causa da dificuldade, que era de arrumar emprego e como o meu marido já tinha trabalhado aqui em Montes Claros, decidimos mudar para cá.

Aqui fomos morar nas fazendas. Primeiro numa fazenda chamada Canaci, onde eu trabalhava demais, plantava muita roça, feijão, milho, abóbora, andu, horta e criava muita galinha, tudo pra nós mesmo. Fazia queijo, requeijão, era muita luta. Depois que eu tive meu primeiro filho, o Marcos, fui para outra Fazenda, chamada Mangal, que ficava perto do Rio Verde, onde tive mais quatro filhos e ficamos por mais cinco anos.

A gente trabalhava nas fazendas. Naquela época era criado como escravo era uma época bem difícil, mas ao mesmo tempo, era bom, porque não tinha essa violência que a gente vê hoje em dia. Quando meu marido empregou na Frigonorte²³ viemos para a cidade, morar de aluguel. Eu morei na Rua Curvelo por três anos, aqui no bairro Renascença mesmo. Depois nós compramos esse pedacinho de chão aqui e graças a Deus estamos até hoje, já tem 30 anos que moro aqui nessa casa.

Quando cheguei à cidade eu lavava roupas para fora, trabalhei de faxineira e fazia biscoito pra vender. Como a gente não tinha muita terra para fazer lavoura, eu plantava só hortaliças no quintal de casa mesmo. Eu plantava couve, alface, coentro, cebolinha, chuchu, cana, abóbora, mamão, produzia para usar na alimentação, mas também vendia, era uma maneira de ter um dinheirinho a mais.

Já tenho 58 anos de casada. Bodas de ouro já! Tenho seis filhos, as três meninas moram tudo aqui comigo e os meninos, dois construíram as suas casas aqui no fundo do quintal e o outro mora em uma roça aqui perto, mas tudo aqui em Montes Claros. Tenho 11 netos, dessas apenas duas que moram fora: uma em São Paulo e outra em Montezuma²⁴.

Hoje o que eu faço mais mesmo é bordar, fazer crochê, cuidar da casa, cuidar da roupa e trabalhar lá na UFMG, no Sítio de Saluzinho, de vez em quando. Não sou aposentada, pelejei, mas não deu certo. O Meu esposo é aposentado, não trabalha mais e, aqui em casa atualmente moram sete pessoas, três filhas, dois netos, meu marido e eu.

²³ Frigorífico de carnes, localizado na cidade de Montes Claros.

²⁴ Município da região norte mineira.

Ainda visito muito Curral de Dentro. Mas quando eu vim embora de lá, demorei muito tempo para voltar, acho que mais de 10 anos, porque a situação era difícil, a gente não tinha dinheiro para ir. Depois a situação melhorou um pouquinho e fui ver o meu pai; depois de um ano e meio, voltei pra ver a minha mãe. Hoje sempre voltamos, pelo menos uma vez por ano, porque ainda tenho três irmãos que moram lá.

Quando chego lá a gente conversa sobre tudo, até das cobras que a gente via nos matos - cada bitelonas!²⁵ - das arapucas que a gente armava pra pegar passarinho pra comer: pegava juriti, lambu... Saudades dessa época. Eu gosto de roça demais... Saudades das conversas sobre o tempo que gente ia buscar água na cabaça, a cabaça quebrava e mãe dava uma surra em nós - a gente carregava água de um rio longe, eu lavava roupa no rio, eu tenho saudade. Uma vez, o rio encheu com meus irmãos tudo dentro dele, meus irmãos eram pequenos! Eu cortei uma corda de macaco²⁶ no dente e joguei dentro do rio e tirei um por um, senão ia morrer tudo afogado.

A gente levava as roupas, pra lavar nas gamelas²⁷ de pau, que pai fazia pra gente. Papai fazia vários tipos de gamelas: uma para fazer biscoito, umas para lavar os pratos, outras para lavar roupas. Mamãe que ensinou a gente a lavar roupas, ensinava a colocar pra quarar²⁸, a bater as roupas nas pedras, enxaguar nas águas do rio e colocar a gamela na cabeça para levar as roupas lavadas para casa.

Tudo que sei sobre a roça, plantação, eu aprendi com meu pai e com minha mãe. Não convivi muito com a minha vó e meu vô por parte de mãe, porque eu era muito nova, quando mataram ele. Os avós por parte de pai, eu não conheci ninguém, porque eram do Mato Grosso do Sul. Papai ensinava como que tinha que plantar: quantos caroços é que jogava [na cova], como tinha que deixar a terra, eu plantava certinho desde os 10 anos.

A terra na Fazenda Canaci, onde moramos, até que era boa, mas a gente criava mais galinha, só plantava horta na beira do rio. Já, a terra daqui de Montes Claros é bem pior, para melhorar a gente pegava terra preta²⁹ de outro lugar, de umas baixadas³⁰ e misturava bastante com esterco aí ficava boa. Também pegava terra

²⁵ Para denominar o tamanho grande dos animais.

²⁶ Tipo de planta, que dá um tipo de ramo parecido com um cipó.

²⁷ Vasilha com a forma de uma tigela ou bacia, esculpida em madeira retirada de árvores cuja madeira é macia.

²⁸ Ato de clarear a roupa com a exposição ao sol.

²⁹ Tipo de terra fabricada por agricultores e muito utilizada em Montes Claros para o plantio.

³⁰ Lugar mais baixo onde costuma retirar o solo para a produção da terra preta.

preta aqui mesmo no Bairro, na Rua Batista Cordeiro, perto do rio, mas o rio está muito poluído, hoje evito pegar.

Essa terra preta é boa, porque ela não fica muito compactada, ela é mais solta, mais fofinha, é bem melhor. Com a experiência, a gente conhece o solo, o que é bom o que ruim.

Aqui na cidade converso com aquelas pessoas mais idosas que já trabalhou na roça, que conhece, como a irmã Ila, como dona Rosa³¹, com Ione. Normalmente uma vai à casa da outra para visitar, as vezes é na igreja mesmo, e também na UFMG, lá no Sítio de Saluzinho.

Gostamos de conversar porque é bom demais se lembrar daquela época, pois a gente tinha a sabedoria. Por exemplo, ninguém sabia o que era inseticida, a gente fazia era uma mistura de folhas de mamona, com palha de alho e pimenta do reino para jogar nos insetos, com isso, a gente comia tudo saudável sem nada de química.

É sempre bom conversar, porque a gente se informa e porque deixa esse conhecimento de herança para os filhos, para os netos. Tenho um filho que gosta muito de plantar, ele planta de tudo lá na roça, num sítio que ele tem aqui perto.

31 Agricultoras monitoras nas oficinas do Sítio de Saluzinho - UFMG

Arabela Veloso de Oliveira

59 anos- casada - mãe de três filhos - dona de casa - agricultora.
 Monitora no Sítio de Saluzinho desde 2014



Eu nasci em Botumirim, na zona rural, em um lugar chamado Vargem Bonita, fica a margem do rio Itacambiraçu. Meu pai é da mesma localidade, já a minha mãe, acho que nasceu em Pompéu, mas eles eram de lá mesmo. O terreno que morávamos era herança dos meus avós maternos, tinha a sede, a fazenda que foi dividida para os filhos, e cada um ficou com a sua parte.

Os meus avós foram para São Paulo e viveram um bom tempo lá, depois voltaram para Botumirim; por conta disso, a juventude de mãe foi na roça mesmo. Ela e pai ficaram viúvos cedo; os dois, quando se casaram, cada um já tinha três filhos dos casamentos anteriores. Então, tenho irmãos que são só por parte de pai, outros só parte de mãe e os "legítimos" - de pai e mãe - são seis; no total são doze irmãos.

Quando pai casou com mãe, todos foram morar juntos - os filhos de mãe, os filhos de pai e depois veio a gente. Os irmãos por parte de pai casaram primeiro e saíram de casa; já os três de mãe: um ainda jovem saiu pra trabalhar, porque não tinha emprego na roça, então, ele foi para Itacambira e depois para Belo Horizonte e, está lá até hoje; outro, só casou bem depois; e a irmã veio para Montes Claros trabalhar.

Essa localidade que eu nasci ficava longe da cidade. Naquele tempo a gente não falava quilômetros, e sim em léguas, dava aproximadamente umas 3 léguas que convertendo dá mais ou menos 18 km. Na época não tínhamos eletricidade, a nossa luz era através de candeia³² com pavio de algodão, que a gente mesmo produzia, para acender utilizava querosene e quando não tinha era usado o azeite de mamona. Nós mesmos produzíamos as linhas para costurar, fiava no fuso para fazer as costuras e remendar. A gente usava muito roupa remendada, porque na roça rasga

³² Utensílio feito de alumínio ou latas velhas, onde é colocado algum tipo de líquido inflamável e por meio de um pavio serve para iluminar.

muito roupa, principalmente os homens, que mexem mais na lida no campo, cada um tinha o seu fuso de fiar, a gente fazia as roupas das bonecas, mãe fazia colchas de retalhos. Tudo era feito manualmente mesmo.

Ao completar uns seis anos todos iam para roça, mesmo que não fosse para trabalhar, íamos acompanhar os pais e os irmãos mais velhos, mas ajudávamos com o que a gente podia. Pai e meus irmãos mais velhos faziam as covas para plantar e, os mais novos vinham colocando as sementes, ou tampando. Eu ajudava também a arrancar o feijão quando estava maduro, porque esses serviços mais leves criança podiam fazer.

Depois de certa idade, por volta dos dez ou doze anos todos nós íamos para a lida da roça, plantar, limpar, colher, arrancar feijão, quando o arroz que ia usar na alimentação estava acabando, a gente raspava o arroz maduro para torrar e socar. Socava tudo com pilão. Como não tinha os artificios de eletricidade então beneficiava os produtos - seja arroz, café, o milho - tudo no pilão. Utilizava gordura de porco, ou o óleo das castanhas do coco macaúba para fazer as comidas. O nosso sabão também era feito com coco macaúba, naquele sistema de pubar³³ o coco.

A gente brincava muito: de pega-pega, de roda, porta bandeira, guarda meu anelzinho, esconde-esconde, peteca, queimada. A gente fazia peteca com a palha da bananeira e penas de galinhas. As nossas bonecas eram de pano, meus irmãos faziam pião de madeira - aquele com cordão -, também fazíamos o bilboquê³⁴ com o fundo de cabaça de uma fruta chamada coité. As brincadeiras que tinham na época e os brinquedos eram tudo feito por nós mesmos.

Eu estudei na roça até a 3ª série, porque era muito difícil, a escola ficava longe de casa, não vou recordar quantos quilômetros, mas sei que era longe... Estudávamos à tarde, então tínhamos que almoçar por volta das nove horas da manhã, para sair bem cedo de casa; às vezes, a gente ia a cavalo, mas, na maior parte das vezes, íamos a pé, por isso saíamos bem cedinho de casa.

Vivi até uns quinze, ou dezesseis anos na zona rural, depois vim para Montes Claros. Durante esse tempo que morei na roça, a gente era agricultor mesmo, vivia do que plantava e colhia. Naquele tempo não tinha quase nada industrializado, vivíamos num sistema de trocas. Na casa dos meus pais, se a gente tinha arroz e não

³³ Abrir o buraco no chão, normalmente na beira de córrego ou brejo e coloca o coco para apodrecer.

³⁴ Brinquedo que possui uma base com furo no meio com uma bola amarrada por uma corda a um bastão, a brincadeira consiste em jogar a bola para o alto e tentar que ela encaixe no bastão.

tinha feijão, trocava arroz por feijão com vizinhos, era comum trocar um produto pelo outro quando não tínhamos dinheiro para comprar. Então, os alimentos eram conseguidos através da produção, ou por meio da economia de trocas, tipo economia solidária.

Eu acho que eu vim pra Montes Claros com uns doze anos, mas não de forma definitiva, a gente vinha ficava um ano ou dois e voltava para a roça de novo. Eu mudei definitivamente para cá aos quinze anos, para estudar e trabalhar. Quando fiz a quarta série eu já estava com quase com uns dezessete anos, porque era difícil conseguir vaga em escola pública. Por exemplo, para entrar numa escola estadual, era preciso que tivesse algum conhecido lá dentro para arrumar vaga, apesar de ter o processo seletivo; como a gente tinha estudado na roça, não tínhamos muita facilidade para passar.

Eu concluí a quarta série na Escola Francisco Sá e até a oitava série na Escola Normal Plínio Ribeiro, não arranjei mais vaga e tive que estudar numa escola particular, depois casei, engravidei e tive que parar de estudar, só conclui os estudos em 1998 porque fiz supletivo.

Quando cheguei aqui em Montes Claros, trabalhei como babá. Já tinha uma irmã que trabalhava nessa mesma casa, minhas irmãs todas ficavam lá trabalhando, uma delas trabalhou na casa dessa família desde a adolescência até casar. Essa família, com que a gente ficava aqui, morava na Rua Altino de Freitas, hoje têm os apartamentos, que ficam na esquina da loja Ti; essa família se mudou para a Rua Santa Maria e mudamos para o Melo junto com eles, e, por fim, para a Rua Governador Valadares.

Depois de um tempo, eu saí da casa dessa família. Fui trabalhar no comércio e morar com a minha irmã que já era casada. Eu levantava cedo para ir trabalhar e ficava o dia todo no serviço, levava o almoço para facilitar, mas mesmo assim, estava muito difícil porque minha irmã morava longe demais do meu trabalho. Devido a isso, saí da casa da minha irmã e fui morar numa república com umas meninas de Porteirinha, morei um tempão com essas meninas.

Pouco antes de casar, eu saí da república e fui morar com minha família. Nesse período meus pais eles vieram morar aqui, porque durante um tempo as coisas ficaram ainda mais difíceis lá na roça, não estava produzindo praticamente nada, tudo que plantava não vingava, porque, não chovia.

Como só estava meus pais e dois irmãos morando na roça, eles acharam que aqui em Montes Claros iria dar certo. Pai vendeu as terras e montou um comércio aqui de produtos alimentício: arroz, feijão essas coisas de roça, só que, essa mercearia não prosperou. Meu irmão não tinha conhecimento do comércio para poder lidar com receita federal, os produtos foram acabando e, não tinham mais dinheiro para repor as mercadorias. Além disso, ainda pagavam aluguel, do ponto comercial e da casa para morar, pois o dinheiro da venda das terras não foi suficiente para comprar uma casa. Eles se viram sem condições de permanecer aqui e voltaram pra trás. Lá em Vargem Bonita como já não tinham mais a casa, foram morar na casa do meu cunhado, cultivando e plantando em regime de meia. Quando eles foram embora, eu aluguei um barracão e fiquei morando junto com outra irmã. Depois casei.

Meu esposo Pedro é de Capitão Enéas. Quando a gente se conheceu, ele trabalhava na empresa de ônibus, na Transmoc de fiscal, logo ele passou a ser motorista. Depois ele saiu dessa empresa e foi trabalhar na empresa São Pedro.

Nós ficamos morando no barracão que eu morava quando era solteira por um tempo, em seguida precisamos mudar, primeiro fomos para a rua Bocaiúva, depois para a Avenida Ovídeo de Abreu, a minha sogra morava lá e tinha uns barracões no fundo onde ficamos até conseguir comprar o lote aqui no Maracanã, onde praticamente criei meus três filhos.

O quintal aqui era grande e a maioria de terra, por isso, já tivemos uma horta boa no quintal. Nós plantamos umas arvores grandes, manga, caju, que fez muita sombra e não deu mais para fazer horta, além disso, tem uns três anos que construímos uma área de churrasco nos fundos da casa e não sobrou espaço com terra para plantar, mas mesmo assim, a gente dá um jeito, cultivamos algumas plantas em um pequeno canteiro e também em vasilhas.

Ainda visito bastante Vargem Bonita, meu irmão, sobrinhos e sobrinhas moram lá perto. Quando chego lá, conversamos sobre os tempos passados, visito as roças. Oh! Saudade boa. Sempre trago coisa da roça pra cá, adoro trazer mudas de plantas; tem umas flores no meu quintal que eu trouxe de lá, o cheirinho delas me faz lembrar minha infância.

Carmelita Soares Nobre

66 anos - mãe de dois filhos - avó de dois netos - dona de casa - agricultora - artesã
 Monitora no Sítio de Saluzinho dede 2015 a 2017.



Eu nasci em Rio das Pombas, uma roça que fica no município de Nova Canãa, perto de Vitória da Conquista-Bahia. Essa roça era uma fazendona, hoje quase não tem ninguém, mas na época que morava lá, tinha mais de quarenta famílias que moravam nessa fazenda. Essa fazenda era do meu avô, só que ele vendeu boa parte das terras para outras pessoas, e os filhos dele ficaram praticamente sem ter onde plantar, com isso, meu pai comprou um

pedacinho de terra lá perto, no lugar chamado Calumbi. Aí fomos trabalhar na nossa terra. Minha mãe era de Nova Canãa, mas o meu pai era do Sul da Bahia, só não sei de onde. Tenho sete irmãos, uns moram em São Paulo e outros ficaram lá na Bahia mesmo.

Na época que morava na roça, a gente trabalhava com lavoura, principalmente, com café, mas plantava de tudo, feijão, mandioca, milho. Eu comecei a ajudar meu pai com uns oito anos, ia para a roça, apanhar café, plantar mandioca, colher feijão, fava, mandioca, de tudo nós tínhamos. Trabalhamos com plantação de fumo, nós plantávamos cada “maiada”³⁵ de fumo. Meu pai colocava a gente para manocar³⁶ esse fumo, depois pra colher, a gente colhia tudo e pendurava nos telhados da casa, para esperar secar e ficar bom de ensacar pra vender. Aquilo tinha um cerol, um fedor!

Na minha infância brincávamos mais de esconde-esconde, de anelzinho, correr, cantar cantigas de roda. Não tinha brinquedos, as bonecas eram feitas de pano que mãe fazia para nós. A gente também brincava de casinhas feitas com palhas de coco.

³⁵ Utilizou para referir a plantação de fumo.

³⁶ Tirar os brotos novos dos pés de fumo.

Era um tempo bem feliz, mesmo com todo sofrimento da lida na roça, ainda assim era melhor do que hoje, que ninguém dá valor.

Eu estudei só até a quarta série. A escola ficava perto, íamos a pé mesmo; levava mais ou menos meia hora para chegar. Na roça é difícil estudar; às vezes, sai um professor e não volta outro para substituir, outras vezes, a gente parava de estudar para trabalhar na roça e até se esquecia da escola. Eu fui aprender um pouco, depois que mãe entrou no Mobral³⁷ para aprender a assinar o nome dela, eu ia de companhia e estudava também.

Quando eu tinha 16 anos, nossa família foi morar no comércio (cidade), eu falei pro meu pai, que estava na hora de eu caçar um jeito de trabalhar fora pra ajudar eles. Com dezoito anos saí de lá, porque não tinha serviço e eu tinha de arrumar um emprego. Então, fui pra São Paulo. Arrumei serviço com uma mulher e morei lá por um ano, depois essa mulher veio para Montes Claros e eu vim pra cá com ela, continue trabalhando na casa dela até casar.

Eu casei aqui em Montes Claros mesmo, meu esposo era de São Francisco, mas ele já morava aqui e trabalhava como carroceiro. Quando casei, morei primeiro na Vila Brasília, na chácara de Doutor Luís. A gente plantava de tudo nessa chácara. Foi nesse período que voltei a plantar, pois fiquei muito tempo sem mexer com terra, sem fazer sequer uma hortinha, porque eu morava na casa da minha patroa e lá não tinha como eu fazer essas coisas. Mas nunca esqueci nada que aprendi sobre a roça, quando era criança com meus pais... “- Quem é que esquece as coisas boas da vida?”. Voltei a plantar porque eu gosto.

Hoje, além lavar as roupas ainda na casa da senhora com que trabalhei muito tempo, desde São Paulo, invento de tudo um pouco:, faço minha rocinha e meus artesanatos de crochê. Também sou aposentada e recebo a pensão do meu marido, esse dinheiro dá para eu viver tranquila com meu filho que, ainda mora aqui comigo.

Costumo voltar sempre em Nova Canãa, tenho uma irmã que ainda mora lá. Ela tem um quintal enorme, cheio de coisas plantadas: laranja, abacate, manga, tem de tudo, às vezes eu trago umas muda pra cá. Quando chego lá, lembramos os ensinamentos que aprendemos com os nossos pais, das coisas da roça, do lugar em que fomos criados... Nossa! Fomos criado em casa de palha e “taipa de vara”, mesmo

³⁷ Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um órgão do governo brasileiro, instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968 conforme autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 durante o governo de Emílio Garrastazu Médici no Regime Militar.(http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5379.htm)

assim, era tão bom! Eu não me esqueço de nada. Além disso, vou sempre, porque começar o ano na Bahia é bom demais. Esse ano, em março, eu fui lá, fiquei quase um mês na casa da minha irmã. É bom demais, tá doido, moço.

Francisca Maria da Silva

62 anos - mãe de quatro filhos - avó de 16 netos - dona de casa- agricultora
 Monitora no Sítio de Saluzinho desde 2015.



Nasci numa localidade chamada Tapera, que fica em Riacho dos Machados. Não sei falar, ou descrever muito bem essa roça, porque quando saí de lá muito pequena, mas lembro bem, que era uma roça. Também não sei dizer, se os meus pais eram de lá, eu não conheço quase nada da minha família. Tinha quatro irmãos, mas uma morreu.

Sáimos da Tapera, porque minha mãe veio procurar tratamento aqui em Montes Claros para os olhos que tinham dado problema. Quando chegamos aqui, pai também adoeceu. O meu irmão trabalhava de ajudante de caminhão pegando areia, para poder ajudar a pagar o aluguel e as contas.

Quando viemos morar em Montes Claros eu tinha uns cinco anos de idade, fomos morar no bairro Delfino. Sempre tive que ajudar a minha mãe, porque ela não enxergava, eu era o braço direito dela. Então, eu tinha a responsabilidade de pegar água na cabeça, porque não tinha água encanada, buscar lenha no mato. Morei nesse lugar, aproximadamente dez anos. Aos quinze anos eu engravidei, tive uma filha e após o parto, quando a minha filha tinha uns 4 meses, eu fui embora para São Paulo com o pai da minha filha. Entre idas e voltas morei uns onze anos em São Paulo.

Ao retornar de São Paulo fui para o bairro Cintra, depois para o bairro Alvorada e após a minha separação, ainda morei em vários lugares, mas posso dizer, que onde mais fiquei foi no bairro Alvorada. Depois vim para a Vila Sion, onde moro até hoje.

As nossas brincadeiras eram roda, amarelinha... Já de boneca quase não brincava, porque eu não tinha boneca. Desejava muito ter uma boneca de borracha – [se falar que não tinha boneca estaria mentindo, porque na época do Natal, a gente ganhava, mas eram aquelas bonecas feitas de papelão, que não podia molhar]. Mas

eu queria mesmo, era ter uma de borracha, eu ficava sonhando pra ganhar, mas nunca tive.

Eu não estudei praticamente nada, sou autodidata. Só fui à escola aprender as primeiras letras, depois eu aprendi a ler sozinha. Quando me perguntam eu sempre coloco que estudei até a quarta série, mas é por vergonha, porque eu nunca estudei. Eu até ia para a escola, só que não tinha luz elétrica, usavam umas lanterninhas com negócio azul chamado carboneto, aquilo era fedorento demais e, eu tinha alergia, não aguentava ficar na sala de aula. Apendi me virando sozinha, lendo revista em quadrinho, aquelas do Tio Patinhas.

Não tive muita vivência com a roça, propriamente dita, mas creio que eu já nasci gostando de plantas. Na casa que morei no Jardim Alvorada, não tinha quintal, era só a casa, a frente que dava para a rua tinha um pedacinho de terra, um corredorzinho, nesse lugar eu plantei um pé de Buganvílila³⁸, essa planta ficou tão bonita. Como não tinha muito espaço no chão para cultivar eu acostumei, desde então, a plantar nas vasilhas, nos vasos. Depois que comprei esse terreno, que tive a oportunidade de plantar mesmo. Apesar de que, quando morei em São Paulo com meu ex-marido a gente fazia roça; quero dizer, ele plantou roça e ajudei colher.

Eu vou aprendendo com a vida sobre agricultura, lavoura e roça. Posso dizer que, tudo eu aprendi com a vida, também prestando muita atenção nesses programas de agricultura na televisão, mas a maioria das coisas que faço está no meu instinto. Vou experimentando, se a terra não está boa, sem nutriente, eu tento colocar nutriente para ela desenvolver; às vezes vou trocando a planta de lugar, até ela melhorar e se adaptar com o tipo de solo, não tive ninguém que me ensinasse, já que minha mãe não enxergava e meu pai era muito doente.

Depois que vim embora da Tapera, passei muitos anos sem voltar lá. Tinha parentes, que eu nem conhecia... Uma irmã, que eu nem conhecia também, até que, um dia ela me encontrou aqui em Montes Claros, aí fizemos uma caravana, alugamos uma van e fomos um monte de gente rever os parentes, como se diz: "De volta pra minha casa". Foi muito bonito o retorno, depois disso, vou constantemente lá, pelo menos a cada dois anos.

Aqui na cidade, eu costumo trocar informações sobre a roça com um moço que faz serviço aqui no meu quintal. Ele conhece bastante, também converso muito

³⁸ Buganvílila (*Bougainvillea sp*)

com dona Carmelita³⁹, ela tem muito conhecimento, porque ela foi criada na roça. Hoje eu sou aposentada e faço as atividades no sítio de Saluzinho na UFMG.

³⁹ Foi monitora no Sítio de Saluzinho até 2017.

João Francisco Gomes

62 anos - casado - pai de dois filhos - avô de um neto - luthier- agricultor
Monitor no Sítio de Saluzinho desde 2014.



Eu nasci no município de São João da Ponte, uma cidadezinha que tem aqui perto. Daqui até lá deve dar 136 quilômetros de distância, tem mais ou menos vinte e cinco a trinta mil habitantes.

Na verdade eu nasci e fui criado na zona rural, meu pai tinha um sítio 25 alqueires que dá na faixa de 100 hectares na localidade chamada Barreirinho, naquela época nós não falávamos fazenda, mas pensando bem poderia ser considerada quase uma fazendinha.

Os meus pais são de Mirabela, mas eu e todos os meus dez irmãos nascemos em Barreirinho mesmo. A comunidade era muito boa, morava muita gente, mais de 50 famílias; devido ao êxodo rural diminuiu muito o número de pessoas, muita gente vendeu suas terras a “preço de banana”⁴⁰ para uns fazendeiros e foram tentar a vida nas cidades.

Lembro que, as pessoas começaram a vender as suas terras, justamente, pelas dificuldades que tinham naquele tempo: elas não tinham acesso ao médico, não tinham um trabalho que provesse a sobrevivência e, além disso, muitos fazendeiros faziam pressão para comprar as terras dos agricultores. E, compravam barato demais, ninguém valorizava.

A terra do meu pai foi “enrolada”⁴¹, chegaram uns fazendeiros na nossa casa com uma conversa mansa e enrolou meu pai. Praticamente, tomou as terras dele, porque ele vendeu, mas não recebeu nem a metade do dinheiro negociado. Como dizer: “nós perdemos tudo”, não restou nenhum pedaço de terra para nenhum dos filhos do meu pai”.

⁴⁰ Expressão utilizada para caracterizar o baixo preço em que as terras foram vendidas.

⁴¹ Para referir-se ao modo como as terras do pai foram expropriadas.

Na época, que tínhamos terra, meu pai doava muitas terras para vários agricultores que não tinham onde morar ou plantar. Chegavam a nossa casa e pedia um pedaço de terra para fazer um barraco, ou, para fazer uma roça e, meu pai dava, eles ficavam o tempo que quisesse, ou fosse necessário, depois iam embora.

Desde pequeno eu sempre fui apaixonado com roça. Sempre gostei de plantar minhas coisas. As poucas vezes que retornei a Barreirinho, eu sempre chorava, pois não gosto muito de visitar, porque vejo o lugar que era nosso, que tinha aquele tanto de pés de frutas, era laranja, manga, caju, e hoje está só aquele bagaço⁴². Os gados comendo o pouco que sobrou. Fico chateado demais, porque, penso “se a gente ainda estivesse lá, nossa! deveria ser um sítio muito bonito!”. Porque tem luz, tem água encanada, tudo que não tinha antes. Naquela época, a gente pegava água na cabeça, em um córrego que tinha nos fundos da casa da gente, as roupas eram lavadas nos rio.

Meus pais sempre trabalharam na roça, não tinha outra opção: o que produzia era utilizado na alimentação, e às vezes vendia. Por exemplo, quando matava um porco, dificilmente era vendido, guardava pra poder comer a carne, a banha usava para fazer as frituras e temperar; então, tudo que produzia era mais para sobrevivência mesmo, pra alimentar, só vendíamos se sobrasse muito.

Acredito que, com seis pra sete anos de idade eu já ia pra roça ajudar a plantar feijão... Era menino pequeno, miudinho, mas eu já encarava a roça. Os mais velhos iam abrindo as covinhas e eu vinha plantando o milho, o feijão, semeava a fava.

As nossas brincadeiras, era a gente mesmo que criava: fazíamos peteca com solas de couro, colocava as penas de galinha e enchia com algodão; brincava de esconder, um tanto de meninos ficavam correndo e escondendo para o outro achar; outra brincadeira que me recordo bem era: “boca de forno” funcionava mais ou menos assim: - [Boca de forno - forno - quando eu mandar vai - se não for – apanha-seu rei mandou dizer que você contasse mais três, aí a pessoa tinha que contar uma história e, se não fosse verdadeira, apanhava três vezes com uma chibata⁴³]. Essa brincadeira foi muito interessante, pois era uma maneira da gente ouvir histórias.

A gente também criava aqueles carrinhos de boi, fazia os engenhos de pau para moer cana, eu sempre gostei de fazer essas coisas. Acho que era pra eu ser

⁴² Para caracterizar o estado como as terras que eram do seu pai encontram-se hoje, destruídas devido a pecuária extensiva.

⁴³ Pedaço de couro, utilizado como instrumento de castigo.

marceneiro, porque gostava demais de confeccionar aquelas coisas de madeira e, meu irmão que acabou se tornando marceneiro. Ele trabalha com qualquer máquina, e, dentro de Montes Claros - não vou falar que ele é o melhor -, mas, pra ganhar dele na qualidade do trabalho é bem difícil;

Era difícil para frequentar a escola naquela época, foi essa uma das razões para sairmos de lá. A escola não existia, quando tinha uma escolinha, ficava muito longe e os professores alfabetizavam mais ou menos, porque eles mal sabiam pra si. Eu fui estudar mais um pouco, quando vim morar aqui em Montes Claros, aqui conclui o primeiro grau, mas por conta do trabalho, correria na roça fica difícil. Eu adoro estudar, adoro sala de aula demais da conta e tenho planos ainda de terminar meus estudos, se Deus quiser. Eu só estou ajustando um irmão pra ficar na minha rocinha, e eu poder voltar à escola, nem que seja o segundo grau, eu vou concluir.

Vimos embora de Barreirinho em 1973. Eu deveria ter uns 15 anos. Nós fomos morar em São Bento, que é uma “comunidadezinha”, perto de Mirabela. Como perdemos nossas terras, fomos com toda a família, só não foram os meus irmãos, que já estavam casados. Ficamos pouco tempo em São Bento, porque minha mãe não gostou e tivemos que voltar pra para São João da Ponte de novo.

De volta a São João da Ponte, fomos morar em outra comunidade, chamada Simão Campos. Com a ajuda dos meus outros irmãos compramos uma casa, onde moramos até meu pai falecer, depois vendemos e viemos embora para Montes Claros; eu vim com minha mãe e meus irmãos.

Praticamente, moramos a vida toda nesse bairro Renascença. Na época foi a opção que pudemos pagar. Morava aqui do lado, o terreno era do meu irmão, depois eu comprei esse lote e fiz minha casa. Quando viemos pra cá, não tinha luz e nem água encanada em lugar nenhum desse bairro, era tipo uma roça. Na rua, em frente da minha casa eu tinha que pegar uma foice para roçar o mato e abrir os trilhos para a gente passar.

Logo que cheguei aqui fui trabalhar de ajudante de pedreiro, depois passei a ser pedreiro. Nossa! Já tive profissão demais! Depois fui mascatear⁴⁴, por fim larguei tudo e fui trabalhar de fotógrafo, trabalhei por mais de 30 anos na profissão de fotografia, e parei há pouco tempo, assim que comprei um sítio e que fui mexer nas roças. Mas eu sempre mexi com a roça, mesmo trabalhando nas outras profissões,

⁴⁴ Vender diversas mercadorias (roupas, panelas, vasilha e diversos utensílios) na rua de porta em porta.

quando chegamos pra cá, um moço tinha uma chácara aqui e, a gente plantava muito nessa chácara, ele deu para a gente plantar, e tínhamos que cuidar da parte dele e da nossa.

Sempre gostei muito de trabalhar na roça, apesar de ser um serviço complicado, continuo gostando de tudo na roça: de fazer cerca, carpi, plantar pé de fruta, molhar, tratar a terra, tirar o leite... nossa! Gosto demais de chegar ao curral e sentir aquele cheirinho gostoso pra tirar um leite.

Por volta dos anos 80 me casei. Minha esposa é de Recife, mas eu a conheci aqui. A família dela veio para Montes Claros, o pai dela era metalúrgico e trabalhava numa metalúrgica grande no Recife, Metalúrgica do Nordeste, só que essa metalúrgica faliu e fechou.

Antes, eu ia mais a Barreirinho, mas agora já faz um bom tempo que não vou. Porque eu sofro muito toda vez que chego e vejo a situação das terras que eram da gente... Mas eu tenho saudades do pessoal, de lembrar aqueles velhos tempos, aquela vida de fazer rapadura, farinha é muito bom lembrar de tudo isso. .

Muita coisa nessa vida eu aprendi sozinho. Com o tempo, a gente vai adquirindo as técnicas e vai aprendendo. O adubamento de uma planta, por exemplo, se você usou um adubo e não deu certo, você precisar ir testando outros tipos, até que, em algum momento você vai achar um tipo que vai dar certo. É como você fazer um experimento, com qualquer coisa em laboratório onde se faz muitos testes e vai descobrindo, o que funciona, ou não, para determinada coisa.

Eu já tive estúdio fotográfico, com laboratório de fotografia. No meu laboratório eu revelava com uma qualidade fora de sério, à maioria dos fotógrafos de Montes Claros mandavam filmes para eu revelar. Minhas máquinas eu mesmo que criei, nelas tinha um aplicador que colocava o filme para projetar a imagem e eu aprendi sozinho, tudo aprendo sozinho, vou testando.

Eu também faço instrumento musical e nunca trabalhei com ninguém para aprender. Eu até fiz um curso com um luthier famoso da cidade, eu fui para aprender, mas quando cheguei lá, sinceramente, tive que ensinar o professor. “Esse professor foi tão humilde, tão bacana, gosto demais dele, ele é gente boa pra caramba, até hoje quando eu o encontro, ele ri e fala: ‘ - Você foi ao meu curso para aprender e acabou me ensinando’”. Desde que era menino pequeno, na roça, que eu sonhava em ter um instrumento, mas a pobreza era tanta na região, que a gente não conseguia ter um

instrumento. Era pra eu ser um artista, mas naquele tempo, quase ninguém tinha condições de ter um violão, ou uma viola.

Na frente da minha casa, na roça tinha um pé de “mulungu”⁴⁵; madeira dele é bem molinha, levinha, eu cortava no formato de viola, furava para fazer a caixa - tudo manual - colocava uns capins e umas cordinhas pra barulhar. Mas nunca tirei da cabeça, o sonho de ter um instrumento bom. De alguma maneira eu sabia que algum dia eu iria conseguir fazer.

Quando eu estava morando aqui em Montes Claros, já tinha estúdio de fotografia, eu falei: “- Hoje eu vou comprar uma viola pra mim”. Fui ao centro da cidade, só que, eu queria violinha magrelinha⁴⁶; as que encontravam não eram do jeito que eu estava procurando. Mesmo assim, comprei uma, mas não fiquei satisfeito com ela, porque ela parecia mais um violão... Isso aumentou ainda mais a vontade de eu fazer a minha própria viola. Pois, eu fiz minha viola. Está comigo até hoje, nossa! Ficou um brinquinho!⁴⁷ O trem mais lindo do mundo, de se ver e ouvir.

Então, hoje eu fabrico minhas violinhas tranquilamente e com qualidade: todas que eu faço tocam direitinho. Faço todas no estilo mais antigo, com o cavalete de bigode. Isso existiu nas violas muito antigas mesmo. Um bom instrumento tem que ter qualidade de som, não importa a caixa, o cara que é profissional, ele vai assuntar primeiro o som, se o instrumento deu o tom que ele precisa, está bom... Tenho uma viola, ela toca filetadinha⁴⁸, os instrumentos de loja, na maioria das vezes não tocam assim.

A questão de fabricar um instrumento, é que às vezes, sai caro e quem não conhece, não compra. Nas lojas uma viola da Rozini, que é uma das melhores marcas, você compra por uns setecentos reais, enquanto uma viola dessas, que eu fabrico, com essa qualidade não sai por menos de dois mil e quinhentos reais. As de lojas, eles fazem em grande escala; não colocam amor, nem capricho, muito menos, a paciência necessária. Por exemplo, o mosaico da boca da viola, eles fazem com um adesivo e tinta, as que eu faço, é tudo com pedacinhos de madeira, quem conhece, bate o olho e já sabe. Então, um instrumento bom, você gasta muito tempo pra

⁴⁵ Árvore de porte médio que ocorre nas regiões de cerrado e caatinga.

⁴⁶ Melhor tipo de viola que existe, de acordo com Sr. João, ela tem o tamanho pequeno e é mais fininha.

⁴⁷ Para dizer que o produto ficou bom.

⁴⁸ Som “limpo” alcança as notas desejadas.

confeccionar. Eu também aprendi a tocar sozinho, não sou tocador profissional, eu toco umas musiquinhas e tal, mas eu estou querendo aprender profissionalmente.

Posso considerar que aprendi tudo sozinho, mas eu costumo conversar com os camaradas, que já viveu na roça, gente costuma trocar bastantes informações. Outras vezes é nas reuniões, que tem na associação dos moradores que troco umas ideias com os amigos.

Júlia Aparecida Amaro Rocha Vieira

40 anos – casada - mãe de três filhos - dona de casa - voluntária na Pastoral da Criança;
Monitora no Sítio de Saluzinho desde 2014.



Eu sou de São João da Ponte, de uma localidade chamada Tiririca. Dizem que tem esse nome, porque lá era muito frio, e o pessoal só tomava banho uma vez por semana, aí colocaram esse apelido; mas não sei se é verdade.

Nasci dia 12 de abril de 1978, minha mãe conta que, quase morria ao nascer, porque nasci justamente na enchente de 78. Comecei a nascer onze horas da manhã e as dezessete horas, mãe estava esperando a placenta sair, para a parteira cortar o umbigo,

porque a placenta não saía e meu pai não conseguia ir até a cidade comprar o remédio por causa da enchente.

A terra onde a gente morava, era herança da minha avó. Meu pai trabalhava de empreitada⁴⁹, pegava serviços numas fazendas e colocava umas pessoas para trabalhar com ele. Além disso, ele tinha um comércio, aquele comércio antigo: uma vendinha, que era bem famosa na região. Minha mãe sempre foi dona de casa, não ajudava muito na roça, porque tinha que fazer a comida, merenda para meu pai levar para o trabalho.

Sáimos de Tiririca porque a escola era muito longe, surgiu à necessidade da gente estudar, principalmente meus irmãos mais velhos. Mãe recorda que para meus irmãos estudarem, era quase o dia inteiro andando a cavalo para chegar à escola e, eles chegavam muito cansados; além disso, os serviços ficaram escassos para pai, ele resolveu tentar a vida em Montes Claros, veio na sorte mesmo e depois voltou para buscar mãe.

Eu vim morar em Montes Claros quando eu tinha dois anos de idade. Desde que me entendo por gente, por volta dos seis ou sete anos sempre ajudei os meus pais. Mãe sempre colocou a gente para fazer os serviços de casa e, pai

⁴⁹ Modalidade de trabalho onde o executor se compromete a realizar o serviço dentro do prazo pré estabelecido, com os valores já acordados.

continuou com o comércio, que era no bairro Roxo Verde. Quando chegamos, primeiro moramos no bairro Delfino, a casa era alugada, por isso tínhamos que ajudar nas tarefas de casa para mãe poder ajudar meu pai no comércio. Depois, quando eu tinha quase 15 anos, meu pai conseguiu comprar um lote, aqui na Vila Atlântida, inclusive, ele precisou vender umas coisas que tinha na roça, umas vacas, para poder comprar esse terreno.

Eu tive contato mais direto com as coisas da zona rural quando mudamos para esse bairro, porque aqui era uma roça! Tinha rio, onde a gente lavava roupas, pegava água, pescava, o pessoal plantava bastante, pois tinha muito terreno desocupado.

Meu pai decidiu comprar o terreno na Vila Atlântida, porque tinha uns parentes que moravam aqui. Antigamente o ônibus passava aqui por dentro, o pessoal que vinha pra cá, ia ficando mais por aqui mesmo. Aí um vem e gosta, já fala para os outros, as casas aqui não eram tão caras. Mas hoje em dia, como tem outra estrada, o pessoal já está ficando mais pro lado do Village, olha como uma coisa faz ligação com a outra.

Quando chegamos pra cá, lembro que a gente sofria muito; as casas eram de fossas ainda, não tinham muros. Além de ajudar nas tarefas de casa, umas vizinhas plantavam hortas e a gente ajudava a molhar pra ganhar umas moedinhas; às vezes ganhava alface, ou outras, verduras. Minha mãe, também tinha uma hortinha em casa, todos os filhos ajudavam, lembro que na época, a gente colhia cada cenoura! Isso era novidade, porque só conheci um pé de cenoura quando era grande. Quando nasceu esse pé de cenoura e a gente viu aquela raiz, foi um sonho. Quando era criança, primeiro tínhamos que fazer as obrigações para depois brincar.

Meu avô e minha avó vieram embora pra cá e moravam conosco, foi bom ter convivido com eles, pois ensinavam muitas coisas pra gente. Tínhamos aquela tradição; de pular fogueira, cantar as músicas de roda, brincar de queimada, não tinham outras opções de brincadeiras. A primeira televisão que meu pai comprou, todos os vizinhos vieram assistir, era aquela emoção em ter uma TV preta e branca para assistir; aí virou rotina: toda noite juntava muita gente na minha casa para assistir a novela, o jornal - temos essa televisão até hoje na roça! Minha mãe é quem fazia os nossos brinquedos, as bonecas eram feitas com caroços de manga, as bolas

de meia, os cavalos de pau, tudo ela ensinava a gente a fazer, até hoje eu não deixei de ser criança.

Eu estudei até o segundo grau completo, a escola ficava perto de casa, eu ia andando mesmo. Todos os meus irmãos, também estudaram, inclusive, uma irmã fez duas faculdades, mas o restante estudou até o segundo grau. Minha mãe nunca estudou, ela sabe fazer o nome, porque alguém a ensinou. Meu pai também não tinha muito estudo, acho que só até a quarta série, ele sabia mais ler do que escrever, mas fazia contas como ninguém! Era difícil alguém “passar ele pra trás”⁵⁰.

O bairro aqui já foi muito tranquilo, agora não; tem umas ruas que são bem perigosas, tem risco, muita droga, tráfico. A pracinha daqui não é tranquila, tem muitas pessoas, que usam drogas, inclusive, crianças. Aqui também tem um terreno invadido, que possibilita que venha muita gente e, de todos os lugares, tem muita gente honesta, mas também tem aquelas pessoas que vem pra badernar.

Eu casei com 24 anos, meu esposo é de Vista Alegre, hoje ele é mecânico de carro a diesel, mas trabalhou muito na roça. Quando ele tinha 20 anos veio para Montes Claros e foi trabalhar de ajudante na oficina mecânica, sem ganhar nada; e hoje ele é o melhor mecânico dessa oficina. Eu trabalho na prefeitura, no postinho de saúde, também auxilio nos trabalhos da pastoral da criança e nas oficinas do Sítio de Saluzinho na UFMG.

Eu vou a Tiririca pelo menos três vezes ao ano, antes até ia mais vezes, mas depois dos filhos, ficou mais difícil. Eu dependo de horário de ônibus, ou carona. Lá ainda tem as casinhas antigas, tem um rio, muita mata virgem, estrada de chão, tudo muito antigo, acho que mais de noventa por cento do pessoal, que mora nessa comunidade são parentes. Meus pais nasceram lá, os meus oito irmãos também.

Nós, a família, decidimos por não vender a casinha da roça, mesmo que seja pequeno, todo mundo quer ir para levar os filhos, os netos. Enquanto puder, vamos manter a casinha lá, porque se vender, o dinheiro não vai dar para fazer nada, além disso, meu irmão mora lá, ele cria galinha, porco, planta sua lavoura. Ficou um lugar para reunir a família, principalmente, no mês de agosto que costuma ter as festas dos padroeiros, que são três: Bom Jesus, São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida.

⁵⁰ Termo utilizado para dizer que era difícil de dar calote no seu pai.

Maria de Lourdes Rodrigues Santos

53 anos - casada - mãe de dois filhos - avó de dois netos - comerciante - agricultora - dona de casa
Docente- monitora no Sítio de Saluzinho desde 2015.



Eu nasci em São Geraldo, Posto Catitu, fica do lado de Francisco Sá. Era uma fazenda do meu avô. Meus pais nasceram e viveram em São Geraldo. Eu e meus irmãos - que são sete - também nascemos lá. Saí de lá pequena, mas deu pra entender mais ou menos, o sofrimento dos meus pais.

A gente morava em casa de Pindoba⁵¹, as nossas camas eram feitas com quatro forquilhas e varas, os colchões eram de palha de milho. Minha mãe era muito caprichosa, ela pegava cinza e misturava com terra de

formigueiro e pintava nossa casa tudo de branco.

Eu lembro quando, a gente começou estudar, era uma escolinha de apenas um comodozinho⁵². Eu e meus irmãos íamos a pé para a escola, nem roupa para vestir direito a gente tinha; vestíamos aqueles panos de saco, que hoje a gente limpar chão. As nossas roupas eram feitas com esse tipo de tecido. Mãe mesmo é quem fazia as roupinhas, ela costurava na mão, pegava um cipó no mato e colocava pra ferver, punha esse pano dentro pra tintar⁵³, e íamos pra escola, felizes, pois era o que a gente tinha.

As sandálias que a gente usava, era aquelas de pneu - esses pneus de carro, meu pai cortava e fazia as correias e, a gente usava para ir a escola. Para a nossa realidade não existia mochilas, a mochila era um embornalzinho⁵⁴, que mãe fazia, só dava para colocar um caderno e um lápis dentro

Para chegar à escola demorava mais ou menos duas horas caminhando, saíamos bem cedinho, por volta das cinco horas da manhã, o galo cantava, mãe

⁵¹ Casas construídas com a estrutura de pau retirados na mata e barro, o telhado eram feitos com folhas de Pindoba (um tipo de palmeira)

⁵² Para caracterizar a escola que possuía só um cômodo, onde todos os estudantes estudavam juntos, as salas de aula eram multisseriadas.

⁵³ Colorir a roupa com tintas naturais.

⁵⁴ Tipo de saco/ bolsa feitos com retalhos ou algodão cru.

levantava, fazia o café para gente tomar e ir pra escola. Ia uma turma de menino dessa localidade, eu não sei por que, mas eu gostava muito de ciências e história.

Meus pais não estudaram, os meus irmãos foram até a quarta série, porque tiveram que trabalhar muito cedo para sobreviver. Eu estudei até o quarto ano, não deu para continuar, porque meu pai adoeceu muito cedo. Em São Geraldo quase todas as pessoas adoeciam muito de chagas, tinha barbeiro demais, inclusive eu também tenho a doença de chagas.

Vimos embora para cidade, porque sobreviver na roça, já não era mais possível, pai não aguentava mais trabalhar na lavoura. Quando viemos para Montes Claros tivemos que pagar aluguel, nossa vida foi muito sofrida, não tivemos como estudar. Meu pai morreu com 45 anos, novo, muito novo!

Muitas vezes, não tínhamos o café para tomar, mãe fervia rapadura na água, o pão era mandioca cozida e para almoçar, na maioria das vezes, não tinha feijão daí mãe colocava aquelas favas amargas no fogo ia escorrendo a água até tirar o amargor e ficar no ponto de comer. Outras vezes, mãe pegava aquelas cabeça de galo e fazia aquele pirão, tinha vezes, que era milho cozido. Mesmo não tendo o que comer, a gente vivia uma vida tão boa!

A gente trabalhava na roça, meus pais plantavam mandioca, milho, arroz, feijão melancia. Eu com sete anos, ao chegar da escola ajudava o meu pai, na colheita do algodão. Na minha família eram todos agricultores, eu aprendi muito com eles, eu auxiliava na roça e nos serviços da casa também. Minha mãe colocava os menores para pilarem arroz, milho, café em uns pilões menores, e ela no maior; buscava água com as latas na cabeça no rio, que era longe, mãe saia, eu ia fazer comida, gostava de cozinhar, mas eu era muito pequena, eu subia em cima do tamborete⁵⁵ pra fazer comida e, quando mamãe chegava estava pronto. A maioria das coisas, eu aprendi mesmo com minha mãe, pois meu pai faleceu e eu ainda era muito nova, devia ter uns oito anos.

As melhores lembranças que tenho da minha infância eram, quando íamos pra escola, a gente parava no meio do caminho para pegar juámerin⁵⁶ e juábedeiro⁵⁷ para comer, também pegava aquela resina de aroeira que é muito boa pra bronquite, por isso, a gente é mais forte.

⁵⁵ Assento baixo e sem braços.

⁵⁶ Um tipo de juá que dar uma frutinha pequeninha (mirim) e é bom para dor de barriga.

⁵⁷ Outro tipo de juá que dar um fruto maior, servia para alimentá-los.

Gostava muito de brincar de roda, de subir em cima da cerca, era umas brincadeiras bem legais... A gente fazia guisadinho⁵⁸ brincando de casinhas, as nossas brincadeiras eram essas. Tínhamos que inventar, porque não tinha uma boneca de “verdade”, as minhas bonecas eram feitas de milho, não tinha bola, mesmo assim, considero que minha infância foi boa.

Quando eu tinha 10 anos mudamos para Montes Claros com minha família, vieram todos, minha mãe, meus irmãos, meu pai. Meu irmão mais velho assumiu a responsabilidade de pagar o aluguel. Comecei a trabalhar em casa de família, olhando uns meninos para poder ajudar nas despesas da casa. Depois, com 12 anos eu comecei a trabalhar com a mulher que morava na vila Ipiranga, foi uma pessoa que me ajudou muito; eu olhava os meninos dela, ajudava na mercearia que ela tinha, com ela aprendi muitas coisas. Minha mãe também começou a lavar roupa, para ajudar meu irmão a pagar o aluguel e as contas.

Aos 16 anos fui morar em Belo Horizonte, trabalhava de faxineira, fiquei lá uns tempos, com 18 anos voltei para Montes Claros e fui trabalhar numa algodoeira que ficava pros lados da UFMG, perto do clube Max Min. Nesse trabalho conheci meu esposo, ele é daqui de Montes Claros mesmo e trabalhava nessa algodoeira passando o algodão para mandar para tecelagem.

Com 20 anos de idade eu casei, morei primeiro no Renascença, depois fomos para o bairro Independência, de lá, para a Vila Ipiranga e, por último, eu vim morar aqui. Quando viemos morar nesse bairro, meu filho mais novo estava com dois anos, foi o maior sofrimento, porque morei debaixo de lona, depois construímos um cômodo, passamos pra dentro e só depois de muito tempo terminamos de construir. Tenho dois filhos: um mora aqui nos fundos da casa construiu um barraquinho pra ele, e o outro, mora aqui no bairro também, na Rua Marcelina Ramos. Tenho dois netos lindos, dois meninos.

Hoje, graças a Deus, eu só tenho o que agradecer, porque mesmo com tanto sofrimento que passei, eu vivo uma vida boa, se for comparar com antes. Tenho minha casa, tenho um carrinho que não é bom, mas dar pra andar temos uma moto, tenho minha roça que fica na entrada do Alto Belo, que é uma gracinha! eu tenho uma casa nessa roça que é arrumadinha, até melhor que essa daqui, porque tem

⁵⁸ Comidas feitas pelas crianças durante as brincadeiras de casinhas

quarto, sala, cozinha, banheiro, cozinha, tudo prontinho na cerâmica, tem água, luz, então, eu tenho mais que agradecer.

Meu esposo hoje é pedreiro e responsável pelo sustento da família, mas eu também contribuo, tenho minha vendinha⁵⁹ aqui na frente, faço biscoitos, bolos, café para vender. Também faço os meus artesanatos, e isso já é um dinheiro que ajuda.

Eu falo do sofrimento da minha infância, mas não tenho raiva, acho inclusive, que me ajudou a crescer muito. Hoje vejo meus filhos, eles têm tudo que eu não tive, principalmente o estudo, o mais velho terminou o segundo grau, o mais novo estudou até o segundo ano do ensino médio, não terminou os estudos porque ele não quis, o pai e eu sempre demos tudo que a gente podia. O meu filho mais velho ficou no exército um ano, depois não quis seguir carreira. Eu sempre falo que eles hoje têm de tudo que a gente não teve antes.

Mesmo com toda essa penúria, vivi uma vida tão boa! Muitas vezes não tínhamos nem o que comer na roça e, hoje os filhos tem de tudo, roupas boas, não vai a escola se não tiver uma mochila chique, e eles acham que a vida deles é ruim, mal sabem o que a gente já passou. Eu sou feliz, aprendi a viver vendo o sofrimento que os meus pais passaram. Então, considero que a nossa vida hoje é uma maravilha, antigamente não tinha nem água filtrada para beber, a gente bebia a mesma água que o gado.

Sempre cultivei aqui na cidade, só na época que fui para Belo Horizonte que fiquei um tempo sem plantar, mas depois que casei voltei a produzir meus alimentos porque eu não gosto, por exemplo, de comer cebola comprada, prefiro eu mesma plantar. Não planto alho porque não tem como, meu terreno hoje é bem pequeno, porque meu filho construiu nos fundos. Hoje costumo plantar nas bacias, mas mesmo assim, ainda, tenho uns pés de mamões plantados no pouco de chão que restou, meu tempero eu mesma que faço, eu trago urucum da roça e uso meu pilãozinho⁶⁰ para fazer meu corante, não costumo usar muitas coisas compradas em supermercados.

Eu ainda visito o lugar que nasci, pelo menos uma vez por ano, porque tenho uma tia, que ainda mora lá e eu vou para visita-la. Não vou mais veze, porque é difícil para eu sair, tenho meus trabalhos, meus compromissos. Mas quando chego

⁵⁹Pequeno estabelecimento comercial onde são vendidos produtos alimentícios e artigos de primeira necessidade.

⁶⁰ Utensílio usado para moer alimentos.

lá, gosto de conversar muito sobre a lavoura, porque essa minha tia tem um quintal enorme e é todo “plantadinho”, é cheio de mexerica, laranja, manga, mamão tem de tudo mesmo; até o pilão que a gente usava par a socar arroz. Nossa, quando chego à casa da minha tia é uma alegria, ela ainda planta arroz e eu adoro ajudar a tirar as cascas do arroz no pilão, pilar o café, relembro a minha infância.

Meus meninos não gostam muito de roça, chamo para irem comigo e eles não vão, mesmo assim, costumo trazer os cachos de arroz para mostrar a eles, pois eles precisam saber de onde vem os alimentos, para não ficarem achando que arroz se pega em pacotinhos prontos no supermercado.

Eu nunca fiz nenhum curso para aprender a lidar com a terra, aprendi mesmo com a minha família, pois a gente não esquece o que aprendeu na infância e também através das conversas com os vizinhos e amigos aqui da cidade. Costumo conversar com dona Nita⁶¹, porque ele tem a rocinha dela; com dona Francisca⁶², que mora aqui perto, também converso com meus irmãos, principalmente sobre tempo que a gente viveu como eram as brincadeiras.

Eu gosto de fazer muitos cursos, de artesanato... Tenho a minha vendinha e agora estou no curso de informática. Eu trabalhei muito, quinze anos na Pastoral da Criança. Comecei como líder ettenho seis diplomas da pastoral da criança mostrando que fiz os treinamentos. Eu gostava de brincar com as crianças, fazer rodinha, fazer as comemorações das festinhas das crianças; dia das mães, dias dos pais, na páscoa a gente mesmo que preparava os ovos de páscoa, sabe, era muito bom!

⁶¹ Agricultora e monitora nas oficinas do Sítio de Saluzinho – UFMG

⁶² Agricultora e monitora nas oficinas do Sítio de Saluzinho – UFMG

Maria Serila Gonçalves Paz

69 anos - mãe de três filhos - agricultora - dona de casa
 Monitora no Sítio de Saluzinho desde 2014.



Nasci em Santa Rosa de Lima, um povoadozinho⁶³ aqui de Montes Claros mesmo. Na época tinha no máximo uns 200 habitantes, mas eu morava na roça, o local que gente morava chama Claudiano, fica a 6 quilômetros de Santa Rosa. Meus pais também são de Claudiano, tenho três irmãos que também nasceram lá.

Nunca tive tempo para brincar. Ah! Às vezes, que a gente brincava era quando íamos visitar a minha vó e, mãe levava a gente; aí brincava um pouquinho debaixo dos pés de pau no quintal. Mas a nossa diversão mesmo era ir para escola e quando chegar em casa trabalhar.

Fomos criados assim: tinha que tratar de porco, galinha, cachorro. E depois que crescemos, quando queria vestir uma roupa, calçar um sapato, ou mesmo, ir pra escola, a gente tinha que trabalhar, porque papai não dava nada.

Eu carregava água na cabeça, quando eu era pequena nas cabaças⁶⁴, depois que crescia um pouco era nas moringas⁶⁵, e, depois que já estávamos grandes o suficiente a gente pegava água nas latas. Desde quando eu tinha 8 anos de idade, minha mãe me colocava para ir lavar roupas na lagoa - uma lagoa que tinha nos fundos casa da minha sogra - tinha umas pedra, onde a gente batia as roupas. Muitas vezes, eu sequer aguentava bater aquelas calças muito pesada, quando eu tentava bater, caia junto. Quando chegava em casa, meu irmão me ajuda a descer a bacia da cabeça, aí minha mãe ia olhar roupa por roupa para ver se estava bem lavadas, se tivesse suja, fazia voltar no outro dia pra lavar de novo.

A gente trabalhava com horta. Eu ia a serra tirava pau, cortava e raspava para colocar em cima do rio - porque tinha um rio estreitinho -, eu fazia

⁶³ Para denominar lugar bem pequeno.

⁶⁴ Planta utilizada como recipiente para pegar água.

⁶⁵ Utensílio feito de barro que serve para coletar e armazenar água

aqueles canteiros, eu plantava horta. Então, a gente tinha essa experiência, porque nasceu e foi criada na roça. A gente plantava de tudo, bananeira, feijão, plantava de tudo.

Meus irmãos trabalharam com meus pais na roça até uns 18 a 20 anos; quando eles ficaram maiores, mais velhos, eles foram trabalhar para eles mesmos de carpinteiros: fazendo curral, móveis, essas coisas.

Quando eu tinha 25 anos vim para Montes Claros. Morei na casa dos meus primos, de uma prima que chamava Ana; depois, fui para a casa de outros primos que chamam José e Jesus, eles moravam no Bairro Santo Reis. Eu arrumei serviço na Biobrás⁶⁶, trabalhei dois anos e meio. Depois minha mãe adoeceu e eu tive que sair do serviço e retornei para a roça. Nesse intervalo, durante esse tempo que voltei para roça, comecei a gostar do meu esposo; ele foi jovem para São Paulo, mas havia retornado à Claudiano também. Começamos a namorar e depois de seis meses nos casamos.

Eu casei em 1989, no mesmo dia que casei e vim morar direto em Montes Claros. Na verdade, pelo meu marido a gente ficava morando na roça, na casa dos pais dele, mas eu disse que não queria morar com minha sogra; apesar dela ser muito boa, não daria certo morarmos juntos. Como ele já tinha uma casinha aqui em Montes Claros, no São Judas Tadeu, eu falei que a gente viria morar pra cá, porque na roça as coisas são muito difíceis.

Meu marido morou muitos anos em São Paulo, ele trabalhou numa firma, mas teve problemas de depressão e encostou⁶⁷, depois ele se aposentou. Ele não queria vir para Montes Claros, porque ele disse que não queria ficar parado na cidade. Um tio dele era muito amigo de Jaime de Closué e soube que na época ele estava loteando o terreno aqui no Bairro Renascença, daí, viemos pra cá para morar em uma chácara. Jaime deixou a gente morar nessa chácara sem pedir nada em troca, não precisávamos pagar nada e o que a gente produzisse era para nosso uso.

Quando chegamos à Chácara só tinha dois pés de manga... Para ter uma ideia, a gente não mexia no outro salário [aposentadoria do marido], e o que a gente fazia ali trabalhando, dava para as despesas e ainda sobrava! A gente plantava tomate, horta, batata, cenoura, beterraba, de tudo um pouco.

⁶⁶ Empresa farmacêutica de Montes Claros.

⁶⁷ Modalidade de benefício do INSS para auxílio doença.

O que a gente produzia era para o consumo, mas a gente também vendia, porque a produção era demais para a gente consumir tudo - era cada pé de alface! que era assim: uma roda de alface!. Trabalhamos muito, plantava, quiabo, tomate, alho, cenoura, abóbora, meu marido saía com as caixas cheias de verdura e legumes para entregar nos supermercados e vendia de porta em porta também e, eu ainda fazia biscoitos, fazia salgados para ele vender.

Meu esposo saía na parte da manhã para entregar as verduras e a tarde para vender doces que pegava numa fábrica. Vendia paçoquinha e queijos; além disso, eu também colocava os meus filhos para vender os doces e as verduras nas casas dos vizinhos.

Aqui, a terra era diferente para plantar, era mais seca. A gente utilizava água da cisterna para irrigar: a gente fazia os regos⁶⁸ aonde ia molhando. Foi uma adaptação produzir aqui, porque lá em Claudiano a gente precisava esgotar⁶⁹ para poder plantar, aqui a terra é ressecada, então aqui a gente teve que molhar, mas sabendo manejar é uma terra muito boa também.

Hoje em dia, tenho poucos parentes em Claudiano, são basicamente os primos. Meu pai vendeu o pedacinho de terra que a gente tinha para um irmão dele e a minha sogra também vendeu as terras dela.

Atrás do terreno que era do meu pai tinha uma cachoeira que a água descia detrás da serra, no cafezal - eu tenho saudades dessa cachoeira! Todo ano meu avô dava a colheita de café para os filhos, tem dias que fico lembrando, eu tenho saudades de tudo. Nessa roça tinha de tudo um pouco, uma banana chamada São Tomé, que era muito grande, tinha que escorar os cachos para não cair, os pés de mamão, eram grandes:

*“os passarim engaiava assim no mamão, tudo amarelim,
a coisa mais bonita de se ver.
Eu tenho muita saudade!”*

Quando eu tinha 3 anos meu pai já ensinava quantas sementes tinha que plantar, quanto espaço de uma covinha pra outra, a semente que a gente coloca em cada cova. Então, cada coisa que a gente ia plantar tinha um ensinamento. Aprendi

⁶⁸ Valas feitas no chão para a água passar.

⁶⁹ Secar a parte do brejo

tudo sobre roça com meus pais, eles ensinavam como preparar a terra para plantar o feijão, o arroz. Desde cedo a gente já preparava a Terra.

No meu quintal eu vou experimentando, o que dá para plantar, ou não. Se você está plantando algo que não está produzindo direito, você precisa observar e mudar essa planta de lugar se for o caso. Por exemplo, plantei morangos aqui, é a primeira vez que planto, é uma novidade, vamos ver se ele vai dar frutos. .

A gente utilizava sementes compradas, mas também recebia muitas sementes e mudas tanto dos vizinhos aqui da cidade, quanto trazíamos da roça, do quintal da minha sogra. Também doava muitas mudas e sementes para o pessoal que queria plantar, na verdade fazíamos mais doações do que ganhávamos. Quando morava na chácara todo dia tinha gente na porta: " - Ah! Ila tem isso, tem folha daquilo"!

Eu me mudei pra cá, mesmo assim todo dia tem gente batendo no portão perguntado se tem remédio ou mudas, para dar.

Eu costumo conversar muito sobre as coisas da roça, a gente costuma falar: "- Eu plantei isso no meu terreno e deu certo, eu plantei isso assim". Ah! gosto de conversar com as pessoas que têm mais experiência, porque tem gente que não tem experiência nenhuma. Aqui, eu converso muito com seu Antônio, ele é muito trabalhador da roça; tem Luíza que é muita trabalhadora também, trabalhou na roça, ela sofreu muito na roça também. Porque na roça era muito difícil da gente viver, hoje não mais, porque tem luz, tem água. De vez em quando também converso com João⁷⁰, com dona Ana, na maioria das vezes é mais com a vizinhança mesmo, quase todos os vizinhos mexem com roça.

Só planto aqui mesmo no meu quintal, produzo o andu, a fava, o quiabo, o milho. Ontem mesmo tiramos um monte de fava daqui. Às vezes tem coisas que deveriam ser plantados separados, mas nem sempre isso é possível, porque nasce sozinho e eu fico com dó de tirar. Por exemplo, aqui tem um pé de andu, mas não foi eu quem plantei, pois se dependesse de mim eu separava tudo, tirava um pedaço aqui e plantava as laranjas, ali o andu, ali a abóbora. Porque tudo separado é melhor, mas como meu terreno é pequeno eu tenho que dar um jeito.

Quando não tenho espaço suficiente para plantar o que quero, faço algumas combinações e com isso consigo ampliar o espaço. Para plantar batatas doces eu aproveitei o restante da areia que o pedreiro utilizou para rebocar o muro. Igual eu

⁷⁰ Agricultor e monitor no Sítio de Saluzinho - UFMG

falo: tem que aproveitar tudo. Então, eu aproveitei. Eu pensei assim: tenho as mudas de batatas, eu vou aproveitar e plantar; e olha, já tem batata! Eu plantei no finalzinho do mês de fevereiro e já está dando.

Eu sempre tenho as plantas em casa, porque vem gente me pedir:"- Oh! Ila vim ver se a senhora tem o picão, vim ver se a senhora te erva cidreira".

A minha cunhada me chama de raizeira⁷¹ porque quando alguém está sentindo alguma coisa ela fala: "- Vai lá na raizeira".

Outro dia mesmo, meu sobrinho estava ruim de infecção urinária e eu recomendei ele tomar o chá da crista de galo⁷², que não tem igual para curar esse tipo de infecção.

Normalmente as pessoas sabem que eu utilizo as plantas e, quando aparecem eles já trazem pra mim... O filho da minha vizinha limpou o terreno dele, tirou salsaparrilha⁷³ e ela trouxe pra mim. Às vezes recebo muitas mudas e plantas que vem da roça pra mim. Outras pessoas trazem até de outras cidades; tem um casal de amigos que possuem um sítio em Ubaí, eu nunca fui lá, mas eles sempre trazem mudas pra mim.

Algumas plantas, eu costumo arrancar no mato, como a salsaparrilha . Eu saio catando nessas beiras de mato, pego uma ferramenta - uma enxada, facão - e quando acho, arranco e guardo em casa, porque às vezes eu não preciso, mas tem gente que precisa. Antes pegava beirando o rio, mas o rio agora é muito poluído, hoje coleto mais no final da rua, onde tem poucas casas.

⁷¹ Usado para denominar uma pessoa que possui amplo conhecimento sobre as plantas de uso medicinal.

⁷² Tipo de planta de uso medicinal. Seu consumo é indicado para tratamento de problemas hepáticos e diversas infecções, entre elas a de garganta e urinárias. Nestes casos, a planta atua como um excelente desobstruente eliminando as toxinas, fungos e bactéria, além de agir no alívio das dores provenientes dessas doenças. (Lorenzi, Plantas medicinais do Brasil.)

⁷³ Planta de uso medicinal - suas raízes são usadas como diurético e no tratamento de reumatismos, gota e dermatoses.

Rosalina Soares Fonseca

75 anos - mãe de uma filha - avó de 3 netos - dona de casa - agricultora e aposentada;
 Monitora no Sítio de Saluzinho desde 2015.



Nasci na Fazenda Santa Cruz, que fica aqui mesmo em Montes Claros, mas fui registrada em Brasília de Minas. Na época que nasci tinham poucos moradores nessa fazenda, hoje lá já tem muitas casas.

Meu pai trabalhava nas fazendas, era vaqueiro, tomava conta de fazenda de gados dos fazendeiros e minha mãe era dona de casa mesmo, como se diz: era doméstica. No total, tenho dez irmãos, sendo oito homens e

duas mulheres.

Acho que com uns cinco anos eu já ajudava pai na labuta, separava os bezerros das vacas, carreava boi, quando eu peguei uma forcinha para trabalhar, trabalhava na roça mesmo, com enxada e tudo. O que sei sobre a roça eu aprendi com pai e mãe, a minha avó não morava perto.

Quase não brinquei, porque não tive tempo, mas quando sobrava um tempinho a gente brincava de roda, casinha, de boneca, de fazer carrinho de boi. Mãe fazia umas bonecas de pano, eram bem feias, mas, nós gostávamos, porque só tinha aquelas mesmo. Mãe fazia correndo, coitada! Não tinha tempo. Uma mulher que morava perto da casa da minha da minha avó fazia umas bonecas mais bonitinhas, ela tinha tempo.

Eu estudei muito pouco, fui à escola poucos dias. Até que tinha escola perto de casa, mas quase nunca tinha professor, depois que eu cresci, eu mesma fui aprendendo, por conta própria.

Saí da Fazenda Santa Cruz muito pequena, deveria ter uns 3 anos, no máximo. Fomos morar no município de Brasília de Minas, em uma localidade chamada Riacho das Pedras, era roça também. Moramos lá um tempão, em torno de dez anos ou mais; depois acabou o serviço que meu pai foi fazer. Um fazendeiro chamou meu pai para

tomar conta da fazenda dele num lugar chamado Santo Antônio, que fica em Brasília de Minas também, moramos uns oito anos nesse lugar.

Depois voltamos pro Riacho das Pedras, onde moramos por mais uns cinco anos. Daí eu casei e fui morar em Montalvânia, ficamos um ano e por volta de 1971 ou 1973, não recordo direito, viemos embora pra cá, para Montes Claros.

Casei com 21 anos, meu esposo é da mesma região que eu, só que ele nasceu no município de Coração de Jesus. Quando chegamos aqui, antes dele arrumar serviço, nós ficamos na casa do irmão dele que morava nesse bairro mesmo, só que antes, tudo era conhecido por Santo Reis, não tinha essa divisão do bairro.

O irmão dele comprava coisas para vender no mercado - galinha, ovos - e meu esposo passou a ajuda-lo. Depois de um tempo meu marido começou a comprar para revender e eu ajudava: ele levava um pau com galinhas no ombro e eu uma cesta de ovos na cabeça, para vender no mercado. Nós também trabalhávamos nas roças dos outros, na meia. Durante a semana, eu lavava roupa pra fora e no fim de semana nós íamos para o mercado. Depois começamos a plantar umas hortas nos brejos aqui perto, plantava alface, cenoura, quiabo, tomate e vendia os canteiros dessas hortas para umas mulheres do mercado.

Eu ainda vou a Riacho das Pedras para ver os parentes que ficaram lá. Gosto muito de retornar e conversar com as pessoas de mais idade, porque a maioria dos jovens não tem interesse pela vida que nós levamos na roça. Até, que tem uns novos que se interessam, mas é bem raro. O vício no celular não deixa mais essa modernidade conversar com ninguém.

3.2- As histórias de vida e a conservação dos saberes no ambiente urbano.

Devido ao grande volume de migrações ocorridas entre os anos 1960 a 1980 a impressão que ficou era que, parte dessa população, ao se deslocar do campo para a cidade precisava aprender do zero, como se comportar e se inserir nesse ambiente urbano, que era visto como o oposto do rural arcaico. Ainda que, essa perspectiva de um paradigma de ruptura possa ser considerada por alguns autores, diversos estudos indicaram que agricultores ao migrar para a cidade não perdem, necessariamente, os vínculos com o rural, com sua comunidade de origem, ou nem implicou necessariamente, em rupturas com modos de vida e sistemas culturais.

Os agricultores (as) desse estudo têm idade entre 40 a 76 anos. Destes, duas agriculturas nasceram em localidades do município de Montes Claros; seis nasceram em cidades da região e, uma veio de outro Estado, conforme apresentado no quadro síntese 01. Todos, de alguma maneira sofreram consequências dos processos da “Revolução Verde” e migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida.

Nos relatos da dona Ana e do Sr. João ficaram bem evidenciados, parte do processo de expropriação de terras que ocorriam. Era comum aquela época, meados das décadas de 60/70, muitos fazendeiros “comprar” as terras de camponeses, por preços muito aquém do valor real, ou jagunços a mando de fazendeiros utilizarem-se da violência para tomar as terras de diversas famílias de agricultores, assim, como acontecera com o Saluzinho.

“Lembro que as pessoas começaram a vender as suas terras justamente pela dificuldade da vida que tinham naquele tempo, elas não tinham acesso ao médico, não tinham um trabalho que provesse a sobrevivência e, além disso, muitos fazendeiros faziam pressão para comprar as terras dos agricultores. E, compravam barato demais, ninguém valorizava”(Sr. João).

“Aos 13 anos de idade a minha família ficou desagregada, pois mataram meu avô por causa de brigas por terras na região”(Dona Ana).

A partir das histórias de vida, foi possível notar que os nove agricultores (as), migraram dos seus locais de origem para Montes Claros por volta das décadas de 1970/80, conforme mostra a tabela 01.

Tabela 01- Características das famílias das agricultoras (o) desse estudo.

Agricultoras (o)	Idade	Local de Nascimento	Cidade de Nascimento	Ano de migração	Nº de filhos/netos	Nº de pessoas na residência	Ocupação
Ana	70 anos	Veredas	Salinas MG	1975	6 filhos 11 netos	Sete	Agricultora e dona de casa.
Arabela	59 anos	Vargem Bonita	Botumirim MG	1973	3 filhos 0 neto	Três	Voluntária na Pastoral da Criança, dona de casa e agricultora.
Carmelita	66 anos	Rio das Pombas	Nova Canaã BA	1972	2 filhos 2 netos	Duas	Agricultora, artesã e aposentada.
Francisca		Tapera	Riacho dos Machados MG	1970	4filhos 16 netos	Uma	Agricultora, dona de casa e aposentada
João	62 anos	Barreirinho	São João da Ponte MG	1973	2 filhos 2 netos	Três	Agricultor e luthier
Júlia	40 anos	Tiririca	São João da Ponte MG	1980	3filhos 0 netos	Quatro	Funcionária pública e agricultora.
Maria Serila	69 anos	Claudiano	Montes Claros MG	1989	3 filhos 0 neto	Uma	Agricultora e dona de casa
Maria de Lourdes	53 anos	São Geraldo	Francisco Sá MG	1976	2 filhos 2 netos	Três	Comerciante, dona de casa e agricultora
Rosalina	76 anos	Santa Cruz	Montes Claros MG	1974	1/3	Cinco	Dona de casa, agricultora e aposentada

Fonte: Elaborada pela autora, a partir dos dados de campo, 2017/2018.

Esses migrantes rurais saíram dos seus locais de origem, movidos por diversos motivos, mas principalmente, devido às dificuldades de acesso a terra após a modernização conservadora da agricultura, além de casos de dissolução

das famílias e limitações de ofertas de serviços públicos, como escolas e médicos nas suas localidades.

Restaram para muitos camponeses, deserdados pela modernização conservadora da agricultura e a imposição da força do capital, o trajeto em direção às áreas urbanas de diversas cidades, mas, sobretudo, para Montes Claros, devido à instalação do complexo agroindustrial, que vislumbrava perspectivas de emprego e renda.

Nessa perspectiva, os estudos de Brito (2011) & Ribeiro (2012), revelaram que migrantes rurais ocuparam diversas áreas urbanas de Montes Claros, mas o fator de proximidade com os parentes e, com os locais de origem foram essências, na determinação do local para morar na cidade. Com os agricultores (as), desse estudo, as ocupações nas áreas urbanas de Montes Claros seguiram a mesma lógica: primeiro, tendo em vista manter a relação com as suas áreas de origem, estes tenderam a localizar-se nos limites da cidade com saídas estratégicas para suas localidades de origem; e segundo, por meio da rede de parentescos e vizinhanças já instaladas em determinados bairros da cidade. As relações com as pessoas são fundamentais nos processos de deslocamentos, a existência de parentes na cidade, além de um apoio para a saída do rural, torna-se relevante para a manutenção das relações sociais entre migrantes do mesmo município.

Muitos desses migrantes chegaram a Montes Claros sem perspectiva de trabalho e foram morar com os parentes ou amigos. Ribeiro et al (2012) analisou que ao chegar a cidade, nem sempre os(as) agricultores(as) tiveram a oportunidade de implantar os seus cultivos imediatamente. Parte das vezes, a dificuldade estava por dividir a casa com parentes, mas também, devido ao tamanho reduzido do quintal na nova moradia. Entretanto, para o autor, os próprios agricultores, desde que chegaram à cidade criaram estratégias para superar essa problemática da falta de espaços para a produção.

“Muitos deles se aproveitaram de ocupações de terras, adquiriam lotes em conjunto com parentes também recém-migrados, compraram à prestação terrenos em bairros novos, distantes e sem estrutura ou embolaram recursos de pais, filhos, avós e netos para adquirir um lote” (Ribeiro et al 2012, p. 02).

Cabe elucidar, que o processo de relatar parte das suas histórias de vida, ao mesmo tempo em que foi prazeroso, pois puderam recordar os tempos da infância na roça, as lembranças do momento em que saíram dos seus locais de

origem, permanecem vivos em suas memórias e revisitá-las foi algo extremamente doloroso para todos (as) agricultores (as).

Os saberes que fundamentam as relações entre populações camponesas e o meio, também serviram de alicerce para reestruturação de muitos agricultores no ambiente urbano. Percebe-se ao analisar as histórias desses (as) agricultores (as), que a própria mobilidade, ou circulação é uma maneira de se fazer conhecimentos "tradicionais" vivos. A movimentação permite observações, conviver com outros modos de vida e, de se fazer o rural. Esses aspectos criam densidade de relações essenciais para a manutenção ou, renovação desses saberes.

A mobilidade de agricultores (as) para centros urbanos produziram “bens comuns”⁷⁴: novos saberes. E, esses bens comuns, ao mesmo tempo em que ajudam a fazer a conexão entre os espaços rurais e urbanos, permitem uma mobilização e politização dos conhecimentos tradicionais⁷⁵.

As abordagens sobre os conhecimentos e modo de vida camponês são vistos, em parte pela ótica econômica (Woortmann, 1990), entretanto, dimensões sociais, culturais e ambientais são muito importantes para compreender esses saberes, como uma espécie de "fato social total" (Mauss, 1974).

As histórias de vida desses agricultores (as) permitiram-nos identificar ao menos quatro maneiras, pelas quais ocorrem construções e renovações dos saberes tradicionais no ambiente urbano sendo: os aprendizados com os familiares; as visitas ao local de origem; a criação da rede sociotécnica; e as experimentações nos quintais urbanos.

3.2.1- Aprendizados com os familiares

A maior parte do conhecimento dos (as) agricultores (as) foi apreendida por meio do convívio com os pais e/ou, familiares mais próximos, como os avós. Todos os agricultores (as) desde cedo - em média de seis a oito anos de idade - acompanhavam seus pais na labuta do dia a dia na roça e, esse acompanhamento configurou-se como uma base essencial para o aprendizado do modo de vida camponês.

⁷⁴ Ostrom (2006) propõe considerar o conhecimento e os saberes locais como parte dos bens comuns ou compartilhados. No caso das estruturas de partilha de saberes e experiências comuns ver Ostrom (1998).

⁷⁵ Almada (2010) apontou que, nas cidades, parte das vezes, os elementos ditos tradicionais se misturam aos modernos como uma forma de resistir e reinventar modos de vida.

Trazemos alguns relatos dessas histórias de vida que evidencia claramente esse processo de aprendizado com os pais e familiares:

“Meu avô e minha avó vieram embora pra cá e moravam conosco, foi bom ter convivido com eles, pois ensinavam muitas coisas pra gente” (Júlia).

“Acredito que com seis pra sete anos de idade eu já ia pra roça ajudar a plantar feijão...era menino pequeno, miudinho, mas eu já encarava a roça. Os mais velhos iam abrindo as covinhas e eu vinha plantando o milho, semeava a fava”. (Sr. João)

“Ao completar uns seis anos, todos iam para roça, mesmo que não fosse para trabalhar, ia acompanhar os pais e os irmãos mais velhos., mas a gente ajudava no que conseguia” (Arabela).

“Acho que uns cinco anos eu já ajudava pai na labuta, separava os bezerros das vacas, carregava boi, quando eu peguei uma forcinha para trabalhar, trabalhava na roça mesmo, com enxada e tudo. O que sei sobre a roça aprendi com pai e mãe” (Dona Rosa).

‘Eu comecei a ajudar meu pai com uns oito anos, ia para a roça, apanhar café, plantar mandioca, colher feijão, fava, mandioca’(Dona Nita).

....”a terra também precisa ser fértil, aprendi tudo isso com meus pais , me lembro que meu pai preparava o terreno, colocava fogo, deixava tudo limpinho, tudo prontinho para plantar” (Dona Ila).

É possível perceber que a construção desses conhecimentos mantém-se por meio da oralidade. Ao descrever o aprendizado com os pais, os saberes se reconstróem em uma relação específica com a roça, e são exercidos com "rigor" pelos (as) agricultores (as) urbanos(as).

Os aprendizados, ou o saber fazer dos agricultores (as) ocorreram em grande parte pela observação e experimentação das práticas desenvolvidas pelos seus familiares. A lida cotidiana foi fundamental para aprenderem a fazer, e a partir daí, renovar conhecimentos.

3.2.2- Visitas ao local de origem

As idas e vindas desses agricultores (as) aos seus locais de origem configuram-se como outra importante fonte de aprendizado. A mobilidade é uma questão muito importante para essas pessoas, que estão num ir e vir constante,

nessas caminhadas agregam novos conhecimentos e circulam os seus conhecimentos.

Ribeiro (2012: pág. 14) versando sobre a conexão entre origem e destino de migrantes rurais afirmou que:

"Agricultores que recebem novidades se encarregam de exportar para suas áreas rurais de origem. A cidade acaba por se transformar num espaço antes inimaginável: um ponto de trocas de produtos tradicionais, que vão e voltam ao campo, integrando, filtrando e distinguindo técnicas próprias para o cerrado, a mata seca, os gerais e os campos de altitude."

A simbólica do lugar de origem, da roça, continua, quase sempre, vivas nas relações sociais e sentimentais que agricultores migrantes tecem entre origem e destino. Há graus de compartilhamento sobre o conhecimento urbano nas áreas rurais e vice versa, conforme os relatos:

"Eu vou a Tiririca pelo menos três vezes ao ano, Lá ainda tem as casinhas antigas, tem um rio, muita mata virgem, estrada de chão, tudo muito antigo, acho que mais 90% do pessoal que mora nessa comunidade são todos parentes" (Júlia).

"Eu ainda visito o lugar que nasci, pelo menos um vez por ano, porque tenho uma minha tia que ainda mora lá... quando chego lá, gosto de conversar muito sobre a lavoura, porque essa minha tia tem um quintal enorme e é todo "plantadinho"... tem até o pilão que a gente usava para socar arroz... adoro ajudar ela a tirar as cascas do arroz no pilão, pilar o café, relembro a minha infância". (Dona Lourdes).

"Costumo voltar sempre em Nova Canãa, tenho uma irmã que ainda mora lá, ela tem um quintal enorme, cheio de coisas plantadas: laranja, abacate, manga, tem de tudo, as vezes eu trago umas mudas pra cá. Quando chego lá, lembramos os ensinamentos que aprendemos com os nossos pais, das coisas da roça, do lugar em que a gente foi criado". (Dona Nita)

"Antes eu ia mais vezes visitar Barreirinho, mas agora tem um bom tempo que não vou, porque eu sofro muito, toda vez que chego e vejo a situação das terras que eram da gente. Mas eu tenho saudades do pessoal, de lembrar aqueles tempos velhos, aquela vida que a gente tinha na roça, fazendo rapadura, farinha é muito lembrar de tudo isso" (Sr. João).

"Ainda visito bastante Vargem Bonita, meu irmão, sobrinhos e sobrinhas moram por perto...quando chego lá, conversamos sobre os tempos passados, visitamos as roças, oh! Saudade boa. Sempre trago coisa da roça pra cá, adoro trazer mudas de plantas, tem umas flores no meu quintal que eu trouxe de lá, o cheirinho delas me faz lembrar minha infância" (Arabela).

“Quando chego lá, a gente conversa sobre tudo... saudades das conversas sobre o tempo que gente ia buscar água na cabaça, de um rio longe, eu lavava roupa no rio, eu tenho saudade”.(Dona Ana).

Todos os agricultores (as) retornam as suas localidades, para visitar os parentes, o que permite a aproximação e releitura do local físico onde foram criados na infância. Essas idas aos locais onde nasceram e viveram fazem com que as memórias sejam revisitadas, fortalecendo os aprendizados, a identidade e o sentimento de pertencimentos. Ao entrar em contato com o “seu mundo”, afloram-se lembranças do que se viveu na roça, proporcionando conexões entre o passado e o presente.

Outro importante instrumento de aprendizado durante essas idas e vindas é a presença de familiares, parentes e amigos. É costumeiro para os agricultores (as) que visitam seus lugares de origem, conversar sobre a vida que se viveu na roça, explorar os quintais dos parentes, ajudar na lida com as plantações e também trazer novidades relacionadas às mudas, sementes e práticas para a cidade.

Esses agricultores (as), migrantes rurais procuram algum grau de enraizamento ou conexões diárias no lugar onde vivem nas cidades, que se conectam de certa forma com identidades nos seus locais de origem - uma espécie de sentimento de pertencimento que os articulam, mesmo que simbolicamente, aos locais de origem. (Ribeiro, 2012).

Voltar aos seus locais de origem, nem que seja por breves momentos, serve para avivar saberes, mas também fundamentam redes sociotécnica de trocas, embasam acervos, articulam conhecimentos urbanos – rurais.

3.2.3- Criação de rede sociotécnica.

Para Brito (2011), a população rural que migra para a cidade, costuma estabelecer redes de trocas, solidariedade e de compadrio no ambiente urbano, como um meio de estar mais perto do ambiente rural.

Na tentativa da construção de seus próprios lugares e de se aproximarem cada vez mais as características dos locais onde passaram a viver, esses migrantes rurais buscaram se “territorializar”⁷⁶. Para tanto, se apoiaram em redes

⁷⁶ Sentimento de pertencimento ao novo local.

sociais que misturam locais de origem, com lugares de destino. Pois, como afirmou Eunice Durham (1984,b): de forma geral, ninguém migra só, migra acionando os contatos de seu grupo social.

A convivência na cidade representa uma importante ferramenta na constituição e aprimoramento dos saberes de agricultores (as) urbanizados (as). Na cidade criaram uma sólida rede de relações, com parentes e com as novas afinidades de amizade, que contam com as bases de conhecimento próximas de suas realidades, constituindo-se redes. E por meio dessas relações de parentesco, vizinhança, amizade e compadrio realizam trocas cotidianas, essências para a produção reprodução dos conhecimentos sobre o local.

Sabourin (2001) afirmou que a aprendizagem das relações de reciprocidade e a sua pratica cria um círculo virtuoso (reciprocidade → confiança → reputação). Para Bruno Latour (1994), a estrutura das redes sociotécnicas, na qual o ser humano seria mais um nó, numa estrutura não linear está sempre aberto a novos componentes.

Nesse trabalho, observou-se que essas trocas são realizadas de distintas formas, em diferentes espaços e com os mais variados grupos de pessoas. Apesar, de a unidade familiar compor o primeiro espaço dessas inter-relações, as afinidades são extensivas e ultrapassam os portões das casas, sendo possível desenvolver outras redes, sejam com grupo de amigos, no local de trabalho, na igreja, ou mesmo durante as corriqueiras visitas domiciliares, como se pode observar nos relatos:

“Eu costumo conversar muito sobre as coisas da roça... Ah! gosto de conversar com as pessoas que têm mais experiência...Aqui eu converso muito com Sr. Antônio, ele é muito trabalhador da roça, tem Luiza que é muita trabalhadora também, com João, com dona Ana, na maioria das vezes é mais com a vizinhança mesmo(...) A gente utilizava sementes compradas, mas também recebia muitas sementes e mudas, tanto dos vizinhos aqui da cidade, quanto trazíamos da roça do quintal da minha sogra também, mas também doava muitas mudas e sementes para o pessoal que queria plantar..”(Dona Ila).

“... Converso muito com dona Nita, porque ela tem a rocinha dela ali, com dona Francisca, que mora aqui perto, também converso com meus irmãos, principalmente sobre tempo que a gente viveu na roça. (...) Eu nunca fiz nenhum curso para aprender a lidar com a terra, aprendi mesmo com a minha família, pois a gente não esquece o que aprendeu na infância e também através das conversas com os vizinhos e amigos aqui da cidade” (Dona Lourdes).

“Aqui na cidade converso com aquelas pessoas mais idosas que já trabalhou na roça e que conhece... normalmente uma vai à casa da outra para visitar, as vezes é na igreja mesmo, e também na UFMG, lá no Sítio de Saluzinho...gostamos de conversar porque é bom demais lembrar daquela época, pois a gente tinha a sabedoria...a gente se informa e porque deixa esse conhecimento de herança para os filhos, para os netos”. (Dona Ana).

“...troco informações sobre a roça, com um moço que faz serviço aqui no quintal para mim, ele conhece bastante, também converso muito com dona Carmelita, ela tem muito conhecimento, porque ela foi criada na roça ” (Dona Francisca).

“...eu costumo conversar com os camaradas que já viveram na roça, a gente costuma trocar bastante informações, outra vezes, é nas reuniões que tem na associação dos moradores, que troco umas ideias com os amigos...” (Sr.João).

A criação de redes sociotécnicas pelos agricultores (as) urbanizados (as) possibilitaram trocas de informações a respeito de diversos temas, mas principalmente, sobre os saberes locais, sobre os modos de vidas e a maneira de produção. Essas trocas de informações permitem estabelecer relações que possibilitam a constituição de múltiplas redes sociais e, em cada um desses circuitos, estabelecem vínculos por várias razões, mas principalmente pelos interesses afins.

Sabourin (2004) apontou que agricultores e os diversos atores relacionam-se em nível local, mantendo uma série de intercâmbios, fluxos de informação e de práticas, mais ou menos densos ou estruturados, os quais ele denominou de redes sociotécnicas. Sob essa ótica, a estrutura das redes sociotécnicas é formada pelas relações das redes sociais comunitárias e envolve a compatibilidade de interesses, em um processo amplo, sejam de trocas ou cooperação. Para o autor, os espaços sociotécnicos são qualificados a medida que são utilizados. Esses ambientes normalmente apresentam uma combinação de usos entre o social, o técnico e o ambiental, ora servem como lugares apenas para diálogos e troca de informações e, em outras ocasiões conduzem a uma densa rede de prestações de serviços mútuos, provendo assim os conhecimentos culturais, econômicos e sociais.

Interessante notar, que combinada com as relações de trocas com a vizinhança, o Sítio de Saluzinho configurou-se como importante espaço para a materialização dessa rede sociotécnica. Todos os agricultores (as) monitores (as) informaram que por meio dessa rede conseguem não apenas manter uma

afinidade com os colegas, mas essa convivência possibilita a renovação e, muitas vezes, o aperfeiçoamento dos seus aprendizados.⁷⁷

A rede sociotécnica desempenha um importante papel para esses agricultores (as), pois a partir da valorização dos seus próprios saberes, permite a identificação dos sistemas locais de conhecimentos e possíveis melhorias de suas técnicas. Essas redes se encontram em diferentes momentos do cotidiano, sejam nas relações familiares, de amizade ou religiosas, conferindo-lhes mecanismos que comumente alimentam as práticas camponesas produzidas e reproduzidas por eles.

3.2.4 - Aprendizados com os quintais urbanos

“Os quintais são lócus da memória coletiva e individual... Memórias constantemente atualizadas e restabelecidas por meio da reprodução da vida nos quintais. Talvez os quintais sejam de fato “resquícios de mundos da vida pré-capitalista”, como também podem ser centelhas que iluminam o caminho para um mundo pós-capitalista, para as terras do bem-viver”.(Almada & Souza 2017, p. 26).

Os quintais brasileiros são amostras representativas de experimentação, trocas e processos co-evolutivos. Para Almada (2017), os quintais urbanos desempenham papel importante como espaços de resistência contra hegemônicos, diante do acelerado processo de homogeneização dos modos de vida e desperdício de experiências engendrado pela modernidade.

Assim, os quintais urbanos são espaços territorializados, marcando circulação e conexões entre humanos e não humanos, além disso, evidenciam parte do modo de vida, onde às relações de vizinhança e parentesco muitas vezes são intensas. Para Amorozo (2006) e Carniello et al (2010), os quintais promovem a ligação do cotidiano das famílias com o seu local de origem. As plantas e demais elementos presentes no quintal contribuem na manutenção de características culturais por intermédio do manejo adotado.

As experimentações nos quintais também são elementos importantes para a renovação do etnoconhecimento dos agricultores (as). Para Amaral & Guarim Neto (2008), o ser humano após migrar para as cidades, buscam nas plantações nos quintais, um meio de reviver o rural, expressando costumes, crenças e maneiras de cultivar a terra.

⁷⁷ A relação dessa rede sociotécnica está descrita no Capítulo IV dessa dissertação.

Muitos agricultores (as), a partir do conjunto de conhecimentos próprios e adquiridos sobre a natureza nas cidades, elaboraram o que podemos denominar de etnoconhecimentos sobre o ambiente urbano. Para Ribeiro 2012, esses migrantes rurais:

"aproveitam a diversidade de recursos encontrados no município, adaptando cultivos dos vários biomas, dos cerrados para a mata e da mata para o cerrado. Além disso, a partir do sistema de trocas de mudas e sementes entre os vizinhos descobrem também novos potenciais em velhos cultivos"(Ribeiro et al, 2012, p. 14).

Nas cidades, esses migrantes rurais tenderam, a aplicar as práticas e os modos de lidar com a agricultura de sua comunidade de origem, como maneira à manutenção do sentimento de pertencimento e as relações com o meio rural. Assim, desenvolvem a chamada “agricultura urbana” nos próprios quintais e, em lotes vagos, utilizam-se da força de trabalho familiar e produzem alimentos, remédios garantindo assim, a soberania alimentar e articulação das relações sociais, culturais e ambientais entre o rural e o urbano.

A produção de alimentos foi assim, uma alternativa à inserção desses agricultores nas cidades. Ao chegar a Montes Claros, muitos destes foram morar em chácaras ou, ocupavam terrenos baldios para plantar. Boa parte da produção era comercializada nos mercados, nas casas, no sistema de porta em porta e, por muito tempo, essa foi a principal fonte de renda desses migrantes.

A reprodução de práticas sociais, por meio da manutenção dos quintais urbanos viabilizam benefícios, cujo valor é imensurável, além da questão do prazer em lidar com a terra, o cultivo nas cidades pode garantir qualidade de vida por meio de áreas urbanas mais arborizadas, que se tornam espaços de lazer e convivência social.

Os agricultores (as) recriam em seus quintais “mini espaços rurais” e, por meio do cultivo de novas espécies e das contínuas experimentações, de técnicas ou variedades de mudas, mantém vivas as lembranças da roça e, também conseguem aprimorar os seus conhecimentos.

Muita coisa nessa vida eu aprendi sozinho, com o tempo a gente vai adquirindo as técnicas e vai aprendendo... se você usou um adubo não deu certo na planta, você precisar ir testando outros tipos, até que em algum momento você vai achar um tipo que vai dar certo e isso, é um aprendizado a mais que você teve... é como você fazer um experimento com qualquer coisa em laboratório”. (Sr. João).

Assim, os quintais urbanos se apresentam como locais físicos e simbólicos importantíssimos para a reprodução, experimentação e circulação de conhecimentos sobre a agricultura no meio urbano: "são laboratórios vivos"⁷⁸.

4- REFLEXÕES

A mobilidade de agricultores (as) que tiveram que se reinventar na cidade de Montes Claros transformou-se em espécie de mobilização, e, a partir das utopias alimentadas pela memória da resistência, buscaram a ressignificação dos seus modos de vida, de produzir e de convivência com os recursos da natureza. Mais ainda, no conceito de uma economia de subsistência, esse conhecimento sobre a natureza se converte em um componente decisivo para o esboço e implantação de estratégias de sobrevivência.

Agricultores (as) urbanizados (as) construíram um conjunto de práticas e conhecimentos que foram apreendidos com seu grupo social. Utilizando-se da perspectiva de Gomes (2009), estes saberes são levados do campo para a cidade, da cidade para o campo, circulam. Mesmo que as pessoas não levem a materialidade da planta ou dos animais.

⁷⁸ A análise dos quintais, enquanto espaço de experimentação, fortalecimento e criação de conhecimentos constam no capítulo III dessa dissertação.

CAPÍTULO III

Quintais urbanos - “Os laboratórios vivos”

*No mistério do sem-fim
equilibra-se um planeta.*

*E, no planeta, um jardim,
e, no jardim, um canteiro;
no canteiro uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,*

*entre o planeta e o sem-fim,
a asa de uma borboleta*

(Cecília Meireles)

A maioria agricultores desse estudo são mulheres, (oito do total de nove), por isso considere relevante e oportuno iniciar esse capítulo com um singelo poema que fiz baseado em suas histórias de vida.

“Elas” – As mulheres, a força, a fé e a persistência.

*Desde a vida na roça, sempre demonstraram suas forças, não se
esquivavam da labuta e, bem cedinho,
antes mesmo, do galo cantar já estavam a acordar.
E aí, o dia seguia, de tudo faziam, separavam bezerros, plantavam
o café, o milho, o feijão, e também a abóbora para fazer de pão.
Na época da colheita, era uma alegria, momento de muita fartura,
mesa cheia todo dia.
Nos períodos de dificuldades, ali estavam elas, firmes, segurando o
rojão seja, ao lado do pai, mãe ou irmãos.
Coitadas! Grande era o desejo, de uma escola frequentar, mas não
puderam, tinha que trabalhar e, dos irmãos cuidar.
Coisa mais comum naquela época, estudar era artigo de luxo, quem
terminava o ensino médio, doutor poderia se considerar.
O sofrimento foi grande,
muitas vezes não tinham nada para comer,
mas o roncar na barriga, nunca foi maior que a fome de viver.
E para a cidade vieram, com muitos sonhos e esperanças,
confiantes num novo amanhecer.
Aqui, de tudo fizeram, foram babás, faxineiras, agricultoras,
comerciantes e, quem diria algumas, até estudantes.
Por onde andavam as lembranças do lugar estavam a aflorar,
por isso decidiram plantar, para a saudade encurtar.
Plantaram de tudo, inclusive, muitos sonhos,
que só depois de muito tempo vieram a se realizar.
Outros, ainda sendo irrigados,
aguardando o momento certo para germinar.*

(Rebouças, 2018)

Essas mulheres migraram sozinhas, ou acompanhadas, algumas chegaram ainda crianças, outras nem tanto. Em suas famílias foram protagonistas na produção de alimentos e criação de animais de pequeno porte nas cidades, já que para era mais fácil para os maridos, pais ou irmãos arrumarem serviço fora de casa⁷⁹. As mulheres organizam a vida doméstica, extraindo dos quintais desde alimentos para o autoconsumo, flores para embelezar o ambiente, a ervas para curar enfermidades⁸⁰.

Ribeiro et al (2012) destacou que a agricultura urbana é uma atividade desenvolvida por mulheres, e, em grande parte, por idosas. Guarim Neto e Pasa (2009), também observaram em seus estudos que mulheres mais idosas detém um maior conhecimento, não apenas relativo ao uso de espécies de plantas, mas também a outras áreas do conhecimento devido às experiências vividas e refletidas.

Figura 13: Agricultora dona Rosalina cuidando das plantas no seu quintal.



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças,2018)

⁷⁹ Esse arranjo também foi observado por Brandão (1981).

⁸⁰ Um aspecto recorrente em estudos sobre agricultura urbana está relacionado a grande presença de mulheres: GUARIM NETO E PASA (2009); LIMA, (2010); ; RIBEIRO et al (2012); CARNEIRO et. al. (2013); ALMEIDA et. al. (2014); SILVA et. al. (2015); SILVA et al (2017), destacaram a importância das mulheres para a manutenção e experimentações dos quintais. Para Carneiro (2013) o papel das mulheres é fundamental para manter a variedade genética e a biodiversidade seja no meio rural ou no ambiente urbano.

1- CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1- Os quintais no desenvolvimento da agricultura urbana

A dinâmica do sistema agroalimentar hegemônico, pós Revolução Verde incidiu no modelo de produção e consumo da pauta alimentar. Esse processo originou riscos e prejuízos, tanto no que se refere à saúde e qualidade dos alimentos, considerando os aspectos de redução de nutrientes e contaminação por agrotóxicos, quanto, na dimensão social e cultural da alimentação, ocasionando redução do consumo de alimentos ambientalizados e culturalizados.

Entretanto, para Brandão (2007) é preciso observar que no Brasil, há um múltiplo e nada uniforme, ou globalizado mundo rural. Somos alimentados por grãos, frutas e folhas que provêm também da multivariança da agricultura familiar e da expansão de novas alternativas de produção e gestão do ambiente e, dos bens da terra, seja em áreas rurais ou urbanas.

A criação de animais e os cultivos de plantas em quintais nas cidades, de acordo com Amoroza (2006) são práticas tradicionais à sociedade brasileira. Os quintais funcionam como espaços de múltiplos usos, com arranjos e fisionomias diversificadas, onde fatores como clima e tipo de vegetação nativa influenciam diretamente as plantas cultivadas.

Autores como Amoroza, 2002; Silva, 2004; Carniello et al., 2010 apontaram que quintais urbanos, em muitos casos, concebem uma ligação intensa com atividades próprias das sociedades rurais: agricultores ao migrarem para o meio urbano passaram a reproduzir práticas do meio rural em dimensões territoriais reduzidas sendo considerados espaços de resistência e verdadeiros bancos de recursos genéticos.

A partir dessa ótica, Brandão (1981), analisando lavradores urbanizados na cidade de Mossâmedes, Goiás, revelou o uso do quintal como um espaço complementar para obtenção de alimentos, era prática recorrente.

O cultivo de plantas, ou, a produção e alimentos nos quintais nas cidades é uma forma do desenvolvimento da chamada agricultura urbana (AU). De acordo com Mattos (2014) existem ainda muitas indefinições na conceituação da AU. Alguns autores como Bakker 2000 e Campilan et al 2002, veem na localização,

dentro da cidade (interurbana) ou na periferia (Periurbana -AUP) dos centros urbanos, uma maneira mais apropriada para definição da AU.

Os principais elementos de definição da agricultura urbana para Mouget (2001) seriam: os tipos de atividades econômicas desenvolvidas; as categorias e as subcategorias de produtos (alimentares e não-alimentares); característica locacional (intraurbano e periurbano); tipos de áreas onde a agricultura urbana é praticada; tipos de sistemas de produção e destino dos produtos e escala de produção. Entretanto, Mougeot (2000) fez ressalvas:

“O lugar pode ser um fator importante na definição de AU, contudo não é suficiente para distinguir a AU da agricultura praticada no rural, o fator diferenciador estaria na integração com o ecossistema urbano”.

Outra observação feita por Almeida (2016) salienta que a AU tratar-se ainda, de uma conceituação aberta e em disputa, seja como uma nova temática motivadora de iniciativas de organizações sociais locais, como uma pauta de debate na formulação de políticas públicas ou como objeto de pesquisas nas universidades.

Levando-se em conta as considerações de Bakker 2000; Mouget 2000/2001; Campilan et al. 2002; Mattos 2014 e Almeida 2016 uma coisa é certa, a agricultura urbana deve trazer à tona, a reflexão sobre as relações históricas entre a agricultura e a cidade, bem como, sobre as conexões entre questões relevantes no mundo atual, como as relações entre o rural e o urbano, entre a sociedade e a natureza.

Segundo Rosa (2011), ao aproximar campo e cidade a AU e a AUP contribuíram para a estruturação de circuitos de proximidade de produção e consumo curtos e curtíssimos de comercialização, construindo dinâmicas que vão além da ligação geográfica, transformando a dinâmica de cidades rurais e urbanas.

Nessa perspectiva, para Joice Zagna et al (2015), a agricultura urbana integra o sistema econômico, ecológico e social. Além de proporcionar segurança alimentar, este estilo de agricultura pode ser entendido como um projeto social, pois é praticada em quase todas as partes do mundo, sendo responsável pela produção de 15 a 20 por cento do abastecimento de alimentos do mundo e desempenha um papel importante na realização da segurança alimentar.

Para a América Latina, Pinto e Yves (2009) salientaram que cada vez mais cresce o número de países, que reconhecem e promovem ações de agricultura urbana em suas cidades, objetivando o fortalecimento da segurança alimentar e, desta forma enfrentam a pobreza, melhoram a gestão ambiental e a saúde da população desprovida.⁸¹

Pasa (2007) notou a importância que a prática da agricultura urbana exerce na vida das pessoas; a utilização dos quintais urbanos, além de possibilitar a produção de alimentos, atendendo parte da demanda familiar tem um papel ambiental importante no ecossistema urbano, pois no geral, apresentam uma composição florística ampla, englobando uma diversidade de espécies vegetais que variam de plantas herbáceas⁸² a arbóreas⁸³.

Guarim Neto & Carniello (2007) apontaram que os quintais exercem papel importante na diversificação da paisagem de um local, além de servir como um espaço onde os costumes, a cultura e os hábitos familiares são representado.

1.2- Relação população e natureza nas cidades

Por meio da prática de cultivo nos quintais urbanos, populações têm buscado selecionar melhor as plantas que atendem suas necessidades alimentares, mas também alcançar informações, sobre a melhor forma de uso e manejo dos ambientes naturais (Florentino et al, 2007; Trotta et al., 2012).

De acordo com Amaral e Guarim Neto (2008), os quintais podem ser considerados verdadeiros bancos genéticos, de fundamental importância na disseminação do germoplasma⁸⁴, conservando a agrobiodiversidade, além disso, contribuem para manter vivas as tradições locais, geram novos saberes em

⁸¹ A Organização para a Alimentação e Agricultura da Organização das Nações Unidas revelou que, em 2013, a agricultura urbana estava generalizada, pois em 16 dos 23 países pesquisados na América Latina e Caribe as pessoas ganharam alguma renda a partir desta atividade (FAO, 2014). De acordo com Corbould (2013) em Hanói, Vietnã, 80% dos legumes frescos e 40% dos ovos são produzidos pela a AU e AUP, na capital de Gana, Acra, em torno de 90% de todos os legumes frescos consumidos são provenientes da produção urbana. No Japão, por exemplo, devido à reduzida disponibilidade de solo, a cobertura de algumas estações de trem já vem sendo usadas para cultivar frutas e hortaliças. Também no Japão, um edifício na capital Tóquio teve sua fachada transformada em uma fazenda vertical, de certa forma "criando" área cultivável com ocupação horizontal nula. Na América Latina, Havana em Cuba é o principal exemplo de cidade aonde a agricultura urbana vem sendo trabalhada com o desenvolvimento dos organopônicos, tecnologia que permite cultivar vegetais na água, em locais pequenos e com solo tem baixa qualidade(CORBOULD,2013).

⁸² Plantas pequenas, normalmente rasteiras de caules macios que podem facilmente ser cortadas sem auxílio de ferramentas. (Lorenzi, 2002).

⁸³ Grupo de plantas constituídas por árvores de grande porte que estão presentes principalmente das florestas e matas. (Lorenzi, 2002).

⁸⁴ Bancos de Germoplasma - são unidades conservadoras de material genético de uso imediato ou com potencial de uso futuro.

relação aos cultivos, configurando-se como espaços de resistências. Assim, os quintais contribuem de diversas formas, dependendo da finalidade que cada morador ou proprietário queira realizar.

Populações buscam utilizar recursos naturais para atingir seu bem estar. Freitas et al (2012), em uma pesquisa realizada no nordeste paranaense observou que mesmo em local urbanizado, as pessoas mantêm estreita relação com a natureza por meio do uso dos quintais. Nesse caso, a natureza não está apenas vinculada a fornecer matéria prima para satisfazer a humanidade e sim, articula-se às capacidades de populações obterem conhecimentos para utiliza-la da melhor forma possível sem destruí-la.

Nessa perspectiva Kumar & Nair (2004) reforça que a produção de alimentos nas áreas urbanas permite que interações sejam constituídas ou restabelecidas, entre o homem e a natureza de modo a satisfazer necessidades econômicas, sociais e culturais.

Essas interações população-ambiente nas cidades, propicia, a construção de conhecimentos em relação à diversidade de plantas, além de proporcionar o desenvolvimento de relações sociais, de transmissão de saberes, a cerca dos recursos da natureza entre gerações e com isso basear um sentimento de pertencimento.

Ao transformar o meio natural, o ser humano ao longo de sua história sempre se utilizou de uma ferramenta fundamental para a sua atuação: a cultura. Segundo Jacobi (1999), a cultura influencia a relação entre o homem e natureza, ao mesmo tempo é influenciada por esta relação. Dessa maneira, entender as diferentes formas como o ser humano entende e maneja o ambiente que o rodeia é essencial para a compreensão das relações socioambientais.

Outra importante ação que se pode associar a prática do cultivo em áreas urbanas, relaciona-se com a educação ambiental. A produção de alimentos em áreas urbanas propicia maior absorção das águas das chuvas, manutenção de quintais e terrenos limpos, além de integração e cooperação entre os vizinhos e a valorização da cultura local. Também pode ser possível envolver as pessoas da comunidade, do bairro, cidade a sensibilizar-se sobre o lugar e condição em que vive.

2- AS ANDANÇAS PELOS QUINTAIS

2.1- Os caminhos

Tendo em vista a compreensão de como agricultores (as) urbanizados (as) se relacionam com a natureza na cidade, para esse capítulo, toma-se como base o estudo etnobotânico dos quintais urbanos.

A etnobotânica, que é um ramo da etnobiologia que ocupa-se da inter-relação entre populações humanas e as plantas e aborda as conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito dos vegetais (Posey 1987). Para Guarim Neto et al. (2000), a etnobotânica proporciona o resgate do saber tradicional relacionado aos diferentes usos da flora.

Estudos etnobotânicos são importantes porque, além de descrever a organização social, os valores, a cultura e as crenças, também podem apresentar numericamente índices que expressam a diversidade, densidade, variedade, dominância entre outras variáveis (Albuquerque, 2007).

Para realizar o levantamento etnobotânico combinaram-se duas técnicas: entrevistas com questionários semi-orientados (Queiroz, 1991), e o censo das plantas cultivadas em cada quintal.

Importante ressaltar que, dos nove agricultoras (o), os levantamentos nos quintais foram realizados em sete quintais, pois um agricultor relatou não ter quintal produtivo na sua residência, devido à necessidade de aumentar a área construída no seu terreno. Entretanto, este agricultor salientou que tem uma chácara de aproximadamente 20 hectares no município próximo a Montes Claros, onde cultiva e traz uma boa parte das frutas e verduras para consumir na cidade. Outra agricultora informou que, a produção na no seu quintal era muito pequena, resumia-se a alguns pés de plantas cultivadas em vasos.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos agricultores (as). No primeiro momento, realizou-se um “pré-teste” do questionário, com intuito de melhorar ou adaptar o instrumento, tendo em vista suprir os objetivos propostos. O questionário continha questões socioeconômicas dos informantes e questões de evidências ambientais (ver roteiro 02 em Apêndice - A).

O levantamento das espécies de plantas nos quintais se deu por meio da técnica da visita guiada, ou caminhada transversal⁸⁵, onde as agricultoras informavam uma série de dados, a respeito de cada planta, isto é: quais eram as plantas utilizadas, tipos de uso, formas de uso, origem das mudas, destino da produção, indicações terapêuticas, neste caso, somente para as plantas de uso medicinal (Ver ficha no Apêndice - A).

As plantas foram identificadas, a partir de dois mecanismos: primeiro, por meio do nome popular de cada espécie, informados pelas próprias agricultoras e, com os registros fotográficos das plantas. A partir dessas informações foi possível fazer a identificação das plantas, utilizando alguns sites de classificação de espécies e o livro *Árvores Brasileiras v.1 e v.2* (Lorenzi, 2002) também foram consultados para essa finalidade.⁸⁶

2.2 – A caminhada

Os dados obtidos em campo através do censo de plantas foram tabulados no programa Microsoft Excel 2010 e, posteriormente classificados de acordo com as informações que se pretendia alcançar. O tratamento dos dados passou por uma série cruzamentos estatístico, para que fosse possível realizar análises sobre a densidade, diversidade, variedade riqueza das espécies encontradas nos quintais urbanos (Ferraz, 2010).

Diversidade e riqueza de espécies são dois termos ecologicamente distinto. De acordo com Albuquerque (2010), a diversidade está relacionada com conjunto de espécies com o seu número de representantes. Já a riqueza, destaca o número de indivíduos de determinada espécie correlacionada ao número de indivíduos por hectare (densidade) da população.

A densidade é o número de indivíduos de cada espécie ou do conjunto de espécies que compõem uma comunidade vegetal por unidade de superfície, geralmente hectare. A densidade relativa diz respeito ao número de indivíduos total de uma mesma espécie por unidade de área. (FREITAS & MAGALHÃES, 2012).

⁸⁵ Sobre visita guiada, caminhada transversal consiste em percorrer uma determinada área, acompanhado de informantes locais e que conheçam o local. Nessa caminhada, observa-se todo o agroecossistema, por onde se passa e coleta informações sobre as plantas, animais, ecossistemas. (Ver Brose, 2001 & Coelho, 2005)

⁸⁶ Para Vogl et al. (2004) em estudos em quintais urbanos normalmente amostras de espécimes podem ser coletadas para o reconhecimento botânico, mas esse procedimento não se fez necessário nessa pesquisa porque as espécies eram de fácil identificação.

Devido a natureza desse levantamento e ao tamanho da área estudada, (considerada pequena), a diversidade de espécies foi mensurada de forma direta, utilizando-se a riqueza de espécies, ou seja, o número de espécies existentes na área estudada.

As análises quantitativas fez-se necessárias para complementar as informações qualitativas e amparar a análise sobre a importância dos quintais urbanos tanto na manutenção da biodiversidade local quanto na soberania alimentar e nutricional de populações urbanas (Araújo et al 2010).

As técnicas quantitativas, portanto, buscaram avaliar a concordância das citações, quanto à importância relativa das espécies, e se mostraram fundamentais para obter informações etnobotânicas, com base no conhecimento local sobre as diversas formas de utilização dos vegetais. Para Albuquerque (2010), dados quantitativos podem ser usados como justificativa para a conservação das espécies vegetais e do conhecimento popular, principalmente, por fornecerem informações sobre as espécies e/ou famílias mais utilizadas para diversos fins.

3- OS ETNO-QUINTAIS

3.1- Lócus de experimentações e ressignificação dos saberes tradicionais.

Nos quintais urbanos, pesquisados em Montes Claros são intensas as experimentações de diversas plantas; pode-se considerar que esses quintais funcionam como uma espécie de laboratórios vivos, onde agricultoras (o) fazem constantes “experimentos”. Experimentam de tudo um pouco, sejam as técnicas, os produtos, o manejo com o solo e as plantações.

“... se você usou um adubo e não deu certo na planta, você precisar ir testando outros tipos, até que, em algum momento você vai achar um tipo, que vai dar certo, e isso é um aprendizado a mais que você teve... é como você fazer um experimento com qualquer coisa em laboratório”. (Sr. João).

Em um estudo realizado em quintais no norte de Mato Grosso, no município de Alta Floresta, Santos (2004) constatou que algumas plantas, ainda pouco adaptadas ao local, devido ao clima ou solo, eram objeto de constantes experimentações através do plantio de sementes e de mudas.

A respeito da produção nos quintais urbanos, todas as agricultoras (o) fizeram relatos sobre as experimentações que realizam:

“Um moço, que tem roça aqui perto me deu essa muda de coco da Bahia, eu achei que nem ia pegar, porque acho que coco é mais de região de praia né... mas quis testar e plantei, olha como tá esse pé de coco, dá cada cocos, tem tanta água é docinho, docinho...direto os vizinhos vem aqui buscar” (Dona Ana).

Pôde-se perceber que para fazer os experimentos em seus quintais, as agricultoras acessam várias redes de informações e conhecimentos, dentre elas destacam-se: os aprendizados com os familiares, as trocas de informações com os vizinhos e amigos (redes sociotécnicas) e, interações com as tecnologias. Dona Ila, por exemplo, está cultivando morango, segundo ela é uma novidade:

“Eu plantei esse morango aqui, e isso é uma novidade pra mim.. plantei para testar e não é que pegou! mas ele não gosta de terra ligada não, pega melhor quando mistura com areia lavada”.

(Dona Ila)

Figura 14: Morango - *Fragaria vesca*



Fonte: Pesquisa de campo – Rebouças, 2018.

Por outro lado, dona Francisca, que também faz constantes experimentos em seus quintais, relatou que costuma assistir diversos programas de televisão e com isso, aprende e aprimora as técnicas para o plantio no seu quintal.

Figura 15: Cacau - *Theobroma cacao*



Fonte: Pesquisa de campo – Rebouças, 2018.

Esse pé de cacau eu ganhei a muda de dona Nita, que tem parentes na Bahia, nem sabia direito como cultivava, mas lembrei que tinha visto na televisão que eles gostam de sombra, aí plantei aqui debaixo desse pé de caju, olha só como está, bonito que só...já colhi cacau daí, eu mesma fiz o chocolate.

(Dona Francisca)

Já dona Rosa, a de mais idade entre as agricultoras (o), disse não gostar muito das tecnologias, gosta mesmo é de bater um papo com os vizinhos a tardezinha, ou durante as novenas na igreja do seu bairro.

Figura 16: Mertiolate – *Jatropha multifida* L.

Esse aqui é um pé de mertiolate, você conhecia?

Simone: Não, dá uma flor bonita dona Rosa! E serve para tratar machucado igual o de farmácia?

Sim, é só pegar quebrar o talinho aqui, sai uma “seivazinha” é só passar...um vizinho que me deu essa muda, queria saber se funcionava mesmo, por isso plantei”.

(Dona Rosa)



Fonte: Pesquisa de campo – Rebouças, 2018.

A experimentação de novas espécies, ou técnicas de cultivo também foi observada por Pedroso (2008), em Rosário Oeste- MT, sobretudo por o cultivo de plantas como a uva (*Vitis vinifera*) e a maçã (*Pirus malus*), espécies ainda não adaptadas ao local, mas em fase de experimentação por parte dos moradores.

Esses quintais mantêm aspectos de ambiente rural, muitos são de tamanhos reduzidos, cercados por muros e/ou madeiras, as agricultoras produzem suas roças, cultivando principalmente espécies alimentares, ornamentais e medicinais, ao mesmo que criam pequenos animais como galinhas, gatos e cachorros.

“...meu espaço é pequeno demais, eu tirei esse pedaço aqui debaixo do pé de goiaba para poder criar essas galinhas, agora tem 14, tinha mais é que no final do ano fiz para uns parentes que veio me visitar.” (Dona Ila)

“Criamos umas galinhas no quintal, mas já falei para Pedro que o espaço está pequeno pra elas, vamos levar para a nossa rocinha.” (Arabela)

Outro aspecto, observado nos quintais urbanos de Montes Claros é que, apresentam objetos e costumes típicos da roça, como: jiraus, fogões a lenha, pilões, fornalhas e jiraus, o mesmo também foi encontrado nos quintais estudados por Pedroso em (2008), de modo que esses quintais apresentam uma série de funções, da conservação biológica à sociabilidade dos moradores, podendo ser resumidas nos seguintes itens: econômica, agroecológica e sociocultural.

Eu mesma tenho meu pilão, eu tenho uns pezinhos de café aqui, quando é época, eu mesmo faço o meu café... a mesma coisa a cana, tenho meu "engenho"¹ quando está na época, faço tanta garapa, as vezes até vendo pra vizinhança. (Dona Nita).

Quando as (o) agricultoras (o) chegaram à Montes Claros, passaram por algum tipo dificuldades para implementar seus cultivos na cidade, a maior parte das vezes, relacionadas a falta de espaço, pois vieram morar com parentes e os terrenos eram compartilhados.

A questão da falta de espaço para produzir na cidade foi em partes solucionada, devido às experiências e saberes que essas agricultoras (o) traziam consigo e, ou aprenderam no ambiente urbano, um deles é a produção no “regime de meia” - essa prática foi e é vivenciada por pelo menos quatro agricultoras desse estudo; se associaram com mais agricultores, tanto, para prover o acesso a terra, quanto para aumentar a força de trabalho disponível, para isso utilizaram-se de chácaras “emprestadas”⁸⁷ ou terrenos baldios para cultivo e solta de pequenos animais, como porcos e galinhas. Essas práticas representaram uma maneira de cuidar da segurança alimentar e a apoiar a renda familiar, conforme se pode notar nos relatos:

“...ninguém ganha o suficiente para se manter na cidade...e se você tiver uma ajudinha de uma coisa ou outra... por exemplo, se você planta um pé de quiabo você já está fazendo alguma coisa, porque em vez de você pegar R\$2,00 ou R\$3,00 reais para dar em um pacote de quiabo, você tendo um pé em casa, você colhe e come, e já economizou”. (Sr. João).

⁸⁷ Era comum aquela época, os donos de chácaras, em troca dos cuidados e de parte da produção emprestar suas propriedades à trabalhadores (as) rurais recém chegados a cidade. Essa pratica acontecia por intermédio de algum conhecido.

“...gosto de plantar porque sei o que estou comendo, sei a procedência do meu alimento”. (Dona Ila).

Os “conhecimentos tradicionais” apreendidos com os seus familiares foram essências para as agricultoras (o) criarem seus quintais. Nesse sentido, esses espaços representam mais do que um simples sistema de produção, pois boa parte das vezes, esses conhecimentos foram e são atualizados e utilizados para produção de alimentos na cidade por promover uma dieta culturalizada, que remete aos alimentos sadios que consumiam na roça.

“A maioria das coisas que a gente compra tem agrotóxico né, e na pastoral a gente aprendeu muito a valorizar as pessoas a terem uma coisinha plantada na casa delas, nem que seja nos vasos para consumir” (Júlia).

“...igual lá na roça, a gente tinha o costume de pegar as verduras na horta com aquele cheirinho, que não esquece, de ter os alimentos ali todos saudáveis, e não usar os agrotóxicos, nem na lavoura, nem horta, nada, e era tudo “naturalzinho” então, por isso também que o planto o que posso aqui no meu lote, pelo sonho de consumir tudo saudável”(Arabela).

Outros motivos identificados para a produção de alimentos na cidade estão relacionados ao fato de proporcionarem ocupação e prazer em mexer com a terra e com as plantas:

“(...) sempre gostei de plantar, mas depois que meu esposo faleceu passei a gostar mais ainda, porque quando eu vejo minhas plantinhas bonitinhas saindo, nossa! que alegria, é uma ocupação que me dá muita felicidade”.(Dona Nita)

“porque eu amo plantar, amo planta, amo terra, amo a natureza... e também para ter uma ocupação, porque elas me dão um retorno agradável, porque quando você planta uma planta que ela se renova, parece que ela tá te agradecendo. Então isso me dá uma satisfação muito grande” (Dona Francisca).

As formas de acessar e articular os saberes tradicionais na cidade revela que, (as) agricultoras (o) têm uma ampla capacidade de "viver em dois mundos", e, pode-se dizer, de inventar um terceiro: ora, estão inseridos na vida cidadina, em

outras, revisitam o campo, em outras combinam os dois mundos em suas estratégias de vida.

4- ORGANIZAÇÃO DOS QUINTAIS URBANOS

Nesse tópico vamos descrever com essas agricultoras urbanas costumam organizar os seus quintais, tanto para a produção de alimentos, quanto para a criação de animais de pequeno porte como galinha e porcos.

4.1- Manejo do solo

Todas (o) agricultoras (o) pesquisadas (o) fazem algum tipo de manejo no solo para implementar seus quintais. Na análise de Ribeiro et al (2012) um fator essencial para a diversificação e dos cultivos nas áreas urbanas está relacionado a qualidade da terra.

“os solos de Montes Claros são bem diferentes entre si, muitos dos agricultores urbanos mudam de bairro ou do local em que moravam no mesmo bairro para buscar as melhores áreas de plantio, aquelas que se parecem com as terras que registraram nas lembranças. Como escolhem o que plantar e o tanto que podem plantar a partir do tipo de terra, acabam fazendo uma rica avaliação etnopedológica das áreas urbanas, percorrendo a cidade em busca dos solos e recursos mais favoráveis.” (Ribeiro et al, 2012, p. 14.

Em seus estudos Ribeiro et al (2012), também observaram que agricultores migrantes de Montes Claros criam técnicas para aumentar a fertilidade do solo.

Uma das técnicas relatadas nessa pesquisa para melhoria do solo é o acréscimo de diferentes tipos de terra, aliado ao incremento de esterco de animais, que são obtidos nos terrenos onde há soltas desse animais, ou comprados de carroceiros.

“Uso da terra daqui mesmo, cavo a terra vermelha e misturo com esterco de animal, principalmente de cavalo, que tem muitos soltos por aí, eu saio e pego e misturo para fazer meu adubo”. (Dona Ila).

“É mais adubo de cavalo porque é difícil achar o de boi, então eu compro o de cavalo, coloco num “tamborzão”¹ e vou colocando resto de casca de verdura,

de fruta, resto de folhas do quintal pra pubar junto, depois de pronto, uso para colocar nas plantas". (Dona Rosa).

Quando realizam algum plantio diretamente no chão, as agricultoras costumam afogar a terra alguns dias antes, pois esse processo serve para a terra respirar antes de receber as mudas ou as sementes, além de fazer misturas de diferentes tipos de solos, conforme:

"Afofo a terra com a enxada, para deixar ela mais soltinha e, na hora que eu plantar ela não "sufocar" a semente, a terra respira melhor podendo entrar mais nutrientes na planta". (Dona Ana).

"Eu misturo a areia, lavada, pra terra não "ligar". Por que se não for areia, a terra liga muito, fica aqueles torrões seco". (Dona Nita).

Outra forma recorrente de fazer a melhoria no solo é por meio da compostagem doméstica. Todas (o) agricultoras (o) informaram desenvolver essa técnica em seus quintais. Esse processo é realizado boa parte com as sobras de verduras, legumes e frutas. Depois de pronto, muitas vezes há o incremento do esterco de animais para melhorar ainda mais a qualidade desse adubo.

"...estou arrancando uns capim braquiária - que nasceram no meu quintal na roça, estou amontoando e juntando a ele todo tipo de coisa orgânica que encontro: milho, palha, folhas, depois eu vou misturar isso com esterco de boi, acho que vai dar um adubo bem bom". (Sr. João).

"Faço o adubo orgânico com o resto de cascas de frutas e verduras porque é bom para usar nas minhas plantas, mas também porque serve para diminuir a produção de lixo, além disso nasce um monte de sementes sozinha de verdura que está dentro desse adubo" (Arabela).

Cada agricultora (o), tem o seu jeito próprio de desenvolver a compostagem. De acordo com Silva (2002) e Lima et al (2008), as vantagens da compostagem podem ser mensuradas pelo seu baixo custo operacional; possibilidade de utilização do composto na fertilização do solo para, a agricultura e jardinagem; subsequente redução da poluição do ar e da água subterrânea,

evitando-se a contaminação ambiental; além de contribuir para a melhoria continuada da qualidade do solo.

4.1.1 - Terra Preta

"Terra preta" é a terra mais apreciada para compor a fertilidade do solo nos quintais pesquisados em Montes Claros.⁸⁸

"(...) a terra daqui de Montes Claros é bem ruim, para melhorar, utilizo a terra preta porque é ótima, é uma terra mais forte, boa para plantar, porque ela não fica muito compactada, é mais solta, mais fofinha é bem melhor..." (Dona Ana).

A Terra Preta também é conhecida como "Terra de índio" pois, ao que parece, origem antrópica indígena. Mas, segundo Lima et al. (2002), a formação da Terra Preta ainda não é explicada. A hipótese mais aceita se baseia em um conjunto de evidências pedológicas e arqueológicas, sugerindo que teriam sido formadas, não intencionalmente, pelo homem pré-colombiano.

Nesse tipo de terras localizam antigos assentamentos e, em seus solos contêm artefatos culturais, são de coloração escura, devido ao material orgânico decomposto e, em parte, na forma de carvão, como resíduo de fogueiras domésticas e de queimadas para uso agrícola do solo, ou pelo uso contínuo do homem, como lugar de residência ou cultivo por períodos prolongados, com adição de material orgânico em mistura com material mineral, contendo fragmentos de cerâmica e/ou artefatos líticos, e/ou restos de ossos e/ou conchas.

Essas terras, de acordo com Madari et al 2009 / Schaefer et al. (2000) são encontradas em áreas de encostas, mais próximas a rios e morros; são ótimas para o cultivo, principalmente, de mandioca, banana, feijão, milho, mamão e abóbora.⁸⁹

Ribeiro et al (2012) indicaram que os agricultores urbanos de Montes Claros dão preferência por utilizar a "terra preta" por ser uma terra oleosa e solta, encontradas nas beiras de água sem a presença de minhocas e "(...) responde muito bem à molhação e dá um retorno extraordinário na produtividade dos cultivos".

⁸⁸ De acordo com Schaefer et al., (2000) essa terra é caracterizada pela coloração escura na superfície e avermelhada/amarelada em sub-superfície e estrutura granular bem desenvolvida.

⁸⁹ Esses solos são procurados preferencialmente para a agricultura de autoconsumo por comunidades tradicionais de agricultores (Sombroek et al, 2003/2009)

“Antes eu mesma ia na beira do rio para retirar essa terra preta, mas hoje o rio está poluído demais, aí ou eu compro de um carroceiro que passa aqui vendendo, ou as vezes eu vou nas beiras das encostas que tem aqui perto e pego um pouco”. (Dona Ila).

“É a melhor terra que tem para plantar, nossa! fazer uma horta e colocar um pouco dessa terra, você precisa ver a diferença que dá”(Dona Lourdes).

Existe a preocupação em relação a Terra Preta, algumas agricultoras relataram não pegar mais essas terras nas proximidades dos rios devido a poluição e, também porquê não encontram mais esse recurso terra facilmente nas proximidades de suas residências.

“Antes era mais fácil de encontrar essa terra preta, depois que descobriram que ela é boa para plantar, parece que está se esgotando, antes eu apanhava, agora eu compro quando estou precisando”. (Dona Rosa).

Como a maioria são idosas, ou tem outros afazeres, está cada vez mais difícil se deslocar para outros bairros, em busca de terra preta. Algumas informaram que compram a terra preta quando precisam, mas enfatizaram que nem sempre isso é possível, pois os preços estão se tornando elevados. Compram apenas quando já sabem que a planta só se desenvolverá bem com a terra preta.

4.2 - Manejo das plantas

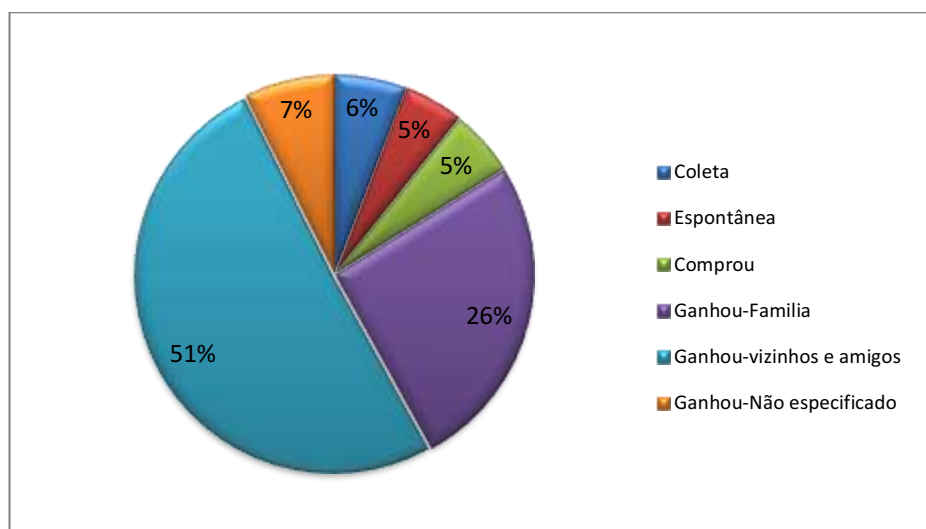
Uma questão importante para essa dissertação referira-se a origem das mudas e sementes utilizadas pelas (o) agricultoras(o) para a produção na cidade.

Os resultados das entrevistas e do mapeamento nos quintais indicaram que, 92% das mudas e sementes são oriundas do próprio município. Essa fato é explicado devido a extensas rede sociotécnicas que essas agricultoras (o) criaram ao chegar Montes Claros. Os familiares que moram fora do Estado, também são excelentes fornecedores de sementes e mudas. Muitos relataram que gostam

de trazer novidades de fora do Estado para fazerem experimentos e também para ter a planta como recordação da família. (Gráfico 01 do apêndice)

Mais da metade das mudas e sementes (51%), cultivadas nos quintais por essas agricultoras eram obtidas por meio da relação de vizinhos e amigos proporcionada pelas redes sociotécnicas, conforme mostra os dados do gráfico 01.

Gráfico 01: Forma de aquisição das mudas e sementes produzidas pelas agricultoras urbanas.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Para cada agricultora (o) existiam variadas conformações de redes sociotécnicas: iam desde o vizinho ao lado de casa até vizinhos de outros bairros onde morou; eram formadas também pelos amigos de trabalho, de diversão ou mesmo da igreja.

A família extensa representa um importante agente para fornecimento dessas sementes e mudas. De acordo com Ribeiro et al (2012), os agricultores que migraram de determinados municípios, próximos a Montes Claros costumavam se fixar num mesmo conjunto de bairros. Esse fator explica a representatividade que a família tem no fornecimento dessas mudas, muitos parente e familiares moram bem próximos um dos outros, o que facilita essas constantes trocas.

A compra de sementes é estratégia pouco praticada por essas agricultoras, quando a fazem, são na grande maioria de hortaliças para o cultivo na época das secas. As plantas, principalmente as nativas / herbáceas, costuma nascer espontaneamente nos quintais. Essa dispersão acontece pelo vento e

também, através da prática de compostagem, onde é comum encontrar nos resíduos, sementes de plantas que foram consumidas pela família.

Existe uma categorização para a seleção das espécies cultivadas. O primeiro ponto a ser analisado é o tamanho do quintal: as (o) agricultoras (o) se percebem que não terão espaço suficiente para a planta desenvolver nem plantam.

“... aqui não tem espaço para plantar muita coisa, eu só planto aquilo que eu vou cuidar e sei que terei espaço no meu quintal, que eu tenho responsabilidade, com aquela planta com aquela muda, não planto só por plantar não”(Arabela).

Questões relacionadas às lembranças da roça também são fatores analisados na hora da escolha das plantas. Muitas agricultoras, relataram plantar as espécies que remetiam aos tempos de crianças, os cheiros, as cores e as texturas características de certas plantas.

“eu planto aquilo que me interessa, aquilo que eu gosto. Planto aquela planta, que tem a flor com o perfume ou a cor que me faz lembrar da roça. Então eu não planto qualquer coisa não”(Arabela).

Outo critério na escolha das plantas está relacionado em saber a procedência da semente, geralmente dão preferência em cultivar as semente ou mudas de pessoas conhecidas, que julgam ter qualidade.

O manejo das plantas nos quintais urbanos pesquisados inclui a utilização de técnicas como podas e capinas periódicas, irrigação, limpeza e adubação. A prática de podas geralmente envolve os corte de galhos ou ramos indesejados; a capina quando realizada é feita com auxílio da enxada para a retirada das plantas rasteiras daninhas.

Cinco agriculturas informaram que para irrigação utilizam água das cisternas (poços manuais) perfuradas em seus quintais, as demais utilizam água da COPASA⁹⁰. A adubação é feita por meio dos adubos orgânicos produzidos por elas mesmas, através da técnica da compostagem, com a utilização de esterco de animais e, quando possível, de "terra preta".

⁹⁰ Companhia de Saneamento de Minas Gerais.

Todos estes tratos com os quintais apresentam traços culturais e têm a finalidade de se obter melhor desenvolvimento das espécies, além destes cuidados contribuir para redução do uso de fertilizantes químicos, proporcionando o melhoramento da qualidade tanto da planta quanto do solo (Silva et al , 2010).

“Gosto de plantar as plantas que aprendi a cuidar desde criança na roça... me lembro de quando a gente ia plantar na roça era tudo certinho, meu pai preparava o terreno, colocava fogo, deixava tudo limpinho, tudo prontinho para plantar. ..além de já saber como tratar dela eu posso lembrar de tudo que o eu aprendi com a vivência que tive na roça com meus pais, meu avós, eles passaram muitas coisas pra gente.” (Dona Ila)

“... a gente vai plantar a mandioca, se tem mato no lugar, você precisa limpar, preparar a terra pra poder vim a semente, igual milho, feijão, é a mesma coisa; o critério que a gente usa mais é a preparação do solo, e o resto deixa por conta da chuva” (Sr. João).

O controle de pragas nos plantios é realizado por meio da utilização de “inseticidas naturais”, preparadas pelas próprias agricultoras (o), com o uso de diversos ingredientes, alguns com base em plantas, outros combinando plantas e produtos industrializados como detergente, mas em todos os casos, considerados como naturais, pois não deixariam resíduos nocivos na saúde da planta, da terra e das pessoas⁹¹.

“eu uso para o controle de praga, coisas naturais; eu pego a mamona e soco ela bem “socadinha”, coloco em um litro e deixo de um dia pro outro, coloco na bomba, bato e afasta todas as pragas...quando vejo que grilos e gafanhotos estão atacando os pés de limão, pego a pimenta, bato no liquidificador, coloco água, coloco na bombinha e bato nas plantas, passa um tempo e eles somem. (Sr. João).

“Faço a inseticida caseira, com casca de alho, folhas de mamona e pimenta do reino. É ótimo para matar qualquer tipo de fungo” (Dona Ana).

⁹¹ Santos (2004) também observou o uso de diversas estratégias "naturais" para controle de pragas em quintais urbanos em Mato Grosso.

“...faço a prevenção com folhas de fumo para não deixar dar pragas; aqui em casa nunca deu não, minhas planta são sadias”. (Dona Lourdes).

Todas (o) agricultoras (o) ressaltaram a importância em ter uma produção sem a utilização de agrotóxicos, as práticas tradicionais de manejo com a plantas refletem importantes processos ecológicos de uso e conservação dos recursos vegetais.

4.3- Dificuldades para produção

As principais dificuldades enfrentadas pelas (o) agricultoras (o) relacionam-se a questões financeiras para investimento em melhorias das práticas agrícolas e falta de espaço:

“A dificuldade é a terra, o tamanho do terreno, porque aqui não tem terra que dá para produzir”.

(Dona Lourdes)

“Antes eu tinha mais coisas plantadas no quintal, mas agora meus meninos construíram... o espaço que restou não dá para plantar muito, também está mais difícil conseguir adubo e não tenho dinheiro para comprar esterco sempre”

(Dona Ana).

Além das dificuldades relacionadas ao acesso a terra e recursos para melhorar produção, mais da metade das agriculturas são idosas e são recorrentes os problemas com saúde.

“Eu estou tendo muita dificuldade por causa da saúde.. até que a força dos braços ainda tenho, mas o olho... eu não aguento abaixar, a cabeça dói demais”(Dona Rosa).

“Eu tenho dificuldade física, porque eu tenho problema de coluna, eu não aguento mais trabalhar muito não” (Dona Francisca).

Possivelmente, as dificuldades ligadas a falta de espaço, força de trabalho, insumos e recursos em geral seriam amenizadas se existissem políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da agricultura nas cidades.

4.4 - Destino da produção

A produção dos quintais analisados é basicamente para o autoconsumo familiar, contudo, as agricultoras (o) salientaram que, quando chegaram em Montes Claros produziam tanto para consumir quanto para vender, pois era uma das formas de ajudar na renda familiar.

“O que planto aqui é tudo para consumir, já vendi muito, muito mesmo, mas foi logo que a gente chegou aqui, porque a gente morava numa chácara que era grande... lá a gente plantava de tudo, e era muita coisa mesmo!” (Dona Ila).

“Planto para o consumo, mas às vezes, eu vendo, porque o povo bate na porta e pede pra vender, eu vendo, mas isso aí serve pra comer mesmo” (Dona Nita).

Boa parte da produção das (o) agricultoras (o), também é partilhada com os vizinhos e amigos, por meio das trocas e doações. Mauss (1977), em “Ensaio sobre a dádiva” apresentou a importância de entendermos como as trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares, de como elas podem tomar formas variadas nas sociedades, tornando-os “fenômenos sociais totais”.

As prerrogativas sobre a dádiva podem ser socialmente construídas de modo diferente, como privilégios, obrigações em “dar e receber” que implicam não só em uma troca material. Segundo Mauss, a dádiva é algo amplo nas sociedades, pois não inclui apenas coisas materiais (presentes), mas também visitas, ritos, festas, comunhões.

“Aqui é assim, eu mais dona Nita e dona Lourdes estamos sempre trocando os produtos que a gente produz, porque tem época que eu tenho uma fruta aqui e não tenho a verdura, aí a gente costuma trocar.

Porque “eu não gosto de vender, eu gosto de doar, o que Deus me deu, repartir”

(Dona Francisca).

A reciprocidade gera assim, via redistribuição, uma produção socialmente motivada que, para Sabourin (2004) constitui um fator de desenvolvimento econômico que vai além da satisfação, das necessidades de subsistência, ou da

aquisição de bens materiais, por meio das trocas. Para as populações de origem camponesas é uma realidade, a realização de troca dos excedentes. As trocas são baseada em um tipo de relação, ou seja, fundamenta-se na união entre a dualidade que a dádiva produz entre o “dar e receber”.⁹²

A troca de mudas e doação de plantas refletem aspectos importantes nesses quintais, pois permite potencializar ações socioculturais das relações entre populações e natureza nas cidades. Essas redes de trocas entre vizinhos e parentes, têm sido relatadas em vários levantamentos etnobotânicos, Amaral; Guamirim Neto, (2008); Winklerprins, Oliveira (2010); Siviero et al. (2012), são alguns autores, que vem registrando a importância dos sistemas informais de troca de conhecimentos e de recursos tradicionais nos quintais urbanos.

4.5 “O espaço produzido”

Na cultura brasileira, segundo Britto e Coelho (2000), o quintal pode ser definido como uma área de fácil acesso e próximo às residências, estes se localizam normalmente na parte de trás da casa, mas pode está localizado ao lado. De acordo com Albuquerque (2006), a localização das espécies nos quintais tem como referência a unidade residencial, de maneira que, as espécies ornamentais estão sempre em frente à propriedade circundando-a o que reflete o interesse pela estética do quintal. As plantas medicinais, condimentares e utilizadas na alimentação são cultivadas nos fundos das residências.

Boa parte dos quintais pesquisados tem tamanho reduzido, apenas duas agricultoras possuem os quintais na cidade acima de 400 metros. (Ver tabela 02).

Tabela 02: Tamanho do terreno dos agricultores (a) e localização dos quintais produtivos .

Agricultor (as)	Área total do terreno m ²	Área Plantio m ²	Localização do Quintal
Ana	320	16,9	Fundos e ao lado da casa

⁹² Para Polanyi (1944) apud Sabourin (2004) a reciprocidade e a redistribuição são formas de transações econômicas diferentes de intercâmbios, e que geram formas diferenciadas de mercados. Os valores humanos e sociais estão inseridos nas práticas da reciprocidade.

Ila	420	211	Fundos e ao lado da casa
Arabela	300	22,4	Fundos da casa
Lourdes	220	2, 5	Fundos da casa
Francisca	800	460	Fundos e ao lado da casa
Nita	900	430	Lado da casa
Rosa	360	163	Frente e ao lado da casa
João	260	0	Não produz na cidade
Júlia	220	2	Fundos da casa

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

4.5.1 - Produção em canteiros e vasos.

Uma alternativa encontrada por algumas agricultoras, para ampliação desse espaço para cultivo é a criação de canteiros. Os canteiros são feitos de alvenarias, ou mesmo com madeiras e são preenchidos por terra.

“Hoje minha filha, não tem mais espaço para plantar aqui no meu quintal, mas eu vou dando um jeito, aproveito umas terras daqui, outras de lá, faço uns canteiros, por cima do cimento e planto de tudo um pouco, principalmente as medicinais” (Dona Lourdes).

Dona Ila, apresentou toda orgulhosa o canteiro de 2m² que fez para plantar batata doce, nesse espaço plantou mais de 50 mudas, que já estavam prontas para serem colhidas:

Figura 17: Canteiro de 2m² feito por Dona Ila



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças, 2018).

“Para plantar essas batatas doces aqui, eu aproveitei o restante da areia que o pedreiro utilizou para rebocar o muro. Igual eu falo: tem que aproveitar tudo” (Dona Ila).

Nos sete quintais, onde foram realizados os levantamentos etnobotânico, evidenciou-se a presença de 24 espécies vegetais, totalizando 540 plantas cultivadas em canteiros. A produção de plantas em canteiros é muito importante na alimentação das famílias, a maior parte das plantas correspondem as hortaliças e medicinais.

Figura 18: Canteiro com plantação de tomate no quintal de Arabela.

“Esse meu canteiro aqui é bem pequeno, mas foi opção que tive para continuar produzindo um pouco de horta no meu quintal, depois que construímos aqui no fundos da casa”. (Arabela).



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças, 2018).

Figura 19: Dona Rosa mostrando o canteiro que fez com troncos de árvores.



Eu utilizo todo espaço que posso, aqui mesmo juntei esse tronco de uma árvore, coloquei terra e plantei essa mudas

(Dona Rosa).

Fonte: Pesquisa de Campo (Rebouças, 2018)

Outra opção utilizada por essas agricultoras para aumentar a área de plantação nos seus quintais é o plantio em diversos recipientes, utilizam desde, pequenas vasilhas, bacias, panelas velhas a caixas d'águas quebradas para cultivar diversas espécies de plantas.⁹³

Figuras 20,21,22 e 23: Produção em bacias, tonéis e caixa d'água.



Fonte: Pesquisa de Campo (Rebouças, 2018)

Evidenciou-se o cultivo de 63 espécies diferentes e um total de 415 plantas sendo cultivadas em vasos e recipientes. Esse valor, expressa a importância dessa adaptação para o cultivo, tendo em vista a ampliação da produção nos quintais urbanos.

O cultivo de espécimes vegetais diretamente no chão, se sobressaiu, apenas para as agricultoras que possuem os lotes maiores, para as demais, a adaptação do plantio em canteiros e vasos são de extrema importância, pois

⁹³ Martins *et al.* (2012) afirmam que as plantas cultivadas em vasilhas inseridas em jiraus são aquelas que exigem maiores cuidados quanto à luminosidade, ataques de animais, intensidade das chuvas e ao solo, enquanto que as espécies cultivadas diretamente no chão são mais resistentes às chuvas, incidência de pragas e toleram a luz.

propiciam a ampliação da produção, bem como, uma maior diversidade de plantas.

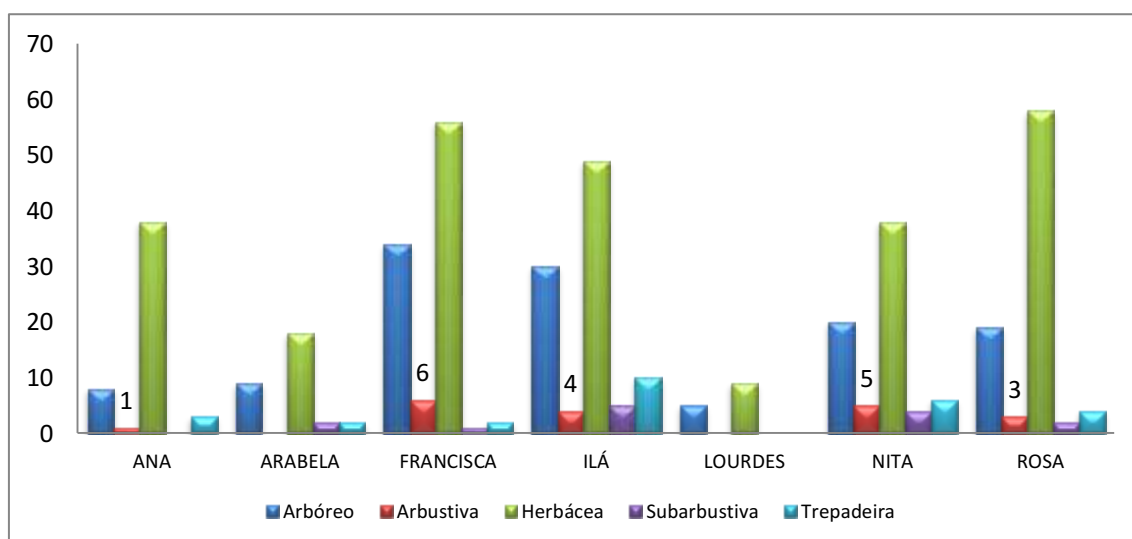
4.5.2 – Sistemas Agroflorestais (SAFs).

Todas as agricultoras, com exceção de uma, estruturam e organizam os plantios nos seus quintais com base no SAF, revelando-se como outra maneira de ampliação da produção.

A estrutura vertical em SAFs segue certo padrão em quintais tropicais que apresentam em média três a quatro estratos, podendo chegar até seis em alguns quintais de ambiente úmidos (Nair, 2004; Albuquerque et al. 2005). Pasa (2004), por sua vez, observou que a estrutura espacial dos vegetais presentes nos quintais da comunidade ribeirinha do rio Aricá-Açú apresentam em média três estratos: o arbóreo, o arbustivo/subarbustivo e o herbáceo.

Dos quintais estudados apenas um apresentou dois estratos, os demais apresentaram entre quatro a cinco estratificações (ver gráfico 02). Esse fator demonstra que, os achados nessa pesquisa, em termos de estratificações está dentro dos padrões encontrados pelos demais autores.

Gráfico 02: Estratificações nos quintais das agricultoras (Eixo X- Número de espécies; Eixo Y - Quintais estudados).



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Nesses quintais, o estrato arbóreo se encontra representado por árvores como a mangueira (*Mangifera indica*), o mamoeiro (*Carica papaya*), o tamboril

(*Enterolobium maximum*), ipê rosa (*Handroanthus heptaphyllus*). No estrato arbustivo, está presentes a laranjeira (*Citrus aurantium*), o limoeiro (*Citrus limonum*). O estrato herbáceo é representado, principalmente, por hortaliças e medicinais como a rúcula (*Eruca sativa*) e a cebolinha (*Allium schoenoprasum*), babosa (*Aloe vera*), capim santo (*Cymbopogon citratus*) entre outras.

Figuras 24 e 25: Diferentes estratificações nos quintais pesquisados.



Fonte: Pesquisa de Campo –(Rebouças, 2018)

Para Filho (2009), os SAFs constituem uma modalidade viável de uso e manejo da terra, segundo o princípio do rendimento sustentado. Permite aumentar a produção total, ou de uma maneira escalonada, no tempo e no espaço através da integração de espécies arbóreas a herbáceas, aplicando práticas de manejo compatíveis com os padrões culturais da população local, de modo que haja interação entre os elementos que compõem o sistema. Preconizam uma série de vantagens principalmente quando se trata de haver um maior aproveitamento do espaço e uma melhor utilização dos recursos.

Segundo NAIR (2004) os quintais agroflorestais se diferenciam de outros SAFs por focarem especialmente as variadas demandas da unidade familiar, em sua

própria residência. Contudo, pouco se conhece acerca das representações locais e estrutura de quintais no Brasil, principalmente em áreas de florestas secas.⁹⁴

O plantio em pequenos SAFs, nesses quintais teve início, devido a necessidade de aumentar espaço a produção. O saber tradicional das agricultoras se faz constante nesse processo de adaptação e readaptação das técnicas, pois exige a expertise em saber quais espécies, podem ou, não serem consorciadas.

Por meio dos SAFs, essas agricultoras criaram nos seus quintais, um ambiente com mais diversidade, transformando essas áreas em sistemas florestais naturais. Durante os levantamentos de dados, em algum desses quintais foi possível observar, determinadas espécies animais, algumas das quais, são caracterizadas como bioindicadores ambientais.⁹⁵

4.5.3- Aquisição de terrenos para plantios

Outro meio encontrado por essas agricultoras (o) para ampliar espaço de produção foi a aquisição de terrenos, ou chácaras nas proximidades de Montes Claros. Cinco relataram ter adquirido terrenos fora da cidade para poder plantar.

“Mais recente, compramos um terreno; já plantamos várias mudas, porque essa vivência de zona rural a gente não esquece, a gente gosta de mexer com plantas, de ter frutas, verduras” (Arabela).

“..aqui no meu quintal não tenho muita coisa plantado, mas tenho minha rocinha que fica ali sentido do clube Pentáurea, lá temos um monte de coisas plantadas, tenho o urucum que trago para fazer meu corante, meus pés de cebola, manga... de tudo tenho um pouco”.(Dona Lourdes).

Tenho uma rocinha aqui perto de Montes Claros, é pequeno, mas pelo menos é maior do que meu quintal. Na verdade é do meu filho que mora lá, mas eu

⁹⁴ Os raros estudos disponíveis nas regiões nordeste do Brasil (ALBUQUERQUE et al., 2005; FLORENTINO et al., 2007) e norte de Minas Gerais (DUQUE-BRASIL et al., 2007) indicam a importância ecológica e sociocultural dos quintais.

⁹⁵ Uma das espécies animais biondicadora, encontrada em dois quintais foi a abelha (*Xylocopa ordinária*), popularmente conhecida como mamangava, principal inseto polinizador do maracujá-amarelo.

vou sempre para poder ajudar ele a plantar, cuidar da roça essas coisas, trago muita coisa de lá, ontem mesmo trouxe tanta mandioca”(Dona Ana).

“Comprei um terreninho de 20 alqueires, onde eu posso plantar de tudo, agora mesmo os pés de mamão estão carregados, logo, logo vou ter mamão a rodo”.
(Sr. João).

“Eu tenho um lote aqui perto, que meu marido ocupou para plantar há muito tempo, estava abandonado, ele resolveu cuidar e plantar... hoje eu e meu filho que cuidamos, tenho de tudo um pouco lá, cana, mandioca, pé de fruta, até umbu tenho....agora estou com muito andu”(Dona Nita).

A aquisição de chácaras e terrenos nas áreas rurais de Montes Claros ou, em outros municípios representa uma maneira de expansão de espaço físico e simbólico de ser fazer agricultura, pois, os principais objetivos para esse ampliação de área foram aumentar a oferta de alimentos “sadios” para o consumo da família e manter o contato mais direto com a roça.

4.5.4- Agroextrativismo urbano

Outra maneira utilizada para aumentar a variedade de mudas, alimentos, ervas medicinais e plantas ornamentais é o desenvolvimento de práticas agroextrativistas na cidade. Para Ribeiro et al (2012), assim como no ambiente rural é comum para agricultores (as) praticar o agroextrativismo no ambiente urbano, eles sabem onde estão os frutos nativos e recursos aproveitáveis, como minas de terra preta, argila, tabatinga, umbuzeiros e pequi.

Sete agricultoras (o) informaram realizar essa prática, todas as fazem no entorno dos seus bairros; seis relataram fazer essas coletas nos seus bairros e também em outros bairros, e três disseram coletar em outras cidades quando estão de passagem.

“Se a gente vê uma muda de uma planta, que interessa na rua, igual já arranquei muda de goiaba na rua, levei e plantei na minha roça...” (Sr. João).

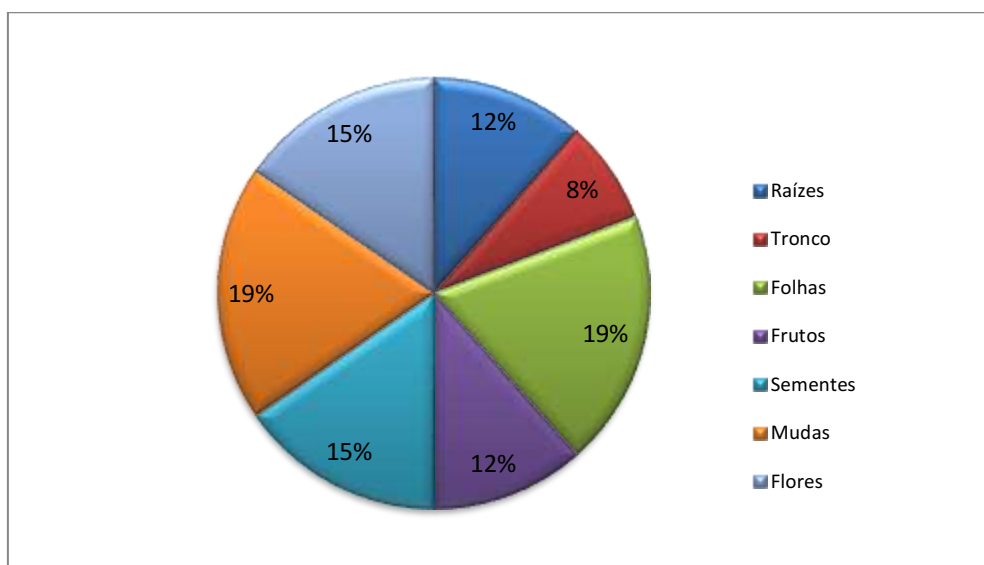
As coletas normalmente são feitas quando encontram a planta, mesmo que não estejam precisando naquele momento, habitua-se a fazer um estoque

em casa para quando precisarem, ou mesmo, em casos de necessidades para amigos e vizinho. Duas agricultoras informaram que saem para coletar, quando aparece a necessidade ou, em períodos específicos, quando está em época de produção, como é o caso do pequi, da manga, da cereja, cajá.

“...eu vou com uma enxada ou facão, coleteo, depois lavo tudo, seco e guardo pra quando eu, ou qualquer outra pessoa precisar. (...) Às vezes a gente vai em outros bairros, aí vê uma planta diferente as vezes a gente já pega e faz até troca de muda” (Dona Ila).

A análise do gráfico 03 revela que, as partes das plantas que as (o) agricultoras (o) mais relataram coletar são: as folhas e mudas (19%); em seguida as sementes e as flores (15%); depois as raízes e frutos (12%); e por fim os troncos (8 %).

Gráfico 03: Principais partes coletadas pelas agricultoras (o) urbanizadas (o).



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

As folhas normalmente são utilizadas no preparo de chás para tratar doenças, as mudas também são plantadas nos quintais, aumentando a diversidade da produção. Os frutos coletados são consumidos *in natura*. As sementes, além de serem plantadas, também são usadas na alimentação e, em menor grau na confecção de artesanatos; as flores são utilizadas para ornamentar as casas e igrejas; os troncos servem de lenha; e as raízes para uso medicinal.

O que coletar e as formas de se fazer as coletas estão associados, a uma base de conhecimento familiar sobre os recursos da natureza, que foi se adaptando aos novos ambientes e diversidade de plantas na cidade, como se pode ver nos depoimentos a seguir:

“Quando tinha 3 anos, pai já me levava para o mato para mostrar as plantas que serviam para curar as doenças.” (Dona Ana).

“Aprendi com pai e mãe. A gente sabe também, se a planta é boa pra plantar ou pra tomar o chá, a gente já sabe” (Dona Nita).

5- ANÁLISE DOS QUINTAIS PRODUTIVOS

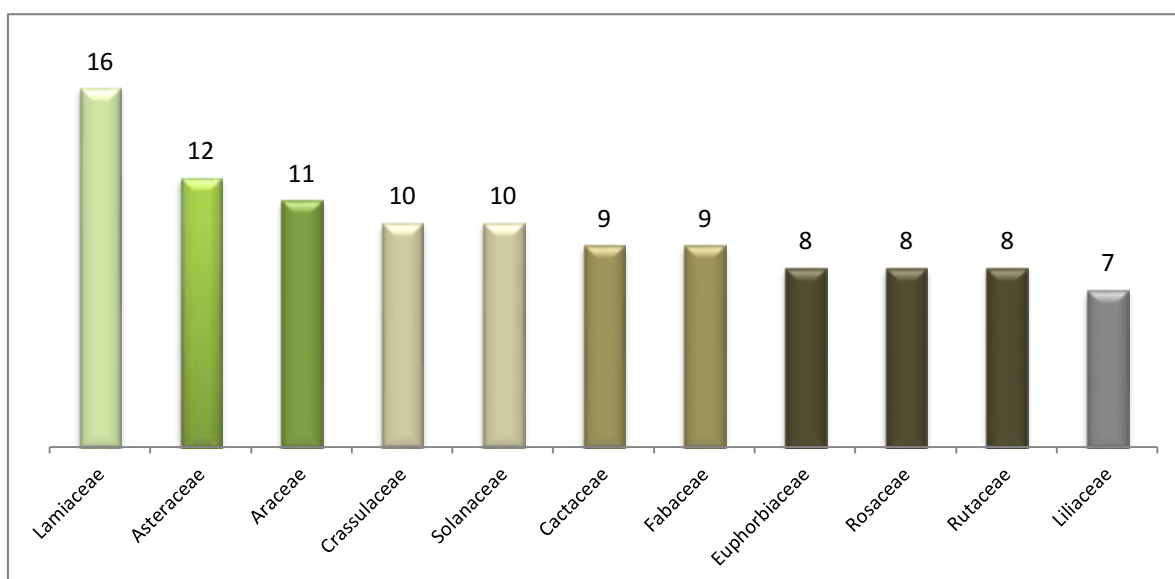
A partir desses levantamentos foi possível quantificar o total de plantas, bem como verificar a diversidade de espécies cultivadas, além de caracterizar uma série de informações sobre as espécies encontradas, como: as formas de uso, as partes das plantas mais utilizadas, os tipos de crescimento, a época de produção entre outras variáveis.

5.1- Variedade, diversidade e densidade de espécies

Nos sete quintais, onde foram realizados os levantamentos etnobotânicos apresentaram uma variedade de 245 espécies vegetais, distribuídas em 83 famílias e 176 gêneros (ver tabela 01 do apêndice). No gráfico 04, são apresentadas as famílias vegetais com maior número de espécies; Lamiaceae (16 espécies); Asteraceae (12 espécies); Araceae (11 espécies); Crassulaceae e Solonaceae (10 espécies cada); Cactaceae e Fabaceae (9 espécies cada); Euphorbiaceae, Rosaceae e Rutaceae (8 espécies cada) e Liliaceae (7 espécies).⁹⁶

⁹⁶ Resultados parecidos foram encontrados nos estudos de: ALBURQUEQUE 2005; SILVA 2010; AMARAL & GUARIM NETO 2010; PASA 2011., Guarim Neto e Maciel (2008) em levantamento etnobotânico no município de Juruena (MT) identificaram um total de 303 espécies de plantas distribuídas em 85 famílias botânicas, sendo que a mais frequente foi a Caesalpiniaceae, Fabaceae, Lamiaceae e Asteraceae. Em um estudo feito em Cuiabá- MT, Pasa (2011), encontrou cerca de 86 espécies, distribuídas em 45 famílias, sendo as mais expressivas: Fabaceae, Mimosaceae e Caesalpiniaceae.

Gráfico 04: As famílias vegetais mais expressivas nos quintais urbanos.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo.

Achados parecidos foram encontrados por Silva (2010), que ao analisar a composição de 20 quintais agroflorestais em Irati, no Paraná, ele encontrou um total de 258 espécies e 82 famílias botânicas, sendo as famílias mais diversas: Asteraceae, Lamiaceae, Fabaceae e Rosaceae. Martins et al (2003) contabilizaram 202 espécies distribuídas em 77 famílias botânicas em uma amostragem realizada em 24 residências de um bairro da cidade de Manaus. A riqueza de espécies indicada por Silva, Martins e colaboradores foi menor do que a observada nos sete quintais urbanos desse estudo, isso revela um dado importante a respeito da diversidade de espécies cultivadas por essas agricultoras.

Figuras 26,27 e 28: Diversidade de plantas encontradas nos quintais estudados.



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças,2018).

Na Tabela 03 apresenta-se o tamanho dos quintais das agricultoras, com o número de espécie encontradas; ao calcular esses valores obtém-se a densidade absoluta⁹⁷ encontradas em cada quintal.

Tabela 03: Densidade absoluta em cada quintal.

Agricultoras (o) Áreas	Área total do terreno m²	Área Plantio m²	Quantidade de espécies	Quantidade de plantas	Densidade Abs. por quintal (ind. x m²)
Ana	320	16,9	51	291	17,21*
Ila	420	211	101	577	2,73
Arabela	300	22,4	33	91	4,065
Lourdes	220	2,5	15	78	31,2 *
Francisca	800	460	99	669	1,45
Nita	900	430	73	744	1,70
Rosa	360	163	87	582	3,57
Total	3.800	1.307,5	N/A	3032	N/A
Área média	542,85	186,7	N/A*	N/A	N/A

(N/A- Não se aplica) / Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Em uma área cultivável total de 1.307,5 m² encontrou-se o total de 3.032 plantas. Esse valor expressa uma densidade alta de indivíduos por metro quadrado (2,33 ind. por m²). De modo que, quintais menores como o de dona Lourdes e dona Ana exibem maior densidade de indivíduos (31,2 ind. x m² e 17,21 ind. x m²), em contrapartida os quintais maiores como o de dona Nita e dona Francisca apresentam menor densidade de plantas (1,70 ind. x m²), (1,45 ind. x m²) respectivamente.

Nota-se, que a relação tamanho do quintal, versus quantidade de espécies, não é diretamente proporcional, de maneira que, o quintal de dona Ila apresenta o maior número de espécies, no entanto, se considerar o tamanho das áreas cultivadas de todas as agricultoras, a área cultivada por dona Ila está numa categoria mediana. Isso ocorre, porque no quintal de dona Ila, o espaço é mais bem aproveitado, existe um sistema agroflorestal bem estruturado, com plantio de diversas espécies vegetais e de maneira consorciadas.

Para as plantas de crescimento arbóreo, normalmente são as frutíferas de grande porte como a manga, umbu, cajá, caju, essas árvores ocupam maior

⁹⁷ Densidade absoluta (DA) é um parâmetro fitossociológico que indica o número de indivíduos de uma espécie por unidade de área [hectare (ha)] ver Brito et al 2007.

espaço físico no quintal e por isso, esse grupo foi caracterizado pela presença de um menor número de indivíduos por espécie.⁹⁸

As plantas que apareceram com mais frequência nos quintais foram: Samambaias, babosa,, capim santo, limão, cebolinha, mamão, maracujá, temperão ambos presentes em 6 quintais; (gráfico 02 e 03 do apêndice) As espécies mais recorrentes são também as mais utilizadas pelas agricultoras, inclui-se as plantas alimentares e medicinais, ou mesmo, as que se propagam mais facilmente como, por exemplo, a babosa (*Aloe vera*) e os diversos tipos de samambaias. Já as plantas que apresentaram maior número de indivíduos são os lírios, seguidas de samambaias, manga, orquídeas e babosa.

A partir desses dados, pode-se caracterizar que esses quintais possuem alta riqueza de espécies de plantas. Contudo, a diversidade não é tão expressiva, devido a alta densidade de espécies por metro quadrado e a grande concentração de indivíduos de uma mesma espécie.

5.2- Usos das plantas

As espécies encontradas foram categorizadas de acordo com as formas de uso dadas pelas agricultoras: alimentação; medicinal; ornamentação; alimentação e medicinal e usos múltiplos (nessa categoria inclui o uso concomitante para alimentação, medicinal e usos místicos).⁹⁹

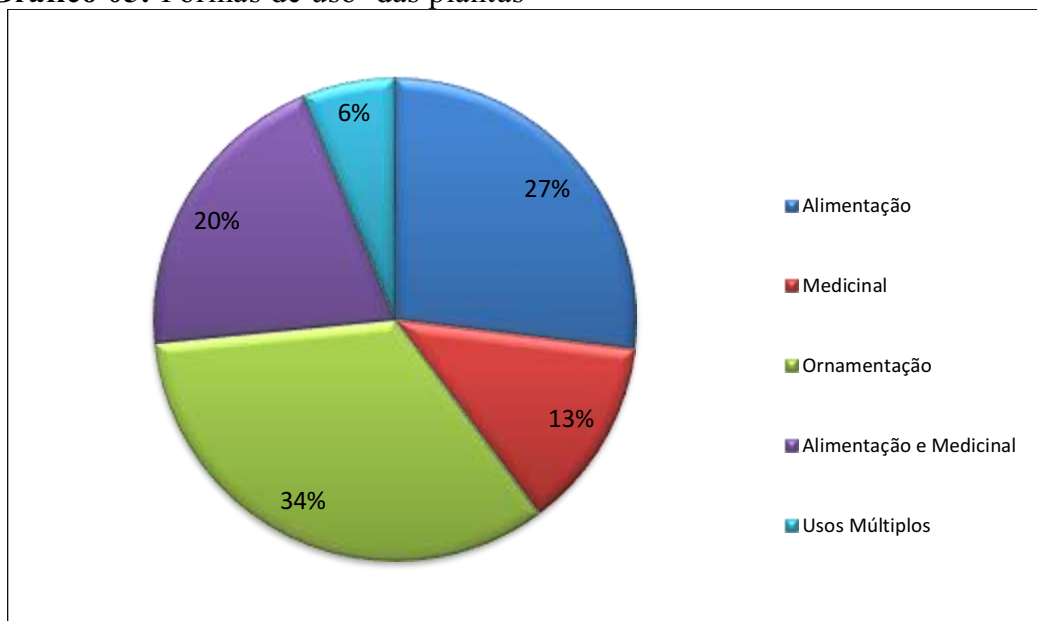
Ao observar o Gráfico 05 percebe-se a acumulação de usos em algumas espécies vegetais, de maneira que, uma mesma planta pode ser utilizada para a alimentação, medicinal, servir para ornamentação e ainda ter outros usos. Esse aspecto pode se relacionar estreitamente a dois aspectos: um, ao tamanho da área disponível nos quintais para o plantio, ou seja, como os espaços são pequenos, plantar espécies multiuso é uma forma de se fazer o espaço render; dois demonstra um profundo conhecimento dos recursos, uma abordagem holística das

⁹⁸ De acordo com Gazel Filho et al (2009) a relação entre maior riqueza associada a maior diversidade indica ser mais proeminente em espaços urbanos onde se concentra um maior número de espécies em espaços limitados.

⁹⁹ Pasa e Ávila (2010) constatou que muitas espécies apresentam mais de uma “etnocategoria” de uso. Amaral & Guarim Neto e (2010), também verificaram a multiplicidade de usos das espécies em seu estudo, dentre eles destacam: se o uso medicinal, alimentar e ornamental.

possibilidades de uso. A forma mais utilizada das plantas cultivadas nos quintais urbanos é a alimentação, seguidas da ornamentação e uso medicinal.¹⁰⁰

Gráfico 05: Formas de uso das plantas



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Pesquisou-se também quais eram as partes utilizadas de cada espécie de planta encontradas nos quintais. A planta inteira (que incluiu a utilização de mais de duas partes, desde o fruto, folhas, flores, caule, sementes e raízes) foi a categoria mais utilizada (40%); em seguida as folhas (37%) - principalmente uso medicinal, visto que a maioria dos princípios ativos pode ser encontrada nessa parte da planta; os frutos também são bastante utilizados (13%) e possuem função importante na complementação nutricional das famílias, são consumidos *in natura*, ou em forma de sucos, doces, geleias e vitaminas; flores (3% de uso); raízes e sementes com (2%).

A partir da classificação adotada realizou-se, a descrição de uma série de características para cada etnocategoria de plantas:

5.2.1 - Plantas de uso medicinal

¹⁰⁰ A categoria alimentação é a mais expressiva, pois o somar as categorias (alimentação + alimentação e medicinal + uso múltiplos) obtém-se 52% do total dos usos; Seguindo a mesma lógica, ao somar as plantas usadas para ornamentação com usos múltiplos têm-se 40% de representação para as ornamentais e em terceiro lugar, somando as categorias, (uso medicinal + alimentação e medicinal + usos múltiplos), apresenta-se as plantas de uso medicinal com 39 % das espécies.

Por meio dos conhecimentos empíricos, dos saberes que lhes foram transmitidos ao longo de anos e das constantes experimentações, as (o) agricultoras (o) descobrem e aperfeiçoam a utilização de uma infinidade de plantas, entre elas, a de uso medicinal.

“*Outro dia mesmo meu sobrinho estava ruim de infecção urinária e eu recomendei ele tomar o chá da crista de galo, que não tem igual curar esse tipo de infecção*” (Dona Ila).

Acima o relato de dona Ila, que é conhecida pelos familiares como “raizera”, por possui um amplo conhecimento sobre as plantas de uso medicinal. Apesar de essas agricultoras estarem expostas, as características de uma vida urbana, elas ainda utilizam uma infinidade de plantas de uso medicinal para tratar diversas doenças, ou mesmo, complementar o tratamento da medicina moderna.

Assim, esse estudo etnobotânico permitiu, não só quantificar o número de espécies, mas também qualificar diversos usos de uma determinada planta, além de permitir compreender alguns aspectos de modos de vidas diferenciados.

Identificou-se o total de 1.048 plantas de uso medicinal, distribuídas em 84 espécies; 41 famílias e 71 gêneros. ¹⁰¹ (Ver tabela 02 do apêndice)

As famílias de plantas de uso medicinal mais expressivas foram a Lamiaceae (13 espécies), Asteraceae (7 espécies) e Rutaceae (5 espécies). ¹⁰² A família Lamiaceae se sobressai, porque esse grupo apresenta vários representantes com propriedades medicinais como: Poejo (*Mentha pulegium*), Erva Cidreira (*Melissa officinalis*), Hortelã (*Mentha sp*), Alecrim (*Rosmarinus officinalis L*). Manjeriço (*Ocimum basilicum L*). Melissa (*Melissa officinalis L*). (Gráfico 04 do apêndice)

¹⁰¹ Magalhães et al (2009) ao catalogar espécies vegetais medicinais na comunidade de Sapucaia no município de Santo Antônio de Jesus- BA encontrou 50 exemplares, distribuídas em 18 famílias, 30 gêneros e 39 espécies, sendo que as famílias mais representativas foram Lamiaceae (9 sp) Asteraceae (9 sp) e Amaranthaceae (3 sp). Giraldi e Hanazaki (2010), no levantamento etnobotânico realizado em no Sertão do Ribeirão identificaram 114 espécies de plantas medicinais pertencentes a 48 famílias onde o maior número de espécies citadas foram Asteraceae (18%), Lamiaceae (10%), Myrtaceae (9%) e Fabaceae (7%). Neto et al (2014), em um estudo realizado no município de Catu – BA catalogou 54 espécies botânicas distribuídas em 46 gêneros e 28 famílias, sendo que a Lamiaceae foi a família mais representada, com 7 espécies, seguida de Asteraceae, com 5 espécies.

¹⁰² Resultados semelhantes também foram encontrados por Moreira et al (2002). Ver também MAGALHÃES et al 2009; GIRALDI & HANAZAKI 2010 e NETO ET AL 2014

Os gêneros mais representativos encontrados foram: o *Citrus* e o *Mentha*, ambos com 5 espécies, em seguida os gêneros: *Amonna*, *Melissa*, *Ocimum*, *Plectranthus* e *Punica* com 2 espécies cada, conforme explícito no gráfico 05 do apêndice.

A maioria das plantas utilizadas pelas agricultoras como medicinais são herbáceas (52%). As plantas de crescimento herbáceos normalmente são cultivadas em vasos e canteiros, ficam em locais mais próximos das residências, por exigir mais cuidados; em seguida têm-se as plantas de crescimento arbóreo (33%) representadas principalmente pelas espécies pinha (*Annona squamosa* L), goiaba (*Psidium guajava* L), amoras (*Morus sp*).

Ao realizar um trabalho etnobotânico em Rondonópolis – MT, Pasa e Ávila (2010), constataram que as folhas são as partes das plantas mais utilizadas para o preparo dos medicamentos. Coelho-Ferreira & Jardim 2005; Leão et al. 2007; Aguiar & Barros 2012, também observaram que apesar de todas as partes vegetais, serem empregadas no preparos de remédios, as folhas são as mais utilizadas, essa preferencia pode estar relacionada a facilidade e disponibilidade do recurso durante todo ano.

Nessa pesquisa as folhas também foram as partes mais utilizadas para o preparo de remédios, (ver tabela 03 do apêndice). Das 84 espécies identificadas, as folhas são usadas em 85% das espécies, como o boldo chinês encontrado o quintal de dona Rosalina (figura 29).

Figura 29: Boldo Chinês – (*Plectranthus ornatos*) no quintal de dona Rosa.

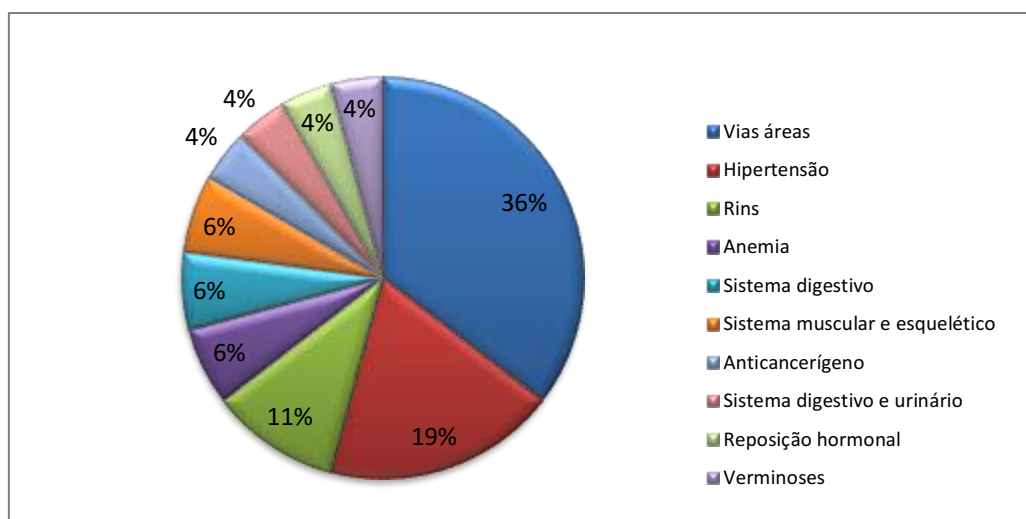


Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças, 2018).

As plantas da etnocategoria medicinais são utilizadas em formas de chás, que são obtidos, basicamente de três maneiras: por meio da infusão, quando se trata das folhas verdes; através decocção, quando o remédio é obtido das folhas secas, caules e raízes e; a partir da maceração.

Quanto às indicações terapêuticas no gráfico 06 pode-se notar que destacaram-se o uso das plantas para as doenças das vias aéreas (36%), que inclui gripe, resfriados, inflamação da garganta e sinusite; em seguida, o controle da hipertensão (19%); as plantas também são bastante utilizadas para tratar doenças renais (11%); doenças do sistema digestivo, dores nos músculos, nos ossos e anemia (6%), e a prevenção ao câncer, reposição hormonal e verminoses (4%).

Gráfico 06: Principais indicações terapêuticas.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018

Outro fator observado, ao catalogar as plantas de uso medicinais foi que, as formas de uso das espécies, têm relação com a idade de cada agricultora: quanto mais idade, mais saberes a respeito quanto ao uso do componente vegetal; as pessoas mais idosas tenderam a guardar práticas sobre o uso das plantas medicinais.

5.2.2- Plantas ornamentais

Entendem-se como plantas ornamentais, as espécies botânicas que por seu florescimento, folhagem ou porte, satisfazem visualmente às necessidades humanas, agregando beleza e harmonia a diversos ambientes. 103

¹⁰³ Conforme Lorenzi e Souza (2008), plantas ornamentais são aquelas que se distinguem pelo florescimento, pela forma ou colorido das folhas e pela forma ou aspecto geral da planta. Preenchem os

De acordo com Santos (2004), o número de plantas ornamentais em quintais urbanos é sempre expressivo. Essas plantas são cultivadas tendo em vista, o bem estar dos moradores, pois enfeitam, colorem, e servem de sombra. Geralmente são cultivadas na frente das casas e nas laterais, os fundos das residências, na maioria das vezes são destinados ao cultivo de plantas alimentares e medicinais.

A partir do levantamento etnobotânico nos quintais urbanos foi possível contabilizar: 854 plantas ornamentais, distribuídas em 110 espécies; 47 famílias vegetais; 81 gêneros. (ver tabela 04 do apêndice).

Nessa categoria de uso ornamental as famílias que mais se destacaram foram: Araceae (13 espécies), os principais representantes são os variados tipos de lírios, antúrios, comigo ninguém pode, coqueirinhos; em seguida tem-se a família Crassulaceae (09 espécies), representadas pelas suculentas; seguidos da família Cactaceae (06 espécies), tendo como representantes os vários tipos cactos. O Gráfico 06 do apêndice apresenta as dez famílias ornamentais mais representativas nos quintas.

O gênero o mais expressivo foi o *Lilium* (5 espécies), representados pelos lírios, seguido dos gêneros *Rosa* e *Sedum* ambos com (4 espécies), cujos os principais representantes são as rosas e as suculentas respectivamente e *Impatiens* (3 espécies). Ver gráfico 07 em anexo.

Para as plantas ornamentais também há o predomínio das espécies de crescimento herbáceos, 65% nessa categoria, diferente das plantas de uso medicinal e alimentar, há o predomínio das plantas subarborescentes com 11% em relação às de porte arbóreas com apenas 9%.¹⁰⁴

O cultivo acontece majoritariamente em vasos (44%), seguido do cultivo no chão (33%) das espécies arbustivas, subarborescentes e arbóreas e 23% das espécies são cultivadas em diversos espaços, vasos, chão e canteiros.

Sobre as partes mais utilizadas, optou-se por dividir em três subclassificações: flores, folhas e flores e folhas (Ver gráfico 08 do apêndice).

espaços livres e adaptam-se a recipiente de enfeite, estabelecendo no mundo moderno o contato mínimo possível do homem com a natureza.

¹⁰⁴ De acordo com Lorenzi e Souza (2008) pode-se agrupar as plantas ornamentais pelo aspecto: herbáceo ou lenhoso; pela forma de crescimento: arbóreo, eretas reptantes, herbáceas ou trepadeiras; pelo clima de seu habitat natural: tropical e temperada; pela maneira de utilizar: corte e vaso; pelo comportamento em relação à luminosidade: pleno sol e sombra; pela parte da planta utilizada: flor e folhagem. (Para esse estudo, optou-se por classifica-las por tipo de crescimento, cultivo e partes utilizadas).

Percebe-se que a maioria das espécies são utilizadas tanto as flores quanto as folhas. As plantas arbóreas como Flamboyã (*Delonix regia*) Bounganvile (*Bougainvillea glabra*) Ipê rosa (*Handroanthus heptaphyllus*) são utilizadas para ornamentação devido as belas florações, mas também são utilizadas como sombra.

As plantas arbustivas e subarbustivas como as rosas (rosas sp) , os lírios (*Lirio sp*), espirradeira (*Nerium oleander*), hortência (*Hydrangea macrophylla*), e as dalias (*Dahlia sp.*) (figura 30) fornecem flores, que enfeitam os jardins e também são colhidas para enfeitar o espaço interno das casas e as igrejas. As espécies herbáceas, normalmente são cultivadas em vasos, grande parte estão penduradas nas paredes das casas ou em troncos de árvores maiores.

Figura 30: Dália (*Dahlia sp.*) no quintal de dona Ila.



Fonte: Pesquisa e campo (Rebouças, 2018).

Em relação à origem das plantas ornamentais, a maioria (92%) vem do próprio município (ver gráfico 03 do apêndice). Quanto a aquisição 82% das mudas provem dos amigos e vizinhos; 11% é conseguida por meio da coleta; 4% das mudas nascem espontaneamente nos quintais e apenas 3% são compradas

5.2.3- Plantas de usos diversos

Inclui-se nessa classificação as plantas de usos místicos, ou seja, as espécies com capacidades milagrosas de abrir os caminhos, espantar olho grosso, mau olhado e o quebranto; além, das plantas utilizadas na confecção de repelentes e pesticidas naturais e para a higiene pessoal.

Essas plantas são cultivadas em diferentes partes da residência, mas, a maioria estão à frente das casas, pois acreditam-se que o poder místico dessas plantas espantam o mal olhado, como a arruda encontrada na casa de dona Francisca (figura 31). Essas plantas também são utilizadas para outras finalidades, por exemplo, a fabricação de repelentes e/ou pesticidas como o Fumo (*Nicotiana tabacum L.*) e a Citronela (*Cymbopogon*), estas são cultivadas, geralmente nos fundos dos quintais.

Figura 31: Arruda (*Ruta graveolens L.*) no quintal de dona Francisca.



Fonte: Pesquisa de campo, (Rebouças, 2018).

A partir do levantamento etnobotânico foi possível evidenciar, 123 plantas de usos diversos e/ ou mágicos, distribuídas em 11 espécies; 9 famílias e 10 gêneros (ver tabela 05 do apêndice).

As principais plantas com usos místicos, existentes nos quintais estudados são; Trevo Roxo (*Oxalis regnellii atropurpurea*), Comigo-ninguém-pode (*Dienffenbachia picta Schott*), Tipi (*Petiveria tetrandra*), Arruda (*Ruta graveolens*), Mirra (*Commiphora myrrha*). Silva (2000), em um estudo em Guaraqueçaba, no Paraná, destacou a espécie *Ruta. graveolens L.* (arruda) e

Comigo-ninguém-pode (*Dienffenbachia picta Schott*) como uma das mais importantes dessa etnocategoria.

De acordo com Oliveira (2009), as plantas de uso místicos, são utilizadas principalmente para as "doenças culturais" como o quebranto, mau olhado, olho gordo, espírito mau, assombro, uruca, aborrecimento de criança e mau fluído. Nesse estudo, os principais usos, também se relacionam com os encontrados por esse autor. (Ver tabela 06 do apêndice)

A maior parte das plantas místicas tem o hábito de crescimento herbáceo. Muitas nascem espontaneamente nos quintais, por isso há a predominância do cultivo no chão, as partes mais utilizadas são as folhas (10 espécies) e a maioria produzem o ano todo (09 espécies).

5.2.4 – Plantas alimentares

As verduras, frutas e legumes são alimentos fundamentais na manutenção da qualidade nutricional das famílias. Valadão et al. (2006) destacaram a importância da produção domiciliar de plantas alimentícias, configurando-se como uma alternativa economicamente saudável, pois permite o consumo alimentos sem agrotóxicos e com característica regionalizada.¹⁰⁵

A partir desse levantamento etnobotânico foi possível identificar 1742 plantas utilizadas na alimentação, distribuídas em 107 espécies, 43 famílias e 79 gêneros (ver tabela 07 do apêndice).

As plantas alimentares mais representativas encontradas nos quintais foram cebolinha, hortelã, manjeriço e alecrim da família Lamiaceae; berinjela, jiló, pimenta, pimentão da família Solanaceae, com nove espécies cada. Em seguida as famílias com mais expressividade foram as das frutas; Anacardiaceae (cajá, caju, umbu), Rutaceae (laranja, mexerica, limão), ambas com seis espécies, as famílias Fabaceae das leguminosas (feijão, fava, andu, feijão de corda) e a Poaceae representadas pelo (milho e cana) também se destacaram, conforme exposto no Gráfico 09 do apêndice

Quanto ao gênero, os mais expressivos foram o Citrus, com nove espécies seguido do Allium e Capsicum com 5 espécies e, do Annona (atemoias,

¹⁰⁵ Assim como nos estudos de Albuquerque (2008), Amaral (2008), Freitas (2012) e Delunardo (2010)

fruta do conde e pinha), *Mentha*, *Solanum* e *Spondias* ambos com 3 espécies. Ver gráfico 10 do apêndice.

Do total das 107 plantas alimentares, identificadas nesse estudo, para 32% espécies utilizam-se na alimentação as folhas, frutos, legumes, raízes e sementes, seguida têm-se 26% das espécies que são aproveitadas os frutos; apenas as folhas são utilizadas em 25% das espécies; só os legumes em 7% espécies e as sementes e as raízes em 5% espécies cada.

O consumo das frutas ocorre *in natura* ou em forma de sucos, doces e geleias. Na época da coleta dos dados de campo, os pés de mexerica do quintal de dona Ila estavam abarrotados de frutos (figura 32). As verduras e os legumes são consumidos crus, ou cozidos, alguns deles, como, a abóbora e a batata-doce também são feitos pães. Outra maneira de consumo é na forma de condimentos, utilizam bastante o urucum (*Bixa orellana*), a pimenta (*Capsicum* sp) e o alecrim (*Rosmarinus officinalis*).

Figura 32: Mexerica (*Citrus reticulata*) no quintal de dona Ila.



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças,2018).

Em relação ao tipo de crescimento, assim como nas plantas de uso medicinal, a maioria das espécies alimentares é herbáceas (48%), incluídas nessa categoria as plantas utilizadas para o tempero - cebola, alho, ervas,

pimentão; saladas - tomates, couve, pepino, salsa etc. Em seguida têm-se as plantas de porte arbóreo representadas principalmente pelas frutíferas.¹⁰⁶

Grande parte das mudas cultivadas por essas agricultoras e utilizadas na alimentação são provenientes das redes “sociotécnicas” discutidas no Capítulo II dessa dissertação. Essas redes são fundamentais para o enriquecimento da diversidade de espécies, cultivadas em cada quintal e no fortalecimento e aperfeiçoamento das práticas desenvolvidas no manejo das plantas. Ver Gráfico 11 do apêndice.

As plantas de uso alimentares são cultivadas, quase sempre, diretamente no chão, não em vasos e canteiros, como ocorre com as medicinais. Esse fator pode ser explicado por dois motivos principais: primeiro, pelo fato de muitas plantas herbáceas, utilizadas na alimentação possuírem porte maior em relação às de uso medicinal, como por exemplo, o tomate ou a couve; segundo, porque, se alastram facilmente ocupando uma área maior como, o temperão, a rúcula, a salsinha.

Ainda na categoria das plantas alimentares, encontrou-se nesses quintais o total de 187 de Plantas Alimentares não Convencionais (PANC), distribuídas em 17 espécies; 14 famílias; 16 gêneros (ver tabela 08 do apêndice).

De acordo com Kinupp (2007), inclui-se nessa categoria espécies silvestres, que na maioria das vezes nascem espontaneamente em meio às plantações ou jardins. Normalmente são plantas de fácil crescimento, podendo ser cultivadas ou exóticas e, não necessitam de cuidados especiais, tem grande importância para a biodiversidade ecológica, além de possuírem partes comestíveis que são utilizadas na alimentação humana.¹⁰⁷

As PANC nascem em quintais e campos, normalmente são combatidas e menosprezadas para darem espaços ao cultivo das espécies convencionais. Grossl, (2016), estima que 90% das plantas alimentícias não convencionais são comestíveis e tem grande quantidade de proteínas em sua composição e são encontradas, quase sempre, em solos férteis. Essas plantas, parte das vezes são

¹⁰⁶ Grande parte das mudas cultivadas por essas agricultoras e utilizadas na alimentação são provenientes de redes “sociotécnicas” discutidas no Capítulo I dessa dissertação. Essas redes são fundamentais para o enriquecimento da diversidade de espécies cultivadas em cada quintal e no fortalecimento e aperfeiçoamento das práticas desenvolvidas no manejo das plantas. Ver Gráfico 04 do Anexo.

¹⁰⁷ Para Duarte (2017) conhecemos apenas uma pequena parcela das espécies de plantas que poderíamos utilizar na alimentação.

consideradas espécies invasoras, "ervas daninhas" ou "mato" e depreciadas por parte da população, que desconhecem seus valores nutricionais e ecológicos.

Importante salientar que as plantas comestíveis e pouco conhecidas no mercado também são consideradas como PANCs, como por exemplo, a banana verde que é utilizada para fazer sopas, ou mesmo as folhas da batata doce que são consumidas refogadas.

Kelen et al (2015) estudou as propriedades nutricionais de algumas plantas alimentícia não convencionais, em comparação com as plantas alimentares convencionais, e constatou que algumas PANC apresentam propriedades nutricionais muito superiores. Um desses exemplos, é o dente de leão (PANC), que comparado ao alface (ambos em quantidade de 100g), apresentou propriedades nutricionais maiores, como o ferro, o cálcio, carboidratos, o fósforo, lipídios, proteínas e Vitaminas A e C, conforme mostra a tabela 04.

Tabela 04: Tabela comparativa entre os valores nutricionais do alface e dente de leão

Propriedades nutricionais	Alface	Dente de leão
Cálcio	0,04g	0,19g
Carboidratos	2,1g	8,8g
Ferro	0,75mg	3mg
Fósforo	13,89mg	70mg
Lipídios	0,13g	0,71g
Proteínas	0,84g	2,7g
Niacina (B3)	0,13mg	0,84mg
Riboflavina (B2)	0,06mg	0,14mg
Tiamina (B1)	0,03g	0,19mg
Vitamina C	12,57mg	35,94mg
Vitamina A	1115 UI*	13662UI*

(UI* Unidades Internacionais) Fonte: Kelen et al 2015, adaptado pela autora

Dentre as 17 espécies de PANC's, listadas, a que apresentou maior dominância foi o orapronobis (*Pereskia aculeata*), encontrada em quatro quintais, seguida do Dente Leão (*Taraxacum officinale*) e Taioba (*Xanthosoma sagittifolium*) apareceram em três quintais e a Beldroega (*Portulaca oleracea*) evidenciada em 2 quintais.

Como muitas PANC, ainda são desconhecidas por boa parte da população, a seguir são apresentadas as características de algumas espécies, encontradas nos quintais pesquisados:

Figura 33: Oropronobis (*Pereskia aculeata*)

Parte utilizada: folhas, frutos e folhas Neutra e suculenta, tem alto teor de proteínas e de fibras. É usada no feijão, na polenta e no recheio de massas, salgados. Usada também como corante verde para massas. Para não soltar baba, não deve ser picada. Seu cultivo é rústico e os frutos são comestíveis. (Ranieri et al, 2017).



Pesquisa de campo, 2018 (Rebouças, 2018)

Figura 34: Dente de Leão (*Taraxacum officinale*)



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças, 2018)

Parte Utilizada: folhas, flores e raízes.

Nasce de forma espontânea em jardins e hortas, adapta-se a diferentes condições de solo, com muita luz. Propaga-se por sementes. Rica em vitaminas A, B e C além de ferro e potássio. As raízes são usadas como diuréticas e contêm inulina. Folhas com propriedades depurativas. (Kelen et al, 2015)

Figura 35: Taioba (*Xanthosoma taioba*)

Usos: folhas, talos e batata, cozidos.

Produz folhas gigantes. Não deve ser consumida crua, apenas cozida ou branqueada. É usada para acompanhamento para feijoada, para charutinho e rocambol vegetal feito no vapor. Seu talo é comestível, mas deve ser preparado separadamente. (Ranieri, 2017).



Figura 36: Cara-moela *Dioscorea bulbifera* L



Fonte: Pesquisa de campo, 2018- autoria.

Parte utilizada: Legume

É uma PANC de origem africana, que desenvolve suas batatas fora da terra, sendo chamado também de cará-do-ar. Existem variedades amarelas, verdes e roxas, sendo levemente adocicado, com um sabor acastanhado e a mesma textura do cará. Pode ser usadas em purês e cremes. (Duarte,2017).

Parte utilizada: Folhas, flores e ramos.

Originária da região mediterrânica (Norte da África e/ou Sul da Europa) a beldroega, possui folhas viçosas e pequenas, de sabor ligeiramente ácido. Os caules, folhas e flores podem ser consumidos in natura ou cozidos empregados em saladas, sopas e pratos diversos. Na sua composição química, apresenta elevada quantidade de ácidos gordos e Ômega 3. (Duarte,2017)

Figura 37: Beldroega (*Portulaca oleracea* L.)



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças, 2018).

Figura 38: Língua de vaca (*Rumex obtusifolius* L)



Fonte: Pesquisa de campo (Rebouças, 2018).

Parte utilizada: Folhas e ramos.

Originária da região da Europa, língua de vaca, a beldroega, possui folhas viçosas, compridas, levemente ásperas. O sabor possui um certo amargor, normalmente podem ser consumidas cruas ou refogadas como couve. Na sua composição química, apresenta elevadas quantidades de vitamina A, C, magnésio, potássio e cálcio (Duarte,2017).

A maioria das PANC encontradas nesses quintais é proveniente do próprio município, pois na maioria das vezes as mudas nascem de forma espontânea nos quintais, ou foram conseguidas principalmente, através de doações de amigos e vizinho. Por nascerem espontaneamente nos quintais, 11 espécies de PANC são cultivadas no chão, sendo que o crescimento predominante é o herbáceo.

De acordo com Duarte (2017) a valorização das PANC's na alimentação, representam ganhos importantes do ponto de vista cultural, econômico, social e nutricional, considerando a tradição no cultivo, por várias comunidades, e sua contribuição em termos de nutrição. Para Kinupp (2007) as PANC podem ser fontes complementares de alimentos interessantes para assentamentos humanos de porte pequeno a médio e nas grandes cidades, as populações da periferia e dos arredores, também podem fazer uso destas plantas espontâneas comestíveis.

Um importante fator observado em relação ao cultivo das PANC, é que, quando cultivadas no ambiente urbano, aumenta a biodiversidade da área, e contribuem para diversificação alimentar na cidade, além de prezar pelo consumo de alimentos regionais e sazonais, valoriza a expressão cultural e as formas de cultivo, de uso e de preparo culinário.

Kinupp e Lorenzi (2014) salientam que apesar de serem desconhecidas, negligenciadas e/ou subutilizadas, por grande parte da população, as PANC são espécies indicadoras da condição e qualidade do solo, com grande valor ecológico e alimentício, seja no aspecto de complementar, ou para diversificar a alimentação.

Cultivar, manter, ou estimular a produção de PANC nos quintais urbanos, trata-se também, de uma questão de segurança e de soberania alimentar, haja vista que, essas espécies normalmente requerem pouco ou nenhum cuidado, são de fácil adaptabilidade e possuem altos valores nutricionais.

Em todos os quintais encontrou-se cultivo de uma variedade de plantas que são utilizadas cotidianamente na alimentação, esse fator é de grande relevância para a soberania alimentar e nutricional das famílias dessas agricultoras.

5.3- Agricultura urbana e a soberania alimentar

Uma questão que surgiu no decorrer da escrita dessa dissertação foi refletir sobre os significados da produção de alimentos por agricultores urbanizados.

Para tanto, é importante também refletir sobre o conceito de soberania alimentar. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO- 1999), a soberania alimentar prega todos tenham o direito a uma alimentação segura, nutritiva e saudável, adaptada à sua cultura e a possibilidade de sustentar-se. Neste conceito há a preocupação com a importância da autonomia na alimentação, com os hábitos e culturas alimentares.

No Fórum Mundial que aconteceu em Havana, em Cuba no ano de 2001, a Via Campesina declarou:

“A soberania alimentar é o direito dos povos de definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando as próprias culturas e a diversidade de modos camponeses, pescadores e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e de gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental.” (Santos 2008/ 2016, p.180 - 181).

O acesso aos alimentos é um grande desafio internacional. O Brasil foi um país que avançou na consolidação do reconhecimento legal e social da SAN, concretizou políticas, programas e ações que visam garantir a universalidade deste direito (CONSEA, 2010). O Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional em seu Art. 3º, da Lei 11.346, estipulou que:

“A segurança alimentar e nutricional é definida pelo direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Essa definição aborda questões interdisciplinares relativas ao acesso a alimentos de qualidade, a produção e as práticas alimentares saudáveis. Segundo Burlandy (2013), o enfoque ampliado da SAN articulou a dimensão alimentar (da produção, comercialização e consumo) à nutricional (do uso do alimento pelo organismo e sua relação com a saúde), numa ótica integrada que abrange a forma como o alimento é produzido, comercializado e consumido, além de seus impactos

políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e nas condições de vida e saúde.

Estudos como o de Mouget (2000); Monteiro e Mendonça (2004); Pessoa et al (2006); Guarim Neto e Amaral (2010) relacionaram agricultura urbana e segurança alimentar, pois é amplamente praticada por famílias em vulnerabilidade econômica, em espaços reduzidos, no interior e na periferia das cidades e objetiva principalmente a produção para autoconsumo.¹⁰⁸

Os resultados alcançados nesta dissertação em relação à quantidade de plantas alimentares, indicam que a produção de alimentos na cidade possibilitou certas condições de segurança alimentar e nutricional, fornecendo o acesso a alimentos para o autoconsumo. Esse fator permitiu que as famílias pudessem diversificar a dieta, valorizou plantios de espécies nativas, com alto valor nutricional e permitiu economizar em gastos com alimentação.

A utilização dos quintais urbanos como espaços produtivos, pode ser uma estratégia importante para apoiar a segurança alimentar e nutricional de famílias que mantenham práticas agrícolas e, ou façam uso de espécies cultivadas e espontâneas encontradas nesses espaços. Pereira et al (2012), entretanto, faz ressalvas sobre a necessidade de diálogos entre as diferentes instâncias de governo, instituições de pesquisa, sociedade civil organizada e agricultores/as para consolidação e efetivação das práticas produtivas agrícolas na cidades, sobretudo, no que diz respeito as políticas públicas e ações de segurança alimentar e nutricional, de planejamento urbano e habitacional.

6- REFLEXÕES

Por meio desses levantamentos foi possível, não apenas quantificar o número de espécies, ou a densidade e a variedade de plantas em cada quintal, mas também:

- verificar que as práticas de plantio e manejo são baseadas em conhecimentos adquiridos com os antepassados, mas também, por meio das constantes experimentações que realizam em seus quintais;

¹⁰⁸ Ribeiro et al (2012) indicaram nas práticas da agricultura urbana uma estratégia para auxiliar a promoção da segurança alimentar, no que diz respeito à dimensão de acesso ao alimento. Sobre esse aspecto ver também Monteiro e Mendonça (2004).

- as sementes e mudas são em grande parte, obtidas por meio das trocas e doações com os vizinhos e amigos, o que fortalece as redes sociotécnicas construídas desde a chegada desses migrantes à Montes Claros;
- as plantas cultivadas nesses quintais, normalmente são utilizadas para alimentação e de forma medicinal, exigindo das agricultoras um amplo conhecimento nas formas de preparo, tanto dos alimentos, quanto dos chás. Também são cultivadas espécies que servem para embelezar as casas, os jardins, as igrejas e para lembrarem as épocas vividas na roça;
- a produção é destinada principalmente para o auto consumo familiar e para doações aos vizinhos e amigos, contudo, todas as agricultoras (o) relataram que ao chegar em Montes Claros comercializavam parte da produção para garantir um incremento na renda;
- o cultivo nos quintais urbanos, representa não só uma maneira de aproximação entre o mundo rural ao urbano, mas se revelou como uma estratégia importante para a segurança alimentar e nutricional dessas famílias;

Além disso, estudar esses quintais urbanos possibilitou, compreender os saberes tradicionais das agricultoras (o), que ainda mantêm práticas rurais de cultivo nos seus terrenos. Esses migrantes rurais, ao se tornarem agricultoras (o) urbanizadas (o) acessaram saberes para manejar o ambiente que os rodeia e lançaram os seus ponto de vista sobre a natureza nas cidades.

Corroborando com os estudos de Amaral (2008), também foi possível verificar que, a produção nos quintais urbanos estudados, permite a manutenção de uma alimentação regionalizada e culturalizada, por meio do cultivo de diversas espécies da região, como a fava, o andu, o feijão catador, abobora, o quiabo, entre outras, e também propicia, o aumento das áreas verdes nas cidades, promovendo maior absorção das águas, além de contribuir significativamente para a conservação da biodiversidade nos espaços urbanos.

CAPÍTULO IV
PROGRAMA SÍTIO DE SALUZINHO

Etnoconhecimento e a interface com a educação ambiental.

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
O saber se aprende com mestres e livros.
A Sabedoria, com o corriqueiro, com a vida e com os humildes.
O que importa na vida, não é o ponto de partida, mas a caminhada.
Caminhando e semeando, sempre se terá o que colher”.*

(Cora Coralina- Vintém de Cobre: Meias
confissões de Aninha, 1983)

1- APRESENTAÇÃO

Um dos desafios encontrados nesse capítulo residiu em relacionar a tríade "etnoconhecimento – agricultores urbanos - educação ambiental", tendo em vista, principalmente a escassez de literatura que trate dos saberes tradicionais no ambiente urbano. Assim, para fins de entendimento, fez-se necessário, uma breve contextualização em torno de algumas conceituações que lobrigue reflexões acerca dessa temática.

1.1- A semântica do termo "tradicionais"

No decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, os povos ou comunidades tradicionais, são definidos pelo Artigo 3 como:

I – Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Para Diegues (1998), o modo de vida permite visualizar e criar caminhos para a identificação das populações tradicionais e o conceito de tradição captaria esse sentido de identificação de um distinto modo de vida e valores, que fundamentam concepções históricas e ou indenitárias de um grupo. Para o autor, as populações que se autodesignam tradicionais tem papel importante na conservação da natureza, onde está implícito a importância da cultura mediando a relações entre população e ambiente.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Alguns grupos humanos, de acordo com Little (2002) costumam ser agrupados em categoria como: "populações", "comunidades", "povos", "sociedades", "culturas" e cada uma dessa classificações, normalmente costuma vir acompanhada de um dos seguintes adjetivos: "tradicionais", "autóctones", "rurais", "locais", "residentes". Qualquer dessas combinações na percepção do autor é problemática, em virtude da abrangência e da diversidade de grupos que engloba.

Dificuldades analíticas podem advir ao optar-se pelo uso da palavra tradicional, muitas vezes, dada a polissemia dessa palavra e a forte tendência de associa-la com concepções de imobilidade histórica e atraso econômico. Contudo, cabe salientar que o conceito de tradicional nessa dissertação tem afinidades, com uso dado por Sahlins (1997): tradições culturais se mantêm e se atualizam mediante uma dinâmica social de constante transformação.

Até 1992, o conhecimento tradicional, ou o “etnoconhecimento” era considerado patrimônio da humanidade. Com o advento da Convenção da Diversidade Biológica, aberta durante a Rio92, instaurou-se um intercâmbio desses saberes.

Esse intercâmbio de saberes, de algum modo facilitou o acesso ao etnoconhecimento, tornando os detentores desses saberes como meros provedores de conhecimentos. Em outras palavras, “abriu-se as porteiras” para as grandes empresas mercantilizarem o território de vários grupos tradicionais e tratar os saberes locais e os modos de vida dessas populações como algo vazio, sem importância.

Para Moreira (2008) é certo que todos os grupos sociais possuem algum tipo de interdependência com os recursos naturais, entretanto para as chamadas populações tradicionais, a magnitude de tal relação é dotada de especificidades: ao conservarem e manejarem a biodiversidade, prestam uma espécie de serviço ecológico importantíssimo para a sociedade envolvente.

De acordo com Diegues (1996) e Thompson (1996), no rural, conhecimentos comunitários são boa parte das vezes articulados de variadas formas de apropriação de espaços e recursos naturais, por sua vez baseados em conjunto de regras e valores consuetudinários, da lei do respeito, e de uma teia de reciprocidades sociais, onde o parentesco e o compadrio assumem papéis preponderantes, de maneira que, os saberes locais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes.

O etnoconhecimento têm, assim, múltiplas dimensões referentes à própria organização do trabalho dos grupos sociais, extrapolando os elementos técnicos e englobando o “mágico, o ritual, e enfim, o simbólico”:

Existe uma correlação entre a vida econômica e a vida social do grupo “onde a produção faz parte da cadeia de sociabilidade e a ela é indissociavelmente ligada”.

(CASTRO, 2000).

Sistemas de saberes, segundo Lévi-Strauss (1976), redundam em um inventário de utilidades dos recursos naturais, que se organizam a partir da proximidade e compreensão do ambiente circundante, que, no entanto, se assenta em uma compreensão não utilitarista desse conhecimento.

Conforme Rezende & Ribeiro (2005), nas comunidades de hábitos tradicionais, a construção desses conhecimentos se dá por meio modo de vida que elas adquiriram ao longo da sua existência. É neste contexto que surge e é reproduzido o conhecimento tradicional, na forma de etnoconhecimento entre os povos tradicionais, sustentado a partir de uma subjetividade ecológica.

1.2- Etnoconhecimento de agricultores (as) urbanizados (as)

Woortmann (1990) considera que a especificidade do campesinato reside no fato de terem uma "*ética fundada em valores que constituem uma ordem moral*", o que denomina “campesinidade”. Essa ordem moral pode ser compreendida a partir da concepção e relação que os camponeses têm com a terra, o trabalho, a família, com a vida. O autor fala em graus de "campesinidade", ou seja, uma ética que se expressa em modos de vida que podem se realizar em graus diferentes e em diversos espaços, no rural, no urbano, na migração.¹¹⁰

A circulação dos conhecimentos tradicionais não ocorre apenas entre gerações, mas também entre diferentes espaços e ambientes, por exemplo, entre rural e urbano, em decorrência dos fluxos migratórios. De acordo com Monteiro & Mendonça (2004), as pessoas ao se estabelecer no meio urbanizado conservam saberes provenientes da vivência no espaço rural e articulam com estratégias de adaptação às cidades.

¹¹⁰ Para a conceituação de uma população camponesa como tradicional Little (2002), analisa três categorias; regime de propriedade comum; sentido de pertencimento a um lugar específico e, a profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva. Para o autor o conceito engloba um conjunto de grupos sociais que defendem seus respectivos territórios frente a usurpação por parte do Estado-nação e outros grupos sociais vinculados a este.

Destaca-se o enorme papel dos saberes locais no processo de cultivo e experimentação. Pedroso Junior et al. (2008) considera as populações que praticam a agricultura urbana, como mantenedoras da diversidade genética de várias espécies agrícolas.

Para Guarim Neto et al (2010), a fisionomia de quintais e jardins nas cidades são moldados por combinações e variações de sua estrutura, função, tamanho e conteúdo. Normalmente a concepção desses espaços no meio urbano está firmemente atrelada à história das famílias e refletem situações e experiências vividas por seus membros. Assim, quintais e jardins de migrantes podem conter plantas das regiões de origem, quintais antigos podem estar conservando variedades raras, ou mesmo algumas que havia no ambiente original.

Ao tratar sobre saberes tradicionais nas cidades, busca-se englobar conhecimentos das trocas materiais e imateriais dos agricultores, com seus lugares de origem e com o ambiente urbano. São conhecimentos que abarcam processos ecossistêmicos, sobre as plantas, classificação dos solos, das paisagens e fundamentam práticas agroecológicas.

1.3- As especificidades entre os saberes científicos e o etnoconhecimento.

“A maioria das ideias fundamentais da ciência são essencialmente sensíveis e, regra geral pode ser expressa em linguagem compreensível a todos”. Albert Einstein.

Uma questão a ser analisada é, até onde, o saber tradicional e científico podem ser compatíveis?

Para Lévi-Strauss (1976), o saber tradicional e o conhecimento científico repousam ambos sobre as mesmas operações lógicas e respondem ao mesmo "apetite de saber". As diferenças provêm dos níveis estratégicos distintos a que se aplicam. O etnoconhecimento opera com unidades perceptuais, com as chamadas qualidades segundas, coisas como cheiros, cores, sabores. Já o conhecimento científico opera a partir de unidades conceituais.

Partindo dessa perspectiva, Lévi-Strauss inferiu que não se deve negar o "sucesso" da ciência ocidental e que, muitos avanços tecnológicos são resultados

dos conhecimentos científicos, contudo sugeriu que a ciência tradicional também seja capaz de perceber e até antecipar descobertas científicas.

Manuela Carneiro da Cunha (2007) apontou que, nada ou quase nada ocorre no conhecimento tradicional, da mesma forma como ocorre no conhecimento científico. Um conhecimento científico se afirma, por definição, como verdade até que seja contestado, e complementado ou substituído por outros paradigmas. Contudo, essa universalidade buscada pelo conhecimento científico não se aplica aos saberes tradicionais, este é, quase sempre localizado, ambientalizado.

Boa parte de o senso comum acredita, que os conhecimentos tradicionais são obras que não se renovam ao longo dos anos e, que devem ser conservados em acervos para ser transmitidos às novas gerações. Entretanto, tanto o conhecimento científico quanto o dito tradicional, ambos procuram respostas para questões inacabadas e buscam entender o mundo e as ações sobre ele.

Conforme Bourdieu:

O ensino de um ofício, ou de uma arte exige uma pedagogia que não é de forma alguma a que convém ao ensino dos “saberes”, como se vêem bem nas sociedades sem escrita e sem escola – mas também é verdadeiro quanto aos que ensinam nas sociedade com escolas e nas próprias escolas – numerosos modos de pensamentos e ação – e muitas vezes os mais vitais transmitem-se de pratica a pratica, por modos de transmissão totais e práticos, firmados nos contatos diretos e duradouros entre aquele que ensina e aquele que aprende “faz como eu”.

(BOURDIE, 2005).

Destaca-se o enorme papel dos saberes locais no processo de cultivo e experimentação. Pedroso Junior et al. (2008) considera as populações que praticam a agricultura urbana, como mantenedoras da diversidade genética de várias espécies agrícolas.

Darell Posey (1987) destacou a importância de uma postura científica capaz de dialogar com o conhecimento local, sem a imposição de categorias culturais, buscando um relacionamento compartilhado entre iguais. Em consonância, Roué (1997) ressaltou a importância da atenção aos saberes relacionados à natureza, em suas dimensões e práticas simbólicas através dos estudos da ciência de um povo.

Muitos saberes populares não "entram" na escola, por não serem cientificamente elaborados. Para Raynaut (2004), o fato de existirem questionamentos sobre fronteiras disciplinares no âmbito acadêmico é explicado

por este contemplar quase sempre, apenas um segmento isolado, implicando em limites conceituais e metodológicos que tendem ao isolamento de campos científicos.

No início do século XXI, as “etnociências” foram definidas por Diegues (2001), como um enfoque científico que contribuiria para o estudo dos conhecimentos elaborados por populações tradicionais e para a compreensão das diversas formas de interação entre meio natural e social.¹¹¹

Campos (2002) refletindo sobre etnociência tratou sobre a necessidade de eliminar “bagagens disciplinares e pré-conceitos” em relação ao conhecimento do outro. O autor assume que as várias disciplinas, que se apropriaram do termo “etno” focalizam previamente o saber do outro, propõem, em contrapartida, uma “etnografia de saberes, técnicas e práticas”, buscando maior aproximação entre os saberes científicos e tradicionais.

A etnociências apoia a valorização dos saberes locais/ tradicionais e propicia o diálogo entre estes, seja nas comunidades que habitam as áreas rurais ou nas populações do meio urbano. Dessa maneira, entende-se que essa ciência desempenha um papel importante para o desenvolvimento urbano sustentável.

Os conhecimentos populares, empíricos, de acordo com Cunha (2007) podem ser ferramentas cognitivas muito importante, já que estão ligadas intimamente ao mundo vivido do aluno. Sua valorização deve ser estimulada à medida que podem facilitar familiaridades com os conhecimentos curriculares, criando assim, um vínculo entre a realidade do estudante e o que lhe é apresentado em sala de aula.

Chassot (2001) aponta que saberes populares, boa parte das vezes, não se vinculam à instituição escolar para serem elaborados. Mas, o contato entre as duas formas de aprendizado, por vezes conflituoso, pode gerar em certas medidas, uma resignificação de ideias, o que proporciona finalmente, uma maior reflexão e internalização de novos conceitos.

Se existem tantas diferenças entre os saberes tradicionais e científicos, teriam esses conhecimentos, algum ponto de interface?

¹¹¹ As interações entre uma dada população e o seu meio ambiente são objetos de estudo da “etnobiologia” definida como a compreensão do papel que a natureza no sistema de crenças e adaptações do ser humano a determinados ambientes (POSEY, 1987).

Cunha (2007) salientou que, apesar de bastante controversa, a questão utilitarista da ciência ocidental sobre os conhecimentos tradicionais é antiga. Por exemplo, na farmacologia, boa parte das pesquisas são baseadas em produtos existentes na natureza, muitos princípios ativos de ervas, raízes, flores já são utilizados por comunidades tradicionais para o tratamento de diversos males. Outro exemplo, de acordo com Cunha, refere-se ao saber ecológico tradicional e ao conhecimento que populações locais têm de cada detalhe do seu entorno, do ciclo anual, das espécies animais e vegetais, dos solos, etc. A relevância desse saber em geral não é disputado, mas é controverso.

Mas, como os etnoconhecimentos se inserem nos processos educacionais formalizados?

O ser humano sempre usou o conhecimento como elemento fundamental para a sua atuação no mundo; a relação entre população e natureza é influenciada pela agregação desses saberes. Assim, entender as diversas maneiras como esses saberes são utilizados, seja para manejar o ambiente em que vive, ou para buscar outros modos de convívio com a natureza se torna essencial.

Os processos educacionais surgem assim como uma forma de sistematização dos saberes e construção de conhecimentos. A transmissão do "saber local" pode acontecer: i) entre um interlocutor que dá as instruções e um receptor que as recebe; ii) no processo de socialização de crianças que aprendem com os pais ou anciãos sobre os conhecimentos produzidos pela comunidade, em torno do seu ambiente. Aprender fazendo, e a oralidade são fatores importantes no processo. (Escobar, 2005).

A discussão sobre novos modelos de ciência passa pelo reconhecimento de modos de conhecimento alternativos e pela possibilidade de uma ciência multicultural, capaz de se reconstruir na relação com os conhecimentos locais.

1.4- As trocas imateriais e a produção de conhecimentos.

No ensejo de buscar correlacionar o etnoconhecimento das agricultoras (o) urbanizadas (o) com a educação ambiental, utilizou-se essencialmente as elucidações de Loureiro (2000), Guimarães (1995, 2000 e 2001); Leis (1999), Castro (2002); Jacobi (2009), Cunha (2009) e Toledo (2002; 2009)

Guimarães (2004) afirmou que é da relação dialógica entre indivíduo - sociedade, sociedade humana - natureza, que se formam os indivíduos – educandos/educadores como atores e sujeitos sociais. Sendo que, entender as estruturas e visões de mundo e sua relação com a natureza é um dos papéis que a educação ambiental deve abarcar.

A partir dessa perspectiva é necessário enfatizar que todo produtor de conhecimentos necessita de “formas intelectuais”, ou em outras palavras, de conhecimento sobre o seu entorno para enfim fazer apropriação das suas naturezas. Para Toledo & Barrera-Bassols (2009), esses conhecimentos têm um valor substancial para clarificar as formas como os criadores de conhecimentos tradicionais percebem, concebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem para subsistir.

Para Jacobi (2009), as práticas educativas articuladas com a problemática ambiental, não deveriam ser vistas como um adjetivo, mas como parte componente, de um processo educativo que reforce um pensar da educação e dos educadores orientados para a sustentabilidade.

O etnoconhecimento é visto, grande parte das vezes, como algo inerente as populações camponesas que habitam as áreas rurais, aos indígenas e aos quilombolas. Dessa maneira e de acordo com as observações de Loureiro (2000), entende-se que etnoconhecimento traduz as experiências de vida que muitos povos e comunidades conservam na forma de conhecimentos, contam suas iniciativas e processos de auto sustentação, falam de história de vida e comunitária, de valores, atitudes.

O repertório de conhecimento seja ele ecológico, cultural ou social, de acordo com Toledo (2002), geralmente é local, coletivo, diacrônico, sincrético, dinâmico e holístico. Os etnoconhecimentos sobre os recursos naturais, os modos de vida e de se viver são transmitidos de geração a geração, expressando um repertório de saberes que se projetam sobre o espaço e o tempo.

Para Loureiro (2000), o etnoconhecimento, por ser um conhecimento construído e elaborado por meio das experiências de vidas individuais, coletivas, e por ser interpretado num contexto sociocultural e ambiental da comunidade local, direta e indiretamente, produz condições favoráveis para uma educação ambiental, que pense o meio ambiente de maneira sustentável e compartilhado por todos.

O saber tradicional é compartilhado e reproduzido mediante o diálogo direto entre o indivíduo, seus pais e avós (em direção ao passado) e/o entre o indivíduo, seus filhos e netos (em direção ao futuro) com a natureza. O fenômeno resultante é um processo histórico de acumulação e transmissão de conhecimentos, não isento de experimentação, que toma a forma de uma espiral em várias escalas espaço-temporais (Toledo & Barrera-Bassols 2009).

Assim, neste capítulo buscou compreender as relações entre etnoconhecimento das (o) agricultoras (o) urbanizadas (o), com a educação sociocultural e ambiental de crianças por meio de análise do Programa Sítio de Saluzinho/UFMG. Buscando abarcar essas relações, a partir das perspectivas dos atores envolvidos nesse Programa, a saber: estudantes do ensino fundamental I; estudantes universitários; professores das escolas públicas e; as agricultoras(o), docentes voluntárias no Sítio de Saluzinho.

1.5- O Programa Sítio de Saluzinho – Conhecimento, cultura e educação ambiental.

O Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar/ “Sítio de Saluzinho”, é um programa institucional da UFMG - campus Montes Claros. O nome é uma homenagem a Salustiano Gomes Ferreira, o Saluzinho como era conhecido.

O Sítio de Saluzinho é um programa perene da UFMG. Esse espaço é constituído por uma réplica de unidade produtiva rural, sendo uma mostra viva de sistemas produtivos e da agricultura familiar norte mineira. Esse programa busca a convergência entre o conhecimento abundante dos agricultores urbanos, a demanda por saber das crianças, a complementação de currículos das escolas e o fortalecimento dos conhecimentos da extensão rural.¹¹²

O Sítio de Saluzinho, então foi criado para promover o encontro das crianças e universitários com a agricultura e mundo rural. Como programa permanente da UFMG, acompanha o calendário das escolas públicas, oferecendo oficinas de formação sobre temas ligados ao campo, conduzidas por estudantes de graduação e monitores voluntários.

¹¹² Dados do Projeto Universal CNPq 2016 –Populações tradicionais, universidade e ensino fundamental - Bases metodológicas para o Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar.

As atividades são conduzidas em área de dois hectares no campus da universidade, cedida pela Congregação do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG ao Programa. Nesse terreno há casa sede de aproximadamente 100 metros quadrados, divididos em três cômodos internos, onde ficam guardados os materiais das oficinas; uma varanda - onde os estudantes lancham; nesta área externa também há dois banheiros; um galpão onde os estudantes são recepcionados; e quatro quiosques no formato de casinhas rurais, cada um com 30 metros quadrados onde são realizadas as oficinas pelas agricultoras (o).

Figura 39: Daniel e Manuel, filhos de Saluzinho em visita ao campus da UFMG em Montes Claros.¹¹³



Fonte: Rebouças, 2018.

O Programa começou em 2010, e em 2013 ocorreram às primeiras as oficinas “testes” da metodologia e das possibilidades de formato. Desde de 2014 acontecem oficinas semanais no Sítio de Saluzinho sobre diversos temas aliados às concepções culturais do mundo rural, às práticas agrícolas, uso dos recursos da natureza, soberania alimentar, entre outros.

As oficinas são ministradas por agricultoras (o) urbanas (o) que "por meio do conhecimento tradicional buscam promover o encontro do saber local com os currículos escolares, integrando as crianças à sua própria terra, fortalecendo os

¹¹³ Daniel e Manuel, filhos de Saluzinho, conheceram o Sítio de Saluzinho no dia 12 de junho de 2018. Ficaram emocionados em ver que existe um Programa dentro de uma Universidade Pública, que homenageia no pai deles e que integra estudantes de escolas públicas, universitários, professores e agricultores.

sentimentos de pertencimento, contribuindo para a formação de universitários em extensão, fortalecendo o sentimento de territorialidade" ¹¹⁴.

As (o) agricultoras (o), docentes- monitores no Sítio de Saluzinho foram mapeados durante a pesquisa de Brito (2011), que fez um levantamento sobre agricultores urbanos na cidade de Montes Claros. No capítulo II dessa dissertação foi evidenciado que todas (o) são de origem rural e migraram para a cidade de Montes Claros nas décadas de 1970 /80.

De acordo com os estudos de Brito (2011); Ribeiro et al (2015) e, em conformidade com os dados abordados no capítulo III desse trabalho, essas agricultoras (o) praticam uma agricultura tradicional, agroecológica e territorializada, com raízes assentadas no acervo de conhecimentos e técnicas materiais da agricultura familiar norte-mineira. Por isso acredita-se que o Sítio de Saluzinho reúne uma série de características que permite considerá-lo como um importante espaço para o encontro de conhecimentos.

A razão de ser do Sítio de Saluzinho se deu principalmente pela possibilidade de agregar agricultores (as), como produtores de conhecimentos e por ter como escopo a junção de algumas premissas básicas:

- valorizar a agricultura urbana regionalizada, desenvolvida a partir dos saberes tradicionais, tendo por base a produção agroecológica;
- proporcionar a interface entre ensino, pesquisa e extensão na universidade, de modo a potencializar os conhecimentos e formações dos universitários;
- promover as trocas de conhecimentos sobre os mais variados temas ligados à natureza, vida rural e urbana para as crianças das escolas públicas, do ensino fundamental, universitários e agricultores.

2- METODOLOGIA

2.1- Coleta dos dados

Para pesquisar e analisar as relações entre etnoconhecimento das agricultoras (o) urbanizadas (o) com a educação ambiental utilizou-se a combinação de três técnicas de pesquisa: a “observação participante” (Brandão 1984); a aplicação de questionários semi-orientados com as agricultoras (o) monitoras (o) do Sítio de Saluzinho, professores (as) e estudante das escolas

¹¹⁴ Dados do Programa Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar - Sítio de Saluzinho

estaduais participantes de oficinas (Queiroz, 1991); e a análise do material documental produzido pelos estudantes, desde o início das atividades do Sítio de Saluzinho.

Chizzotti (2008) acredita que a técnica de coleta de dados por meio de questionários semiestruturados elaborados previamente, de maneira sistemática e dispostas em sequências, visa suscitar dos informantes e participantes respostas que podem ser mensuráveis, em relação a sua condição e sobre os assuntos que os entrevistados saibam opinar ou informar. Para Marconi e Lakatos (2011) essa técnica consiste em coleta de informações, obtidas diretamente do entrevistado sobre o assunto em pauta.

A observação participante foi empregada semanalmente, durante as oficinas do Sítio de Saluzinho, de maio de 2017 a junho de 2018, sendo possível acompanhar 52 oficinas, que envolveram 38 professores e aproximadamente 300 crianças. Esse acompanhamento semanal com o grupo de agricultores-monitores durante as oficinas teve o objetivo de observar as interações e interfaces entre o conhecimento tradicional das agricultoras (o) e estudantes das escolas públicas. Durante as observações das oficinas foram realizadas fotografias e, algumas oficinas foram gravadas para posteriormente embasar melhor as análises sobre as informações.

A coleta de dados por meio dos questionários semi-orientados foi realizada primeiramente foi realizada junto às agricultoras (o) monitoras (o) (Ver roteiro 03 em Apêndice -A) e depois com estudantes e professores (as) de três escolas públicas: Escola Estadual Nereide Carvalho; Escola Estadual Francisco Lopes da Silva e Escola Estadual Helena Prates (ver figura 40)

Figura 40: Imagem aérea com a localização do Sítio de Saluzinho, situando as três escolas pesquisadas e os bairros de moradia das agricultoras (o) urbanas (o).



Fonte: Elaborado pela autora, a partir da imagem de satélite do Google Earth, 2018.

Vale lembrar que, a escolha dessas escolas se deu unicamente, por serem as que participaram das atividades no Sítio de Saluzinho durante a coleta dos dados para essa pesquisa (março de 2017 a julho de 2018).

Os questionários para os estudantes foram elaborados com apoio de um profissional na área de pedagogia, tendo a correta adaptação às linguagens específicas de série/idade das crianças. Assim, utilizou-se de dois modelos de questionários: um que abarcava os estudantes do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental (6 a 8 anos) e; outro para os estudantes do quarto e quinto ano do ensino fundamental I(9 a 10 anos). Essa categorização fez-se necessário, em virtude das diferenças de idade entre as crianças e, respectivos graus de assimilação das questões. Os questionários utilizados para os estudantes, encontram-se no apêndice - A dessa dissertação.

Sobre a seleção dos estudantes, cabe elucidar que o único critério adotado foi de ter participado das atividades no Sítio, e é claro o desejo de responder as questões.

A primeira etapa de aplicação das atividades com os estudantes foi supervisionada por mim, tendo em vista averiguar possíveis falhas no material e ajustá-lo. As demais etapas foram realizadas por meio da parceria com as escolas e professores (as) das turmas. No final da atividade no Sítio, o professor (a) da turma que os acompanhavam recebia os questionários a serem respondidos em sala de aula. No total foi possível aplicar a atividade

(questionário) com 383 estudantes, sendo 237 do primeiro ao terceiro ano e 146 do quarto ao quinto ano.

Para a análise documental utilizou-se de materiais disponíveis no acervo do Sítio de Saluzinho. Esses materiais foram produzidos por estudantes três escolas: Escola Estadual Helena Prates; Escola Estadual Dom João Pimenta e Escola Estadual Francisco Sá, participantes das oficinas entre os anos de 2014 a 2016. No total foram analisados 44 documentos entre cartas, textos e desenhos, esses documentos tratavam-se de textos, redações e desenhos que expressam avaliações e sentimentos dos estudantes, em relação à visita ao Sítio de Saluzinho.

As entrevistas com os professores (as) das escolas públicas de ensino fundamental I foram realizadas por mim, com ajuda de bolsistas do NPPJ. Os professores (as) que responderam aos questionários foram, os que fizeram a visita ao Sítio de Saluzinho, com as suas referentes turmas. Entretanto, vale ressaltar que em função da rotatividade de contratações de docentes nas escolas estaduais, não foi possível entrevistar todos os (as) professores (as), que acompanharam as turmas durante a visita ao Sítio, de maneira que, de um total de 32 entrevistou-se 21 professores (Ver roteiro 06 em apêndice - A).

2.2- A apreciação das informações

Para analisar essa gama de dados foi necessário muita organização e um plano tabular bem elaborado. Assim, a partir dos modelos de questionários aplicados foi feita uma categorização dos dados numa planilha do Microsoft Excel, tendo em vista, ao final da tabulação fazer o cruzamento dos elementos levantados, bem como, a filtragem de características que se pretendia compreender.

As análises dos questionários dos estudantes permitiram sopesar como os estudantes percebem as atividades do Sítio de Saluzinho e verificar como a troca de conhecimento entre as agricultoras-monitoras (o) foram utilizados, ou trabalhados em sala de aula. De maneira que, essas informações deram suporte para impetrar analogias entre o etnoconhecimento com a educação ambiental. Além do mais, o material documental produzido pelos estudantes de 2014 a 2016 forneceram elementos importantes para a construção de uma avaliação

processual e mais apurada das atividades realizadas no Sítio de Saluzinho com as escolas públicas de Montes Claros.

A partir da apreciação dos questionários aplicados aos professores (as) foi possível esboçar o perfil das escolas que visitaram o Sítio de Saluzinho de 2017 a 2018, bem como, realizar uma avaliação minuciosa sobre efeitos do aprendizado dos estudantes após a visita ao Sítio durante as aulas regulares.

3- O SÍTIO DE SALUZINHO EM AÇÃO

3.1- Organização das atividades

No início de cada semestre letivo é realizada uma reunião com as agricultoras (o)-docentes para elaboração do calendário de atividades e levantamento das oficinas que serão ministradas. Nessa oportunidade também é feita uma avaliação das atividades, que ocorreram ao longo do semestre no Sítio de Saluzinho, permitindo corrigir falhas e acertar novos rumos para as oficinas.

O primeiro passo para a efetividade das oficinas é uma sólida parceria com as escolas públicas de Ensino Fundamental I. A partir de uma reunião, a equipe do Sítio de Saluzinho apresenta para direção e corpo docente da escola, os objetivos do Programa, os modos de operacionalização e algumas normas para convivência durante as atividades. A partir da anuência da escola assina-se um protocolo de parceria, onde a equipe do Sítio se compromete a fornecer o transporte, o lanche, além toda infraestrutura e, em contrapartida, a escola se empenha em: orientar os estudantes sobre as normas e procedimentos para a visita técnica; manter a disciplina dos estudantes no trajeto e durante as oficinas, separar os estudantes em quatro grupos mesclados por gêneros e comportamentos.

Essa etapa é importante para o sucesso das oficinas, pois a partir do momento que a escola entende as premissas e modos de ações do S.S, consolida-se uma forte parceria com o corpo docente, diretores e colaboradores atuando para realização da visita técnica, que realmente desponte nas crianças outras formas de aprendizados para além dos modos convencionais em sala de aula.

Toda semana ocorre o planejamento com a equipe para organização das oficinas do Sítio de Saluzinho. Nessa reunião há a distribuição de funções entre

equipe de professores, técnicos e estudantes que atuam diretamente nas atividades, de modo que cada membro da equipe fica responsável em: contatar o transporte; buscar os estudantes; fazer a confirmação com as escolas; organizar a merenda; contatar as monitoras (o); organizar os quiosques de acordo com as oficinas oferecidas naquele dia e dar apoio durante as oficinas.

3.2- Realização das oficinas

As oficinas acontecem regularmente uma, ou duas vezes por semana, sempre no horário das aulas dos estudantes, por isso são realizadas no turno da manhã ou da tarde, com duração de aproximadamente quatro horas.

Durante a visita técnica, as crianças e professores da escola parceira são recepcionadas (figura 41) e direcionados ao “templo”. Nesse local, por meio de uma dinâmica de grupos, é realizada, a apresentação dos participantes. Em seguida é explicado aos estudantes sobre os objetivos do Programa Sítio de Saluzinho, dando destaque brevemente acerca da estrutura da UFMG; sobre quem foi Saluzinho; e as atividades que serão realizadas (figura 42).

No decorrer da explanação é enfatizado, que o objetivo da visita é proporcionar aos estudantes uma aulas ao ar livre, onde terão a oportunidade de aprender sobre a natureza, o meio rural , agricultura, alimentação, entre outros temas.

Figura 41: Recepção dos estudantes no Sítio **Figura 42:** Apresentação dos participantes



Fonte: Arquivos do Sítio de Saluzinho



Fonte: Rebouças, 2018.

Os estudantes são distribuídos em quatro grupos e, durante 30 minutos, cada grupo fica em um determinado quiosque (casinha), trocando informações a respeito de um determinado tema. As oficinas acontecem de forma

randômica, assim, depois de 30 minutos as crianças mudam de casinha para apreciar outra temática, conforme mostra as figuras 43 e 44.

Importante salientar que a combinação para as oficinas de cada agricultora (o) são acordadas previamente, tendo em vista evitar a sobreposição de uma temática no mesmo dia.

Figuras 43 e 44: Tipo de quiosque (casinha) onde são realizadas as oficinas.



Fonte: Rebouças, 2018

Após os estudantes apreciarem os temas e experiências em dois quiosques é feita uma pausa para o lanche, onde são servidos alimentos regionalizados (broas de milho, biscoitos de polvilho, pão de queijo, bolos de mandioca e sucos de frutas, normalmente da estação e da região), conforme mostram as figuras 45 e 46. Em seguida cada grupo de crianças participa de mais duas oficinas.

Figuras 45 e 46: Lanche servido aos estudantes no S.S.



Fonte: Arquivos do S.S e Aatoria, 2018.

Para encerrar, todos os participantes se reúnem e fazem uma breve avaliação sobre a visita técnica, (ver figura 47). Nesse momento, tanto os estudantes quanto os professores e as(o), monitoras(o) avaliam como foi o dia

de atividade. Essa sistemática permite à equipe do Sítio corrigir rumos, melhorando desde a organização a execução das oficinas.

Ao final da avaliação, todos (as) reúnem para uma fotografia, que fica nos arquivos do Sítio e também é enviada à escola, conforme figura 48.

Figura 47: Avaliação das atividades no Sítio



Fonte: Rebouças, 2018

Figura 48: Foto para encerramento das oficinas



Fonte: Arquivos do Sítio de Saluzinho.

4- O SÍTIO DE SALUZINHO E SEUS ATORES.

Nesse tópico, a partir das perspectivas das agricultoras (o), estudantes e professores (as) serão descritas, as avaliações e impressões do Sítio de Saluzinho, bem como, minhas considerações a respeito da interface entre etnoconhecimento das monitoras (o) e a educação ambiental.

4.1- O Sítio de Saluzinho pelas agricultoras (o) monitoras (o)

As agricultoras (o), docentes no Sítio têm amplo conhecimento acerca dos recursos da natureza e do modos de vida rural ou urbano. Esses aspectos são importantes aliados na didática entre a aproximação com os estudantes de ensino fundamental das escolas públicas que participam das oficinas, quanto para os acadêmicos da universidade.

A seguir são apresentadas as oficinas que cada agricultora (o) desenvolve, buscando ponderar, as impressões das monitoras (o) sobre os temas abordados e a interação entre os estudantes e as atividades do Sítio.

4.1.1- Monitora Ana

Dona Ana como é conhecida, desenvolve as oficinas de plantas dos cerrado e de uso medicinais desde 2015, ano em que iniciou as atividades como monitora no Sítio.

A oficina sobre o plantas do cerrado, na visão de dona Ana é mais interessante, porque segundo ela, é mais “tradicional” e, ao trabalhar esse tema, ela tem a oportunidade de falar sobre os conhecimentos que apreendeu quando, ainda era criança com seus familiares, como por exemplo sobre as propriedades do jatobá (ver figura 49), dos benefícios da cagaiteira, da quina de papagaio.

Para dona Ana, as oficinas do Sítio são importante, porque a juventude, não conhece o que os antepassados conheciam, muitos não sabem nem fazer um chá. Por isso, ela destaca os valores refletidos nas oficinas como elementos fundamentais na valorização dos saberes locais, conforme o relato:

“(...) um dia a gente vai embora e eles vão lembrar desses ensinamentos, que são importante, além disso, eles vão ensinar para outras pessoas também, acho o mais importante é deixar isso como conhecimento, como lembrança.”

Figura 49: Dona Ana durante a oficina sobre plantas do cerrado, mostrando a semente de jatobá aos estudantes.



(Fonte: Rebouças, 2018).

Sobre a interação dos estudantes com os temas de suas oficinas, dona Ana diz perceber que a maioria dos estudantes gostam dos temas abordados, porque:

“Mostramos muitas coisas úteis pra vida deles, mesmo que sigam seus estudos em outras áreas, o que a gente mostra são coisas pra todo mundo, independente se aquela criança, no futuro vai se tornar um médico, um engenheiro, um agrônomo, um professor, serve pra todo mundo.”

4.1.2- Monitora Arabela

Arabela foi convidada pela Pastoral da Criança, que é parceira do Sítio de Saluzinho, a participar das atividades. Desenvolve oficinas desde o início do Programa em 2013, ofertando os temas de reciclagem e produção de paçoca doce caseira.

Para Arabela a oficina da paçoca é muito interessante porque, a partir de uma produto, ela pode tratar sobre várias temáticas. Na figura 50, Arabela está em meio ao plantio de mandiocas, mostrando às crianças como é feito o plantio e a colheita, o tipo de solo, além disso pode falar demonstrar os produtos provenientes da mandioca, como a farinha, a goma.

“Muitas crianças não sabem de onde vem a matéria prima que faz os biscoitos que eles comem em casa, no Sítio de Saluzinho elas podem ter o convívio com coisas, produtos e assuntos que eles não vivenciam em casa, ou na escola”.

Figura 50: Arabela durante oficina de paçoca, mostrando o pé de mandioca aos estudantes.



Fonte: Rebouças, 2018

Na oficina de reciclagem, as crianças aprendem sobre a coleta seletiva, a fazer brinquedos com o material reciclável, fala também sobre o tempo de decomposição para cada elemento na natureza.

Arabela diz se sentir orgulhosa em fazer parte da equipe do Sítio e, de alguma maneira colaborar para ampliar a formação das crianças da cidade, e também lembrar o pouco que ela viveu na roça.

4.1.3 - Monitora Francisca

Dona Francisca ministra oficinas desde 2014, conduz as oficinas sobre cana-de açúcar e seus derivados e de plantas de uso medicinais. Para dona Francisca as oficinas do Sítio de Saluzinho permite expandir os conhecimentos para que os saberes locais não morram.

Dona Francisca destaca que durante a oficina de plantas medicinais, por exemplo, muitas crianças ficam encantadas por descobrirem a infinidade de produtos medicinais e cosméticos que é possível fazer com os plantas dos nossos quintais.

Figura 51: Dona Francisca durante a oficina de plantas de uso medicinal



Fonte: Arquivo S.S

Já na oficina de cana-de açúcar, dona Francisca relatou ser muito comum, crianças que nunca comeram cana, ou provaram algum dos seus

derivados como, a rapadura, o melado, a garapa, muito nunca viram sequer um pé de cana.

“quando as crianças sentirem o cheirinhos de algumas plantas que viram a primeira vez no Sítio, em outro lugar vão lembrar do dia em que visitou o Sítio, dos conhecimentos que aprenderam, dos chás que provaram, da primeira vez que comeram cana... o conhecimento no Sítio é vivido de todas as formas”.

4.1.4- Monitor João.

Sr. João como participa do Sítio de Saluzinho desde 2014. Apresenta as oficinas sobre lavoura e confecção de instrumentos musicais (violão, viola).

Para seu João, muitas crianças dos centros urbanos não sabem de onde vem os alimentos que consomem, por isso ele acha importante a existência do Sítio e maneira como as atividades são conduzidas, pois aproxima mais as crianças da cidade com a natureza, a roça, conforme relatado:

“Outro dia em uma turma de estudantes perguntei de onde vinha o arroz, todos responderam que era do mercado, dos pacotinhos... peguei o arroz ainda na casca e mostrei pra eles, foi um momento muito especial mesmo, sabe! Ver a carinha de surpresa daquelas crianças, em descobrir algo, que para a gente mais velho, ou que conviveu na roça parece tão comum”.

Na oficina sobre instrumento, as crianças ficam entusiasmadas e bem felizes quando descobrem o processo de produção de um violão ou uma viola a partir de uma árvore. (ver figura 52).

“Eu mostro todo processo, desde a planta, como deve ser coletada, até ser transformada no instrumento... Depois toco umas modas de viola e peço para as crianças cantar junto comigo”.

Figura 52: Sr. João mostrando o processo de produção de uma viola durante a oficina de produção de instrumentos.



Fonte: Arquivo do Sítio de Saluzinho.

Na avaliação do Sr. João, as oficinas além de servir para aproximar as crianças que vivem nas cidades com a roça, também, ensina muito sobre os cuidados com o ambiente, com a terra, com as plantas.

4.1.5- Monitora Júlia

Júlia conheceu o Sítio de Saluzinho por meio da pastoral da Criança e desenvolve a oficina sobre brincadeiras tradicionais desde 2014.

A oficina sobre brincadeiras na percepção de Júlia serve para resgatar brincadeiras que estão esquecidas, de maneira a desenvolver e/ ou aprimorar os sentidos das crianças, pois o uso exagerado das tecnologias como celular, tablet, computadores, vídeo games, pode ocasionar perdas cognitivas e sociais para essas crianças.

Figura 53: Júlia durante oficina de brincadeiras, ensinando criança a pular corda.



Fonte: Rebouças, 2018.

“uma criança que brinca, ela tem regras, consegue mais facilmente distinguir o certo do errado, desenvolve o corpo e cresce com limites, pois sabe a hora de brincar... não é igual ao celular, que elas tem acesso a toda hora”.

Julia acredita que as oficinas do Sítio contribuem muito para o aprendizado dessas crianças, inclusive no bairro onde mora já ouviu relatos das mães de crianças que visitaram o Sítio sobre a mudança de comportamento dos filhos.

“(...) teve uma criança que chamou atenção da mãe: “- Oh mãe, usar muito celular não faz bem a saúde, precisamos é de brincar”; isso já é uma sementinha que foi plantada, muitas vão brotar em terra fértil”.

4.1.6- Monitora Maria de Lourdes

Dona Lourdes faz parte da equipe do Sítio de Saluzinho, desde 2014. Desenvolve oficinas sobre urucum e fabricação de corante, ela gosta muito de falar sobre esse tema, porque envolve as crianças em uma série de descobertas, como por exemplo, a possibilidade de colorir com as plantas e tintas naturais.

Figura 54: Dona Lourdes durante oficina de urucum, ensinando as crianças a colorir com folhas, flores e corante.



Fonte: Aatoria, 2018.

Para dona Lourdes é importante trabalhar esse tema, não só, porque trata questões relacionadas da planta em si, mas de outros assuntos, que ela considera fundamental para a formação das crianças como: o despertar para uma alimentação mais regionalizada, sem conservantes; durante o plantio de sementes de urucum, juntamente com as crianças, ela aborda a escassez de água e mostra como utilizar esse recurso de maneira mais cautelosa; além disso tem a possibilidade de falar sobre os diversos usos seja na alimentação, como remédio, adubo.

Urucum serve pra tudo!, Pra gripe é uma beleza, pra pressão é ótimo, o adubo dele também é muito bom.

Para dona Lourdes, todas as atividades desenvolvidas no Sítio de Saluzinho são importantes, porque a rotina das famílias atualmente é acelerada demais; os pais das crianças saem para trabalhar, passam o dia fora de casa e não tem mais tempo de ficar com elas para ensinar coisas práticas da vida.

4.1.7 – Monitora Maria Serila

Dona Ila como é conhecida, desenvolve oficinas sobre a lavoura e frutos de quintal desde 2014. Gosta muito de falar sobre os dois temas, pois acredita que tem muita importância na vida das crianças.

Figura 55: Dona Ila durante oficina de lavoura, ensinando sobre espaçamento para plantio.



Fonte: Rebouças, 2018

A oficina de lavoura, na visão da monitora, é boa porque aproxima o rural do urbano: os estudantes têm a oportunidade de conhecer sobre várias sementes, os artefatos utilizados na roça, os modos de produção e também uma infinidade de produtos que dá para fazer com cada planta. A possibilidade de convívio com um ambiente rural, mesmo que por pouco tempo, desperta os sentidos das crianças e conseqüentemente aflora curiosidades, fatores importantes no processo de aprendizado. Já na oficina sobre frutos do quintal, dona Ila acredita que mostra outras formas para o consumo dos frutos, para além de *in natura* e ou em sucos.

“tem criança que não gosta de determinado tipo de fruta para comer, assim natural, mas quando faz um geleia, um bolo, ou um doce ela aceita, e isso é importante, principalmente para a nutrição delas”

4.1.8 – Monitora Rosalina

Dona Rosalina começou a desenvolver oficinas no Sítio de Saluzinho em 2014. No início desenvolvia oficina sobre plantas de uso medicinal, mas atualmente oferta mais oficinas sobre derivados da mandioca e coco macaúbas.

Dona Rosa reforça a importância de falar sobre o coco macaúbas para mostrar o valor que essa planta tem na região: ele pode ser utilizado para fazer sabão, óleo, comer a castanha ou fazer farinha para biscoito.

A oficina sobre mandioca e seus derivados, também é um tema muito importante para ela, para que, as pessoas saibam dar valor a mandioca, pois é uma planta muito rica em ferro e dela nada se perde, até as folhas podem ser utilizadas na alimentação.

Figura 56: Dona Rosa, na oficina de mandioca, mostrando como tirar a goma.



Fonte: Rebouças, 2018.

Na perspectiva das (o) agricultoras (o) monitoras (o), as crianças que visitam o Sítio, tem a oportunidade para aliar aprendizados vistos em sala de aula com o conhecimentos e experiências de vida que possuem. Acreditam que as oficinas do Sítio propiciam às crianças urbanas uma formação diferenciada, sendo uma oportunidade dos estudantes aprenderem um pouco sobre a história, raízes e modos de vida do lugar onde vivem, de estreitar a relação entre cidade e o campo.

4.2 – O Sítio de Saluzinho pelo olhar dos professores (as)

O primeiro ponto analisado, a partir das entrevistas realizadas com os 21 professores foi o perfil das escolas e a interação das mesmas com a comunidade de entorno.

Todos os professores (as) classificaram as escolas onde atuavam como: escolas públicas, urbanas e localizadas em bairros periféricos. Quanto a relação com a comunidade do entorno: 92 % dos professores (as) relataram que é ótima, havendo bastante cooperação entre os funcionários das escolas e moradores do entorno e 8% informaram que a afinidade entre a escola e comunidade é não é muito amigável.

Ainda sobre o perfil das escolas, 80% dos professores (as) disseram que existem locais de convívio com a natureza para os estudantes nas escolas. Esses lugares são na grande maioria; jardins, hortas, locais arborizados e parques. Sobre a realização de atividades fora do ambiente escolar, 43% dos docentes citaram ter proporcionado visita ao parque para os estudantes; 14% dos professores (as) levaram suas turmas ao museu e cinema; 19% foram à clubes recreativos com as turmas; 18% visitaram universidades e apenas 4% não realizou nenhuma atividade extra classe.

Para a maioria dos professores, os temas abordados nas oficinas intercambiaram com os assuntos que os estudantes vivenciam em sala de aula e foram utilizadas pelos professores (as) durante as suas aulas regulares, por meio de: textos (26%); desenhos (23%); rodas de conversas (14%); paródias e apresentações (12%); práticas (11%); contação de histórias (8%) e maquetes (6%). As principais disciplinas correlacionadas às atividades do Sítio, e os respectivos temas abordados estão descritos na tabela 05.

Tabela 05: Atividades desenvolvidas no Sítio e disciplinas relacionadas

Disciplina	Correlação*	Formas de uso	Temas abordados
Ciências	19%	Desenhos Práticas; Atividades redigidas.	Meio ambiente Água; Os seres vivos; Solos Vegetação
Português	18%	Produção de textos Parodias Rodas de conversa	Gramática; Vocabulário regional;

Geografia	15%	Desenhos; Atividades redigidas;	Modos de vida rural e urbano; Paisagens; Noção do espaço;
História	15%	Rodas de conversas; Desenhos; Textos	Cultura e costumes; Regionalização;
Artes	13%	Desenhos; Elaboração de maquetes; Contação de histórias; Teatro.	Cores e formato das plantas; Brincadeiras antigas; Cantigas de rodas
Matemática	10%	Atividades redigidas; Desenhos	Cálculos; Distâncias; Números
Ensino religioso	6%	Rodas de conversas; Textos; Desenhos.	Santos padroeiros; Agricultura x religiosidade; Elementos da natureza como bem divino.
Educação física	4%	Práticas	Vida saudável Alimentação regionalizada

*Porcentagem de utilização das atividades do Sítio com as áreas de conhecimentos.

Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

As temáticas abordadas no Sítio permitiu aos professores (as) fazer associações entre experiências vivenciadas no Sítio e às suas aulas regulares, conforme relatos:

“O Sítio de Saluzinho foi um aprendizado na prática, que os alunos vão levar para toda vida, pois viram a importância dos agricultores familiares na produção dos alimentos que consumimos”

(MJG, 35 anos, prof^a do 4º ano da E.E. Helena Prates).

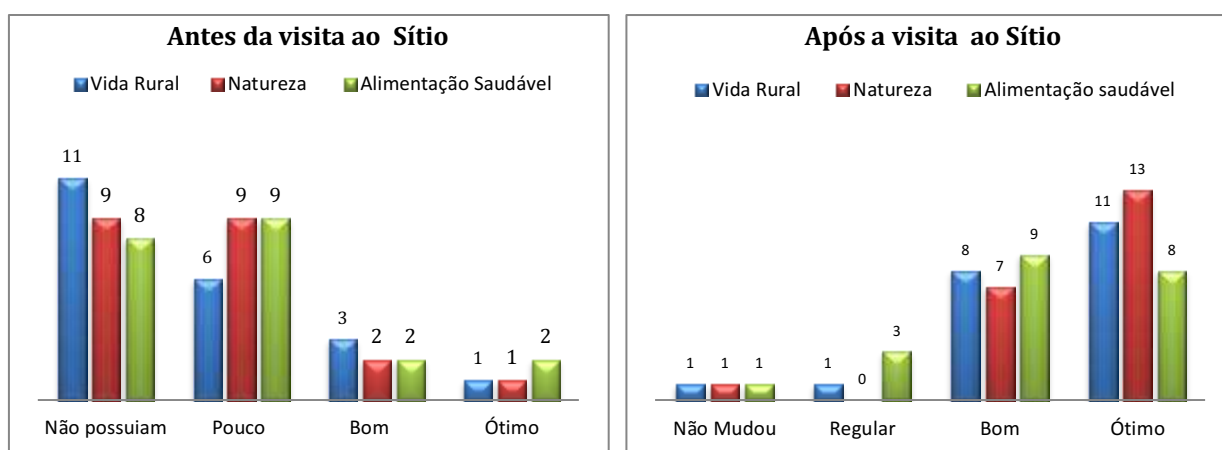
“(...) valorizou ainda mais os saberes locais e as pessoas que vivem, trabalham e tiram o sustento da natureza, permitindo aos alunos aprenderem mais sobre a cultura da região e valorizar mais os conhecimentos sobre a roça, dos mais antigos”

(LCF, 29 anos, prof^a do 3º ano da E.E. Nereide de Carvalho).

Após a visita ao Sítio, os estudantes passaram a entender melhor o que a natureza pode proporcionar, ficaram mais participativos durante as aulas e também voltaram a usar diversas brincadeiras antigas para se divertirem durante os intervalos e recreios.

Os gráficos 07 e 08 evidenciam como os (as) professores (as), a partir da convivência rotineira com os alunos (as), avaliaram os conhecimentos deles sobre; natureza, alimentação saudável e vida rural antes e após a vivência no Sítio, respectivamente.

Gráfico 07 e 08: entre os conhecimentos dos estudantes a respeito dos temas vida rural, natureza e alimentação saudável antes e após a visita ao Sítio.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados de pesquisa, 2018.

Esse fator revela mais uma vez, o espaço do Sítio de Saluzinho como uma ferramenta importante para difusão e troca de conhecimentos, permitindo a essas crianças, não apenas uma maior sensibilidade sobre o meio ambiente, mas, a condução das oficinas por agricultoras (o) proporciona o encontro com os costumes ou modos de vida próprios do mundo rural, muitas vezes inacessível, para boa parte delas.

O modelo de organização e execução das atividades no Sítio de Saluzinho, além do próprio espaço, é claro, encheu os olhos de mais da metade dos professores (as). 62% afirmaram que as atividades do Sítio deveria fazer parte do calendário anual das escolas públicas de Montes Claros, pois a linguagem utilizada pelas agricultoras (o) simples e de fácil entendimento, tanto para as crianças maiores, quanto as menores promove a aproximação com os

conteúdos vivenciados em classe. Além disso, o fornecimento de uma alimentação, com produtos da própria região reforça a importância de uma alimentação mais diversificada, sem a utilização de produtos industrializados.

Para 29% dos docentes, o tempo para a vivência no Sítio é um fator a ser considerando, estes informaram que a duração das oficinas são curtas para abordar assuntos tão importantes. Já a ausência de temas relacionados à animais foi citado por 11% desses professores (a) e 5% avaliaram negativamente a condução das atividades, porque não abordou sobre algumas plantas

De forma geral, os professores(as) analisaram as visitas técnicas ao Sítio como uma oportunidade única, dos estudantes conviverem em meio a natureza. As aulas ar livre, tendo como professores as agricultoras (o), que por meio das suas vivências, guardam uma fonte de sabedoria essencial, tanto para o resgate de valores humanos, sociais e culturais, quanto na compreensão no meio ambiente como algo mais abrangente e integrante a vida dessas crianças.

4.3- O Sítio de Saluzinho na perspectiva dos estudantes de 1º ao 5º ano.

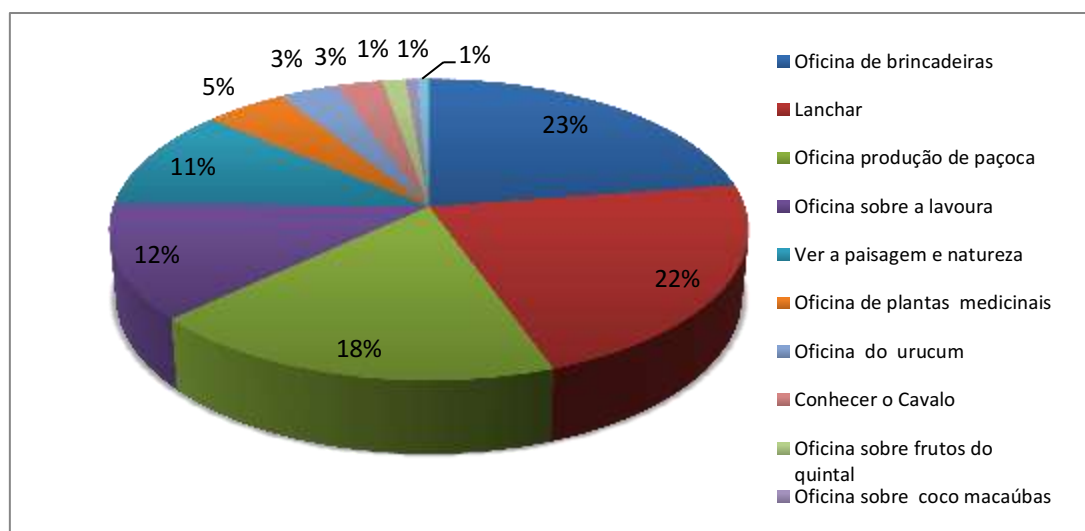
4.3.1- Análise dos questionários (2017–2018)

Do total de 383 estudantes, 72% informaram que o conhecimento sobre o mundo rural restringia-se às informações obtidas em sala de aula ao estudar a temática vida rural e vida urbana, ou com os familiares que viveram na roça. Importante frisar que, apesar das escolas pesquisadas estarem localizadas em áreas periféricas da cidade, poucos estudantes, ou 21% relataram ter vivência de fato com o meio rural e 7% não responderam a essa questão.

Uma questão interessante que foi analisada, diz respeito às atividades do Sítio de Saluzinho que mais despertaram interesse dos estudantes.

Para os 146 estudantes do 4º e 5º anos (9 e 10 anos), conforme mostra o gráfico 09, as atividades mais atrativas foram.

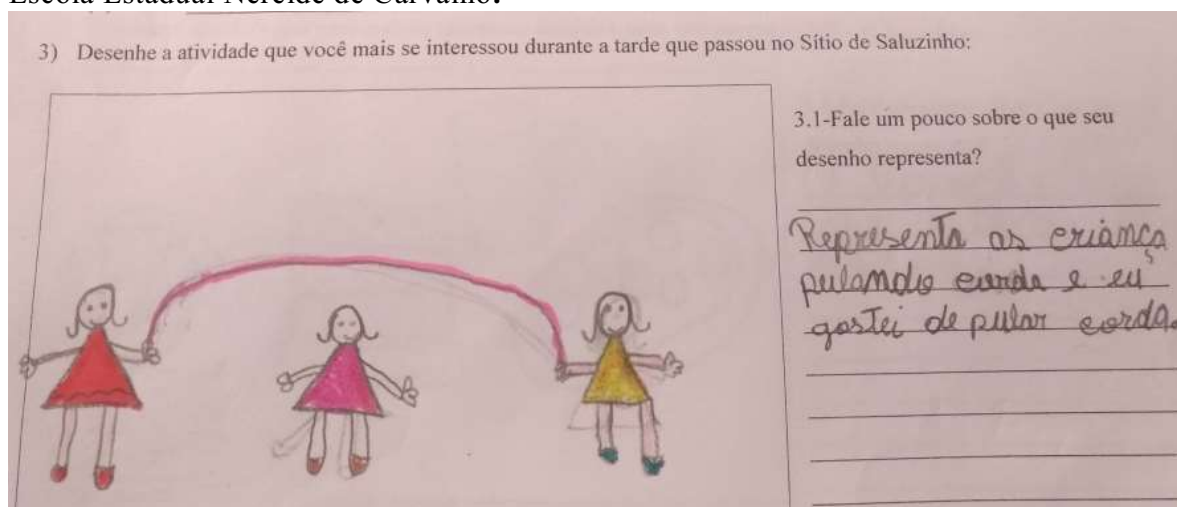
Gráfico 09: Atividades que mais despertaram o interesse dos estudantes dos 4º e 5º anos.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados de campo, 2018.

Em primeiro lugar encontra-se a oficina de brincadeiras tradicionais com 23% das avaliações, na figura 57, encontra-se a representação e avaliação de uma estudante sobre essa oficina.

Figura 57: Atividade que despertou mais interesse para uma estudante do 5º ano Escola Estadual Nereide de Carvalho.



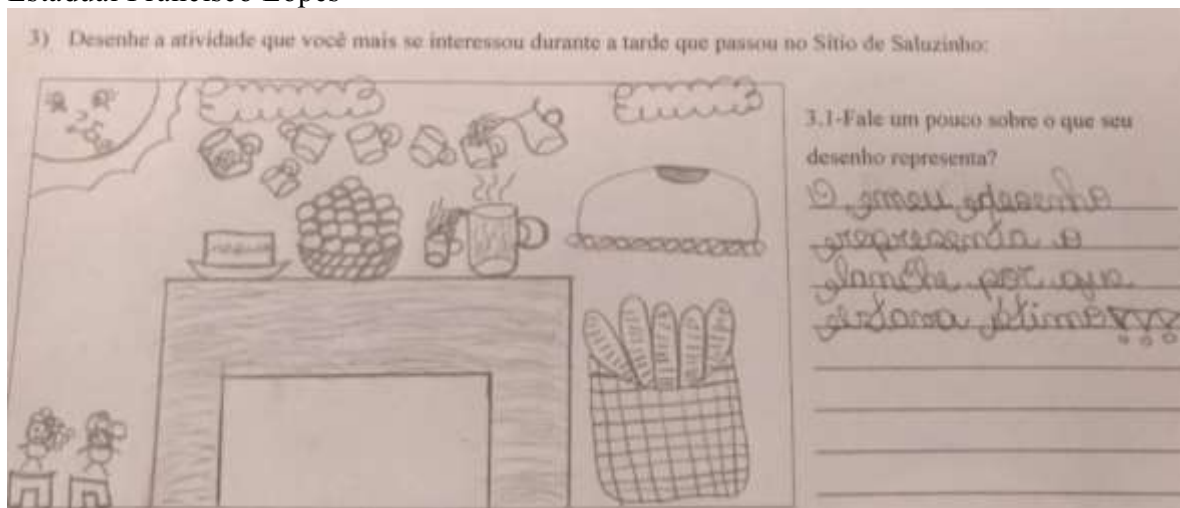
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Através dos dados contidos nos questionários e, por meio das observações durante as oficinas foi possível observar, o quão é importante ter alguém que incentive as brincadeiras na vida das crianças. Foi comum ouvir relatos de estudantes que visitaram o Sítio e que não sabiam pular corda, brincar de amarelinha, de bambolê, de roda, entre outras brincadeiras.

Um elemento surpresa dessa avaliação foi o lanche, que apareceu na ponderação de 22% dos estudantes (ver figura 58). Não se imaginava que os alimentos fornecidos, com características regionalizadas apareceriam como um

dos elementos mais atraente para as crianças, haja vista, que no meio urbano há a tendência para uma alimentação mais industrializada. A questão do consumo ou não, de alimentos regionalizados pareceu estar mais atrelado à disponibilidade e oferta, se são ofertados, as crianças apreciam.

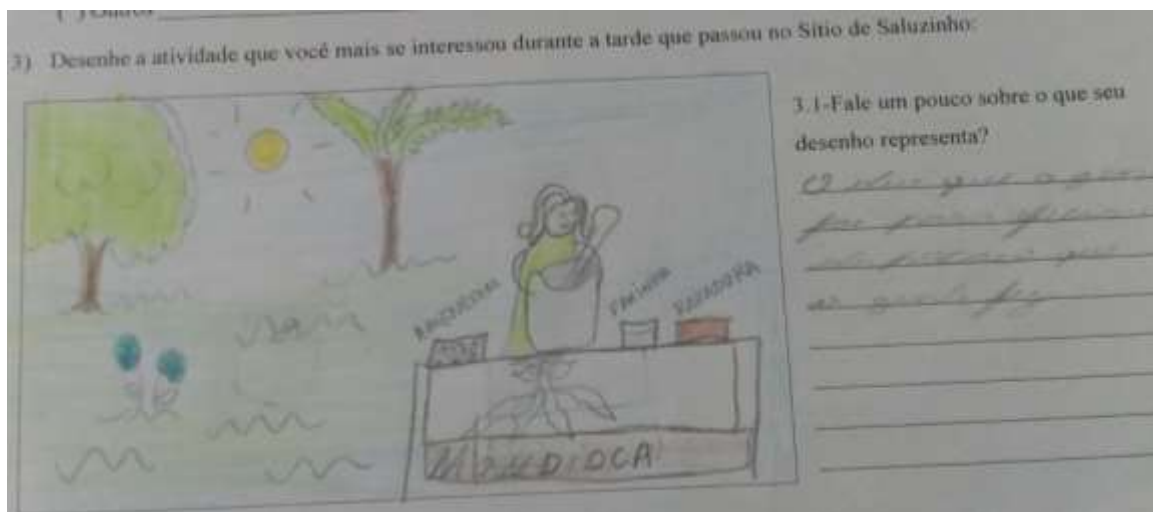
Figura 58: A opinião sobre o lanche por uma estudante do 5º ano da Escola Estadual Francisco Lopes



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A terceira atividade mais interessante para esse grupo de estudantes foi a oficina de produção de paçoca com 18% das ponderações. Nessa oficina, as crianças têm a chance de apreender sobre as matérias primas utilizadas para fazer a paçoca doce caseira: a farinha de mandioca, o amendoim, a rapadura. As crianças, além de aprenderem sobre a importância nutricional desses produtos e seus derivados para a alimentação humana, também se encantam com a oportunidade de “colocar a mão na massa”, muitos conhecem pela primeira vez, o pilão e aprendem a moer o amendoim e a rapadura manualmente.

Figura 59: Estudante do 4º ano da Escola Estadual Helena Prates e sua opinião sobre a oficina de produção de paçoca.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Para esses estudantes, as atividades do Sítio de Saluzinho foram interessantes e importante porque:

"não tinha contato com a natureza e ver a lagoa, as flores e animais de perto foi mágico" (Estudante do 5º ano da E.E Nereide de Carvalho).

"foi muito legal aprender a fazer e comer a paçoca" (Estudante do 4º ano da E.E. Francisco Lopes da Silva).

"nunca tinha chupado cana ou comido rapadura" (Estudante do 4º ano da E.E. Helena Prates).

"fiquei surpreso em saber que podemos usar as plantas para curar doenças, pois achava que remédios eram só da farmácia" (Estudante do 5º ano da E.E Nereide de Carvalho).

"gostei de saber que posso usar tintas naturais como a do urucum, de folhas e flores das plantas para colorir" (Estudante do 5º ano da E.E. Francisco Lopes da Silva).

"muito interessante aprender sobre os produtos da lavoura e saber que alimentos que consumimos vem da agricultura" (Estudante do 5º ano da E.E. Helena Prates).

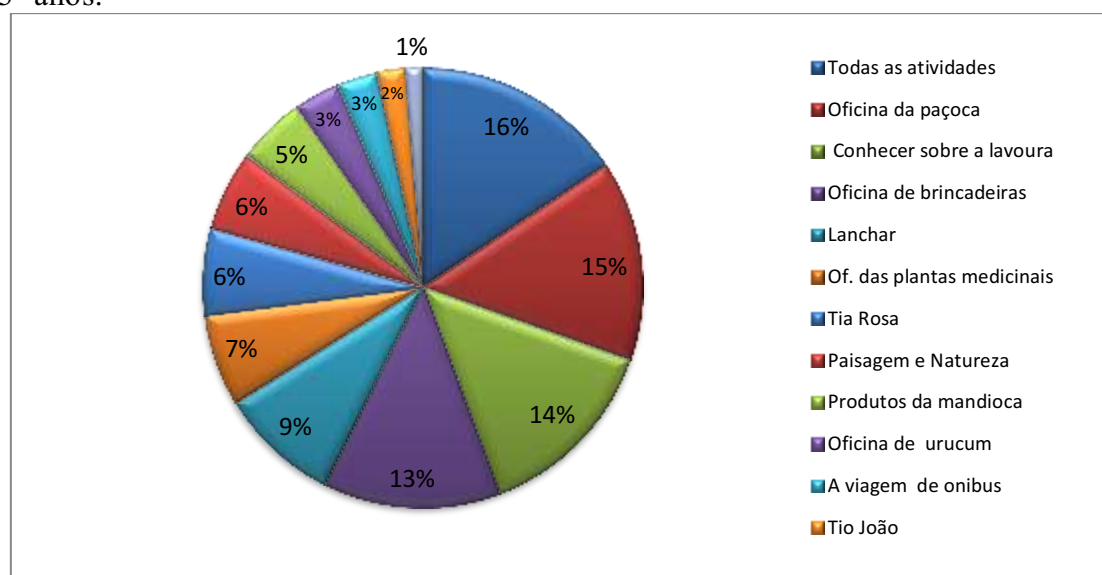
"gostei de saber que é possível fazer sabão com o coco macaúba" (Estudante do 4º ano da E.E Nereide de Carvalho).

De maneira geral para essa faixa etária, 88% dos estudantes avaliaram que todas as atividades foram interessantes, houve algumas poucas ressalvas quanto as oficinas de: plantas de usos medicinais (5,5%) e o principal motivo foi a não apreciação de chás; oficina sobre lavoura (3,5%) porque foi difícil entender a

respeito das semente, plantação, colheita e a oficina sobre o urucum porque foi cansativa com 3,5% das avaliações.

Já para os 237 estudantes do 1º ao 3º anos, as cinco atividades melhor avaliadas foram: 16% gostaram de todas as atividades vistas no Sítio de Saluzinho; 15% despertaram mais interesse pela oficina de produção de paçoca; 14% se identificaram mais com a oficina de lavoura tradicional e 13% com a oficina de brincadeiras antigas, conforme mostra o gráfico 10..

Gráfico 10: Atividades que mais despertaram o interesse dos estudantes do 1º ao 3º anos.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Dentre os principais motivos pelo quais se interessaram por determinadas atividades, destacam-se:

"gostei de todas as atividades, porque aprendi muitas coisas boas para a vida"
(Estudante do 3º ano da E.E. Francisco Lopes da Silva).

"a paçoca estava muito saborosa" (Estudante do 2º ano da E.E. Helena Prates).

"gostei de conhecer as plantas que servem para fazer remédio" (Estudante do 3º ano da E.E. Nereide de Carvalho).

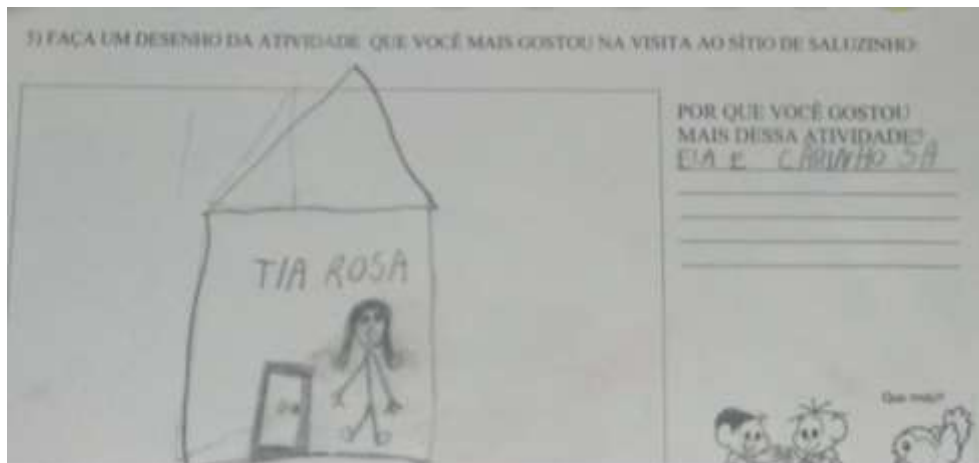
"as plantas ajudam as pessoas a ficarem boas" (Estudante do 1º ano E.E. Francisco Lopes da Silva).

"adoramos o Sítio porque pudemos brincar" (Estudante do 1º ano da E.E. Helena Prates).

Foi muito interessante perceber que essas crianças menores, (06 a 08 anos) vêm nas monitoras (o), uma figura fraternal, alguns relataram por exemplo, que a dona Rosa era igual a avó, ou que Sr. João parecia com avô,

(ver figura 60). Por isso, os nomes de monitores apareceram entre os itens que mais chamaram a atenção no Sítio.

Figura 60: Estudante do 1º ano da Escola Estadual Francisco Lopes a representação do que ela mais gostou na visita ao Sítio de Saluzinho.



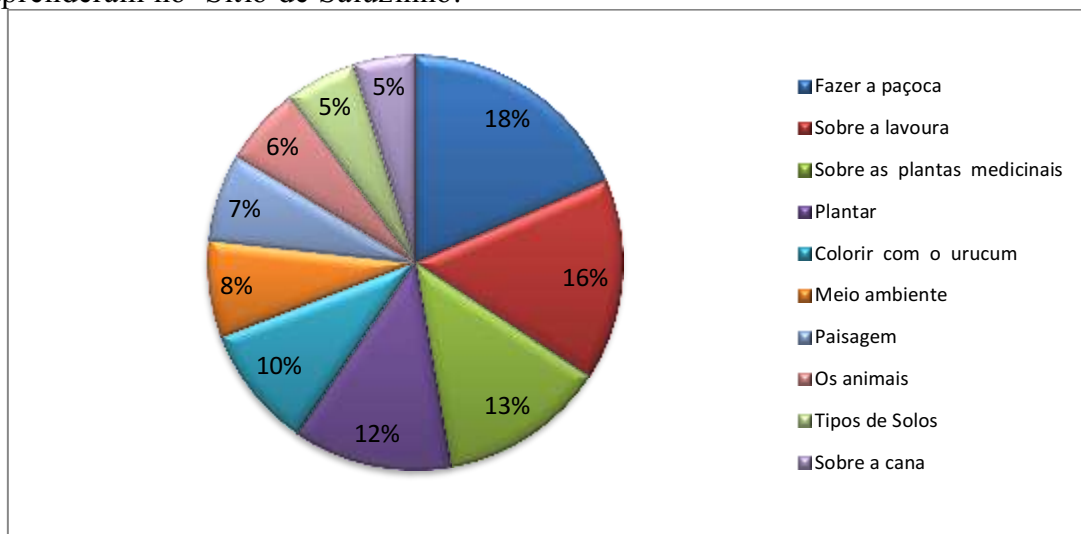
A analogia feita por esses estudantes entre a figura da avó ou do avô com as monitoras (o) reflete a valorização dos saberes dos mais velhos, ou anciãos para futuras gerações.

Outra percepção importante alcançado com os questionários aplicados aos estudantes do 4º e 5º foi sobre os temas vivenciados no Sítio de Saluzinho que foram posteriormente, trabalhados em sala de aula. Assim, 115 estudantes, ou 79% informaram que os professores (as) deram continuidade aos assuntos abordados no Sítio. E 21% dos estudantes - todos de uma mesma turma relataram que os conteúdos, ainda não tinham sido estudados, porque relacionavam-se com temas a serem tratados no período seguinte.

Os principais assuntos vivenciados no Sítio e posteriormente revisto em sala de aula foram: solos, vegetação e animais com 44%; vida rural e vida urbana 22%; paisagem e meio ambiente 18%; meio ambiente 13% e alimentos e as plantas 3%.(ver gráfico 12 em anexo). Essa análise é importante, pois mostra a efetividade das ações do Sítio para além do momento das oficinas, os conhecimentos dessa interface se constituem como formas de apoiar os professores (as) durante a abordagem de diversas temáticas em sala de aula.

A maioria desses estudantes tiveram o primeiro contato, ou ciência de determinado aspecto, ou assunto por meio do Sítio de Saluzinho, conforme mostra o gráfico 11.

Gráfico 11: Assuntos que as crianças do 4º e 5º anos não conheciam e aprenderam no Sítio de Saluzinho.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

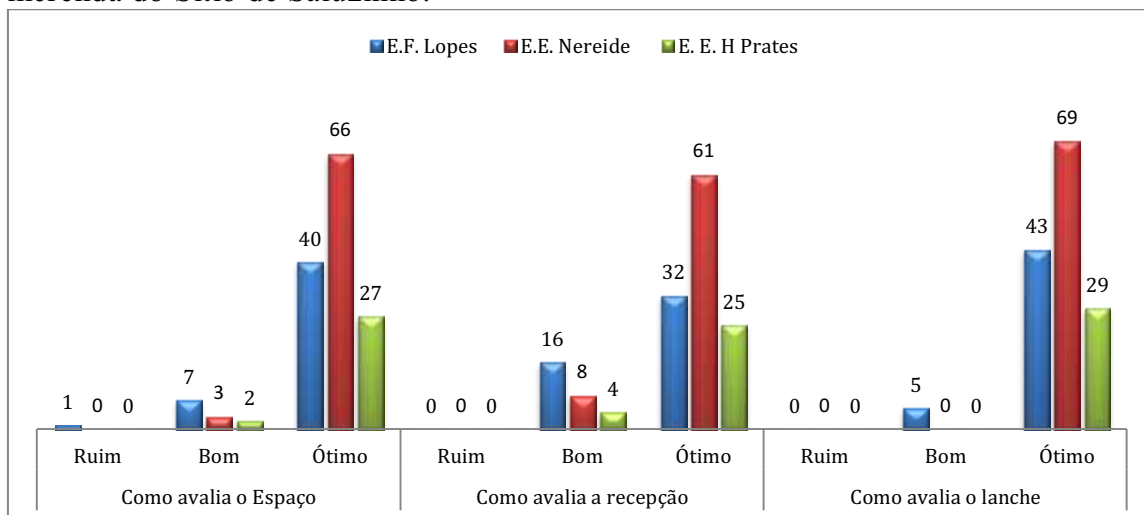
Esses aprendizados foram colocados em prática por 81 ou 56% destes estudantes. As atividades mais realizadas em casa foram: cultivar plantas, desenvolvida por 26% dos estudantes; 23% fizeram a paçoca, inclusive, um estudante do quinto ano da E.E. Nereide de Carvalho aprendeu a fazer a paçoca durante a oficina do Sítio e passou a produzir em sua casa para vender na escola, com o valor arrecadado conseguiu trocar de bicicleta; 16% dos estudantes utilizaram o urucum para colorir; 13% passaram a fazer chá em casa para consumo; 9% utilizaram a babosa para hidratação dos cabelos; 7% fizeram reciclagem e 6% relataram mudanças na alimentação.

Em relação aos temas que gostariam de ter vistos no Sítio, 14% das crianças relataram ter vontade de aprender mais sobre os animais, 12% tem vontade de aprender a fazer brinquedos como pipas, pião, bonecas de pano, bolas; 11% gostariam de ver mais plantações; 10% aprender a fazer artesanatos; 9% ter mais conhecimentos sobre o meio ambiente; 8% ter oficinas de culinária e pintar o rosto com urucum; 5% andar a cavalo; 3% ver rios e cachoeiras e 2% queriam ter participado da oficina de plantas de uso medicinais.

Sobre a avaliação mais ampla do Sítio de Saluzinho 99% dos estudantes avaliaram o espaço físico como ótimo e apenas 1% avaliou de maneira ruim. Contudo, essa avaliação do espaço de forma negativa foi realizada por uma estudante cadeirante, por se tratar de uma réplica de um sistema rural, as estradas e caminhos entre as casinhas, galpão e casa sede não são pavimentadas, isso por

vezes dificulta, mas nunca não impossibilitou a participação de pessoas com algum tipo de dificuldade motora. Quanto a recepção e o lanche todos os estudantes avaliaram de maneira positiva, conforme expressa o gráfico 12.

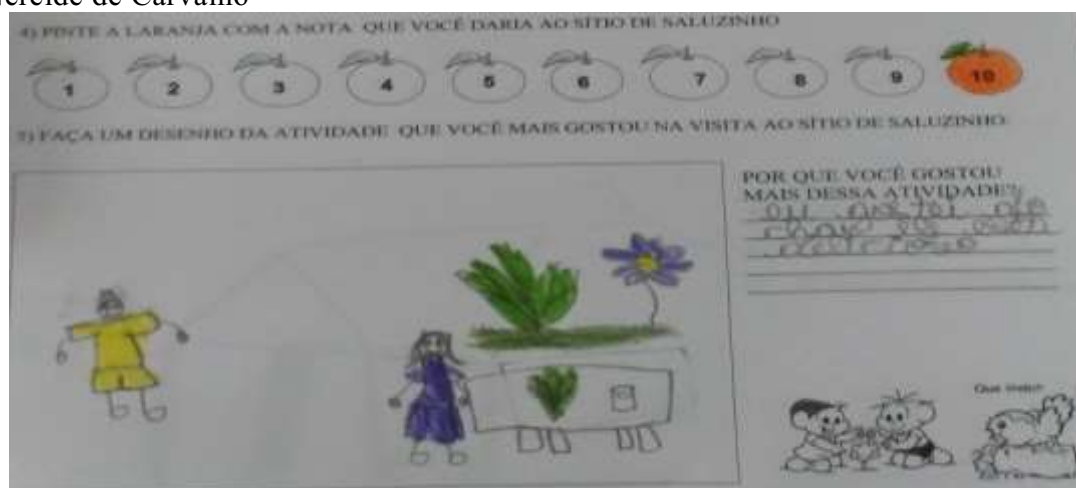
Gráfico 12: Avaliação dos estudantes do 4º e 5º anos sobre espaço, recepção e merenda do Sítio de Saluzinho.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Para os estudantes do 1º ao 3º anos essa avaliação do Sítio de Saluzinho foi realizada por meio do uso de desenhos e imagens. Assim, as crianças coloriram a fruta com a nota que atribuíam ao Sítio, conforme ilustra a figura 61.

Figura 61: Modelo de avaliação realizada por uma estudante do 2º ano da Escola Nereide de Carvalho

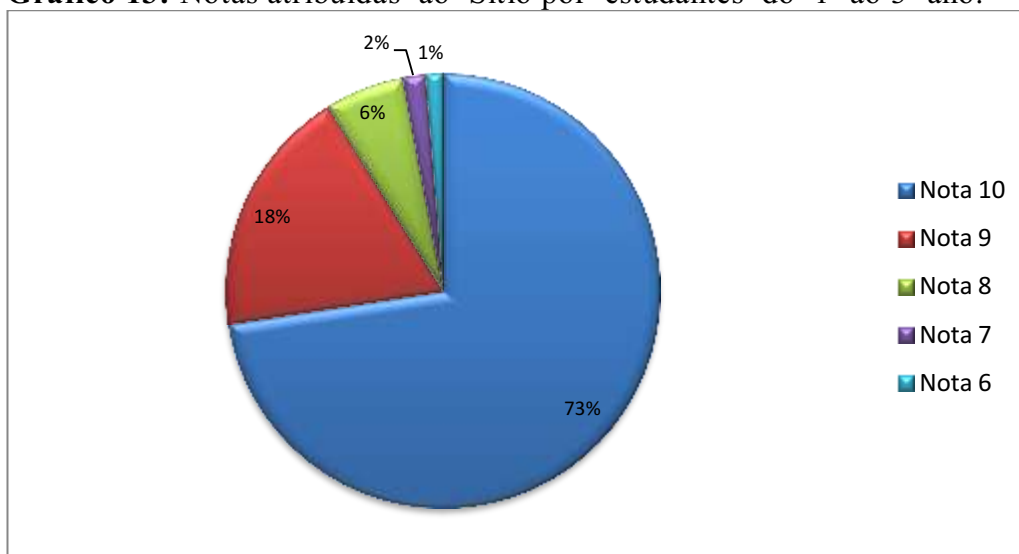


Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A partir da tabulação e análise desses questionários foi possível evidenciar que: 73% dos estudantes atribuíram nota dez ao Sítio; 18% dos estudantes

aferiram a nota nove; 6% deram nota oito; 2% das crianças conferiram nota sete; 1% conferiram nota 6. (ver gráfico 13)

Gráfico 13: Notas atribuídas ao Sítio por estudantes do 1º ao 3º ano.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

4.3.2- Análise do material documental (2014 -2016)

As avaliações, descobertas e aprendizados desses estudantes foram realizados por meio dos depoimentos e de imagens contidos nos documentos, conforme ilustram as figuras 62, 63, 64, 65, 66 e 67.

Figuras 62 e 63: Percepção do Sítio de Saluzinho das turmas 1º e 3º ano da E. E Francisco Sá / 2016.



Fonte: Arquivo do Sítio de Saluzinho.

Os depoimentos foram agrupados e sistematizados por escolas e turmas, conforme exposto:

“Foi uma experiência muito enriquecedora, pois aprendemos sobre diversas plantas que ajudam a melhorar a saúde das pessoas, também aprendemos sobre os produtos da lavoura e a importância para a nossa alimentação, além das brincadeiras que foram ótimas” (Turma do quinto ano da E.E Francisco Sá).

“Conhecemos para que servem as plantas medicinais; que o corante extraído do urucum é natural e portanto mais saudável; aprendemos também a respeitar o agricultor e conhecemos algumas culturas; descobrimos que mandioca também tem sementes; e aprendemos as diferenças entre vários tipos de feijão e milho” (Turma do 4º ano da E.E Helena Prates).

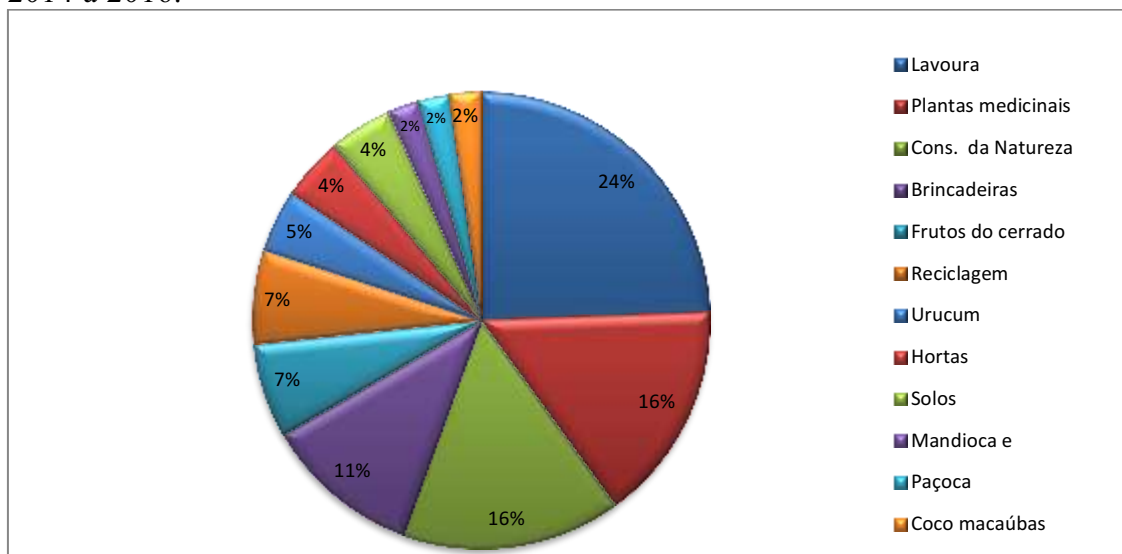
Aprendemos que a vida mais simples é muito mais saudável e não precisamos de tantas tecnologias para sermos felizes (Turma do 3º ano da E. Dom João Pimenta).

“Não sabíamos que utilizava óleo de mamona para iluminar as casas antigamente; que existem dois tipos de mandioca, a brava e a que podemos comer; aprendemos a fazer a paçoca; sobre as plantas de uso medicinal que servem para fazer cosméticos, usar na alimentação e fazer remédios”(Turma do 4º ano da E.E Dom João Pimenta).

Analisando as imagens e relatos dos materiais, podemos observar os efeitos da visita técnica ao Sítio de Saluzinho e as oficinas ministradas por agricultoras(o) monitoras (o) na ampliação dos conhecimentos desses estudantes, para além do espaço da sala de aula. Certamente, para muitos, a aula que tiveram ao ar livre, conduzidas por quem tem conhecimentos empíricos foi um aprendizado, que se manterá vivo em suas memórias, justamente pela forma diferenciada de condução e pela inserção em meio a natureza.

A partir da análise documental, observamos que os estudantes do 1º ao 5º anos durante o período de 2014 a 2016 demonstraram maior interesse as seguintes oficinas: técnicas e produtos da lavoura com 24% das avaliações; plantas de uso medicinal e conservação da natureza, ambas com 16% e, brincadeiras tradicionais com 11%, ver o gráfico 14.

Gráfico 14: Atividades que os estudantes de 1º ao 5º mais se interessaram de 2014 a 2016.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados dos arquivos do Sítio de Saluzinho (2014-2016)

A vivência propiciada pelo S.S aos estudantes, muitos com pouco ou nenhum conhecimento do mundo rural, mostrou-se e como elemento importante de compreensão entre meio natural e social e de aproximação do rural com o urbano.

4.4- O Sítio de Saluzinho na visão dos estudantes universitários

O Sítio de Saluzinho contribui para formação de acadêmicos do Instituto de Ciências Agrárias (ICA) através da disciplina regular de Extensão Rural ou da parceria com núcleos de pesquisa: Grupo de Estudos em Frutíferas Exóticas e Nativas (GEFEN); Núcleo de Pesquisa e Apoio à Agricultura Familiar Justino Orbes (PPJ) e Programa de Educação Tutorial (PET- Agronomia). Os acadêmicos, também ministram em conjunto com as (o) agricultoras (o) oficinas para os estudantes das escolas públicas que visitam o Sítio. Entre 2014 e 2017, um total de 165 acadêmicos da UFMG realizaram oficinas no Sítio.

Para alcançar impressões que englobem as múltiplas facetas do Sítio de Saluzinho (ensino- pesquisa - extensão), 12 estudantes universitários que participaram ou participam das atividades no Sítio responderam à duas questões: a primeira buscou uma avaliação geral dos acadêmicos sobre o Programa Sítio de Saluzinho - aspectos positivos, e fatores que precisam ser melhorados; a segunda questão tinha por objetivos, analisar a contribuição do Sítio na formação desses estudantes.

Todos os estudantes avaliaram o Sítio de Saluzinho como um programa de importância para a Universidade, porque permite aos acadêmicos, a oportunidade de conhecimentos e vivências, que muitas vezes não são possíveis através de aulas convencionais. Além de ser uma importante ferramenta de valorização dos conhecimentos rurais do norte mineiro, pois a convivência com as(o) agricultoras(o) urbanas(o) é uma forma de aprendizado .

Boa parte dos universitários relacionaram o contato entre acadêmicos e crianças das escolas públicas com os saberes rurais das(o) agricultoras(o), com o contexto prático voltado para as ruralidades um aspecto importante para a formação universitária, segundo o relato:

“A contribuição que o Sítio oferece para as crianças, principalmente as “urbanas”, é uma formação diferenciada do tradicional, é uma oportunidade única de aprender um pouquinho das nossas raízes, da nossa história no meio rural. É uma forma de estreitar essa relação entre cidade e o rural que em muitos casos as escolas do município não conseguem oferecer para as crianças. Acho que o Sítio de Saluzinho é tão importante, que não deveria ficar “restrito” somente com visitas as crianças, mas também para toda a sociedade”(J.S.F, 23 anos, Engenheira Florestal)

Com a crescente urbanização, as crianças que moram em áreas urbanas têm menos possibilidades de acesso ao campo e a natureza, e os estudantes universitários acreditam que o Sítio age principalmente, em resposta a esse tipo de necessidade. Além de possibilitar que os participantes troquem conhecimentos, descobrindo os valores humanos, ambientais e culturais do ambiente em que vivem.

Os estudantes avaliaram ainda, que pontos os que necessitam ser melhorados, referem-se com a variedade de temas que podem ser aprimorados, acessar outros conhecimentos que os agricultores dispõem e que podem ser apresentados às crianças. E inserir, em algum momento, a família de alguns desses estudantes nas atividades do Sítio.

Em relação à contribuição das atividades do Sítio de Saluzinho na formação dos acadêmicos, eles relataram que as experiências vivenciadas foram positivas, não apenas para a formação acadêmica, mas reflete uma concepção para a vida, como pode ser observado nos relatos:

“O Sítio de Saluzinho influenciou na minha educação profissional positivamente, a Universidade peca em não nos aproximar diretamente da Agricultura Familiar e esse contato é enriquecedor. Também existe a possibilidade de lidar com grupos externos a universidade, como as instituições públicas que visitam o Sítio semanalmente, este processo de lidar com pessoas, com intemperes, valorizar o conhecimento dos agricultores familiares, trabalhar em equipe é enriquecedor e contribui para minha formação como cidadão”(E.J.P.S, 21 anos, estudante de agronomia).

“Sem dúvida, o Sítio contribuiu para a minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Na graduação foi o primeiro contato que tive com a extensão e isso foi muito importante para que eu escolhesse os próximos caminhos da minha formação”(Y.J.P.G, 23 anos, mestranda em Sociedade, ambiente e Território).

“(...) antes de ingressar para a equipe do Sítio, que foi meu primeiro momento com extensão, eu ainda tinha muitos preconceitos em relação ao meio rural, talvez por ter nascido e ser criada no ambiente urbano, relacionava com tantas coisas negativas como atraso, um lugar de sofrimento e dor...Mas após vivenciar de perto essa experiência com as crianças e monitores, pude perceber o quão rico é a história do meio rural e o quanto ela faz parte de mim, o quanto eu aprendo com as histórias, as oficinas...e como é um lugar rico em conhecimento, em afeto e união! Essa experiência contribui não só para minha formação acadêmica, mas também para meu crescimento como pessoa”(A.C.S, 19 anos, estudante de engenharia Florestal).

“O sítio está contribuindo de forma essencial para a minha formação. Além de fazer algo que gosto, que é trabalhar com crianças, ele me proporciona grandes experiências passadas por agricultores maduros, e me permite aprender muito sobre agricultura familiar” (H.J.S, 19 anos, estudante de zootecnia)

“O Sítio de Saluzinho contribuiu para minha formação profissional e pessoal. Fazendo parte da equipe do Sítio a gente aprende sobre planejamento, logística, organização, melhorar a fala em público, lidar com crianças, saber agir em casos excepcionais, ter responsabilidade e compromisso, dinâmicas e metodologias participativas, e a cada dia de atividade aprende-se muito com as agricultoras/es, que dominam vasto conhecimento. Tem oportunidade de ver e fazer a extensão da universidade e entender sua importância”.
(A.L.T. C, 28 anos, administrador de empresas).

“assim como as crianças, tive outra visão sobre o rural, embora minha família tenha origem rural, meu contato era bastante precário. O Sítio também contribuiu para me despertar a atenção de que conteúdos relacionados à agricultura familiar, ao campo, ou a extensão rural não são temas muito visados no meu ramo de formação, o que me faz surgir novas oportunidades de trabalho, diferentes dos já “tradicionais” da área. Além disso, foi meu primeiro contato com a agricultura urbana como saber popular-científico, que permitiram refletir sobre a alimentação; a importância da produção regional; da valorização da A.F.; e sobre as economias locais, de forma que se tornou fruto para indagações de uma nova pesquisa-ação”(A.M.A, 23 anos, engenheiro agrônomo).

O Sítio de Saluzinho contribuiu e contribui para a minha formação, de forma muito positiva e significativa. No Sítio estudantes de graduação têm a oportunidade de ver e participar de uma atividade de extensão; aprendem sobre organização, metodologias participativas, aprendem com verdadeiros mestres da vida, os/as agricultores/as, além de ter a oportunidade de ter uma experiência enquanto docente.

(A.F.R.S, 24 anos, agrônoma e engenheira florestal).

“Apesar de já ter um laço muito forte com o meio rural, conhecer todos os agricultores e agricultoras do Sítio de Saluzinho me fez enxergar outras possibilidades de trabalho relacionados a agricultura familiar (que na universidade ainda é pouco abordado). Na minha formação pessoal me fez aprender coisas novas e coisas já conhecidas, mas com uma outra percepção”(J.F.S, 19 anos, estudante de engenharia florestal).

“A experiência vivida foi de muito trabalho e aprendizado, pois me possibilitou aproximar de pessoas que detém de um grande saber tradicional. Além disso, contribuiu para a minha formação como acadêmica no curso de Administração, formando uma base de conhecimento teórico e metodológico necessário no dia a dia da profissão, e também na minha sequência universitária a qual desenvolvo atualmente”

(G.A.J, 24 anos, mestranda em Sociedade, Ambiente e Território).

Por meio do Programa Sítio de Saluzinho a universidade tem a oportunidade de promover uma docência camponesa, onde estudantes universitários e de ensino fundamental aprendem com as agricultoras/es. Além de proporcionar que muitos estudantes universitários desenvolvam ou aprimorem suas habilidades intelectuais e práticas, por meio da realização de oficinas temáticas, como mostra a figura 68.

Figura 68: Acadêmicos realizando oficinas para os estudantes das escolas públicas



Fonte: Arquivo do Sítio de Saluzinho.

O Sítio de Saluzinho também proporciona aos estudantes universitários a realização de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, como: agricultura urbana, educação ambiental, agricultura familiar, dentre outros temas. Outro fator associado é o intercâmbio entre a sociedade e a universidade, por meio participação das crianças nas oficinas.

5- O SÍTIO DE SALUZINHO EM NÚMEROS

Na cidade de Montes Claros existe 62 escolas públicas de Ensino Fundamental I¹¹⁵, que configura o perfil dos estudantes atendidos pelas ações do Sítio de Saluzinho. Destas, 13 ou 20,91% já participaram das atividades do Sítio, além de duas escolas particulares também o visitaram.

Desse modo, desde o início das atividades o Sítio recebeu a visita de 15 escolas distintas, entretanto, conforme mostra a tabela 06, algumas dessas escolas visitaram mais de uma vez, totalizando 22 visitas.

Tabela 06: Escolas que visitaram o Sítio de 2014 a 2018.

Escolas	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Escola Estadual Irmã Beata	x	-	-	-	-	1
Escola Estadual Francisco Sá	x	-	x			2
Colégio Marista São José	x	x	-	-	-	2
Escola Municipal Sebastião Mendes	x	-	-	-	-	1
Escola Estadual Augusta Valle	x	x	-	-	-	2
Escola Estadual Dom João Pimenta	-	x	-	-	-	1
Escola Estadual Gonçalves Chaves	x	x	-	-	-	2
Escola Estadual Helena Prates	-	x	-	-	x	2
Escola Estadual Dom Aristides Porto	-	x	-	-	-	1
Escola Estadual Santa Terezinha	-	-	x	-	-	1
Escola Municipal Geraldo Pereira de Souza	-	-	x	x	-	2
Colégio Otto	-	-	x	-	-	1

¹¹⁵ Dados do FNDE, 2018.

CEMEI Deputado Antônio Pimenta	-	-	x	-	-	1
Escola Estadual Nereide de Carvalho	-	-	-	x	x	2
Escola Estadual Francisco Lopes da Silva	-	-	-	-	x	1
Total	6	6	5	2	3	22

Fonte: Arquivo do Sítio de Saluzinho, adaptado pela autora.

Essas escolas foram georreferenciadas para saber a abrangência das ações do Sítio de Saluzinho na cidade de Montes Claros. Na figura 69 é possível notar uma considerável capilaridade das ações desde o início de suas atividades.

Figura 69: Localização das escolas que visitaram o Sítio de Saluzinho desde 2014.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir da imagem de satélite do Google Earth, 2018¹¹⁶

¹¹⁶ **Legenda:** 01- E.E Irmã Beata/ 02- E.E Francisco Sá/ 03- Colégio Marista São José/ 04 – E. M. Sebastião Mendes/ 05- E.E Augusta Vale/ 06- E.E Dom João Pimenta/ 07 - E. E. Gonçalves Chaves/ 08- E. E. Helena Prates/ 09- E. E. Dom Aristides Porto/ 10 - E. E. Santa Terezinha/ 11 - E. M. Geraldo Pereira de Souza/ 12- Colégio Otto/ 13- CEMEI Deputado Antônio Pimenta/ 14- E.E Nereide de Carvalho/ 15- E.E Francisco Lopes da Silva.

Essas escolas encontram-se distribuídas de forma especializada na cidade, de maneira que, dos 12 polos urbanos existentes (ver quadro 01 em anexo - com todos o polos urbanos da cidade de Montes Claros), até o momento já foi possível atender escolas de nove polos, conforme mostra a Tabela 07.

Tabela 07: Distribuição das escolas atendidas no Sítio de Saluzinho por polos urbanos de Montes Claros.

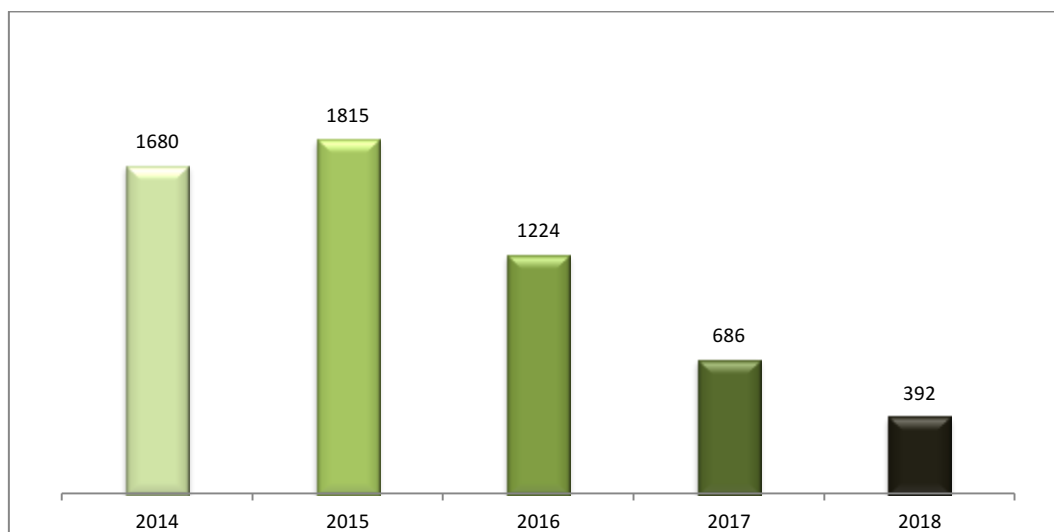
POLOS	ESCOLAS
Santos Reis – 01	E.E Irmã Beata
JK- 03	E. E. Helena Prates
Vila Oliveira -04	E.E Francisco Lopes da Silva
Centro – 05	E.E. Francisco Sá / Colégio Marista São José / E. E. Dom João Pimenta / E. E. Gonçalves Chaves / Colégio Otto
Independência – 07	Escola Estadual Augusta Valle / E. M. Geraldo Pereira de Souza
Major Prates - 08	E. E. Santa Terezinha
São Judas- 09	E. E. Dom Aristides Porto / E.E Nereide de Carvalho
Cintra - 10	CEMEI Deputado Antônio Pimenta
Delfino - 11	Escola Municipal Sebastião Mendes

Fonte: Da Secretaria de Planejamento/Prefeitura Municipal de Montes Claros, 2006. Adaptado pela autora, 2018.

Na área urbana de Montes Claros, no início do ano 2018 havia 19.323 (dezenove mil trezentos e vinte) estudantes matriculados¹¹⁷, destes, 5.797 (cinco mil setecentos e noventa e sete) visitaram o Sítio, representando 30% do total de estudantes do ensino fundamental I. O gráfico 15 mostra o número de estudantes por ano que passaram pelo S.S.

¹¹⁷ Fonte: Censo Escolar INEP, 2018

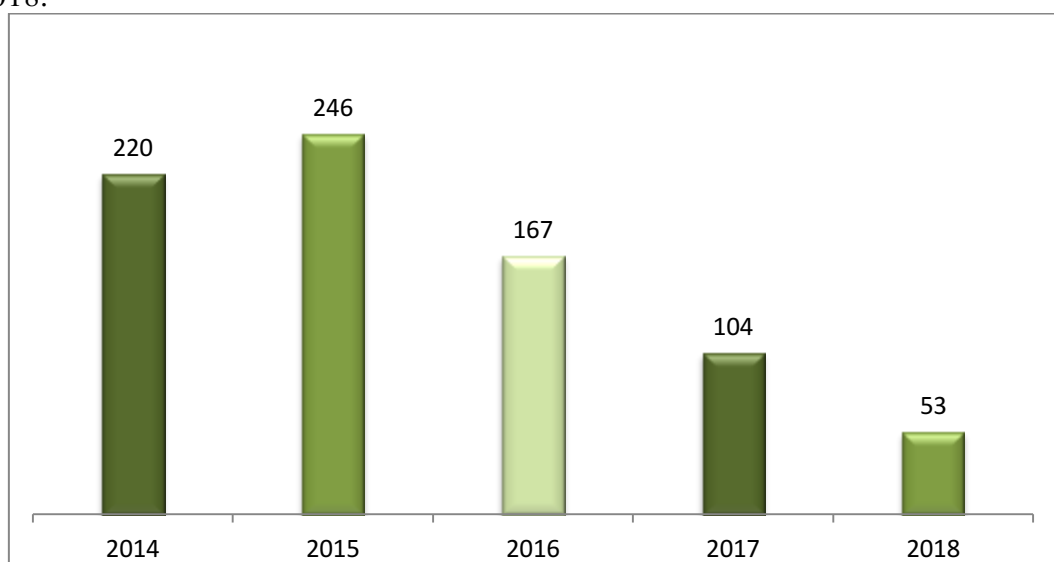
Gráfico 15: Número de estudantes por ano que visitaram o Sítio de Saluzinho entre 2014 e 2018..



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados dos arquivos do Sítio de Saluzinho.

De fevereiro de 2014 a julho de 2018 foram realizadas 790 oficinas, com os mais variados temas. Importante salientar que nos anos de 2014 e 2015 as visitas normalmente aconteciam duas vezes por semana, por isso apresentam-se com maiores quantidades de oficinas, além disso, para o ano de 2018 os dados foram contabilizados até julho.

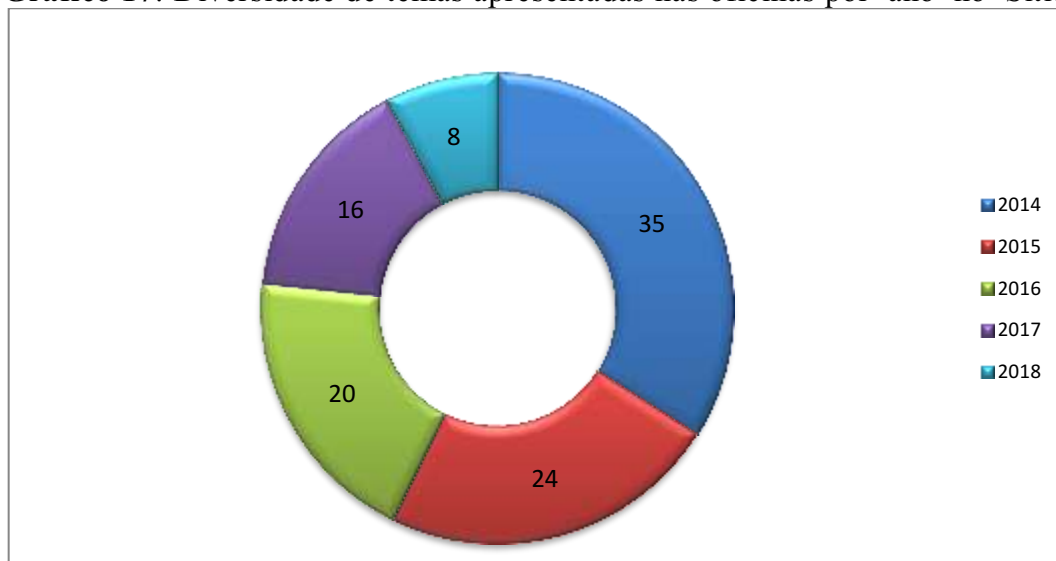
Gráfico 16: Número de oficinas realizadas no Sítio de Saluzinho entre 2014 e 2018.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora, a partir de dados dos arquivos do Centro de Referência da Cultura Material da Agricultura Familiar/Sítio de Saluzinho.

Os conteúdos dessas oficinas são diversificados, de maneira que, em apenas um ano (2014) foi apresentada uma diversidade de 35 temas diferentes.

Gráfico 17: Diversidade de temas apresentadas nas oficinas por ano no Sítio.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora, a partir de dados dos arquivos do Sítio de Saluzinho.

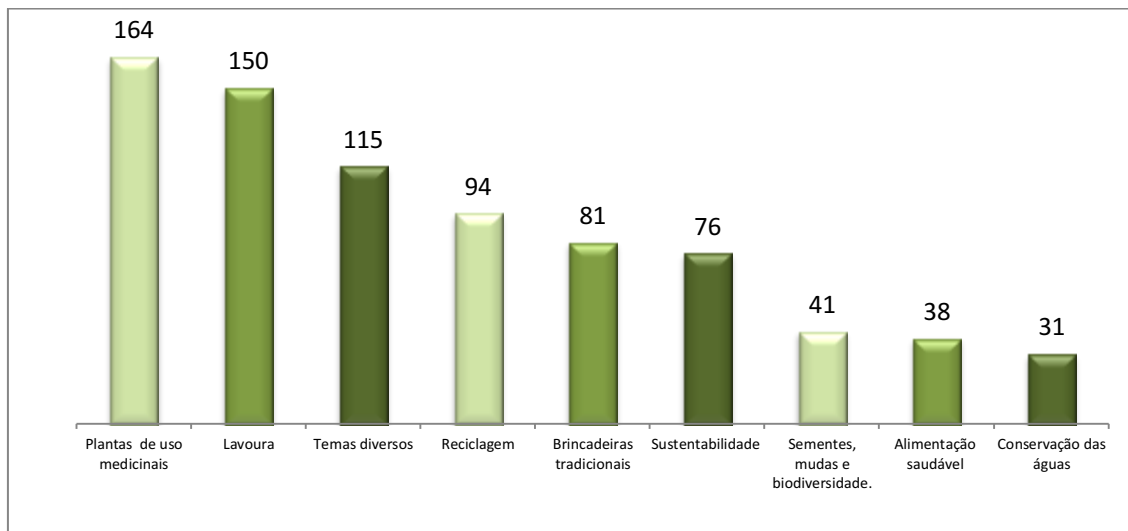
Os temas mais apresentados ao longo da atuação do Sítio foram:

- oficinas de plantas de usos medicinais, com 164 oficinas ou 21% do total, essa temática foi abordada pelas agricultoras buscando mostrar aos estudantes, a importância das plantas dessa categoria nos cuidados com a saúde, bem com as diferentes maneiras de se fazer chá e a identificação das espécies apropriadas para o tratamento de determinadas enfermidades;
- oficina sobre as técnicas de lavouras com, ou 150 oficinas ou 19% do total, mostrava as formas de plantio, as variedades de sementes, destacando a lavoura tradicional da região Norte de Minas, além dos cuidados com a alimentação, incentivando o consumo de alimentos orgânicos, preparados em casa, ao invés dos industrializados que apresentam mais agrotóxicos;
- oficinas de temas diversos 115 oficinas ou 14% do total, nesta categoria e incluem-se temáticas muito variada, como por exemplo, a oficina de mandioca, de minhocário, de paçoca, de frutos do quintal, entre outras;
- oficina de reciclagem, sendo ofertada 94 vezes ou 12% do total das oficinas; a oficina trata da importância do reaproveitamento de diversos resíduos, as crianças têm a oportunidade de transformar garrafas pet em brinquedos, jornais em artesanatos, além de trocarem informações a respeito do tempo de

decomposição de diversos materiais e, a importância em mudar alguns hábitos, como não descartar o lixo de maneira incorreta;

- as oficinas de brincadeiras tradicionais foram apresentadas 81 vezes ou 10% do total, as crianças aprendem sobre a cultura da sua região, os costumes alimentares e, a importância do brincar na vida das crianças.

Gráfico 18: Os macro temas das oficinas apresentadas ao longo da atuação do Sítio de Saluzinho.

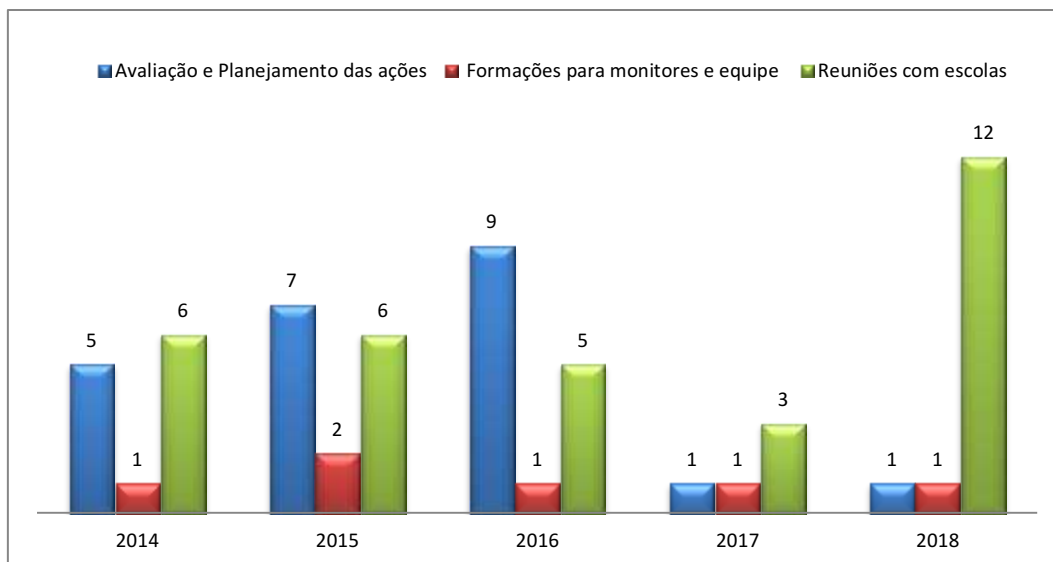


Fonte: Gráfico elaborado pela autora, a partir de dados dos arquivos do Sítio de Saluzinho.

5.1 – Outras atividades do Sítio de Saluzinho

Desde o início da execução das atividades do Sítio de Saluzinho, as agricultoras(o) monitoras (o), os estudantes bolsistas e voluntários que compõem a equipe do Sítio, fazem reuniões de avaliações e planejamento das ações periodicamente. De 2014 até 2018 foram realizadas 23 reuniões para aperfeiçoamento dos procedimentos rotineiros, e principalmente, para ajustar dinâmica a partir das avaliações dos agricultores e escolas.

Gráfico 19: Reuniões e atividades de formações realizadas para a equipe e monitoras (o) do Sítio e com as escolas públicas.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora, a partir de dados dos arquivos do S.S.

Quanto a apresentação da proposta do Sítio para escolas foram realizadas 32 reuniões até julho de 2018. Muitas vezes, a equipe apresenta a proposta para a mesma escola mais de uma vez. É recorrente, após a apresentação da proposta para os diretores (as), estes, reagendar nova reunião de apresentação das ideias e premissas do Sítio para o corpo docente da escola para os pais dos estudantes.

6- REFLEXÕES

As (o) agricultora s(o) urbanizadas (o), docentes no Sítio de Saluzinho proporcionam uma perspectiva diferenciada às crianças e escolas sobre a natureza e os modos de vida rural. Destaca-se ainda a importância do etnoconhecimento para o entendimento do ambiente e como uma didática importante para a educação e cidadania ambiental. As entrevistas com as agricultoras (o), a respeito do Sítio de Saluzinho revelaram que o Sítio de Saluzinho é lócus estratégico, tanto para a construção, quanto renovação dos conhecimentos tradicionais na cidade, além de servir como um ambiente de troca de informações, o Sítio promove a interfaces entre concepções de rural e urbano.

Nesse processo o saber tradicional dialoga com o conhecimento acadêmico permitindo compreender possibilidades diversas das relações entre população e natureza, entre cidade e ambiente.

Os agricultores (as) urbanizados (as) refletem, a partir de sua prática e de como a transmitem num processo educativo de saber-fazer, formas de educação ambiental. Por exemplo, durante uma oficina sobre lavoura, o(a) agricultor(a) monitor(a) aborda uma infinidade de temas, não apenas os relacionados às formas de produção, mas leva as crianças a refletirem sobre segurança e soberania alimentar, quando demonstram a diferença de um alimento produzido com agrotóxicos e os que são cultivados de maneira agroecológica, quando expõem uma série de subprodutos que são extraídos da agricultura familiar regionalizada e que podem ser inseridos diariamente na dieta.

Muitos estudantes não sabiam de onde vinham os produtos que consumiam, nem a importância de agricultores familiares para a produção de alimentos. Durante o acompanhamento das atividades no Sítio é corriqueiro ouvir afirmações das crianças como: "*Não existe pé de mandioca*"; "*nunca tomei chá*"; "*nunca vi um pé de coco, nem um pé de milho*". Esses relatos, de certa forma revelam parte das consequências da industrialização, que modificou significativamente o estilo de vida da sociedade, principalmente no que se refere a alimentação.

Atualmente está evidente a mudança de hábitos alimentares em todo mundo, cada vez mais se consome alimentos industrializados e processados. Como consequências dessa transição na dieta alimentar, há o aumento significativo dos casos de obesidade, diabetes, hipertensão, desnutrição, inclusive em crianças e adolescentes.

O Sítio de Saluzinho desempenha um papel importante ao demonstrar, os prejuízos acarretados a saúde com o padrão de consumo após urbanização e industrialização, assim, sensibiliza desde as crianças, adolescentes e adultos a respeito da importância de uma alimentação saudável, com a priorização de alimentos naturais, regionalizados e produzidos de maneira responsável, sem agrotóxicos.

A interdisciplinaridade das atividades desenvolvidas no Sítio de Saluzinho, municia os professores (as) com uma infinidade de temas, vários exemplos e práticas que são abordados e experimentados em sala de aula, proporcionando o intercâmbio de experiências entre os conhecimentos tradicionais e científicos.

Aos estudantes do ensino fundamental, o Sítio de Saluzinho funciona como um laboratório, onde parte dos aprendizados vivenciados em sala são experimentados, ou em muitos casos acessados ou vistos pela primeira vez.

Para os acadêmicos, participar ou desenvolver atividades no Sítio é uma das formas eficazes de complementar a formação. As oficinas permite a eles robustecer os seus conhecimentos, além de promover a aproximação da academia com a população, fortalecendo a tríplice ensino-pesquisa-extensão.

O etnoconhecimento dessas agricultoras (o) demonstrou que as características relacionadas aos modos de vida e convívio com a natureza, indica ser caminhos para a educação ambiental, mas também para instrução no sentido mais amplo, seja social ou cultural.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre conhecimentos tradicionais foi uma tarefa absolutamente desafiadora, não apenas pela complexidade, distinção e especificidades que envolvem esse tema, mas também, pela abundância de discordâncias semânticas que desperta.

Um dos desafios ao iniciar esse estudo residiu em relacionar os modos de vidas e saberes desses agricultores (as), que já moram há tanto tempo na cidade, com conhecimentos tradicionais. Esse desafio agravou-se ao buscar referências, que tratassem os saberes de populações que habitam as áreas urbanas como tradicionais. A literatura comumente aborda o conhecimento tradicional, ou etnoconhecimento, como algo inerente apenas às populações que vivem nas áreas rurais, aos grupos já conhecidos como os indígenas, quilombolas, geraizeiros, catingueiros, dentre outros.

Durante a pesquisa de campo e, convivendo quase que, cotidianamente com esses (as) agricultores (as) pude perceber que nem o tempo, tão pouco, o local onde se encontram (cidade) foram capazes de causar uma ruptura no modo de viver e de conviver dessas agricultoras (o).

Sabe-se que durante o processo de reterritorialização sempre há perdas, uma delas se refere a questão alimentar para esses (as) agricultores (as), pois na roça tinham acesso, a uma alimentação mais diversificada. Por isso, a reconstrução de uma nova identidade, no ambiente urbanizado exigiu desses migrantes rurais muita criatividade e por agregar várias dimensões, o desenvolvimento da agricultura urbana foi uma solução para amenizar esse aspecto.

Na cidade, os (as) agricultores (as) utilizam-se dos saberes apreendidos, desde a infância com os antepassados, para ressignificação do modo de vida camponês, e para desmitificar a visão da agricultura como um apêndice submisso ao setor agroindustrial, eles (as) contribuem para a concepção de que, os alimentos não são provenientes unicamente das indústrias. Dessa maneira, mostram que a agricultura é algo intrínseco à natureza e esses aspectos manifestam outras formas de se ver o rural no espaço urbano.

Os (as) agricultores (as) conservaram sua essência rural e reproduzem mini espaços rurais na cidade. Fizeram pequenas roças utilizam para o plantio principalmente, das espécies encontradas nas roças, criam pequenos animais e mantêm hábitos e costumes próprios da vida rural. Além de estarem em constante renovação desses conhecimentos, seja por meio das lembranças da vida na roça, das experimentações, das visitas cotidianas ao local de origem e também por meio da criação de redes sociais.

O quintal desses (as) agricultores (as) se tornou lugar de conversas com os amigos e vizinhos, de descontração em família, é onde ocorrem às experimentações de novas espécies ou técnicas de cultivo, nos quintais também ocorrem às intensas trocas, sejam elas simbólicas ou materiais, ele também serve para abrigar as ferramentas, como a enxada, a foice, facão, além de ser o local de preparo dos alimentos (debulhar o feijão, descascar o milho, matar a galinha), nele também, acontecem as rezas, as manifestações culturais que valorizam os costumes e hábito rurais.

Um dos aspectos importantes para os agricultores (as) urbanizados (as) relaciona-se com a incorporação de práticas agroecológicas que buscam modelos sustentáveis para geração de alimentos seguros, que enriquecem a dieta alimentar das famílias. Além disso, esses (as) agricultores (as) mantêm uma estreita relação com a natureza, esse fato foi comprovado pela diversidade de espécies encontradas nos quintais.

A criação de redes sociotécnicas constitui-se como instrumentos fundamentais para as trocas e aquisição de mudas e sementes cultivadas na cidade, essa estratégia favoreceu a diversificação da produção nos quintais urbanos. Percebeu-se que essas redes são instituídas a partir das relações de compadrios, de vizinhança e de amizade em diversos ambientes, contudo se destaca o local de trabalho e as igrejas como os principais locais para constituição e fortalecimento dessas redes.

O Sítio de Saluzinho foi citado pelos (as) agricultores (as) como exemplo de local onde se dá essa rede sociotécnica, lá podem conversar, trocar informações a respeito dos mais variados temas, cultivos, trocam mudas, sementes e receitas. Além disso, esses agricultores (as) interagem com outros setores da universidade, o que proporciona a criação de mais redes sociais ou sociotécnicas.

Em termos locais, no caso do Sítio de Saluzinho, percebe-se que os agricultores (as), possuem uma base de valores culturais, sociais, éticos e morais, que permite a interação entre homem e natureza e, proporciona um olhar diferenciado às escolas participantes das oficinas sobre cidadania, natureza e os modos de vida. Destaca-se ainda, a importância da transmissão do etnoconhecimento, para a construção e entendimento do meio ambiente, que valorize a educação e cidadania ambiental e cultural de uma população.

O saber tradicional complementa o conhecimento acadêmico permitindo, através das experiências vivenciadas pelas agricultoras (o) urbanizadas (o), compreender as mudanças que ocorrem no meio ambiente através das intervenções impostas pela ação humana sobre a natureza.

Desse modo, os agricultores (as) urbanizados (as), por meio das oficinas do Sítio de Saluzinho demonstram que a partir dos seus saberes, é possível a apropriação do conhecimento população-natureza. Essa assimilação resulta essencialmente de gerações de experiências e trocas de informação sobre os saberes da roça, tradições e produção de mundos e modos de vida.

Nessa magnitude, acredita-se que o conhecimento dos saberes e do saber-fazer desses agricultores (as) proporciona entender as formas de produzir, pensar e transmitir conhecimentos para essas crianças. O etnoconhecimento desses agricultores (as) reúne uma série de características relacionadas ao modo de vida e convívio com a natureza que permite ser instrumentalizados como um importante não apenas para difusão da educação ambiental, mas também estratégico para educação humano-social.

Ao realizar esse estudo, fez-se necessário contextualizar e repensar as relações da agricultura urbana com o etnoconhecimento dessas agricultoras (o), a partir de uma ótica que também reveja a relação campo-cidade, pois além da produção de alimentos nas cidades garantir em certo grau, a soberania alimentar e nutricional, essa atividade cria laços mais próximos entre a população e, também são essências para a conservação biológica no ambiente urbano, além de minimizar processo de erosão cultural.

É preciso pensar no etconhecimento dessas agricultoras (o) como expressões de outros modos de vida, de outras formas de se fazer o rural em meio ao caos da vida urbana, entendendo que há vários mundos possíveis, igualmente legítimos de se construir. Essas agricultoras (o) quando tiveram os

seus bens comuns, seus modos de vida e reprodução, expropriados, souberam manter essa densidade de conexão, inclusive por meio da mobilidade geográfica, povoando as cidades e se reinventando, apesar de todos os percalços.

V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R.; SACHS, I. **Nouvelles Configurations Villes Campagnes (Habitat II)**. Roma: FAO, 1996.

_____. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Revista Brasileira da Reforma Agrária**, v. 28, n. 1, 2, 3, jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

TOLEDO, V. M. Ethnoecology: a conceptual framework for the study of indigenous knowledge of nature. In: STEPP, J. R. et al. (Eds.) *Ethnobiology and Biocultural Diversity*. International Society of Ethnobiology, Georgia, USA, p. 511-522, 2002.

TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, N. *La Memoria Biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales*. Icaria editorial. Barcelona, España, 2008.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Editora UFPR

ALBUQUERQUE, B.P. **As relações entre o homem e a natureza e a crise socioambiental**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007.

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à Etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife, NUPEEA, 2010.

ALMADA, E.D. **Entre as Serras: Etnoecologia de Duas Comunidades Quilombolas no Sudeste Brasileiro**. São Paulo: Unicamp, 2012. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

_____. Sociobiodiversidade Urbana: por uma etnoecologia das cidades. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Campinas, SP, v.5 p. 1-25, 2010.

ALMADA, E.D.; SOUZA, M.O. **Quintais Memória, resistência e patrimônio biocultural** (Orgs.). edUEMG - Belo Horizonte, 2017.

ALMEIDA, D. A. **ISTO E AQUILO: agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)**. Belo Horizonte: UFMG 2016.

AMARAL, C. N. **Recursos vegetais dos tradicionais quintais de Rosário Oeste – Mato Grosso**. Cuiabá: UFMT, 2008. 80p. Dissertação (Mestrado em Ecologia e

Conservação da Biodiversidade) – Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil) **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 3, p. 329-341, set./ dez. 2008.

AMOROZO, M. C. M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. et al. (Org.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006.

ARAÚJO, E. L.; FERRAZ, E. M. N. Análise da vegetação nos estudos etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife, NUPEEA, 2010.

ARRUDA, J. et al. **Agricultura urbana e peri-urbana em Campinas/SP: análise do Programa de Hortas Comunitárias como subsídio para políticas públicas**. Campinas, SP:[sn], 2006.

ARRUDA, R.S.V. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. In: DIEGUES, A. C. (org.). **Etnoconservação: Novos Rumos para a Proteção da Natureza nos Trópicos**. São Paulo: NUPAUB, Hucitec, 2000.

BAKKER, N. *et al.* **Cultivando Cidades, Cultivando Comida**. Ottawa: IDRC, Canadá, 2000.

BATISTA, A.M.A.; GALIZONI, F.M.; RIBEIRO, E. M. Breves considerações teóricas sobre o papel da migração na perpetuação do modo vida camponês. In: **Anais do V Congresso em Desenvolvimento Social - Estado Meio Ambiente e Desenvolvimento**, Montes Claros, 2016.

BATISTA, E.H.A. **“Povos de Santana”: condições de vida e mobilidade espacial no Norte do estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. O campo de Terezin. **Estudos Avançados**, 13(37), 7-32. Dossiê Memória, 1999.

_____. **Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos**. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C. R. Org. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Plantar, Colher e Comer: um estudo sobre o campesinato goiano**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

_____. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Ruris: revista do centro de estudos rurais**, p. 37-64, 2007.

BRASIL. **Decreto N. 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007.

BRASIL. **1817-1820**. 4. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

BRITO, F.; HORTA, C.J.G. Minas Gerais: crescimento demográfico, migrações e distribuição espacial da população. In: **Anais do X Seminário sobre a Economia Mineira**. Diamantina: Cedeplar, 2002.

BRITO, G. S. **Migrações rural/urbano e fluxos de conhecimentos agroecológico: o caso de Montes Claros, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) - Instituto de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Minas Gerais. Montes Claros, MG: ICA/UFMG, 2011.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. Os quintais agrofloretais em regiões tropicais – unidades autossustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, Cuiabá, v.4, n.1, 2000.

BROSE, M. Metodologia Participativa: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

CAMPILAN, D.; DRECHSEL, P.; JÖCKER, D. Monitoreo Y evaluación de impacto. **Revista Agricultura Urbana**, La Habana, n. 5, p.27-29, 2002.

CAMPOS, M. D. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: AMOROSO, M. C.; MING, L. C. & SILVA, S. M. P. (orgs.) **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatadas**. Rio Claro, UNESP/CNPQ, 2002.

CARNEIRO, M. G. R. et al. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE). **Revista Brasileira de Agroecologia**, n.8, v.2, 2013.

CARNIELLO, M. A.; SANTOS-SILVA, R.; CABRAL, C.D.O. **Estudo da composição florística dos quintais de Cáceres-MT**. Relatório Final do Projeto Bases Socioambientais para o Planejamento Urbano de Cáceres-MT (FAPEMAT 2000-2002), 2002. 27p.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. D. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n.3, p.451–470, 2010.

CASTRO, E. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais In: DIEGUES, A.C.S. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. Hucitec, 2000. (p 165- 182).

CAVALIERI, L. “Quintais camponeses: usos, gêneros e territorialidades”. In: **Anais do VI Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais**. Universidade de Araraquara, 2012.

CHASSOT, A.C. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

CHAVES, L.A. Saluzinho e a luta pela terra no Norte de Minas. **Revista Verde Grande**. Montes Claros, v.1. n.3. dez. fez. 2005.

CHAYANOV, A.V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais e Humanas**. 2. Ed. Petrópolis, RJ Vozes, 2008.

COELHO, F.M.G. **A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos**. Viçosa: UFV, 2005.

COELHO-FERREIRA, M.R. Saberes tradicionais: uso e manejo de recursos medicinais em uma vila pesqueira. Pp. 201-214. In: PROST, M. T.; MENDES A. C. (orgs). **Ecosistemas costeiros: impactos e gestão ambiental**. 2. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

COELHO-FERREIRA, M.R.; JARDIM, M.A.G. Algumas Espécies Vegetais Usadas pelos Moradores da Ilha de Algodual, Maiandeuá, município de Maracanã, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 1, n. 2, p. 45-51, 2005.

CONSEA - **Lei 11.346: Lei da Segurança Alimentar e Nutricional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm; Acessado dia 26 de maio de 2018.

CORBOULD, C. **Feeding the Cities: Is Urban Agriculture the Future of Food Security? Strategic Analysis Paper**. 2013. Disponível em: <<http://www.futuredirections.org.au/publication/feeding-the-cities-is-urban-agriculture-the-future-of-food-security/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

COUTINHO, M.N.; COSTA, H.S.M. Agricultura urbana: prática espontânea, política pública e transformação de saberes rurais na cidade. **Geografias**, v. 7, n. 2, p. 81-97, 2011.

CUNHA, M.C. Relações e dimensões entre os saberes tradicionais e os saberes científicos. **Revista USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro, 2007.

_____. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DAYRELL, C.A. **Geraizeiros e biodiversidade no Norte de Minas Gerais: a contribuição da agroecologia e da etnecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Internacional de Andalúcia. Espanha, 1999.

DELGADO, N.G.; CAZELLA, A.A.; MATTEI, L. **Avaliação dos Planos Municipais de Desenvolvimento Rural em Santa Catarina**. Relatório Final. Rio de Janeiro: MDA. SAF-IICA-IBASE, 57 p, 2001.

DIEGUES, A. C. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. In: DIEGUES, A.C.; MOREIRA, A.C. (org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB, USP, 2001.

_____. **Etnoconservação: Novos Rumos para a Proteção da Natureza nos Trópicos**. São Paulo: NUPAUB, Hucitec, 2000a.

_____. **As populações humanas em áreas naturais protegidas da Mata Atlântica**. 1996.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. a ed. São Paulo: Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

_____. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

_____. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. Editora Hucitec, 1998.

DRESCHER, A.; JACOBI, P.; AMEND, J. Segurança alimentar urbana – Uma resposta a crise? **Revista de agricultura urbana**, v. 1, n. 1, julho 2000. Disponível em: [http://ipes.org/au/pdfs/rau1/AUartigo2 .pdf](http://ipes.org/au/pdfs/rau1/AUartigo2.pdf) . Acesso em: 10/05/2017.

DUARTE, G. **Levantamento e Caracterização das Plantas Alimentícias Não Convencionais do Parque Florestal de Monsanto**. Tese (Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- Universidade Nova Lisboa, 2017.

DUQUE-BRASIL, R.; SOLDATI, G.T.; COSTA, F.V.; MARCATTI, A.A.; REIS-JR., R.; COELHO, F.M.G. Riqueza de plantas e estrutura de quintais familiares no semi-árido norte mineiro. **Revista Brasileira de Biociências**, 5 (2): 864-866, 2007.

DURHAM, E.R. **A caminho da cidade**. 3ª. Edição. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDE, E. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e**

ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

FAO (Food and Agricultural Organization of the United Nations). **Growing Greener Cities in Latin America and the Caribbean.** 2014. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/a-i3696e.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

FERNANDES, F. M. B. Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante. In: MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. **Caminhos para análise das políticas de saúde,** 2011

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica,** v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FREITAS, W.K., MAGALHÃES, L.M.S. Métodos e Parâmetros para Estudo da Vegetação com Ênfase no Estrato Arbóreo. **Floresta e Ambiente,** 19(4):520-540, 2012.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, Rio Grande do Norte, Brasil. **Rev. Brasileira de Biociências,** v. 10, n 1, p. 48-59, Porto Alegre, 2012.

_____. A percepção dos quintais rurais por crianças de São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável,** 6.2: 212-220, 2012.

GALIZONI, F. M. *et al.* Produzindo águas novas: iniciativas públicas e estratégias camponesas de lidar com a escassez de água no Jequitinhonha mineiro. In: **Anais do VII ALAP/ XX ABEP,** Foz do Iguaçu, outubro de 2016.

_____. Migrações família e terras no Alto Jequitinhonha. In: **Anais do IX Seminário sobre a Economia Mineira,** Diamantina, 2000.

GIDDENS, A; PIERSON. C. **Conversas com Antony Giddens,** Ed. FVG, Rio de Janeiro, 2000.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica,** v. 24 (2): 395-406, 2010.

GOMES, Â.M.S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos e quintais da Grande BH.** Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GRAZIANO DA SILVA, J. A industrialização e a Urbanização da Agricultura Brasileira. **Revista São Paulo em Perspectiva.** Fundação SEADE, v.7, n.3, 1993.

GROSSL, C. **Cultivando Alimentos.** Ed Clube dos Autores, 2016.

GUARIM NETO, G. Flora medicinal, populações humanas e o ambiente de cerrado. **Horticultura brasileira**, Brasília, v. 19, p. 203-206, 2001.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotanica**, n. 29, p. 191-212,, México, 2010.

GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. Etnoconhecimento e saber local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais. In: ALBUQUERQUE, U. P de; ALVES, A. G. C.; ARAUJO, T. A. S. (Org.). **Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRPE, 2007.

GUARIM NETO, G.; CARVALHO, J. V. F.; MORAES, A. J. F.; FERREIRA, H. Frutos comestíveis no cerrado. In: GUARIM NETO, G.; CARVALHO, J. V. F. (Org.). **Biodiversidade matogrossense: as plantas e suas potencialidades**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2011.

GUARIM NETO, G.; PASA, M. C. Estudo etnobotânico em uma área de cerrado no município de Acorizal, Mato Grosso. **FLOVET**, n. 1, p. 5-13, 2009.

GUARIM NETO, G.; SANTANA, S.R.; SILVA, J.V.B. Notas etnobotânicas de espécie de Sapindaceae jussieu. **Acta Botanica Brasiliensis**, v. 14, n. 3, 2000, p. 327-334.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

_____. **Educação Ambiental: no consenso um embate**. Campinas: Papirus, 2000.

_____. Educação Ambiental e a Gestão para a sustentabilidade. In: SANTOS, J..E.; SATO, M. (org). **A contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. RiMa Editora, São Carlos/SP, 2001.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HERÉDIA, B. M. *et al.* Migrantes da fronteira: entre dois mundos - **MÉTIS: história & cultura**, v. 11, n. 22, p. 141-159, jul./dez. 2012.

HOFFMANN, R.; KAGEYAMA, A. **Modernização da agricultura e distribuição de renda no Brasil**. Piracicaba, IAAE/Clea, 1985.

IBGE. **Censo demográfico 1980**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=775&view=detalhes>

IBGE. **Censo demográfico 1991**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censodem/default.shtm>

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm

IBGE. **Censo demográfico 2010.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>

JACOBI, P. Poder local, políticas sociais e sustentabilidade. **Saúde e Sociedade** (1): 3-48, 1999.

KELEN, M.E.B. *et al.* **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs): hortaliças espontâneas e nativas.** Porto Alegre: UFRGS, 2015.

KINNUP, V.F. **Plantas Alimentícias Não Convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS.** Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação.** São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. R. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, n.61, p.135–152, 2004.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEÃO, R. B. A.; COELHO-FERREIRA, M. R.; JARDIM, M. A. G. Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, 88(1): 21-25, 2007.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana.** Tradução de Sergio Martins. Belo Horizonte/ed. UFMG, 1999.

LEIS, H.R. **A modernidade insustentável.** Petrópolis: Vozes, 1999.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem.** Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.

LIMA E SILVA, R.B. **Abordagem etnobotânica de plantas alimentícias utilizadas pela comunidade quilombola de curiau de dentro, Macapá-AP.** Dissertação (Mestrado. Departamento de Biologia Vegetal e Fitossanidade, Universidade Federal Rural Da Amazônia, Manaus, AM. 2002.

LIMA, V. H. M.; LIRA, J. A. M.; GONÇALVES, P. H. S.; LIMA, M. L. O.; SILVA, R. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores da Vila Velha, Ilha de Itamaracá, Pernambuco, Brasil. In: **Anais da X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2010 – UFRPE: Recife, 18 a 22 de outubro.**

LITTLE, P.E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**, n. 322. Brasília, UnB: 2002.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002. v. 1. 368 p.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. Nova Odessa: Plantarum, 2008. 1088 p.

LOUREIRO, C.F.B. **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. Cortez, São Paulo, 2000.

MACHADO, F.S. Agricultura Urbana, Mercado de Trabalho, Renda e Família. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, realizado em Caxambu-MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

MADARI, B. E.; CUNHA, T.j.F.; NOVOTNY, E.H.; MILORI, D.M.B.P.; MARTIN NETO, L.; BENITES, V.M.; COELHO, M.R.; SANTOS, G.A. Matéria Orgânica dos Solos Antrópicos da Amazônia (Terra Preta de Índio): suas características e papel na sustentabilidade da fertilidade do solo. In: TEIXEIRA, W.G.; KERN, D.C.; MADARI, B.E.; LIMA, H.N.; WOODS, W. (Ed.). **As terras pretas de índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas**. Manaus: 2009.

MAGALHÃES, V. C.; SILVA, D. M.; MACEDO, T. P.; SILVA, F.; MARTINS, M. L. L.; ALMASSY JUNIOR, A. A.; NASCIMENTO, W. A. Levantamento Etnobotânico na Comunidade Rural Sapucaia em Santo Antônio de Jesus, Recôncavo da Bahia – BA. **Rev. Bras. De Agroecologia**, v. 4, n. 2, 2009.

MARCONI, M. A ; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 7 . ed. São Paulo: Atlas 2011.

MARTINE, G. **Migrações internas**. Rio de Janeiro: Altiava Gráfica e Editora, 1977.

_____. Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectivas e perspectivas para o fim do século . **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 11, n. 1, p 41-60, 1994.

MARTINS, J.S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998.

MARTINS, W. M. O.; MARTINS, L. M. O.; PAIVA, F. S.; MARTINS, W. J. O.; JÚNIOR, S. F. L. Agrobiodiversidade nos quintais e roçados ribeirinhos na comunidade Boca do Môa. **Acre. Biotemas**, v. 25, n. 3, p. 111-120, 2012.

MATTOS, É.O. **Reilly. Agricultura Urbana–Um Estudo de Caso do Projeto Hortas Cariocas em Manguinhos, Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

MAUSS, M. Ensaio sobre o dom. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. e Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

MEYER, R. L. Innovative microfinance: potential for serving rural markets sustainably. In: **KfW Financial Sector Development Symposium: Finance for Food e towards New Agricultural and Rural Finance**. Berlin, 2010.

MONTEIRO, D.; MENDONÇA, M. M. Quintais na cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro. **Agriculturas**, v.1, set. 2004.

. Promoção da Agroecologia na cidade: reflexões a partir do programa de agricultura urbana da AS-PTA. In: **Anais do Encontro Nacional de Agroecologia**, Recife, 2007.

MONT-MÓR. R. L. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M. et. al. (orgs.) **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

MOREIRA, E. A agricultura urbana como estratégia para o desenvolvimento municipal sustentável. **Revista de Agricultura Urbana**. Quito, v 1, n. 1, 2001.

_____. **Conhecimentos tradicionais e sua proteção**. 2008.

MOUGEOT, L. For self-reliant cities: urban food production in a globalizing South. In: KOC, M. et al. (Eds). **For Hunger-Proof Cities: Sustainable Urban Food Systems**. IDRC, Ottawa, p. 11-25, 1999.

MOUGEOT, L.J.A. Agricultura Urbana—conceito e definição. **Revista de Agricultura urbana**, v. 1, 2000.

NAIR, P. R. **Introduction to Agroforestry**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

NASCIMENTO, G. C. C. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In: CANANÉA, F. A. **Sentidos de leitura: sociedade e educação**. João Pessoa: Imprell, 2013, p. 57-68.

ODUM, E.P; BARRET, G.W. **Fundamentos de Ecologia**. 5. ed., Editora Thomson Pioneira, 2007. 616p.

OLIVEIRA, C. A. Quintais agroflorestais mulheres redesenham espaços de produção e reprodução no Maranhão. **Revista Agriculturas**, v.6, n.4, 2009.

OLIVEIRA, Francisco. O Estado e o Urbano. São Paulo, **Espaço e Debates**, v.6, p.37, 1982. Republicado pela FASE, Cadernos e debates 2, 2013.

OLIVEIRA, I.M. Debate campo/cidade e sua relação com a agricultura urbana. **Anais do I Simpósio Mineiro de Geografia**, Alfenas, 2014.

Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación – FAO. Roma: 25-29 jan. 1999.

OSTROM, E. A Behavioural approach to the rational-choice theory of collective action. **American Political Science Review** 92: 1-22. 1998.

_____. The value-added of laboratory experiments for the study of institutions and common-pool resources. **Journal of Economic Behavior & Organization**, Indiana University, v. 61, p. 49-163, 2006.

PASA, M. C. **Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. 174f. Tese (Doutorado em Ciências) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, 2004.

_____. Interpretação zoocultural na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do rio Aricá-Açu-MT, Brasil). **Biodiversidade**, v. 06, n. 1. Rondonópolis, 2007.

PASA, M. C.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 11, n. 2 p. 195-204, jul./dez. 2010.

PAULA, A.M.N.R. **Travessias...movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do Norte de Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

PEDROSO JUNIOR, N.N.; MURRIETA, R.S.S.; TAQUEDA, C.S.; NAVAZINAS, N.D.; RUIVO, A.P.; BERNARDO, D.V.; NEVES, W.A. A casa e a roça: socioeconomia, demografia e agricultura em populações quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, v. 3, n. 2, p. 227-252, 2008.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010.

PEREIRA, I. M. T.B RIBEIRO, S. M.; AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F.; BÓGUS, C. M.; Agricultura urbana agroecológica – estratégia de promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v.25, n.3, p.381:388, jul./set., 2012.

PINTO, S.L.S.; YVES, A. Agricultura Urbana: alternativa para aliviar a fome e para a educação ambiental. In: **Anais do 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, Porto Alegre-RS, 2009.

POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária; capoeira, campos e cerrados (Kayapo). In: RIBEIRO, B. G. (Org.). **Suma Etnológica Brasileira**. Volume 1: Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, p. 173-185, 1987.

QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

_____. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**- São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RANIERI.G.R. **Guia Prático de PANCs: Plantas Alimentícias não convencionais**. 1 Ed. São Paulo: Instituto Kairós, 2017.

RAYNAUT, C. Meio ambiente e desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, 10:21-32, 2004.

REZENDE, E. A., RIBEIRO, M.T.F. Conhecimento tradicional, plantas medicinais e propriedade intelectual: biopirataria ou bioprospecção. **REV.BRAS.PL.MED.**, Botucatu, v.7, n.3, p.37-44, 2005.

RIBEIRO, E.M.; BRITO, G.S; AUGUSTO, H. A. Gerais Urbanos: agroecologia, cultivo e consumo de alimentos na cidade de Montes Claros. **Agriculturas**, v. 9 – n. 2 – setembro de 2012.

RIBEIRO, E.M.; GALIZONI, F.M. Quatro histórias de Terras Perdidas - modernização agrária e privatização de campos comuns em Minas Gerais. **Rev. Bras. Estudos Urbanos e Regionais**, v.9, n.2, novembro, 2007.

RIBEIRO, E. M. *et al.* Rural e Urbano, crianças e agricultores: os encontros no Sítio de Saluzinho. **Agriculturas**, v. 12, n. 2, junho, 2015.

ROCHA, C.; BURLANDY, L.; MAGALHÃES, R. **Segurança Alimentar Nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2013.

ROSA, P.P.V. Políticas públicas em agricultura urbana e periurbana no Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

ROUÉ, M. Novas perspectivas em etnoecologia: “saberes tradicionais” e gestão dos recursos naturais. In: CASTRO, E. & PINTON, F. (orgs.) **Faces do Trópico Úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup: UFPA-NAEA, 1997.

RUA, J. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. **Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006.

SABOURIN, E. Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas. **Tomo**, v. 7, p. 75-104, 2004

_____. Aprendizagem coletiva e construção social do saber local: o caso da inovação na agricultura familiar da Paraíba. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 16, abril, 2001.

SAHLINS, M. **A primeira sociedade da afluência**. Antropologia econômica. São Paulo: Ciências Humanas, p. 6-43, 1977.

_____. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana*, v. 3, n. 2, p. 103-150, 1997.

SAINT-HILAIRE, A. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

SANTOS, L. M. P.; PAES-SOUSA, R. Transferência de renda e segurança alimentar no Brasil: análise dos dados nacionais. **Revista de Nutrição**, v. 21, p. 39-51, 2008.

SANTOS, S. **Um estudo etnoecológico dos quintais de Alta Floresta-MT**. 2004. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. MT. 2004.

SILVA, J.G. O Novo Rural Brasileiro. **Revista Nova Economia**, Belo horizonte. 7 (1):43-81, maio, 1997.

_____. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 1999.

_____. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados**, n. 15 v. 43, 2001).

SILVA, L.O. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 2002. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA, 2002.

SILVA, V. A.; NASCIMENTO, V. T.; SOLDATI, G. T.; MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. Técnicas para análise de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife, NUPEEA, 2010.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, n. 4, p. 598-610, 2012.

SOMBROEK, W.G.; RUIVO, M.L.; FEARNSSIDE, P.M.; GLASER, B.; LEHMANN, j. Amazonian Dark Earths as carbon stores and sinks. In: LEHMANN, j.; KERN, D.C.; GLASER, B.; WOODS, W.I. (Eds.). **Amazonian Dark Earths: origin, properties, and management**. Dordrecht: kluwer Academic Publishers, 2003.

SOUZA, M.M.O. A educação popular no campo: entre o saber camponês e o conhecimento científico. **Revista de Educação Popular**, v. 8, n. 1, 2010.

SPIX, J.B.V.; MATIUS, K.F.P.V. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. 4. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

THOMPSON, E. P. **Costume em Comum: Estudo sobre a Cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras 1996.

TROTTA, J.; MESSIAS, P.A.; PIRES, A.H.C.; HAYASHIDA, C.T.; CAMARGO, C.; FUTEMMA, C. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais**, v.14, n. 3, p.17-34, 2012.

VALADÃO, L.M.; AMOROZO, M.C.M.; MOTTA, D. G. Produção de Alimentos na unidade domiciliar, dieta e estado nutricional: a contribuição dos quintais em um assentamento rural no estado de São Paulo. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. B. (Orgs.). **Tópicos em Conservação e Etnobotânica de Plantas Alimentícias**. Recife: Nuppea, 2006. p. 92-115.

VALENT, J.Z.; OLIVEIRA, L.; VALENT, V.D. Agricultura urbana: o desenvolvimento de um projeto social. **Desenvolvimento Regional em debate**, v. 7, n. 2, p. 4-19, jul./dez., 2017.

VEIGA, José Eli da. Crescimento, agricultura e meio ambiente. **Anais do 25º Encontro Nacional de Economia**, Recife, v.2, dezembro, 1997.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WANDERLEY, M.N.B. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 2, 2000.

_____. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **Anais do XX Encontro Anual da ANPOCS**. Gt 17. Processos Sociais Agrários. Caxambu, MG. Outubro, 1996.

WEITZMAN, R. **Entre a roça e a cidade: um processo de invenção de práticas alimentares e agrícolas**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional – PPGAS, 2011.

_____. Mineiros no Morro dos Prazeres: Trajetórias marcadas pelo fluxo entre a roça e a cidade. In: COMEFORD, J.; DAINESE, G. **Giros etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa festa, política, briga e o diabo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2015.

WINKLERPRINS, A.; OLIVEIRA, P. S. S. Urban Agriculture in Santarém, Pará, Brazil: diversity and circulation of cultivated plants in urban homegardens. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. Belém, v. 5, 2010.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, junho, 1990.

_____. Com parente não se neguecia: O campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

VI- APÊNDICES

APÊNDICE - A: Roteiros e ficha utilizados para a pesquisa de campo.

Roteiro 01- entrevista com agricultores (as)

Entrevistadores: _____ Local da entrevista: _____

Nome completo _____ Idade: _____ Estado civil: _____

Endereço: _____

HISTÓRIA DE VIDA

1- Sobre o local onde nasceu e ocupação

- Local de nascimento;
- como era o local que nasceu;
- fica na sede do município, distrito ou zona rural;
- seus pais são da mesma localidade;
- presença de irmãos/ irmãs
- local era próprio, alugado, arrendado, emprestado, de meia, outro tipo.
- principal ocupação da família;
- ajudava nas atividades cotidianas;
- idade que começou a trabalhar;
- quando passou a lidar com agricultura;

2- Lembranças da infância

- principais lembranças da infância;
- as brincadeiras da época
- tipos de brinquedos;

3- Sobre acesso a estudos/ escolas

- estudou;
- o acesso a escola (a escola localizava próximo a sua casa)?
- matéria/ disciplina que mais gostava de estudar
- se parou de estudar, qual o motivo;
- pais e irmãos estudaram

4- Migração/ mobilidade

- Época que saiu do local de origem
- Idade que tinha na época;
- motivos que levaram a sair do local de origem;
- primeira cidade que morou ao sair da localidade de origem;
- migrou sozinho/a, com a família;
- morou em outros locais além do que reside hoje;

- morava com quem? (parente, vizinhos, amigos)
- ocupação ao chegar a Montes Claros
- relação com a agricultura no espaço urbano (sempre produziu na cidade)

5- Formação da família (se o entrevistado/a tiver formado família.)

- casamento;
- idade que casou;
- de onde é o companheiro/a
- tem filhos/as (quantidade);
- local de residência dos filhos;
- presença de netos/as

6- Sobre os seus conhecimentos (saberes tradicionais)

- mantém relação/ ligação com o seu local de origem;
- periodicidade (quanto em quanto tempo)
- a finalidade: (visitar parentes, passear, festas...)
- conversa sobre lavoura, produção de alimentos durante essas visitas;
- onde aprendeu as técnicas que utiliza hoje na agricultura;
- buscou renovar, aperfeiçoar as técnicas que utiliza para produzir;
- Onde costuma dialogar, trocar informações sobre a agricultura, meio ambiente,

natureza

- descrever a importância de renovar o conhecimento sobre a agricultura.

7- Ocupação e renda

- principal atividade que desenvolve;
- sempre desenvolveu essas atividades;
- ocupação/função/ trabalho do seu/ sua companheiro/a;
- responsável pelo sustento da família;
- número de pessoas que convive na residência;
- beneficiário de programa de rendas do governo (aposentadoria, pensão, bolsa família, etc).
- tipo de residência (alugada, própria, emprestada, doada, outros)

Roteiro 02 - levantamento e características etnobotânicas dos quintais

1- Caracterização do quintal:

- 1.1 Tamanho do terreno _____ Área total utilizada para o cultivo _____
- 1.2 Utiliza outras áreas para cultivar? () Sim () Não
- 1.3 Se sim, onde? _____
- 1.4 Por quais motivos que cultiva em outro terreno/lote?

2- Estratégias de manejo da terra e do cultivo:

- 2.1- Utiliza adubação para preparar a terra? () Sim () Não
Se sim, qual tipo: _____
- 2.2 – Modifica solo para o cultivo de alguma planta? () Sim () não
Como faz essa modificação? _____
- 2.3- Quando planta em vasos, utiliza a terra do próprio terreno? () Sim () Não
Se não, utiliza terra de qual/ais locais? _____
Por que utiliza esse outro tipo de terra? _____
- 2.4 - Costuma fazer controle de pragas () Sim () Não
Se sim, como faz _____
- 2.5 - Fez algum curso para aprender a manejar a terra e o cultivo? () Sim () Não
Se sim, qual/ais _____
- 2.5- Utiliza algum critério para escolha das espécies cultivadas? () sim () Não
Se sim, quais? _____
- 2.6 – Fonte de água utilizada para produzir () Copasa () Cisternas () poços ()
chuva () () outros

3- Motivos para produzir alimentos no espaço urbano

- () Histórico, lembra a época que viveu na roça; () Ter uma ocupação
() Gosta de mexer com a terra; () Ter os produtos para o consumo
() Melhorar a renda () Melhorar a alimentação
() outros _____

4- Destino da produção

- () autoconsumo () comercialização () troca () doações () outros _____
Se comercializar, como considera a renda obtida com a venda dos produtos?

No caso de doações e trocas, com quem costuma fazer?
() Amigos () Parentes () Vizinhos () Outros _____
Ainda no caso de trocas e doações, por quais motivos as fazem?

5- Dificuldades para manter/ aumentar a produção

- Tamanho do lote acesso a água conseguir mudas e sementes tempo disposição física [saúde]
 Outros _____

6- Práticas agroextrativistas

Costuma coletar plantas em outros locais Não Sim

Se sim, onde faz as coletas entorno da residência no bairro outros bairros
 outros locais. Quais _____

Parte da planta que é coletada: Raízes tronco Folhas Flores Frutos Sementes

Utilização: Alimentação Medicinal Ornamentação lenha Outros

Com quem aprendeu a fazer essas coletas: pais, avós, tios, irmãos amigos
 vizinhos sozinho/a

No geral, costuma coletar quando: Aparece uma necessidade sempre que encontra determinada planta

épocas e períodos específicos outros _____

Ficha 01- utilizada para fazer o inventário das plantas encontradas nos quintais urbanos .

Data: _____ Agricultor (a) _____ Equipe: _____

Nome popular	N	Aquisição da muda: <u>Comprou,</u> <u>ganhou</u> <u>espontânea*</u>	Origem da Muda <u>local,</u> <u>outra</u> <u>localidade</u>	Forma de cultivo <u>Canteiro,</u> <u>vasos, chão,</u> <u>ambos</u>	Época do cultivo / produção <u>época seca,</u> <u>chuvosa, ano</u> <u>todo</u>	Tipo de crescimento <u>arbóreo,</u> <u>subarbastivo,</u> <u>Arbastivo,</u> <u>herbáceo,</u> <u>trepadeiras,</u> <u>outro.</u>	Parte utilizada <u>raiz, Caule,</u> <u>Folha, Frutos,</u> <u>sementes,</u> <u>casca</u>	Tipo de uso <u>alimentação,</u> <u>medicinal,</u> <u>ornamental,</u> <u>outros</u>	Se medicinal <u>Serve para</u> <u>tratar que tipo</u> <u>de doença/</u> <u>órgão)</u>	Destinação <u>consumo,</u> <u>doação,</u> <u>troca, venda</u>

*Nasce espontaneamente no quintal.

Roteiro 03- oficinas no Sítio de Saluzinho na visão das agricultoras (o)

- 1- Como ficou sabendo do Sítio de Saluzinho?
- 2- A partir de que ano passou a desenvolver oficinas no Sítio?
- 3- Quais os temas das oficinas que costuma desenvolver?
- 4- Dentre os temas que o Sr./ a Sra. aborda qual tem mais afinidade, ou gosta mais de apresentar?
- 5- Poderia descrever a importância dos temas/ oficinas para as crianças que visitam o Sítio?
- 6- O Sr./ Sra. acha que as crianças gostam das oficinas? Por quê?
- 7- O Sr. / Sra. poderia relatar de que maneira o conhecimento que são abordados nas oficinas podem melhorar a visão/ educação das crianças que participam das atividades no Sítio?

Roteiro 04- Modelo de questionário aplicados aos estudantes do 1º ao 3º ano.

CABEÇALHO

Escola: _____ Data: _____

Nome: _____ Série: _____ Idade: _____



HOJE VAMOS FAZER UMA ATIVIDADE MUITO BACANA
SOBRE A SUA VISITA AO SÍTIO DE SALUZINHO!



PINTE O QUADRO QUE REPRESENTA A SUA RESPOSTA

1) VOCÊ TINHA CONHECIMENTO SOBRE A VIDA NA ROÇA?

NÃO SIM

2) SE VOCÊ TINHA CONHECIMENTO, COM QUEM APRENDEU?

FAMÍLIA AMIGOS VIZINHOS

3) VOCÊ FALOU PARA SUA FAMÍLIA SOBRE O QUE APRENDEU NO SÍTIO DE SALUZINHO?

NÃO SIM

4) PINTE A LARANJA COM A NOTA QUE VOCÊ DARIA AO SÍTIO DE SALUZINHO

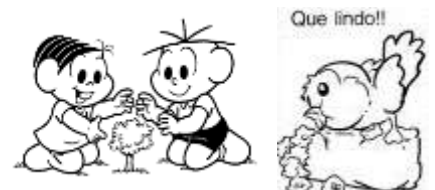


5) FAÇA UM DESENHO DA ATIVIDADE QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NA VISITA AO SÍTIO DE SALUZINHO:

POR QUE VOCÊ GOSTOU MAIS DESSA ATIVIDADE?

Large empty rectangular box for drawing the favorite activity.

Five horizontal lines for writing the reason for liking the activity.



Roteiro 05 – Modelo de questionário aplicados aos estudantes do 4º e 5º ano.**CABEÇALHO**

Escola: _____ Data: _____

Nome: _____ Série: _____ Idade: _____



Que tal relembrar um pouco a tarde que você passou no Sítio de Saluzinho?



Para isso, é muito importante você responder as questões abaixo:

- 1) Você tinha conhecimento sobre a vida na roça? () Não () Sim
- 2) Se você tinha conhecimento com quem aprendeu?
 () Família- [Avós, pais, tios...] () Amigos () Vizinhos
 () Outros _____
- 3) Desenhe a atividade que você mais se interessou durante a tarde que passou no Sítio de Saluzinho:

3.1-Fale um pouco sobre o que seu desenho representa?

- 4) Qual a atividade foi menos interessante para você? _____
 Por quê? _____
- 5) Você está estudando em sala de aula algum dos assuntos vivenciados no Sítio de Saluzinho? () Não () Sim
 Caso sim, quais: _____
- 6) Quais assuntos você não conhecia e aprendeu durante as oficinas do Sítio de Saluzinho?

- 7) Qual outro tema você gostaria de ter visto durante as oficinas:

- 8) Você comentou o que aprendeu no Sítio de Saluzinho para sua família? () Não () Sim
- 9) Você colocou em prática algum aprendizado que vivenciou no Sítio de Saluzinho? () Não () Sim
 Se sim, qual ou quais? _____
- 10) O que você achou:
 a- do Espaço () Ruim () Bom () Ótimo
 b- da Recepção () Ruim () Bom () Ótimo
 c- do Lanche () Ruim () Bom () Ótimo



Sua participação foi muito especial!
 Equipe do Sítio de Saluzinho

Roteiro 06 – Modelo de questionário utilizado para entrevista com os docentes

1 – IDENTIFICAÇÃO

Entrevistadores: _____
 Nome completo: _____ Idade _____
 Formação _____ Ocupação: _____
 Escola onde trabalha: _____ Desde quando: _____
 Séries de quais anos: _____

2- PERFIL DA ESCOLA / ESTUDANTES

- a) Como classificaria a escola que você trabalha?
 Urbana - atende bairros centrais Urbana – atende bairros periféricos Urbana – atende zona Rural Outros: _____
- b) Existe na escola local para vivência dos estudantes com a natureza? Não Sim
 Quais: _____
- c) Há na escola atividades práticas [hortas, feira de ciências, gincanas)?
 Muito – sempre acontece Pouco- acontece esporadicamente Raramente – nunca acontece
- d) A escola realiza atividades em lugares fora do ambiente escolar Não Sim
 Quais: _____
- e) Como avalia a interação da escola com a comunidade do entorno:
 Ótima Boa Razoável Ruim
- f) Como você avalia os conhecimentos dos seus estudantes antes da visita ao Sítio de Saluzinho sobre o meio rural?
 Não possui Pouco Conhecimento Bom conhecimento Ótimo conhecimento

3- CONTEÚDOS CURRICULARES – Interface Escola x Sítio de Saluzinho

- a) Os conteúdos ministrados em sala de aula regularmente foram contemplados em oficinas do Sítio de Saluzinho que os estudantes participaram?
 Muito Pouco Nada
- b) Os conhecimentos abordados pelas oficinas do Sítio de Saluzinho foram trabalhados por você nas salas de aula?
 Muito Pouco Nada
- c) De que forma esses conteúdos foram trabalhados:
 Textos / Redação Desenhos Teatro Paródias Atividades práticas na escola
 Outros

- d) Após a visita, houve necessidade de abordar novos temas ou conteúdos relacionados às oficinas do Sítio de Saluzinho para serem trabalhados em sala de aula?
 Muito Pouco Nenhum
 Caso positivo, quais? _____

- e) Em sala de aula os estudantes espontaneamente abordaram pontos vivenciados nas oficinas do Sítio de Saluzinho?
 Muito Pouco Nada
 Caso positivo, quais pontos? _____
- f) Os conteúdos das oficinas se relacionaram com alguma das seguintes áreas de conhecimento?
 Marque todas que se aplicam.
 Matemática Muito Pouco Nada
 História: Muito Pouco Nada
 Geografia: Muito Pouco Nada
 Português: Muito Pouco Nada
 Ciências: Muito Pouco Nada
 Educação física: Muito Pouco Nada
 Artes Muito Pouco Nada
 Outro: _____ Muito Pouco Nada
 Outro: _____ Muito Pouco Nada
- g) Você percebe relação entre as oficinas/ vivência no Sítio de Saluzinho com o tema Educação ambiental?
 Não Sim
 Qual relação?

4- AVALIAÇÃO

- a) Como você avalia os efeitos da vivência dos estudantes nas oficinas do Sítio de Saluzinho em suas aulas regulares?
 Ótimo Bom Regular Ruim
 Por quê?

- b) Como você avalia os efeitos do aprendizado nas oficinas do Sítio de Saluzinho em suas aulas regulares?
 Ótimo Bom Regular Ruim
 Por quê?

- c) Como você avalia o conhecimento dos seus estudantes, após visita ao Sítio de Saluzinho em relação aos temas:
 Vida rural - Não Modificou Bom Ótimo
 Natureza Não Modificou Bom Ótimo
 Alimentação Não modificou Bom Ótimo
 Outro tema:
- d) A escola replicou alguma prática vivenciada durante as oficinas? Não Sim
 Quais? _____
- e) Estudante replicaram conhecimentos vivenciados no Sítio de Saluzinho com os familiares? Não Sim Não sabe.
 Quais práticas?

- f) Houve pontos positivos das oficinas do Sítio de Saluzinho para os estudantes em suas aulas regulares?

 Contato com o mundo rural Conhecimento sobre lavoura
 Contato com a natureza
 Aprender sobre origem dos alimentos Resgate de brincadeiras antigas
 Respeitar a cultura local

() Valorização do saber dos agricultores () Aprendizado fora da sala de aula ()
Outros

g) Como você avalia a condução das oficinas serem ministradas por agricultores e
agricultoras?

Por que? _____

h) Existe algum ponto que precisaria ser melhorado nas oficinas do Sítio de Saluzinho?

() Sim () Não

Caso sim, quais:

APÊNDICE – B: Tabelas

Tabela 01- Classificação das plantas encontradas nos quintais urbanos.

Nome popular	Nome científico	Família	Gênero
Abacate	<i>Persea americana</i>	Lauraceae	Persea
Abóbora	<i>Cucurbita sp.</i>	Cucurbitaceae	Cucurbita
Acácia	<i>Acacia farnesiana</i>	Fabaceae	Acacia
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	Malpighiaceae	Malpighia
Acoita cavalo	<i>Luehea divaricata</i>	Tiliaceae	Luehea
Adália	<i>Dahlia pinnata</i>	Asteraceae	Dahlia
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>	Brassicaceae	Nasturtium
Água de colônia	<i>Alpinia speciosa</i>	Zingiberaceae	Alpinia
Açafrão	<i>Cucurma longa</i>	Zingiberaceae	Cucurma
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Lamiaceae	Rosmarinus
Alevante	<i>Mentha arvensis</i>	Lamiaceae	Mentha
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Ocimum
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Lavandula
Algodão	<i>Gossypium arboreum L</i>	Malvaceae	Gossypium L.
Alho	<i>Allium sativum L.</i>	Liliaceae	Allium
Alho poró	<i>Allium porrum</i>	Amaryllidaceae	Allium
Alho todo tempo	<i>Allium sativum L.</i>	Liliaceae	Allium
Almeirão	<i>Cichorium intybus</i>	Asteraceae	Cichorium
Amora	<i>Morus</i>	Rosaceae	Morus
Andú	<i>Cajanus cajan L.</i>	Fabaceae	Cajanus
Antúlio	<i>Araceae</i>	Anthurium	Herbácea
Arnica	<i>Lychnophora ericoides</i>	Asteraceae	Lychnophor
Aroerinha ou pimenta rosa	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Anacardiaceae	Schinus
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Rutaceae	Ruta
Atemóia	<i>Annona × atemoya</i>	Annonaceae	Annona

Avenca	<i>Adiantum capillus-veneris</i>	Pteridaceae	Adiantum
Azulzinha	<i>Thunbergia grandiflora</i>	Acanthaceae	Thunbergia
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Xanthorrhoeaceae	Aloe
Bálsamo	<i>Cotyledon orbiculata L.</i>	Crassulaceae	Cotyledon
Bambuzinho	<i>Asparagus setaceus</i>	Asparagaceae	Asparagus
Banana	<i>Heliconia rostrata</i>	Heliconiaceae	Heliconia
Banana	<i>Musa ssp.</i>	Musaceae	Musa
Banana	<i>Musa acuminata</i>	Musaceae	Musa
Banana	<i>Musa paradisiaca</i>	Musaceae	Musa
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas L</i>	Convolvulaceae	Ipomoea
Baunilha	<i>Vanilla planifolia</i>	Orchidaceae	Vanilla
Begônia	<i>Begonia elatior</i>	Begoniaceae	Begonia
Beija	<i>Impatiens walleriana</i>	Balsaminaceae	Impatiens
Beijinho	<i>Impatiens parviflora</i>	Balsaminaceae	Impatiens
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>	Portulacaceae	Portulaca
Berinjela	<i>Solanum melongena</i>	Solanaceae	Solanum
Bico de papagaio	<i>Euphorbia pulcherrima</i>	Euphorbiaceae	Euphorbia
Boldinho Japonês	<i>Plectranthus neochilus</i>	Lamiaceae	Plectranthus
Boldo baiano	<i>Vernonia condensata</i>	Asteraceae	Vernonia
Bonina	<i>Bellis perennis</i>	Asteraceae	Bellis
Bounganville	<i>Bougainvillea glabra</i>	Nyctaginaceae	Bougainvillea
Brilhante	<i>Zamioculcas zamiifolia</i>	Araceae	Zamioculcas
Brilhantina	<i>Pilea microphylla</i>	Urticaceae	Pilea
Bromélia	<i>Guzmania lingulata</i>	Bromeliaceae	Guzmania
Bucha vegetal	<i>Luffa sp.</i>	Cucurbitaceae	Luffa
Cabelo de negro	<i>Muehlenbeckia</i>	Polygonaceae	Muehlenbeckia
Cacau	<i>Theobroma cacao</i>	Malvaceae	Theobroma
Cacto	<i>Stapelia hirsuta</i>	Apocynaceae	Stapelia
Cacto	<i>Mammillaria elongata</i>	Cactaceae	Mammillaria
Cacto	<i>Stapelia variegata</i>	Cactaceae	Stapelia

Café	<i>Coffea sp.</i>	Rubiaceae	Coffea
Caí e pega ou Aranto	<i>Bryophyllum daigremontianum</i>	Crassulaceae	Kalanchoe
Cajá	<i>Spondias spp.</i>	Anacardiaceae	Spondias
Caju	<i>Anacardium occidentale</i>	Anacardiaceae	Anacardium
Cana	<i>Saccharum officinarum L.</i>	Poaceae	Saccharum
Canapú	<i>Physalis</i>	Solanaceae	Physalis
Caninha de macaco	<i>Costus</i>	Costaceae	Costus
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	Cymbopogon
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i>	Oxalidaceae	Averrhoa
Cará-moela	<i>Dioscorea bulbifera</i>	Dioscoriaceae	Dioscorea
Cebola branca	<i>Allium cepa</i>	Liliaceae	Allium
Cebolinha	<i>Allium fistulosum L.</i>	Aliáceas	Allium
Cereja	<i>Pronus avium L.</i>	Rosaceae	Pronus
Chá da índia	<i>Camellia sinensis</i>	Theaceae	Camellia
Chapéu de couro	<i>Echinodorus macrophyllus</i>	Alistamataceae	Echinodorus
Chuchu	<i>Sechium edule</i>	Cucurbitaceae	Sechium
Citronela	<i>Cymbopogon winterianus</i>	Poaceae	Cymbopogon
Coco da Bahia	<i>Cocos nucifera</i>	Arecaceae	Cocos
Coco macaúba	<i>Acrocomia aculeata</i>	Arecaceae	Acrocomia
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	Apiaceae	Coriandrum
Colchão de noiva	<i>Euphorbia milli</i>	Euphorbiaceae	Euphorbia
Comigo Ninguém pode	<i>Dienffenbachia picta Schott</i>	Araceae	Dienffenbachia
Copo de leite	<i>Zantedeschia aethiopica</i>	Araceae	Zantedeschia
Coqueirinho	<i>Butia ssp.</i>	Arecaceae	Butia
Coqueirinho	<i>Chrysalidocarpus Lutescens</i>	Arecaceae	Dypsis
Coqueiro-de-vênus	<i>Cordyline terminalis</i>	Laxmanniaceae	Cordyline
Coquinho Azedo	<i>Butia capitata</i>	Arecaceae	Butia
Coração Magoado	<i>Coleus barbatus</i>	Laminaceae	Coleus
Coroa de rei	<i>Scadoxus multiflorus</i>	Amaryllidaceae	Scadoxus
Couve	<i>Brassica oleracea</i>	Brassicaceae	Brassica

Cravinho	<i>Dianthus chinensis</i>	Caryophyllaceae	Dianthus
Cravo	<i>Dianthus caryophyllus</i>	Caryophyllaceae	Dianthus
Crota	<i>Codiaeum variegatum L.</i>	Euphorbiaceae	Codiaeum
Crota	<i>Caladium bicolor</i>	Araceae	Caladium
Crota	<i>Codiaeum variagatum</i>	Euphorbiaceae	Codiaeum
Crota	<i>Codiaeum</i>	Euphorbiaceae	Codiaeum
Dália	<i>Dahlia</i>	Asteraceae	Dahlia
Dama da noite	<i>Cestrum nocturnum</i>	Solanaceae	Cestrum
Dente de leão	<i>Taraxacum officinale</i>	Asteraceae	Taraxacum
Érica	<i>Cuphea glutinosa</i>	Lythraceae	Cuphea
Erva baleeira	<i>Cordia verbenácea</i>	Boraginaceae	Cordia
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Lamiaceae	Melissa
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Apiaceae	Pimpinella
Erva-botão	<i>Eclipta alba</i>	Asteraceae	Eclipta
Espinafre	<i>Spinacia oleracea</i>	Amaranthaceae	Spinacia
Espirradeira	<i>Nerium oleander</i>	Apocynaceae	Nerium
Estomalina	<i>Alternanthera brasiliana L.</i>	Amaranthaceae	Alternanthera
Fálfia	<i>Pfaffia paniculata</i>	Amaranthaceae	Pfaffia
Fava	<i>Phaseolus lunatus L.</i>	Fabaceae	Phaseolus
Feijão	<i>Phaseolus vulgaris L.</i>	Fabaceae	Phaseolus
Feijão de corda	<i>Vigna unguiculata</i>	Fabaceae	Vigna
Figo	<i>Ficus carica</i>	Moraceae	Ficus
Fígo da índia	<i>Opuntia ficus-indica</i>	Cactaceae	Opuntia
Flamboiyã	<i>Delonix regia</i>	Fabaceae	Delonix
Flor da fortuna	<i>Kalanchoe</i>	Crassulaceae	Kalanchoe
Flor de maio	<i>Schlumbergera truncata</i>	Cactaceae	Schlumbergera
Fruta do conde	<i>Annona squamosa</i>	Annonaceae	Annona
Fumo	<i>Nicotiana tabacum L.</i>	Solanaceae	Nicotiana
Gengibre	<i>Zingiber officinale Roscoe</i>	Zingiberaceae	Zingiber
Goiaba	<i>Psidium guajava L.</i>	Myrtaceae	Psidium

Graviola	<i>Butia ssp.</i>	Arecaceae	Butia
Guaco	<i>Mikania glomerata</i>	Asteraceae	Mikania
Hibisco	<i>Hibiscus rosa-sinensis L.</i>	Malvaceae	Hibiscus
Hortelã	<i>Mentha</i>	Lamiaceae	Mentha
Hortelã	<i>Mentha piperita</i>	Lamiaceae	Mentha
Hortelã	<i>Mentha spicata L.</i>	Lamiaceae	Mentha
Hortencia azul	<i>Hydrangea macrophylla</i>	Hydrangeaceae	Hydrangea
Ipê rosa	<i>Handroanthus heptaphyllus</i>	Bignoniaceae	Handroanthus
Ixória	<i>Ixora coccínea</i>	Rubiaceae	Ixora
Jabuticaba	<i>Plinia cauliflora</i>	Mirtáceas	Plinia
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Moraceae	Artocarpus
Jambo	<i>Syzygium malaccensis</i>	Myrtaceae	Syzygium
Jardineira	<i>Lantana câmara</i>	Verbenaceae	Lantana
Jasmin	<i>Jasminum nitidum</i>	Oleaceae	Jasminum
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Fabaceae	Hymenaea
Jibóia	<i>Epipremnum aureum</i>	Araceae	Epipremnum
Jiló	<i>Solanum gilo Raddi</i>	Solanaceae	Solanum
Junco	<i>Juncus</i>	Juncaceae	Juncus
Laranja	<i>Citrus sinensis</i>	Rutaceae	Citrus
Lima da Pérsia	<i>Citrus limettioides</i>	Rutaceae	Citrus
Limão taiti	<i>Citrus limon</i>	Rutaceae	Citrus
Limão cravo	<i>Citrus paradisi</i>	Rutaceae	Citrus
Limão rosa	<i>Citrus latifolia</i>	Rutaceae	Citrus
Língua de vaca	<i>Rumex obtusifolius L.</i>	Poaceae	Rumex
Lírio	<i>Lilium longiflorum</i>	Liliaceae	Lilium
Lírio	<i>Lilium amabile.</i>	Liliaceae	Lilium
Lírio	<i>Lilium sp.</i>	Liliaceae	Lilium
Lírio	<i>Spathiphyllum wallisii</i>	Araceae	Spathiphyllum
Lírio	<i>Zephyranthes grandiflora</i>	Liliaceae	Lilium
Lixia	<i>Litchi chinensis</i>	Sapindaceae	Litchi

Losna	<i>Artemisia absinthiu</i>	Asteraceae	Artemisia
Maçã	<i>Malus domestica</i>	Rosaceae	Malus
Mamão	<i>Carica papaya</i>	Caricaceae	Carica
Mandacaru/pitaya	<i>Hylocereus undatus</i>	Cactaceae	Hylocereus
Mandioca	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	Euphorbiaceae	Manihot
Manga	<i>Mangifera indica L.</i>	Anacardiaceae	Mangifera
Manjericão	<i>Ocimum basilicum L.</i>	Lamiaceae	Ocimum
Manjericão	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Ocimum
Maracá			
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i>	Passifloraceae	Passiflora
Maracujá do mato	<i>Passiflora cincinnata</i>	Passifloraceae	Passiflora
Marambaia	<i>Zamia furfuracea</i>	Cycadaceae	Zamia
Maria sem vergonha	<i>Impatiens walleriana</i>	Balsaminaceae	Impatiens
Mariazinha	<i>Hedychium Coronarium</i>	Zingiberaceae	Hedychium
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Amaranthaceae	Dysphania
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>	Cucurbitaceae	Cucumis
Melissa	<i>Melissa officinalis L.</i>	Lamiaceae	Melissa
Mentrasto	<i>Ageratum conyzoides</i>	Apocynaceae	Ageratum
Mentrasto	<i>Ageratum conyzoides</i>	Apocynaceae	Ageratum
Merttiolate	<i>Jatropha multifida L.</i>	Euphorbiaceae	Jatropha
Mexerica	<i>Citrus reticulata</i>	Rutaceae	Citrus
Milho	<i>Zea mays L.</i>	Poaceae	Zea
Milindri	<i>Asparagus setaceus</i>	Asparagaceae	Asparagus
Mimosa	<i>Ipomoea asarifolia</i>	Mimosoideae	Ipomoea
Mini comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia seguinte</i>	Araceae	Dieffenbachia
Mini rosa branca	<i>Rosa chinensis</i>	Rosaceae	Rosa
Mirra	<i>Commiphora myrrha</i>	Burseraceae	Commiphora
Morango	<i>Fragaria anassa Duch.</i>	Rosaceae	Fragaria
Moringa	<i>Moringa oleífera</i>	Moringaceae	Moringa

Murta	<i>Murraya paniculata</i>	Rutaceae	Murraya
Noni	<i>Morinda citrifolia</i>	Rubiaceae	Morinda
Onze horas	<i>Portulaca grandiflora</i>	Portulacaceae	Portulaca
Ora Pro nobis	<i>Pereskia aculeata</i>	Cactaceae	Pereskia
Oregano	<i>Origanum vulgare</i>	Lamiaceae	Origanum
Orelha de burro	<i>Alocasia amazonica</i>	Araceae	Alocasia
Orquídea		Orchidaceae	
Orquídea		Orchidaceae	
Orquídea		Orchidaceae	
Orquídea	<i>Oncidium Sharry</i>	Orchidaceae	Oncidium
Orquídea	<i>Dendrobium anosmum</i>	Orchidaceae	Dendrobium
Orquídea	<i>Arundina graminifolia</i>	Orchidaceae	Arundina
Orquídea	<i>Phalaenopsis hybridum</i>	Orchidaceae	Phalænopsis
Palma	<i>Opuntia ficus indica</i>	Cactaceae	Opuntia
Palma	<i>Opuntia ficus indica</i>	Cactaceae	Opuntia
Pepino	<i>Cucumis sativus</i>	Araceae	Cucumis
Picão	<i>Bidens alba</i>	Asteraceae	Bidens
Pimenta	<i>Capsicum frutescens L.</i>	Solanaceae	Capsicum
Pimenta	<i>Capsicum chinense</i>	Solanaceae	Capsicum
Pimenta	<i>Capsicum ssp.</i>	Solanaceae	Capsicum
Pimentão	<i>Capsicum annum</i>	Solanaceae	Capsicum
Pingo de sangue	<i>Ruellia brevifolia</i>	Acanthaceae	Ruellia
Pinha	<i>Annona squamosa L.</i>	Annonaceae	Annona
Pitanga	<i>Eugenia uniflora L.</i>	Myrtaceae	Eugenia
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i>	Sapindaceae	Talisia
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Lamiaceae	Mentha
Procová			
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	Euphorbiaceae	Phyllanthus
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i> <i>Moench</i>	Malvaceae	Abelmoschu

Rabo-de-burro	<i>Sedum morganianum</i>	Crassulaceae	Sedum
Romã	<i>Punica granatum</i>	Lythraceae	Punica
Rosas	<i>Adenium obesum Balf.</i>	Apocynaceae	Adenium
Rosas	<i>Rosa ssp.</i>	Rosaceae	Rosa
Rosas			
Rosas	<i>Rosa alba</i>	Rosaceae	Rosa
Rosas	<i>Malva moschata</i>	Malvaceae	Malva
Rosas	<i>Rosa gálica</i>	Rosaceae	Rosa
Rosas	<i>Adenium obesum Balf.</i>	Apocynaceae	Adenium
Rúcula	<i>Eruca sativa</i>	Brassicaceae	Eruca
Salsão	<i>Apium graveolens L.</i>	Apiaceae	Apium
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i>	Apiaceae	Petroselinum
Sambambaia	<i>Nephrolepis exaltata</i>	Nephrolepidaceae	Nephrolepsis
Sambambaia	<i>Nephrolepis cordifolia</i>	Nephrolepidaceae	Nephrolepsis
Sambambaia	<i>Blechnum schomburgkii</i>	Blechnaceae	Blechnum
Sambambaia	<i>Thelypteris dentata</i>	Thelypteridaceae	Thelypteris
Sambambaia	<i>Dicksonia sellowiana Hook.</i>	Dicksoniaceae	Dicksonia
Sianinha	<i>Selenicereus anthonyanus</i>	Cactaceae	Selenicereus
Siriguela	<i>Spondias purpúrea</i>	Anacardiaceae	Spondias
Sorriso de Maria	<i>Scrophulariaceae Russelia equisetiformis</i>	Scrophulariaceae	Scrophulariaceae
Suculenta	<i>Sedum clavatum</i>	Crassulaceae	Sedum
Suculenta	<i>Echeveria Minima</i>	Crassulaceae.	Echeveria
Suculenta	<i>Sedum morganianum</i>	Crassulaceae	Sedum
Suculenta	<i>Echeveria Elegans</i>	Crassulaceae	Echeveria
Suculenta	<i>Graptopetalum paraguayense</i>	Crassulaceae	Graptopetalum
Suculenta	<i>Crassula ovata</i>	Crassulaceae	Crassula
Suculenta	<i>Sedum carnicolor</i>	Crassulaceae	Sedum
Taioba	<i>Colocasia</i>	Araceae	Colocasia
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i>	Fabaceae	Tamarindus

Tamboril	<i>Enterolobium maximum</i>	Fabaceae	Enterolobium
Temperão	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Lamiaceae	Plectranthus
Tinhorão	<i>Caladium bicolor</i>	Araceae	Caladium
Tipi	<i>Petiveria tetrandra</i>	Phytolaccaceae	Caryophyllales
Tomate cereja	<i>Solanum lycopersicum var. Cerasiforme</i>	Solanaceae	Solanum
Transagem	<i>Plantago major</i>	Plantaginaceae	Plantago
Trevo roxo	<i>Oxalis regnellii atropurpurea</i>	Oxalidaceae	Oxalis
Umbú	<i>Spondias tuberosa</i>	Anacardiaceae	Spondias
Urucum	<i>Bixa orellana L.</i>	Bixaceae	Bixa
Uva	<i>Vitis sp.</i>	Vitaceae	Vitis
Violeta	<i>Saintpaulia ionantha</i>	Gesneriaceae	Saintpaulia

Tabela 02- Plantas de uso medicinal, classificadas por espécies, família, gênero e com as suas respectivas indicações terapêuticas.

Nome popular	Nome científico	Família	Indicação terapêutica
Abacate	<i>Persea americana</i>	Lauraceae	Rins
Abóbora	<i>Cucurbita maxima</i>	Cucurbitaceae	Verminoses
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	Malpighiaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis L.</i>	Lamiaceae	Coração, Alzheimer, Depressão.
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Gripe e fazer quentão
Amora	<i>Morus</i>	Rosaceae	Reposição hormonal
Andu	<i>Cajanus cajan L.</i>	Fabaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Água de colônia	<i>Alpinia speciosa</i>	Zingiberaceae	Calmente e hipertensão
Alevante	<i>Mentha arvensis</i>	Lamiaceae	Dores, cicatrizante, reumatismo
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Calmente e hipertensão
Algodão	<i>Gossypium arboreum L</i>	Malvaceae	Dor de ouvido
Arnica	<i>Lychnophora ericoides</i>	Asteraceae	Dores
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Xanthorrhoeaceae	Cicatrizante, Câncer, infecção.
Bálsamo	<i>Cotyledon orbiculata L.</i>	Crassulaceae	Gastrite e dor de ouvido
Batata doce	<i>Ipomoea batatas L</i>	Convolvulaceae	Afrodisíaco
Boldinho Japonês	<i>Plectranthus neochilus</i>	Lamiaceae	Calmente e hipertensão
Boldo baiano	<i>Vernonia condensata</i>	Asteraceae	Fígado
Caninha de macaco	<i>Costus</i>	Costaceae	Ríns
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Café	<i>Coffea sp.</i>	Rubiaceae	Enxaqueca
Chá da índia	<i>Camellia sinensis</i>	Theaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Chapéu de couro	<i>Echinodorus macrophyllus</i>	Alistamataceae	Fígado e rins
Chuchu	<i>Sechium edule</i>	Cucurbitaceae	Calmente e hipertensão
Coco da Bahia	<i>Cocos mucifera</i>	Arecaceae	Soro caseiro
Couve	<i>Brassica oleracea</i>	Brassicaceae	Emagrecimento
Dente de leão	<i>Taraxacum officinale</i>	Asteraceae	Diabetes, Infecção Urinária, úlcera

Erva baleeira	<i>Cordia verbenacea</i>	Boraginaceae	Dores, cicatrizante, reumatismo
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Lamiaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Apiaceae	Gases, intestino, cólicas de Bebês
Erva-botão	<i>Eclipta alba</i>	Asteraceae	Dores, cicatrizante, reumatismo
Estomalina	<i>Alternanthera brasiliiana L.</i>	Amaranthaceae	Fígado, estômago
Fálfia	<i>Pfaffia paniculata</i>	Amaranthaceae	Intestino
Figo	<i>Ficus carica</i>	Moraceae	Rins e Fígado
Fruta do conde	<i>Annona squamosa</i>	Annonaceae	Circulação
Gengibre	<i>Zingiber officinale Roscoe</i>	Zingiberaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Goiaba	<i>Psidium guajava L.</i>	Myrtaceae	Cólica intestinal
Graviola	<i>Butia ssp.</i>	Arecaceae	Anticancerígeno
Guaco	<i>Mikania glomerata</i>	Asteraceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Hortelã	<i>Mentha sp</i>	Lamiaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Hortelã pimenta	<i>Mentha piperita</i>	Lamiaceae	Sistema digestivo e verminose
Hortelã miúdo	<i>Mentha spicata L.</i>	Lamiaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Jasmin	<i>Jasminum sp</i>	Oleaceae	Calmante e hipertensão
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Fabaceae	Anti-inflamatório
Junco	<i>Juncus sp</i>	Juncaceae	Cólica, dores em geral
Jabuticaba	<i>Plinia cauliflora</i>	Myrtaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Laranja	<i>Citrus sinensis</i>	Rutaceae	Calmante e hipertensão
Lima da Pérsia	<i>Citrus limettioides</i>	Rutaceae	Calmante e hipertensão
Limão	<i>Citrus limon</i>	Rutaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Limão Rosa	<i>Citrus paradisi</i>	Rutaceae	Emagrecer e Gripe
Limão Taiti	<i>Citrus latifolia</i>	Rutaceae	Dor de barriga, gripe
Língua de vaca	<i>Rumex obtusifolius L.</i>	Poaceae	Anemia
Losna	<i>Artemisia absinthiu</i>	Asteraceae	Cólica intestinal
Mamão	<i>Carica papaya</i>	Caricaceae	Sistema imune, verminose e fígado
Mandioca	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	Euphorbiaceae	Anemia
Manjericão	<i>Ocimum basilicum L.</i>	Lamiaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i>	Passifloraceae	Calmante e hipertensão
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Amaranthaceae	Verminoses
Melissa	<i>Melissa officinalis L.</i>	Lamiaceae	Insônia
Mentraso	<i>Ageratum conyzoides</i>	Apocynaceae	Gases
Merttiolate	<i>Jatropha multifida L.</i>	Euphorbiaceae	Cicatrizante
Mirra	<i>Commiphora myrrha</i>	Burseraceae	Calmante e hipertensão
Moringa	<i>Moringa oleifera</i>	Moringaceae	Rins
Milho	<i>Zea mays L.</i>	Poaceae	Rins
Noni	<i>Morinda citriflora</i>	Rubiaceae	Anticancerígeno
Oropronobis	<i>Pereskia aculeata</i>	Cactaceae	Anemia
Palma	<i>Opuntia ficus indica</i>	Cactaceae	Rins, pele e ossos
Pimenta Malagueta	<i>Capsicum frutescens L.</i>	Solanaceae	Coração
Pinha	<i>Annona squamosa L.</i>	Annonaceae	Intestino e infecção urinária
Pitanga	<i>Eugenia uniflora L.</i>	Myrtaceae	Cólica intestinal
Picão	<i>Bidens alba</i>	Asteraceae	Intestino e infecção urinária
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Lamiaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus Moench</i>	Malvaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Rosa vermelha	<i>Rosa gallica</i>	Rosaceae	Conjuntivite
Romã	<i>Punica granatum</i>	Lythraceae	Garganta, Infecção do intestino e Câncer
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri L.</i>	Euphorbiaceae	Rins
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i>	Apiaceae	Reposição hormonal
Saião	<i>Kalanchoe brasiliensis</i>	Crassulaceae	Furúnculo, Câncer de pele, feridas
Temperão	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Lamiaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)
Tomate cereja	<i>Solanum lycopersicum</i>	Solanaceae	Infecção de intestino
Tipi	<i>Petiveria tetrandra</i>	Phytolaccaceae	Dor de dente
Transagem	<i>Plantago maior</i>	Plantaginaceae	Infecção Urinária, Garganta
Urucum	<i>Bixa orellana L.</i>	Bixaceae	Dor de cabeça, sinusite
Uva	<i>Vitis sp</i>	Vitaceae	Vias áreas (Tosse, gripe, garganta)

Tabela 03: Partes utilizadas das plantas pelas agricultoras no preparo de remédios.

Partes utilizadas	Ana	Arabela	Francisca	Ila	Lourdes	Nita	Rosa	Total
Folhas	9	1	4	10	1	4	11	40
Folhas e flores				2		1	2	5
Folhas e legume	1							1
Folhas e Raízes	1		1					2
Folhas e sementes				2		1		3
Folhas e frutos	1	1	3	5	1	5	1	17
Diversas partes	1		1	1				3
Fruto	3			1		1		5
Frutos e Cascas				2				2
Legume	1							1
Raízes			1			1	1	3
Semente e legume	1					1		2
Total Geral	18	2	10	23	2	14	15	84

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Tabela 04- Espécies de plantas ornamentais encontradas nos sete quintais urbanos

Nome popular	Nome científico	Família	Gênero
Acácia	<i>Acacia farnesiana</i>	Fabaceae	Acacia
Adália	<i>Dahlia pinnata</i>	Asteraceae	Dahlia
Água de colônia	<i>Alpinia speciosa</i>	Zingiberaceae	Alpinia
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Lavandula
Antúlio	<i>Anthurium andraeanum</i>	Araceae	Anthurium
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Rutaceae	Ruta
Avenca	<i>Adiantum capillus-veneris</i>	Pteridaceae	Adiantum
Azulzinha	<i>Thunbergia grandiflora</i>	Acanthaceae	Thunbergia
Babosa	<i>Aloe arborescens</i>	Xanthorrhoeaceae	Aloe
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Xanthorrhoeaceae	Aloe
Bambuzinho	<i>Asparagus setaceus</i>	Asparagaceae	Asparagus

Bananinha do ar	<i>Heliconia rostrata</i>	Heliconiaceae	Heliconia
Baunilha	<i>Vanilla planifolia</i>	Orchidaceae	Vanilla
Begônia	<i>Begonia elatior</i>	Begoniaceae	Begonia
Beija	<i>Impatiens walleriana</i>	Balsaminaceae	Impatiens
Beijinho	<i>Impatiens parviflora</i>	Balsaminaceae	Impatiens
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>	Portulacaceae	Portulaca
Bico de papagaio	<i>Euphorbia pulcherrima</i>	Euphorbiaceae	Euphorbia
Bonina	<i>Bellis perennis</i>	Asteraceae	Bellis
Bounganville	<i>Bougainvillea glabra</i>	Nyctaginaceae	Bougainvillea
Bounganville	<i>Bougainvillea spectabilis</i>	Nyctaginaceae	Bougainvillea
Brilhante	<i>Zamioculcas zamiifolia</i>	Araceae	Zamioculcas
Brilhintina	<i>Pilea microphylla</i>	Urticaceae	Pilea
Bromélia	<i>Guzmania lingulata</i>	Bromeliaceae	Guzmania
Cabelo de negro	<i>Muehlenbeckia</i>	Polygonaceae	Muehlenbeckia
Cacto	<i>Stapelia hirsuta</i>	Apocynaceae	Stapelia
Cacto	<i>Mammillaria elongata</i>	Cactaceae	Mammillaria
Cacto	<i>Stapelia variegata</i>	Cactaceae	Stapelia
Caí e pega	<i>Bryophyllum daigremontianum</i>	Crassulaceae	Kalanchoe
Colchão de noiva	<i>Euphorbia milli</i>	Euphorbiaceae	Euphorbia
Comigo Ninguém pode	<i>Dienffenbachia picta Schott</i>	Araceae	Dienffenbachia
Copo de leite	<i>Zantedeschia aethiopica</i>	Araceae	Zantedeschia
Coqueirinho	<i>Butia ssp.</i>	Arecaceae	Butia
Coqueirinho	<i>Chrysalidocarpus Lutescens</i>	Arecaceae	Dypsis
Coqueiro-de-vênus	<i>Cordyline terminalis</i>	Laxmanniaceae	Cordyline
Coração magoado	<i>Coleus barbatus</i>	Lamiaceae	Coleus
Coroa de rei	<i>Scadoxus multiflorus</i>	Amaryllidaceae	Scadoxus
Cravina	<i>Dianthus chinensi L.</i>	Caryophyllaceae	Cravina
Cravo	<i>Dianthus caryophyllus</i>	Caryophyllaceae	Dianthus
Croti	<i>Codiaeum variegatum L.</i>	Euphorbiaceae	Codiaeum
Croti	<i>Caladium bicolor</i>	Araceae	Caladium
Croti	<i>Codiaeum</i>	Euphorbiaceae	Codiaeum
Dália	<i>Dahlia</i>	Asteraceae	Dahlia
Dama da noite	<i>Cestrum nocturnum</i>	Solanaceae	Cestrum
Érica	<i>Cuphea glutinosa</i>	Lythraceae	Cuphea
Espirradeira	<i>Nerium oleander</i>	Apocynaceae	Nerium
Flamboiyã	<i>Delonix regia</i>	Fabaceae	Delonix
Flor da fortuna	<i>Kalanchoe</i>	Crassulaceae	Kalanchoe
Flor de maio	<i>Schlumbergera truncata</i>	Cactaceae	Schlumbergera
Hibisco	<i>Hibiscus rosa-sinensis L.</i>	Malvaceae	Hibiscus
Hortência	<i>Hydrangea macrophylla</i>	Hydrangeaceae	Hydrangea
Ipê rosa	<i>Handroanthus heptaphyllus</i>	Bignoniaceae	Handroanthus
Ixória	<i>Ixora coccinea</i>	Rubiaceae	Ixora
Jardineira	<i>Lantana camara</i>	Verbenaceae	Lantana

Jasmin	<i>Jasminum nitidum</i>	Oleaceae	Jasminum
Jibóia	<i>Epipremnum aureum</i>	Araceae	Epipremnum
Lírio	<i>Lilium candidum</i>	Liliaceae	Lilium
Lírio	<i>Lilium longiflorum</i>	Liláceas	Lilium
Lírio	<i>Lilium amabile.</i>	Liliaceae	Lilium
Lírio	<i>Spathiphyllum wallisii</i>	Araceae	Spathiphyllum
Lírio	<i>Zephyranthes grandiflora</i>	Liliaceae	Lilium
Lírio	<i>Lilium sp.</i>	Liliaceae	Lilium
Mandacaru/pitaya	<i>Hylocereus undatus</i>	Cactaceae	Hylocereus
Maracá	<i>Tibouchina mutabilis</i>	Melastomataceae	Tibouchina
Marambaia	<i>Zamia furfuracea</i>	Cycadaceae	Zamia
Maria sem vergonha	<i>Impatiens walleriana</i>	Balsaminaceae	Impatiens
Mariazinha	<i>Hedychium Coronarium</i>	Zingiberaceae	Hedychium
Milindri	<i>Asparagus setaceus</i>	Asparagaceae	Asparagus
Mimosa	<i>Ipomoea asarifolia</i>	Mimosoideae	Ipomoea
Mini comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia seguine</i>	Araceae	Dieffenbachia
Mini rosa branca	<i>Rosa chinensis</i>	Rosaceae	Rosa
Mirra	<i>Commiphora myrrha</i>	Burseraceae	Commiphora
Murta	<i>Murraya paniculata</i>	Rutaceae	Murraya
Onze horas	<i>Portulaca grandiflora</i>	Portulacaceae	Portulaca
Orelha de burro	<i>Alocasia amazonica</i>	Araceae	Alocasia
Orquídea	<i>Phalaenopsis hybridum</i>	Orchidaceae	Phalænopsis
Orquídea	<i>Oncidium Sharry</i>	Orchidaceae	Oncidium
Orquídea	<i>Dendrobium anosmum</i>	Orchidaceae	Dendrobium
Orquídea	<i>Arundina graminifolia</i>	Orchidaceae	Arundina
Palma	<i>Opuntia ficus indica</i>	Cactaceae	Opuntia
Pingo de sangue	<i>Ruellia brevifolia</i>	Acanthaceae	Ruellia
Procová	<i>Philodendron martianum</i>	Araceae	Martianum
Rabo-de-burro	<i>Sedum morganianum</i>	Crassulaceae	Sedum
Rosas	<i>Adenium obesum Balf.</i>	Apocynaceae	Adenium
Rosas	<i>Rosa ssp.</i>	Rosaceae	Rosa
Rosa branca	<i>Rosa alba</i>	Rosaceae	Rosa
Rosas	<i>Malva moschata</i>	Malvaceae	Malva
Rosa vermelha	<i>Rosa gallica</i>	Rosaceae	Rosa
Rosas	<i>Adenium obesum Balf.</i>	Apocynaceae	Adenium
Sambambaia	<i>Nephrolepis cordifolia</i>	Nephrolepidaceae	Nephrolepsis
Sambambaia	<i>Blechnum schomburgkii</i>	Blechnaceae	Blechnum
Sambambaia	<i>Thelypteris dentata</i>	Thelypteridaceae	Thelypteris
Sambambaia	<i>Dicksonia sellowiana Hook.</i>	Dicksoniaceae	Dicksonia
Sambambaia	<i>Nephrolepsis exaltata</i>	Nephrolepidaceae	Nephrolepsis
Sianinha	<i>Selenicereus anthonyanus</i>	Cactaceae	Selenicereus
Sorriso de Maria	<i>Russelia equisetiformis</i>	Scrophulariaceae	Scrophulariaceae
Suculenta	<i>Sedum clavatum</i>	Crassulaceae	Sedum

Suculenta	<i>Echeveria Minima</i>	Crassulaceae.	Echeveria
Suculenta	<i>Sedum morganianum</i>	Crassulaceae	Sedum
Suculenta	<i>Echeveria Elegans</i>	Crassulaceae	Echeveria
Suculenta	<i>Graptopetalum paraguayense</i>	Crassulaceae	Graptopetalum
Suculenta	<i>Crassula ovata</i>	Crassulaceae	Crassula
Suculenta	<i>Sedum carnicolor</i>	Crassulaceae	Sedum
Taioba	<i>Colocasia</i>	Araceae	Colocasia
Tamboril	<i>Enterolobium maximum</i>	Fabaceae	Enterolobium
Tinhorão	<i>Caladium bicolor</i>	Araceae	<i>Caladium</i>
Trepadeira			
Trevo roxo	<i>Oxalis regnellii atropurpurea</i>	Oxalidaceae	Oxalis
Túlio	<i>Anthurium andraeanum</i>	Araceae	Anthurium
Violeta	<i>Saintpaulia ionantha</i>	Gesneriaceae	Saintpaulia

Tabela 05 - Plantas de usos diversos; classificadas por nome popular e científico, família, gênero e tipo de crescimento.

Nome popular	Nome científico	Família	Gênero	Crescimento
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Lavandula	Herbáceo
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Rutaceae	Ruta	Herbáceo
Bucha vegetal	<i>Luffa sp.</i>	Cucurbitaceae	Luffa	Trepadeira
Citronela	<i>Cymbopogon</i>	Gramíneas	Cymbopogon	Herbáceo
Comigo ninguém pode	<i>Dienffenbachia picta Schott</i> <i>Nicotiana tabacum</i>	Araceae	Dienffenbachia	Herbáceo
Fumo	<i>L.</i>	Lamiaceae	Nicotiana	Herbáceo
Mini comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia seguine</i>	Araceae	Dienffenbachia	Herbáceo
Mirra	<i>Commiphora myrrha</i>	Burseraceae	Commiphora	Semiarbustiva
Murta	<i>Murraya paniculata</i>	Rutaceae	Murraya	Arbóreo
Tipí	<i>Petiveria tetrandra</i>	Phytolaccaceae	Caryophyllales	Semiarbustiva
Trevo roxo	<i>Oxalis regnellii atropurpurea</i>	Oxalidaceae	Oxalis	Herbáceo

Tabela 06: Plantas de usos diverso-místicos e suas utilizações.

Plantas	Abrir os caminhos	Repelente e/ou Pesticida	Espantar o mau olhado	Higiene pessoal	Quebrant o	Total Geral
Alfazema			x			1
Arruda			x			1
Bucha vegetal				1		1
Citronela		x				1
Comigo ninguém pode			x			1

Fumo		x					1
Mini comigo ninguém pode				1			1
Mirra	x						1
Murta		x					1
Tipi					1		1
Trevo roxo						1	1
Total Geral		2	2	4	1	1	11

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Tabela 07- Plantas alimentares; Classificadas por nome popular, nomes científicos, famílias e gêneros.

Nome popular	<i>Nome Científico</i>	Família	Gênero
Abacate	<i>Persea americana</i>	Lauraceae	Persea
Abóbora	<i>Cucurbita maxima</i>	Cucurbitaceae	Cucurbita
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	<u>Malpighiaceae</u>	<u>Malpighia</u>
Acoita cavalo	<i>Luehea divaricata</i>	Tiliaceae	Luehea
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>	Brassicaceae	Nasturtium
Açafrão	<i>Curcuma longa L.</i>	Zingiberaceae	Curcuma
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis L.</i>	Lamiaceae	Rosmarinus
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Ocimum
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Lavandula
Alho	<i>Allium sativum L.</i>	Liliaceae	Allium
Alho poro	<i>Allium porrum</i>	Amaryllidaceae	Allium
Alho todo tempo	<i>Allium sativum</i>	Liliaceae	Allium
Almeirão	<i>Cichorium intybus</i>	Asteraceae	Cichorium
Amora	<i>Morus sp</i>	Rosaceae	Morus
Andu	<i>Cajanus cajan L.</i>	Fabaceae	Cajanus
Aroeirinha	<i>Schinus terebinthifolius</i>	<u>Anacardiaceae</u>	Schinus
Atemoia	<i>Annona × atemoya</i>	<u>Annonaceae</u>	<u>Annona</u>
Banana da prata	<i>Musa ssp.</i>	Musaceae	Musa
Banana maçã	<i>Musa acuminata</i>	Musaceae	Musa
Batata doce	<i>Ipomoea batatas L</i>	Convolvulaceae	Ipomoea
Baunilha	<i>Vanilla planifolia</i>	Orchidaceae	Vanilla

Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>	Portulacaceae	Portulaca
Berinjela	<i>Solanum melongena</i>	Solanaceae	Solanum
Cacau	<i>Theobroma cacao</i>	Malvaceae	Theobroma
Café	<i>Coffea sp.</i>	Rubiaceae	Coffea
Cajá	<i>Spondias spp.</i>	Anacardiaceae	Spondias
Caju	<i>Anacardium occidentale</i>	<u>Anacardiaceae</u>	<u>Anacardium</u>
Cana	<i>Saccharum officinarum</i>	Poaceae	Saccharum
Cana caiana	<i>Saccharum officinarum L.</i>	Poaceae	Saccharum
Canapu	<i>Physalis</i>	Solanaceae	Physalis
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	Cymbopogon
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i>	Oxalidáceas	Averrhoa
Cará-moela	<i>Dioscorea bulbifera</i>	Dioscoriaceae	Dioscorea
Cebola branca	<i>Allium cepa</i>	Liliaceae	Allium
Cebolinha	<i>Allium fistulosum L.</i>	Aliáceas	Allium
Cereja	<i>Pronus avium L.</i>	Rosaceae	Pronus
Chá da índia	<i>Camellia sinensis</i>	Theaceae	Camellia
Chapéu de couro	<i>Echinodorus macrophyllus</i>	Alistamataceae	Echinodorus
Chuchu	<i>Sechium edule</i>	Cucurbitaceae	Sechium
Coco da Bahia	<i>Cocos nucifera</i>	Arecaceae	Cocos
Coco macaúba	<i>Acrocomia aculeata</i>	<u>Arecaceae</u>	<u>Acrocomia</u>
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	Apiaceae	Coriandrum
Coquinho Azedo	<i>Butia capitata</i>	Arecaceae	Butia
Couve	<i>Brassica oleracea</i>	Brassicaceae	Brassica
Dente de leão	<i>Taraxacum officinale</i>	Asteraceae	Taraxacum
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Apiaceae	Pimpinella
Espinafre	<i>Spinacia oleracea</i>	Amaranthaceae	Spinacia
Fava	<i>Phaseolus lunatus L.</i>	Fabaceae	Phaseolus
Feijão	<i>Phaseolus vulgaris L.</i>	Fabaceae	Phaseolus
Feijão de corda	<i>Vigna unguiculata</i>	<u>Fabaceae</u>	<u>Vigna</u>
Figo	<i>Ficus carica</i>	Moraceae	Ficus

Figo da Índia	<i>Opuntia ficus-indica</i>	<u>Cactaceae</u>	<u>Opuntia</u>
Fruta do conde	<i>Annona squamosa</i>	Annonaceae	Annona
Gengibre	<i>Zingiber officinale Roscoe</i>	Zingiberaceae	Zingiber
Goiaba	<i>Psidium guajava L.</i>	Myrtaceae	Psidium
Graviola	<i>Butia ssp.</i>	Arecaceae	Butia
Hortelã	<i>Mentha piperita</i>	Lamiaceae	Mentha
Hortelã míudo	<i>Mentha spicata L.</i>	Lamiaceae	Mentha
Hortelã pimenta	<i>Mentha x piperita L.</i>	Lamiaceae	Mentha
Jaboticaba	<i>Plinia cauliflora</i>	Mirtáceas	Plinia
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Moraceae	Artocarpus
Jambo	<i>Syzygium malaccensis</i>	Myrtaceae	Syzygium
Jiló	<i>Solanum gilo Raddi</i>	Solanaceae	Solanum
Laranja pêra	<i>Citrus sinensis</i>	Rutaceae	Citrus
Lima da Pérsia	<i>Citrus limettioides</i>	Rutaceae	Citrus
Limão	<i>Citrus limon</i>	Rutaceae	Citrus
Limão Rosa	<i>Citrus paradisi</i>	Rutaceae	Citrus
Limão Taiti	<i>Citrus latifolia</i>	Rutaceae	Citrus
Língua de vaca	<i>Rumex obtusifolius L.</i>	Poaceae	Rumex
Lichia	<i>Litchi chinensis</i>	Sapindaceae	Litchi
Maçã	<i>Malus domestica</i>	Rosaceae	Malus
Mamão	<i>Carica papaya</i>	Caricaceae	Carica
Mandacaru/pitaya	<i>Hylocereus undatus</i>	Cactaceae	Hylocereus
Mandioca	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	Euphorbiaceae	Manihot
Manga	<i>Mangifera indica L.</i>	Anacardiaceae	Mangifera
Manjericão	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Ocimum
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i>	Passifloraceae	Passiflora
Maracujá do mato	<i>Passiflora cincinnata</i>	Passifloraceae	Passiflora
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>	Cucurbitaceae	Cucumis
Mexerica	<i>Citrus reticulata</i>	Rutaceae	Citrus
Milho	<i>Zea mays L.</i>	Poaceae	Zea

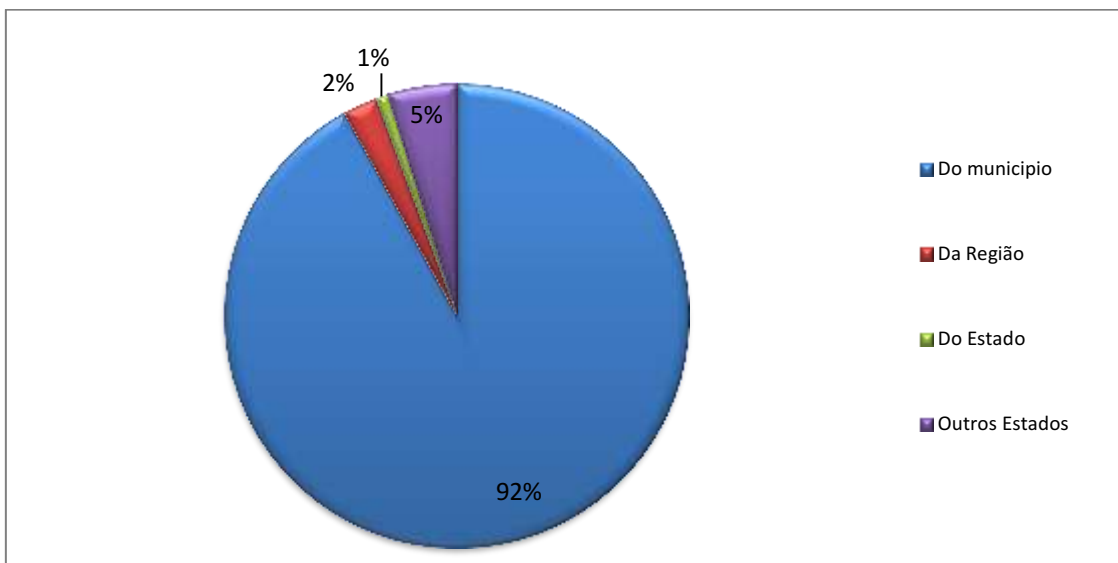
Morango	<i>Fragaria anassa Duch.</i>	Rosaceae	Fragaria
Oropronobis	<i>Pereskia aculeata</i>	Cactaceae	Pereskia
Orégano	<i>Origanum vulgare</i>	Lamiaceae	Origanum
Palma	<i>Opuntia ficus indica</i>	<u>Cactaceae</u>	<u>Opuntia</u>
Pepininho do mato	<i>Melothria cucumis</i>	Curcubitaceae	<u>Cucumis</u>
Pepino	<i>Cucumis sativus</i>	Araceae	<u>Cucumis</u>
Pimenta	<i>Capsicum annum L.</i>	Solanaceae	Capsicum
Pimenta de mesa	<i>Capsicum ssp.</i>	Solanaceae	Capsicum
Pimenta de Cheiro	<i>Capsicum chinense</i>	Solanaceae	Capsicum
Pimenta Malagueta	<i>Capsicum frutescens L.</i>	Solanaceae	Capsicum
Pimentão	<i>Capsicum annum</i>	Solanaceae	Capsicum
Pinha	<i>Annona squamosa L.</i>	Annonaceae	Annona
Pitanga	<i>Eugenia uniflora L.</i>	Myrtaceae	Eugenia
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i>	Sapindaceae	Talisia
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i> <i>Moench</i>	Malvaceae	Abelmoschus
Romã	<i>Punica granatum</i>	Lythraceae	Punica
Rúcula	<i>Eruca sativa</i>	Brassicaceae	Eruca
Salsão	<i>Apium graveolens L.</i>	Apiaceae	Apium
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i>	Apiaceae	Petroselinum
Seriguela	<i>Spondias purpurea</i>	Anacardiaceae	Spondias
Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	Araceae	Xanthosoma
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i>	Fabaceae	Tamarindus
Temperão	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Lamiaceae	Plectranthus
Tomate cereja	<i>Solanum lycopersicum var.</i> <i>Cerasiforme</i>	Solanaceae	Solanum
Umbu	<i>Spondias tuberosa</i>	Anacardiaceae	Spondias
Urucum	<i>Bixa orellana L.</i>	Bixaceae	Bixa
Uva	<i>Vitis sp.</i>	Vitaceae	Vitis

Tabela 08: Plantas alimentares não convencionais , encontradas em seis quintais. Classificados por nome científico, família, gênero e parte utilizada.

Nome Popular	Nome Científico	Família	Gênero	Parte utilizada
Acoita cavalo	<i>Luehea divaricata</i>	Tiliaceae	Luehea	Folhas e flores
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Lavandula	Folhas
Atemóia	<i>Annona x atemoya</i>	Annonaceae	<u>Annona</u>	Fruto
Banana da prata*	<i>Musa ssp.</i>	Musaceae	Musa	Fruto verde
Batata doce*	<i>Ipomoea batatas L</i>	Convolvulaceae	Ipomoea	Folhas
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>	Portulacaceae	Portulaca	Folhas e flores
Canapú	<i>Physalis</i>	Solanaceae	Physalis	Fruto
Cará-moela	<i>Dioscorea bulbifera</i>	Dioscoriaceae	Dioscorea	Legume e sementes
Chapéu de couro	<i>Echinodorus macrophyllus</i>	Alistamataceae	Echinodorus	Folhas
Dente de leão	<i>Taraxacum officinale</i>	Asteraceae	Taraxacum	Folhas
Fígo da índia	<i>Opuntia ficus-indica</i>	Cactaceae	<u>Opuntia</u>	Frutos e flores
Língua de vaca	<i>Rumex obtusifolius L.</i>	Poaceae	Rumex	Folhas
Mandacaru/pitaya	<i>Hylocereus undatus</i>	Cactaceae	Hylocereus	Frutos e flores
Oropronobis	<i>Pereskia aculeata</i>	Cactaceae	Pereskia	Folhas
Palma	<i>Opuntia ficus indica</i>	Cactaceae	<u>Opuntia</u>	Folhas
Pepininho do mato	<i>Melothria cucumis</i>	Curbitaceae	<u>Cucumis</u>	Legume
Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	Araceae	Xanthosoma	Raízes e Folhas

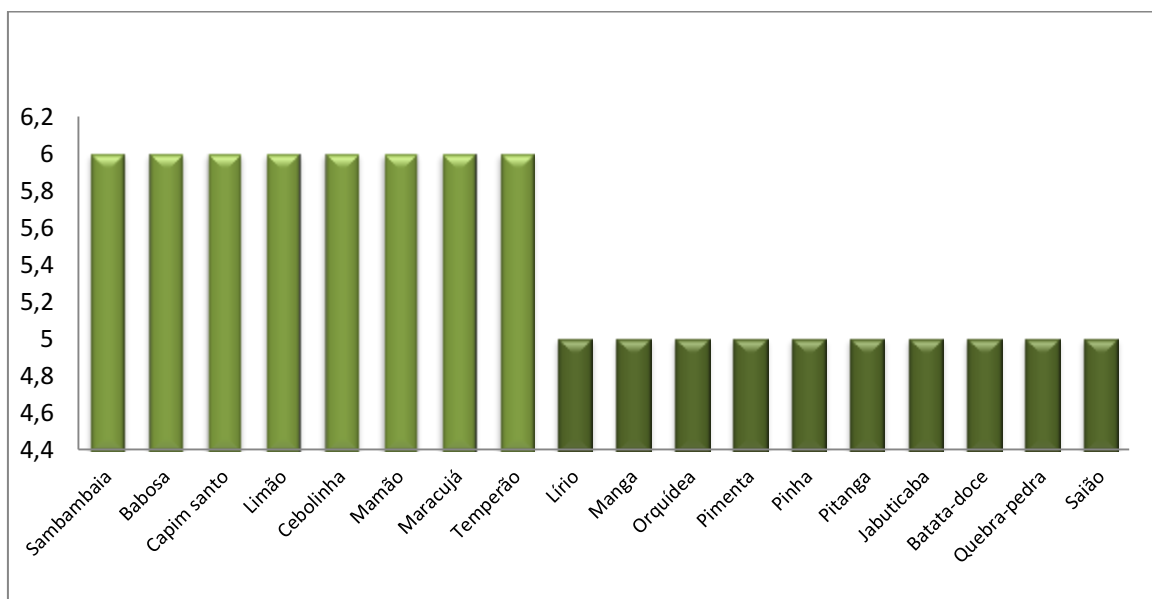
APÊNDICE C: Gráficos

Gráfico 01: Origem das mudas e sementes produzidas pelas agricultoras urbanas.



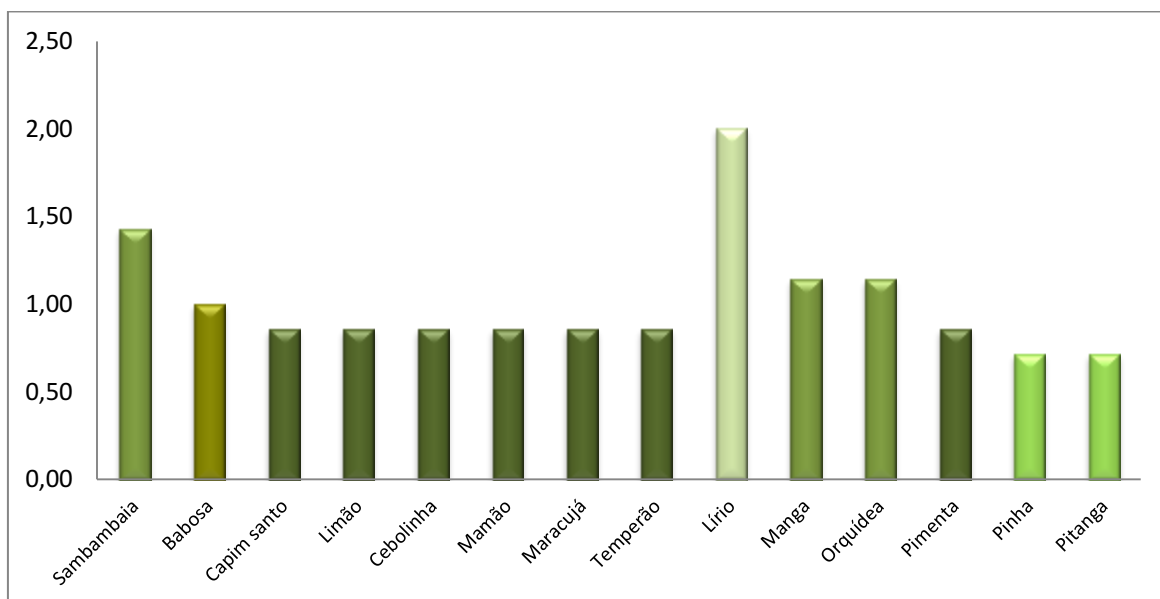
Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Gráfico 02: Plantas que apareceram com mais frequência nos quintais urbanos.



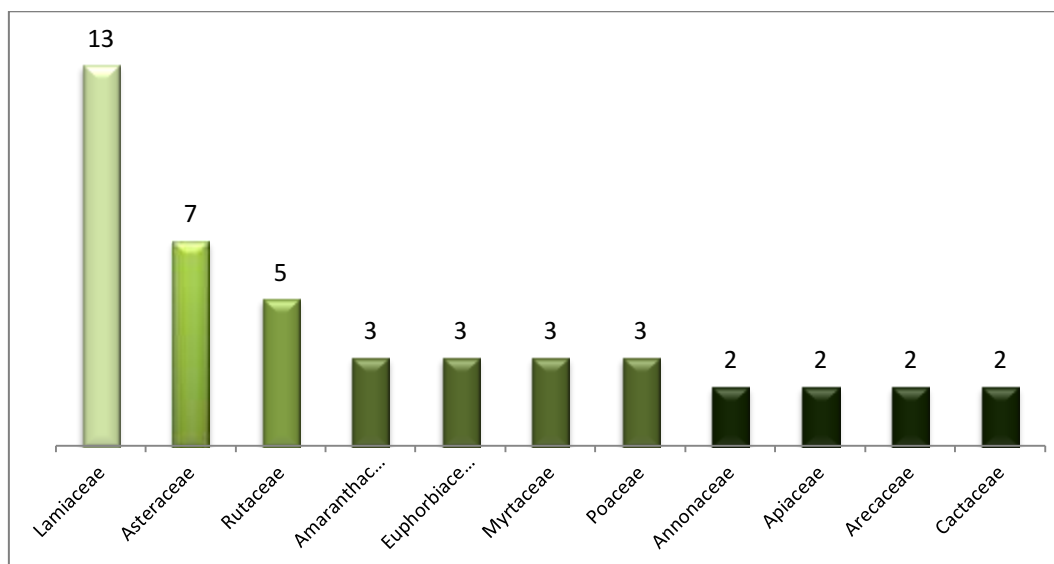
Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Gráfico 03: Quantidade média de plantas (número de indivíduos) em cada quintal.



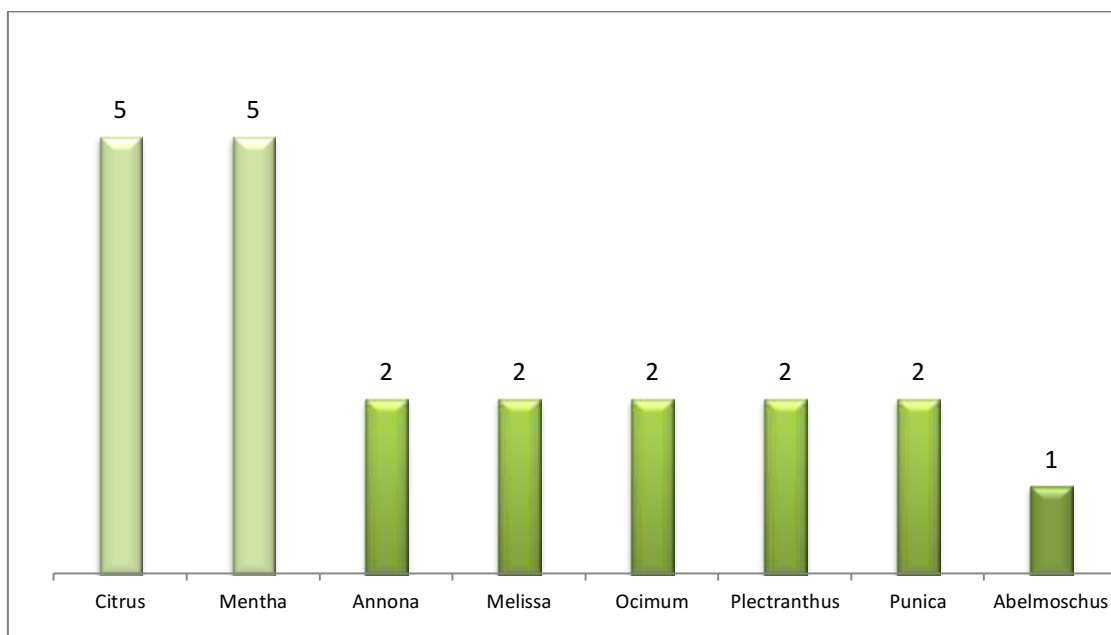
Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo.

Gráfico 04: Famílias de espécies vegetais de uso medicinais mais representativas



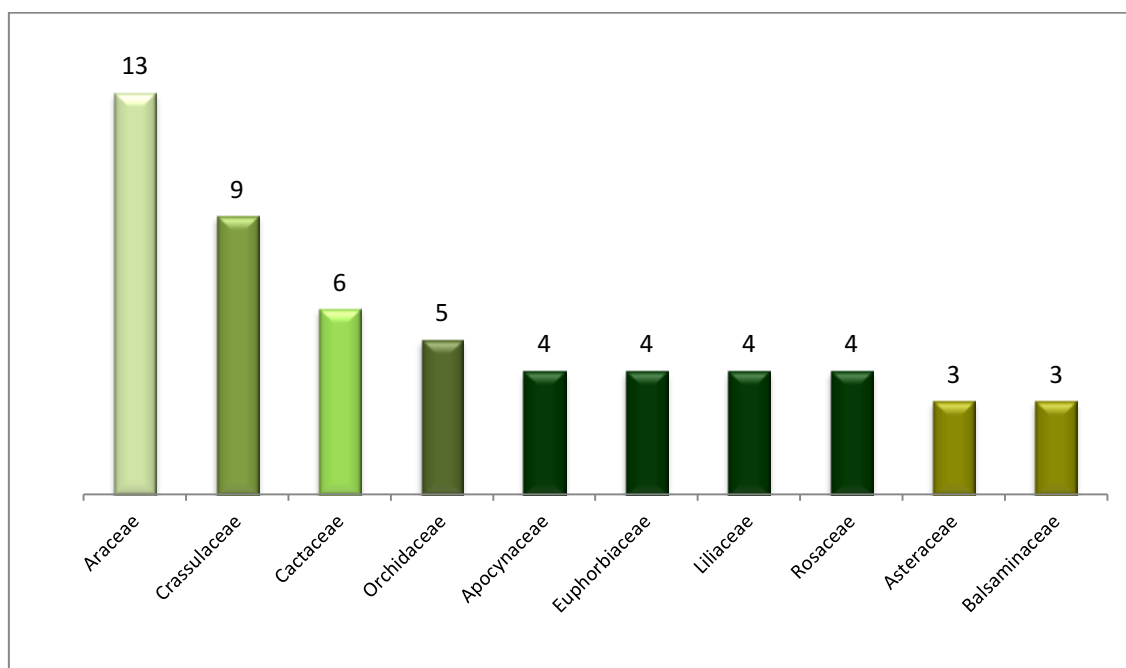
Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Gráfico 05: Gêneros de espécies vegetais mais representativos na etnocategoria de uso medicinal.



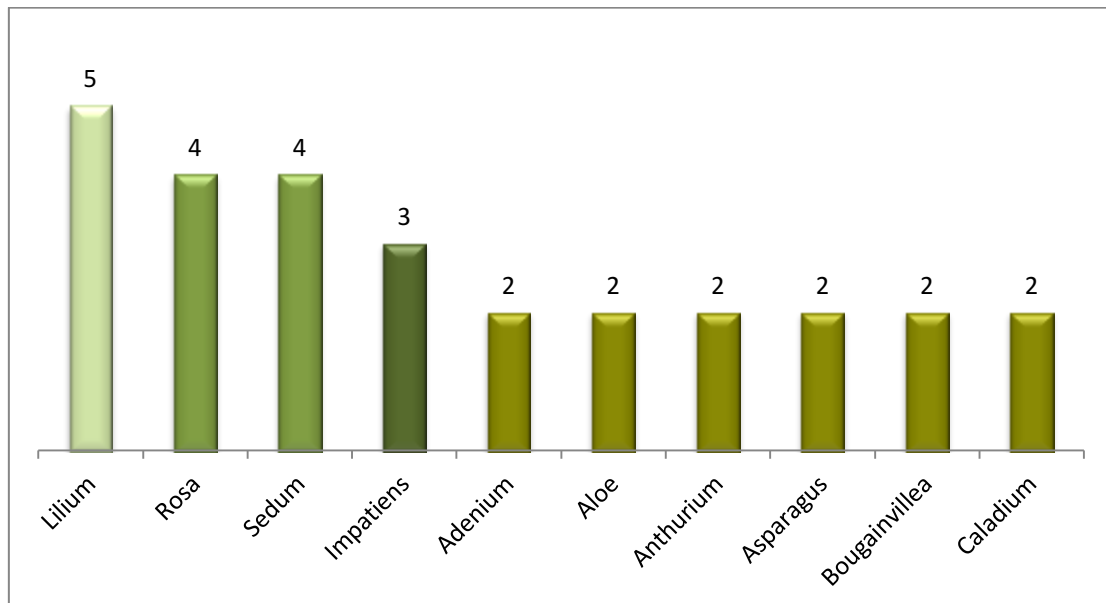
Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Gráfico 06: As famílias mais representativas das plantas ornamentais.



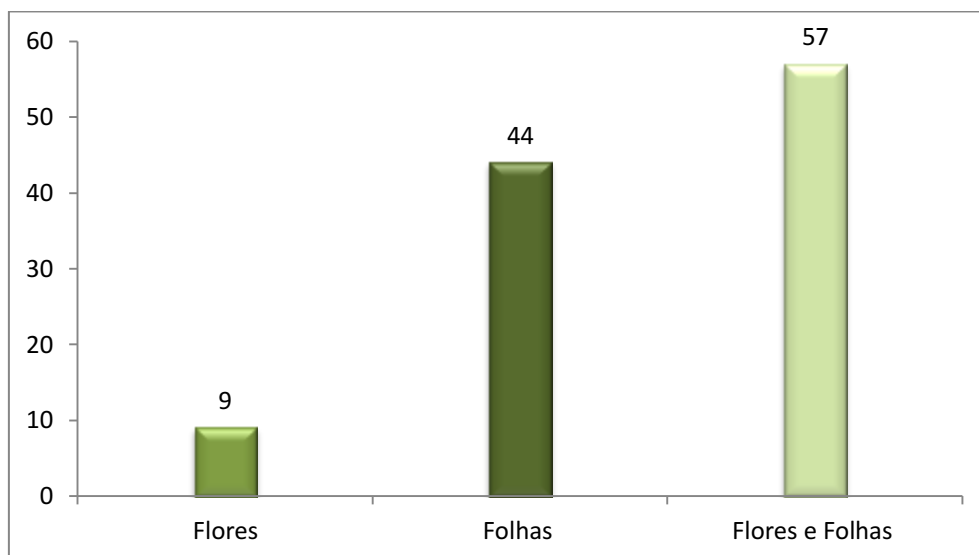
Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Gráfico 07: Os dez gêneros vegetais da categoria ornamental mais representativos.

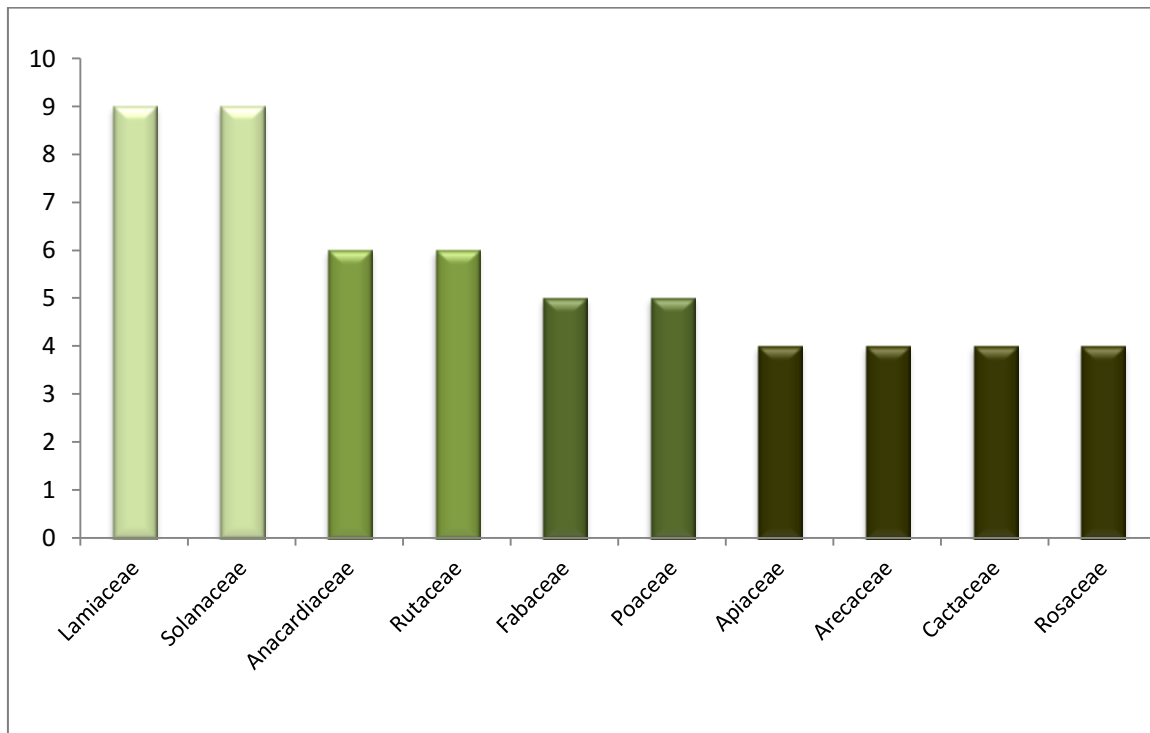


Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

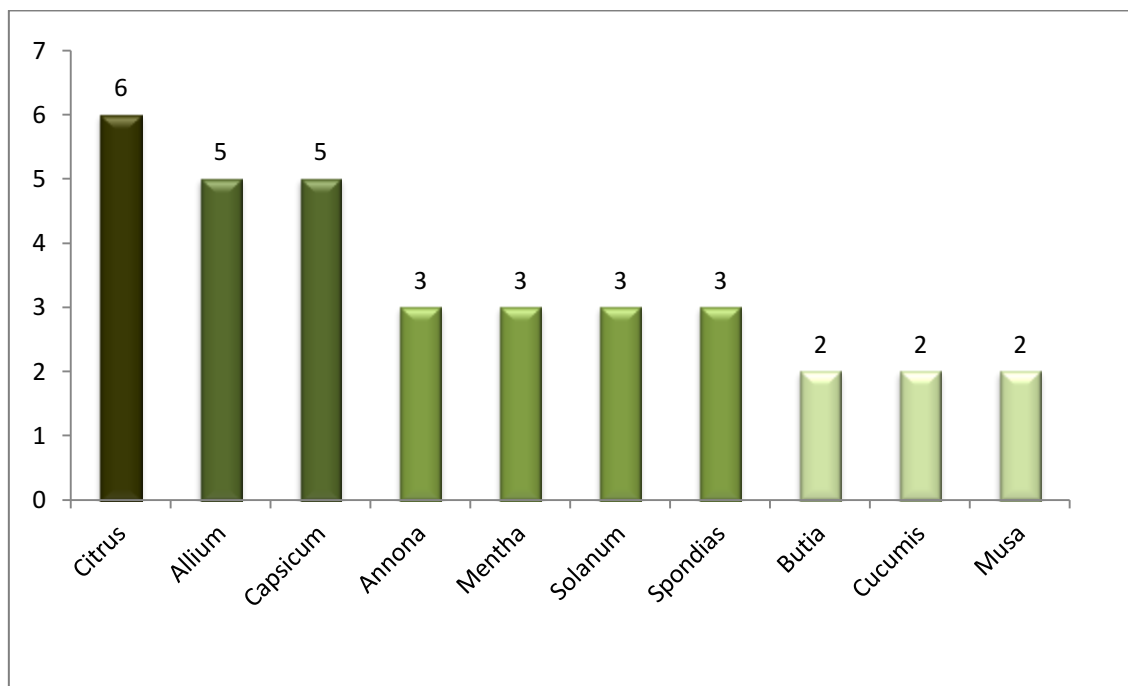
Gráfico 08 - Partes das plantas ornamentais mais utilizadas.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

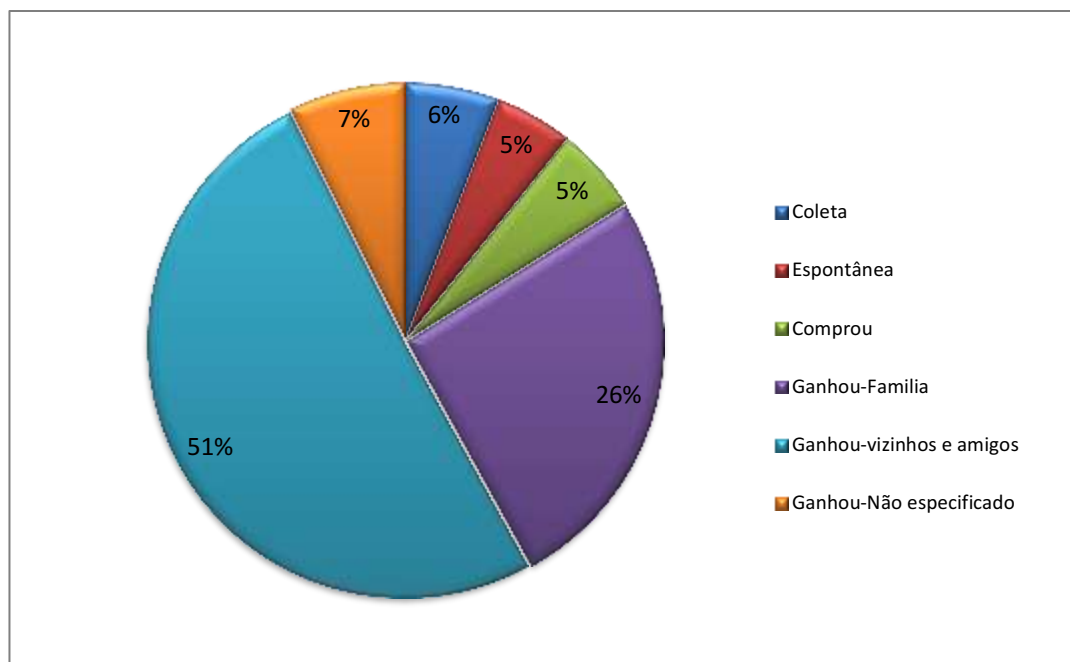
Gráfico 09: Famílias de plantas alimentares mais representativas.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Gráfico 10: Gêneros de plantas alimentares mais expressivos

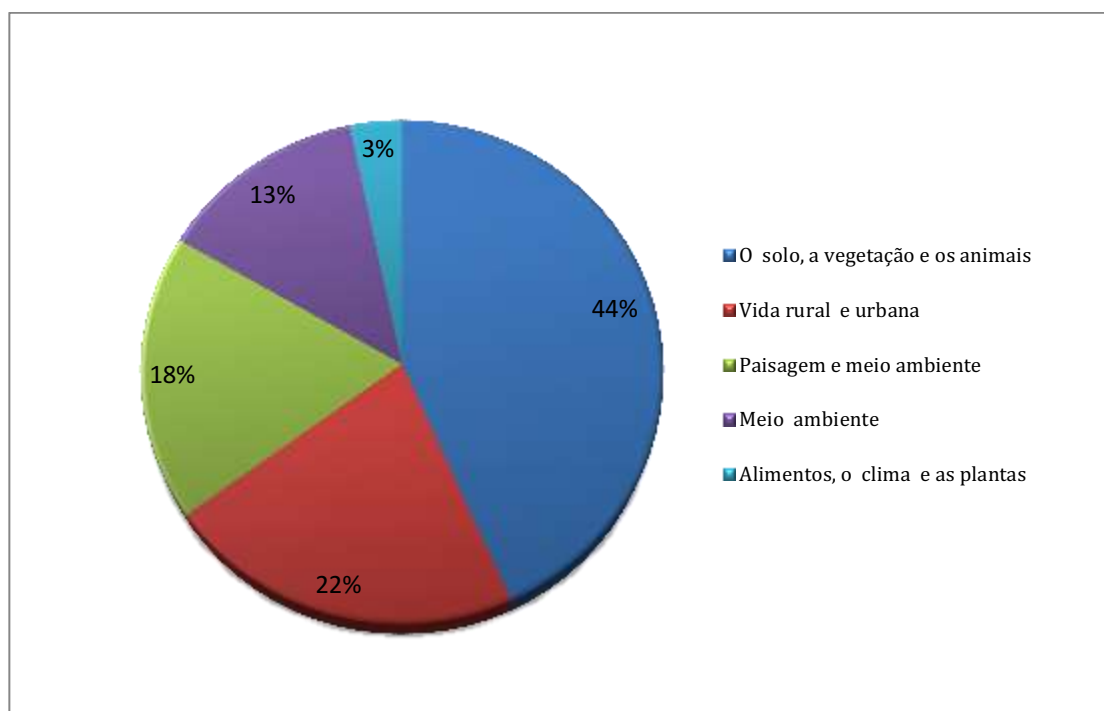
Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Gráfico 11: Forma de aquisição das mudas e sementes produzidas pelas agricultoras urbanas.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo.

Gráfico 12: Principais assuntos vivenciados no S.S. que foram estudados em sala de aula.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

VII- ANEXO

Quadro 01- Polos urbanos de Montes Claros, os seus respectivos bairros

Polos	Bairros
Santos Reis 01	Cond. Pai João, Vila Antônio Narciso, N. S. Aparecida, Bela Vista, Vila Atlântida, Vila São Francisco de Assis, Amazonas, Jardim Brasil, Bela Paisagem, Vila Áurea I, Vila Áurea II, Distrito Industrial, Santa Eugênia, Nova Morada, Vila Alice, Jardim Eldorado, Vila Castelo Branco, Cidade Industrial, Quintas da Boa Vista, Vila Cedro e Santos Reis
Renascença 02	Raul José Pereira, Alice Maia, Tancredo Neves, Vila Tiradentes, Santa Cecília, Floresta e Renascença
JK 03	Raul Lourenço, Planalto, Universitário, Jaraguá I, Jaraguá II, Jaraguá III, Clarice Athayde Vieira, Vilage I, Vilage II, São Lucas, Nova América, JK e Jardim Primavera
Vila Oliveira 04	Barcelona Park, Jardim Panorama I, Jardim Panorama II, Todos os Santos, Vila Mauricéia, Melo, Jardim São Luis, São Norberto, Ibituruna e Vila Oliveira
Centro 05	Edgar Pereira, Vila Toncheff, Jardim América, Vila Três Irmãs, Vila Brasília, Vila João Gordo, São José, Roxo Verde, Cidade Santa Maria, Vila Guilhermina, Cândida Câmara, Santo Expedito, Funcionários, Sagrada Família e Centro
São João 06	Vila Marciano Simões, Cidade Cristo Rei, Vila Regina, Vera Cruz, Esplanada do Aeroporto, Vila Tupã, Alcides Rabelo e São João
Independência 07	Santa Lúcia II, Regina Peres, Carmelo, Monte Carmelo I, Monte Carmelo II, Parque Pampulha, Santa Laura, Interlagos, Guarujá, Acácias, Vila Real, Chácara Ceres, Recanto das Araçás e Independência
Major Prates 08	Morada do Sol, Augusta Mota, Canelas II, Vargem Grande, São Geraldo, Jardim São Geraldo, Chiquinho Guimarães, Chácara dos Mangues, Jardim Liberdade, Morada do Parque, Morada da Serra, Chácara Paraíso, Condomínio Residencial Serrano, São Geraldo II e Major Prates
São Judas	Morrinhos, Vila Progresso, João Botelho, Cidade Nova, Canelas, Vila Luiza, Sumaré,

09	<p>Vila Antônio Canelas, Antônio</p> <p>Pimenta, Dr. João Alves, Cristo Rei, Conjunto Havaí, Conjunto José Carlos de Lima, São Judas Tadeu, São Judas Tadeu</p> <p>II, Vila Maria Cândida e Vila Telma</p>
Cintra 10	<p>Jardim Alvorada, Nossa Senhora de Fátima, Francisco Peres, Francisco Peres II, Santa Rita, Santa Rita II, Clarindo Lopes,</p> <p>Vila Senhor do Bonfim, Vila São Luis, Monte Alegre, Lourdes, Ipiranga e Cintra</p>
Delfino 11	<p>Vila Sion, Duque de Caxias, Alto da Boa Vista, Santo Antônio, Santo Antônio II, Conjunto Bandeirante, Jardim Olímpico,</p> <p>Novo Delfino, Vila Anália, Vila Camilo Prates, Vila Camilo Prates Prolongamento, Jardim Palmeiras, Colorado, Veneza</p> <p>Park, Vila Fênix, Delfino Magalhães e Santa Lúcia I</p>
Maracanã 12	<p>Joaquim Costa, Vila Grayce, Ciro dos Anjos, Vila Campos, Dona Gregória, José Corrêa Machado, Alterosa, N. S. das</p> <p>Graças, Santo Inácio, Vila Itatiaia, Conjunto Olga Benário, Santa Rafaela, Santo Amaro e Maracanã</p>